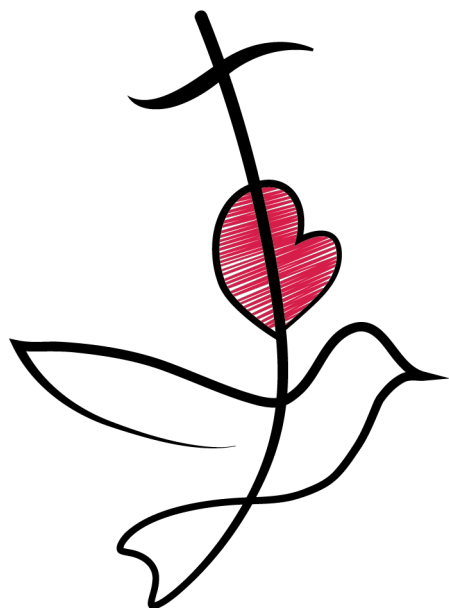




MENSAGENS PARA O DIA MUNDIAL DAS MISSÕES

Um século de desenvolvimento missiológico no Magistério Pontifício (1926-2026)

Nota introdutória:

A reflexão missionária da Igreja Católica conheceu, ao longo do último século, um desenvolvimento extraordinário. Desde a encíclica *Rerum Ecclesiae* de Pio XI (1926) até às recentes intervenções de Leão XIV por ocasião do centenário do Dia Mundial das Missões (2026), observa-se uma continuidade substancial da doutrina missionária, acompanhada por um progressivo aprofundamento das suas dimensões teológicas, eclesiológicas, espirituais e pastorais.

A missão deixou de ser compreendida apenas como expansão geográfica da Igreja para ser entendida cada vez mais como expressão da própria identidade e natureza eclesial. A partir do Concílio Vaticano II, particularmente através do decreto *Ad Gentes* (1965), consolidou-se uma visão da Igreja como sacramento universal de salvação e sujeito missionário permanente.

Ao longo deste percurso, as Mensagens para o Dia Mundial das Missões constituem uma fonte privilegiada para conhecer e compreender as prioridades missionárias de cada pontificado, ao oferecerem uma leitura exaustiva da recepção dos documentos do magistério no âmbito missionário.

O ato oficial de instituição do Dia Mundial das Missões não foi uma encíclica, mas sim um decreto da Sagrada Congregação dos Ritos, emitido em 14 de abril de 1926 por aprovação do Papa Pio XI.

O Papa Pio XI, aceitou o pedido da Obra da Propagação da Fé para «estabelecer 'um dia de oração e de propaganda para as missões' a ser celebrado no mesmo dia em todas as dioceses, paróquias e nos institutos do mundo católico... e para solicitar o óbolo para as missões» (Sagrada Congregação dos Ritos, Instituição do Dia Mundial das Missões, 14 de Abril de 1926: AAS 19 [1927], pág. 23 s.)

De ressaltar ainda que embora o Dia Mundial das Missões tenha sido instituído em 1926, pelo Papa Pio XI, no entanto, a primeira mensagem para o Dia Mundial das Missões, só foi escrita em 1963, pelo Papa Paulo VI. Porém desde o início este dia seria celebrado no penúltimo Domingo de Outubro, com o objectivo de renovar o compromisso das igrejas particulares com a missão universal.

A 28 de Fevereiro de 1926, o Papa Pio XI publica a Carta Encíclica *Rerum Ecclesia*. O texto retoma e aprofunda temas essenciais, como a formação do clero local, a espiritualidade missionária e o carácter evangélico da missão. Ela propõe uma missão aberta à universalidade, atenta às culturas locais e orientada para a constituição de Igrejas autónomas, com clero próprio.

Dessa maneira, a Encíclica ressalta a necessidade de purificar a missão de ideologias políticas nacionalistas, recentrando-a no Evangelho. Apresenta o missionário como pessoa de oração, virtude e serviço, disposta ao sacrifício e à inculturação. A formação do clero nativo é vista como sinal de maturidade eclesial e de autenticidade missionária, implicando a criação de seminários e centros de formação nas Igrejas locais. A Encíclica também convida a Igreja à cooperação missionária, por meio da oração, do apoio material e do envio de vocações. Por todas estas razões, parece-nos um documento importante para a história da missiologia e, por isso, decidimos inseri-la no início desta recolha de mensagens para o Dia Mundial das Missões.

CARTA ENCÍCLICA RERUM ECCLESIAE DO PAPA PIO XI

SOBRE A MISSÃO DA IGREJA

E A PROPAGAÇÃO DA FÉ

Veneráveis Irmãos, saúde e Bênção Apostólica.

Uma análise cuidadosa dos anais da Igreja não revelará a ninguém como, desde os primeiros séculos do cristianismo, os Pontífices Romanos dedicaram sua principal preocupação e atenção à propagação da luz da doutrina evangélica e dos benefícios da civilização cristã aos povos que ainda "*estavam nas trevas e na sombra da morte*", sem jamais deter-se por causa das dificuldades encontradas ou dos obstáculos que se interpunham em seu caminho. De fato, a Igreja não tem outro objetivo senão o de compartilhar os frutos da Redenção com toda a humanidade, difundindo o reino de Cristo por toda a terra. E o Vigário de Jesus na terra, o Príncipe dos Pastores, seja ele quem for, longe de se contentar com a simples defesa e guarda do rebanho que lhe foi divinamente confiado para governar, deve também se esforçar com todo o zelo para converter a Cristo aqueles que ainda estão distantes dele, se não quiser falhar em uma de suas principais obrigações.

Ora, como é bem sabido, nossos Predecessores cumpriram fielmente, em todos os tempos, seu mandato divino de ensinar e batizar todos os povos; E os sacerdotes enviados por eles, muitos dos quais, seja pela notável santidade de suas vidas, seja pelo martírio que sofreram, são venerados publicamente pela Igreja, esforçaram-se, ainda que com sucesso variável, para iluminar a Europa com a nossa fé e, posteriormente, regiões até então desconhecidas à medida que eram descobertas e exploradas. Com sucesso variável, dizemos, pois por vezes acontecia que, após muitas tentativas e esforços quase infrutíferos, e os missionários eram mortos ou expulsos do campo que haviam começado a desbravar, o campo ou mal conseguia perder um pouco de sua selvajaria, ou, embora já transformado em um jardim adornado com flores, com o passar do tempo, abandonado a si mesmo, gradualmente voltava a ser tomado por espinhos e sarças. Não obstante, é motivo de consolo ver como, nos últimos anos, os Institutos dedicados às Missões entre os infiéis dobraram seu trabalho e seus frutos, e como os fiéis responderam ao aumento do trabalho dos Missionários com maiores subsídios. Certamente, a [Carta Apostólica](#), que Nosso predecessor imediato, de venerável memória, dirigiu ao Episcopado em 30 de novembro de 1919, "*sobre a propagação da fé católica no mundo*", contribuiu grandemente para isso. Nela, ao mesmo tempo que encorajava a diligência e o zelo na busca de auxílio, indicava, com sábios conselhos aos Vigários Apostólicos e Prefeitos, os inconvenientes a serem removidos e as obras a serem realizadas por seus subordinados para tornar mais frutífero o exercício do sagrado apostolado.

Quanto a Nós, Veneráveis Irmãos, bem sabeis que desde o início do Nosso Pontificado resolvemos usar todos os meios para pavimentar o caminho da salvação dos povos pagãos, difundindo diariamente a luz da verdade evangélica por meio de pregadores apostólicos. A este respeito, decidimos concentrar o Nosso desejo em dois pontos, ambos mais do que oportunos, necessários e intimamente ligados: a saber, um número muito maior de obreiros evangélicos, bem formados e dotados de diversos conhecimentos, para serem enviados às vastas regiões ainda desprovidas de cultura cristã, e uma maior compreensão do dever que impele os fiéis a cooperarem numa obra tão santa e fecunda com entusiasmo e fervor, com oração assídua e generosidade. E não foi também este o propósito para o qual desejávamos que fosse criada a

Exposição Missionária do Vaticano? E, graças à bondade do Senhor, muitos corações jovens, como nos foi dito, vendo-se como espectadores da graça divina e da magnanimidade e nobreza humanas, conceberam as primeiras sementes de uma vocação apostólica; E a admiração pelos obreiros evangélicos, que encheu tantas multidões de visitantes, leva-nos a prever, desde já, com boas razões para esperar, que não será em vão nem infrutífera.

Mas para que os importantíssimos ensinamentos que os próprios objetos das Missões transmitiram na eloquência do seu silêncio não sejam esquecidos nem diminuídos, ordenamos, como já sabeis, a criação de um Museu onde os objetos selecionados, entre os mais importantes, serão dispostos de forma mais adequada. Este Museu será construído no Nosso Palácio de Latrão; naquele lugar, isto é, de onde, depois de concedida a paz à Igreja, tantos homens apostólicos, admiráveis pela sua santidade de vida e pelo seu zelo pela religião, foram posteriormente enviados pelos Nossos predecessores àquelas terras que pareciam já "*douradas de colheitas*". Assim, todos os Missionários que, como seguidores e sobretudo como capitães, por assim dizer, visitarem o Museu, comparando as estatísticas e os métodos de cada Missão, dele extrairão inspiração para obras melhores e maiores; e até mesmo os fiéis mais simples, acreditamos, sentirão a mesma emoção daqueles que exaltaram a Exposição do Vaticano.

Entretanto, para melhor inflamar em ação o ardor aceso no povo cristão pelas Missões, dirigimos o Nosso apelo a vós, Veneráveis Irmãos, implorando a ajuda da vossa diligência. Se alguma vez vos foi apropriado e necessário empenhar-vos em qualquer outra empreitada, a dignidade do vosso ofício e também o vosso afeto filial por Nós não vos permitem deixar de vos dedicar nesta ocasião com todo o zelo e diligência. Certamente, por Nossa parte, enquanto a divina Providência nos mantiver vivos, este dever do nosso ofício apostólico nos manterá em constante solicitude, porque muitas vezes, pensando que os pagãos ainda se repetem aos bilhões, não temos descanso em Nosso espírito (cf. 2 Cor. 7,5) e parece-nos que ouvimos uma advertência em Nossos ouvidos: « *Gritem, não cesse, levante sua voz como uma trombeta* » (Is. 58, 1).

Não é necessário insistir em mostrar quão estranho seria à virtude da caridade, que diz respeito a Deus e a todos os homens, se aqueles que pertencem ao rebanho de Cristo não cuidassem dos miseráveis que vagueiam longe. Certamente, a dívida de caridade que nos une a Deus exige não só que nos esforcemos por aumentar o número daqueles que o conhecem e adoram "*em espírito e em verdade*" (Jo. 4, 24), mas também que submetamos o maior número possível ao reinado do Redentor amabilíssimo, para que "*a utilidade do seu sangue*" (cf. Sl. 30,10) seja cada vez mais frutífera e nos tornemos cada vez mais aceitáveis a ele, pois, acima de tudo, é agradável a ele que os homens sejam salvos e cheguem ao reconhecimento da verdade (1 Tm. 2,4).

Se Jesus Cristo deu o amor mútuo como marca distintiva dos seus seguidores (Jo. 13,35; 15,12), poderíamos nós, porventura, demonstrar uma caridade maior ou mais notável para com o nosso próximo do que tentando tirá-lo das trevas da superstição e instruí-lo na verdadeira fé de Cristo? De fato, esta obra supera qualquer outra demonstração de caridade, assim como a alma é mais preciosa que o corpo, o céu mais precioso que a terra, a eternidade mais preciosa que o tempo; e quem exerce esta obra de caridade segundo as suas forças, demonstra que estima o dom da fé como o estima com justiça, e manifesta ainda a sua gratidão pela bondade de Deus, partilhando com os pobres infiéis este mesmo dom, o mais precioso de todos, e com ele os demais bens que o acompanham.

Se nenhum crente pode eximir-se deste dever, poderá o clero, que por uma escolha e vocação admiráveis participa no sacerdócio e apostolado de Jesus Cristo, Nosso Senhor, ser dele eximido? Podem vós, Veneráveis Irmãos, ser dele eximidos? Dotados da plenitude do sacerdócio, sois divinamente constituídos pastores, cada um à sua maneira, do clero e do povo cristão? É certo que lemos que Jesus Cristo ordenou, não só a Pedro, cuja cátedra ocupamos, mas também a

todos os Apóstolos, cujos sucessores sois vós: « *Ide por todo o mundo e pregai o Evangelho a toda criatura* » (Mc 16,15); do que se depreende que o cuidado da propagação da fé nos pertence, mas de tal modo que também vós deveis participar connosco nesta tarefa e ajudar-nos tanto quanto o cumprimento do vosso ofício específico o permitir. Não tenhais medo, Veneráveis Irmãos, de seguir de bom grado as nossas exortações paternas, sabendo que Deus um dia nos pedirá que prestemos contas rigorosas de tão importante assunto.

Em primeiro lugar, por meio da palavra e da escrita, procurem introduzir e difundir gradualmente o santo costume de orar “ *ao Senhor da colheita que envie trabalhadores para a sua colheita* ” (Mt 9,38), e de implorar a ajuda da luz e da graça celestiais para os infiéis; e falamos com razão de um costume e prática estável e contínuo, que, como todos veem, tem mais valor e eficácia aos olhos da misericórdia divina do que orações feitas apenas uma vez ou de tempos em tempos. E, de fato, os pregadores do Evangelho poderiam trabalhar arduamente, suar e até mesmo dar a vida para conduzir os pagãos à religião católica; poderiam usar toda a diligência, todo o empenho e todos os meios humanos; mas tudo isso seria em vão, tudo se reduziria a nada, se Deus, com a sua graça, não tocasse os corações dos infiéis para os amolecer e atraí-los para si.

Ora, é fácil compreender que, como ninguém carece da oportunidade de orar, todos têm em mãos este auxílio e este, por assim dizer, alimento das Missões. Portanto, estarão agindo de acordo com Nossos desejos e com a natureza e os sentimentos dos fiéis, se ordenarem que, por exemplo, ao Rosário da Santíssima Virgem e a outras orações semelhantes, costumeiramente recitadas nas paróquias e demais igrejas, seja acrescentada uma oração especial pelas Missões e pela conversão dos pagãos à fé. Para este fim, Veneráveis Irmãos, crianças e religiosas são especialmente chamados a cooperar e a se inflamar. Desejamos que, em jardins de infância, orfanatos, escolas, colégios para jovens e nos lares e conventos de religiosas, as orações se elevem diariamente ao céu para trazer a misericórdia divina a tantos desafortunados, a tantas nações pagãs populosas. Às almas puras e inocentes, o que poderia o Pai celestial negar? Por outro lado, esse costume nos dá esperança de que, nos corações tenros dos jovens, acostumados a rezar pela salvação dos infiéis ao primeiro desabrochar da flor da caridade, possa, com a ajuda de Deus, insinuar-se um desejo pelo apostolado: um desejo que, se cultivado com cuidado, talvez produza, com o tempo, bons trabalhadores para o ministério apostólico.

Abordamos aqui, de passagem, um assunto digno da vossa mais atenta consideração, Veneráveis Irmãos. Todos estão cientes dos graves danos infligidos à propagação da fé pela última guerra, enquanto alguns missionários, chamados de volta à sua terra natal, tombaram no terrível conflito, enquanto outros, expulsos do campo de seu trabalho, foram forçados a abandonar sua pátria por um longo tempo. Esses danos e perdas tiveram que ser reparados, e ainda precisam ser reparados, não apenas para restaurar as coisas ao seu estado anterior, mas também para fazê-las progredir e prosperar. Além disso, quer se considerem as vastas extensões de lugares ainda não abertos à civilização cristã, quer o imenso número daqueles que ainda estão privados dos benefícios da redenção, quer as necessidades e dificuldades que os missionários, devido à escassez de efetivos, sentem-se impedidos e limitados, é necessário que os bispos e todos os católicos trabalhem juntos para garantir que o número de legados sagrados cresça e se multiplique. Portanto, se em alguma de suas dioceses houver jovens, clérigos ou sacerdotes que demonstrem ser chamados por Deus para tão sublime apostolado, em vez de se oporem a eles de qualquer forma, devem, com seu favor e autoridade, apoiar suas propensões e desejos.

Sem dúvida, lhes será permitido provar os espíritos imparcialmente para ver se são de Deus (1 Jo 4,1). Mas, uma vez convencidos de que esta excelente resolução nasceu e amadurece sob a inspiração de Deus, nem a escassez de clérigos nem qualquer necessidade da diocese devem desencorajá-los ou impedi-los de dar o seu consentimento, enquanto os da vossa região, tendo, por assim dizer, os meios de salvação à mão, estão muito menos distantes da salvação do que os

infiéis, especialmente aqueles que persistem na sua ferocidade e barbárie. Além disso, se a ocasião para tal evento se apresentar, aceitem de bom grado, por amor a Cristo e às almas, a perda de alguns clérigos, se é que se pode chamar isso de perda; pois, se vos privarem de algum coadjutor e companheiro nos vossos trabalhos, o Divino Fundador da Igreja certamente o compensará, seja derramando graças mais abundantes sobre a diocese, seja despertando novas vocações para o sagrado ministério.

Contudo, para que esta questão esteja bem ligada às demais preocupações do ofício pastoral, procurem estabelecer entre vocês uma União Missionária do Clero ou, se já existir, incentivem-na com seus conselhos, exortações e autoridade para uma atuação cada vez mais vigorosa. Esta União, providencialmente fundada há oito anos por Nosso Predecessor imediato, foi enriquecida com muitas indulgências e colocada sob a jurisdição da Sagrada Congregação para a Propagação da Fé. Tendo se difundido nos últimos anos por muitas dioceses do mundo católico, Nós mesmos a honramos, mais de uma vez, com testemunhos de benevolência pontifícia.

Todos os sacerdotes que a compõem e, de maneira própria à sua condição, os estudantes das sagradas disciplinas, segundo o propósito da instituição, pedem, especialmente no Santo Sacrifício da Missa, e incentivam outros a pedir, o dom da Fé pelas incontáveis multidões de infiéis. Sempre que e onde quer que possam, pregam ao povo sobre o apostolado a ser promovido entre os infiéis, ou asseguram que, de tempos em tempos, em dias e reuniões estabelecidas, seja discutido em conjunto e frutiferamente; distribuem panfletos de propaganda entre o povo; e, quando encontram em alguém as sementes de tal apostolado, providenciam os meios para a sua devida formação e instrução; de todas as maneiras, apoiam, dentro dos limites de sua própria diocese, a Sociedade para a Obra da Propagação da Fé e as outras duas que lhe são subsidiárias.

Vós não desconheceis, Veneráveis Irmãos, quantas ofertas a União Missionária do Clero já arrecadou para apoiar estas mesmas obras, e o quanto mais nos permite esperar no futuro – à medida que a generosidade dos fiéis aumenta ano após ano. Vários deles, cada um em seu próprio território, são usados como patronos e procuradores; espera-se, porém, que não haja mais nenhum eclesiástico que não arda com a chama desta caridade. Na verdade, a Sociedade para a Obra da Propagação da Fé, a principal entre todas as outras obras missionárias, que (exceto pela glória da piedosa mulher que foi a sua fundadora, e da cidade de Lyon), transferimos para cá, com ordenança renovada, conferindo-lhe de certa forma a cidadania romana, sendo necessário que o povo cristão venha em auxílio com uma generosidade à altura das múltiplas necessidades das missões atuais e daquelas que se acrescentarão no futuro.

A magnitude e a quantidade dessas necessidades, bem como a pobreza dos pregadores do Evangelho, eram claramente evidentes na própria Exposição Vaticana; mas talvez muitos nem sequer tenham percebido, deslumbrados como estavam com a quantidade, a novidade e a beleza dos objetos expostos. Portanto, não se envergonhem nem se arrependam, Veneráveis Irmãos, de se tornarem, por assim dizer, mendigos por Cristo e pela salvação das almas; com seus escritos e com sincera eloquência, exortem seus fiéis a multiplicar e enriquecer grandemente a colheita que a Sociedade para a Propagação da Fé reúne a cada ano com seu próprio fervor e generosidade. Visto que ninguém deve ser considerado mais necessitado e despido, ninguém mais enfermo, faminto e sedento do que aqueles privados do conhecimento e da graça de Deus, ninguém pode deixar de ver que aqueles que demonstram misericórdia aos mais miseráveis dos homens certamente não carecerão da misericórdia e da recompensa divinas.

À principal Sociedade da Obra da Propagação da Fé, como já dissemos, somam-se outras duas que, por terem sido incorporadas pela Sé Apostólica, os fiéis cristãos devem sustentar e manter com ofertas dadas ou recolhidas de todo o mundo, em detrimento de outras sociedades com fins

específicos: a Sociedade da Santa Infância e a de São Pedro Apóstolo. A tarefa da primeira, como todos sabem, é incentivar nossos filhos a se acostumarem a poupar e oferecer quantias especialmente para o resgate e a educação católica dos filhos de descrentes, em lugares onde geralmente são abandonados ou mortos. A tarefa da segunda é trabalhar por meio de orações e coletas para que jovens indígenas selecionados possam ser devidamente formados em seminários e admitidos às Ordens Sacras, para que aqueles que pertencem à mesma etnia possam, com o tempo, se converter a Cristo ou se fortalecer na fé.

Como sabem, recentemente concedemos Teresa do Menino Jesus como nossa padroeira celestial a esta Sociedade a Obra de São Pedro Apóstolo. Ela, enquanto vivia a vida enclausurada aqui na Terra, acolhia sob seus cuidados e, por assim dizer, adotava este ou aquele missionário para ajudá-lo, como era seu costume, com orações, com penitências corporais voluntárias ou prescritas e, sobretudo, oferecendo ao seu Divino Esposo as veementes dores da doença que o afligia. E Nós, sob os auspícios da Virgem de Lisieux, prometemos frutos ainda mais abundantes; e a este respeito, regozijamo-nos muito pelo fato de um grande número de bispos ter se dignou a tornar-se membros perpétuos da Obra, e de seminários e outras associações de jovens católicos terem se comprometido a apoiar as despesas de manutenção e educação de alguns clérigos nativos.

Estas duas obras, que são justamente chamadas de subsidiárias à principal, foram recomendadas à solicitude dos Bispos por Nosso predecessor, de feliz memória Bento XV, na Carta Apostólica mencionada acima (*Maximum Illud*), e por isso não cessamos de recomendá-las a vós, confiantes como estamos de que, por meio de vossas exortações, os fiéis cristãos jamais se deixarão vencer e serem superados em generosidade pelos não-católicos, que tão generosamente auxiliam os propagandistas de seus erros.

Mas chegou a hora de voltarmos nossa atenção para vocês, Veneráveis Irmãos, Filhos Amados, que, tendo exercido por longo tempo, com esmero e prudência, a sagrada embaixada entre os pagãos, foram considerados dignos de serem nomeados para os Vicariatos e Prefeituras com autoridade apostólica. E, em primeiro lugar, para falar do progresso geral que as Missões alcançaram nos últimos anos, o qual se deve à sua caridade e diligência. Regozijamo-nos imensamente, juntamente com vocês e os mensageiros evangélicos que vocês dirigem e governam. Quais deveres lhes incumbiam e quais inconvenientes deveriam ser evitados no cumprimento deles, Nosso predecessor imediato lhes ensinou com tamanha sabedoria e magnífica eloquência que nada poderia ter sido melhor. Não obstante, Veneráveis Irmãos, Filhos Amados, temos o prazer de compartilhar com vocês Nossos pensamentos sobre certos pontos.

Em primeiro lugar, chamamos a sua atenção para a importância de matricular nativos no clero. Se isso não for feito com todo o empenho, acreditamos que o seu apostolado não só ficará incompleto, como também, por muito tempo, dificultará e atrasará o estabelecimento e a organização da Igreja nessas regiões. Reconhecemos e admitimos que, em alguns lugares, já se começou a considerar e a tomar providências nesse sentido, com a criação de seminários onde jovens nativos promissores são devidamente instruídos e preparados para ascender à dignidade sacerdotal e instruir pessoas de sua própria etnia na fé cristã. Contudo, ainda estamos muito longe do objetivo que precisamos alcançar nessa questão.

Recordais o que lamentou a este respeito o nosso predecessor de feliz memória, Bento XV : « *Infelizmente, ainda existem regiões em que, embora a fé católica tenha penetrado há séculos, só se encontra um clero nativo muito pobre. Da mesma forma, existem muitos povos que já atingiram um elevado grau de civilização, de modo a poderem apresentar homens de destaque em todos os ramos da indústria e da ciência, e que, apesar de, durante séculos, sob a influência do Evangelho e da Igreja, ainda não conseguiram ter os seus próprios bispos para os governar, nem sacerdotes suficientemente influentes para guiar os seus concidadãos* » (*Maximum Illud*, 38).

Talvez nunca tenhamos refletido suficientemente sobre o caminho e a maneira pela qual o Evangelho começou a ser propagado e a Igreja de Deus a se estabelecer entre os povos.

Abordando brevemente este tema no encerramento oficial da Exposição Missionária, recordamos que, desde os primeiros documentos literários da antiguidade cristã, era evidente que o clero, colocado à frente de cada nova comunidade de fiéis pelos Apóstolos, não era importado do exterior, mas sim escolhido entre os nativos do país. Visto que o Romano Pontífice confiou a vocês e aos seus colaboradores a tarefa de pregar a verdade cristã aos povos pagãos, não devem acreditar que os sacerdotes nativos são designados apenas para auxiliar os missionários em tarefas menos importantes e para, de alguma forma, complementar o seu trabalho.

Afinal, qual deveria ser o objetivo das Sagradas Missões, senão este: que a Igreja de Cristo se estabeleça e se fortaleça em tão vastas terras? E de que se formará a Igreja entre os pagãos, senão de todos os elementos que já a formaram entre nós, isto é, do povo e do clero de cada região, e dos seus próprios religiosos e religiosas? Por que impedir o clero nativo de cultivar o seu próprio campo, isto é, de governar o seu próprio povo? Para avançar mais rapidamente a cada dia na conquista de novos infiéis a Cristo, não será de grande proveito deixar as missões aos sacerdotes nativos, para que as guardem e cultivem de forma mais proveitosa? De facto, eles revelar-se-ão muito úteis, e mais úteis do que se possa pensar, para expandir cada vez mais o reino de Cristo. *« De facto », para usar as palavras do próprio Predecessor, « o sacerdote nativo, tendo em comum com os seus compatriotas a origem, o carácter, a mentalidade e as aspirações, está maravilhosamente apto a incutir a Fé nos seus corações, porque mais do que ninguém conhece os caminhos da persuasão. Por isso, muitas vezes acontece que ele chega com total facilidade onde o missionário estrangeiro não consegue chegar » (Maximum Illud, 31).*

O que dizer, então, do fraco conhecimento do idioma, que por vezes impede os missionários estrangeiros de expressarem seus pensamentos, enfraquecendo consideravelmente a força e a eficácia de sua pregação? A isso se somam outros inconvenientes, que devem ser levados em consideração, mesmo que pareçam ser facilmente ou raramente superados. Suponhamos que, devido a uma guerra ou outros eventos políticos em um território missionário, um governo seja substituído por outro, e a expulsão dos missionários estrangeiros de uma determinada nação seja solicitada ou decretada; suponhamos também — algo certamente mais improvável de ocorrer — que os nativos, tendo alcançado um nível mais elevado de civilização e, portanto, uma certa maturidade cívica, desejem, para obter a independência, expulsar de seu território os governadores, soldados e missionários da nação estrangeira da qual dependem, e que isso não possa ser feito sem recorrer à violência. Que ruína, perguntamos, recairia sobre a Igreja nesses países se as necessidades da população convertida a Cristo não fossem plenamente atendidas por uma rede de sacerdotes nativos em todo o território?

Mas além disso - visto que o dito de Cristo, *« A colheita é grande, mas os trabalhadores são poucos » (Mt 9,37)*, aplica-se plenamente às condições atuais das coisas - a própria Europa, de onde vem a maioria dos missionários, precisa hoje de clérigos, e precisa deles tanto mais quanto mais importante for, com a ajuda de Deus, reconduzir os irmãos dissidentes à unidade da Igreja e afastar os não-católicos dos seus erros; e todos sabem que, se atualmente o número de jovens chamados à vida sacerdotal ou religiosa não é menor do que antes, o número dos que obedecem ao chamado divino é muito menor.

Pelo que dissemos, Veneráveis Irmãos e Amados Filhos, conclui-se que é necessário dotar os vossos territórios de um número suficiente de sacerdotes indígenas para expandir os limites da sociedade cristã e governar a comunidade dos fiéis da sua própria nação, sem ter de recorrer ao auxílio de clérigos temporários. E, de facto, em alguns lugares, como já referimos, começaram a ser abertos seminários para estudantes indígenas, erguidos em locais situados entre Missões

vizinhas pertencentes à mesma Ordem ou Congregação, onde os Vigários e Prefeitos Apostólicos enviam e sustentam jovens selecionados, às suas próprias custas, para que um dia retornem ordenados sacerdotes e prontos para o sagrado ministério.

Portanto, o que alguns já começaram aqui e ali, desejamos, aliás, ordenamos, que todos os Superiores de Missão se esforcem igualmente por fazer, para que nenhum indígena que suscite boas esperanças e demonstre uma verdadeira vocação seja impedido de alcançar o sacerdócio e o apostolado. Certamente, quanto mais alunos vocês escolherem para esta formação — e é absolutamente necessário que sejam muitos —, maiores serão as despesas; mas não desanimem, confiando em nosso amável Redentor, cuja providência garantirá que, aumentando a generosidade dos católicos, os recursos cheguem à Santa Sé para que vocês possam realizar tão salutarmente esta obra.

Se cada um de vocês deve formar o maior número possível de clérigos nativos, deve também se esforçar para orientá-los e instruí-los na santidade própria do sacerdócio e no espírito de apostolado, aliado ao zelo pela salvação de seus irmãos, de modo que estejam prontos a dar até mesmo a própria vida pelos membros de sua tribo e nação. É, contudo, da maior importância que, ao mesmo tempo, esses estudantes recebam uma boa e profunda formação científica, tanto sagrada quanto profana, clara e metódica, e não com cursos excessivamente acelerados e resumidos, mas com o currículo regular. Estejam convencidos de que, se nos seminários formarem indivíduos que se destaquem por sua integridade e piedade, capazes de exercer o ministério e altamente versados no ensino da lei divina, estarão preparando homens que não apenas conquistarão o respeito das autoridades e dos eruditos em seus países, mas que poderão um dia ser nomeados para governar as paróquias e dioceses que serão erigidas assim que Deus quiser, com boa esperança de frutificação.

Seria certamente um erro considerar esses nativos uma raça inferior, de intelecto limitado. De fato, a longa experiência demonstra que os povos das regiões do extremo oriente e do sul, por vezes, rivalizam com os nossos e podem facilmente competir com eles em acuidade mental. Se, no coração de terras bárbaras, encontramos homens extremamente lentos para aprender, isso se deve à sua condição de vida que, com suas exigências muito limitadas, não os obriga a fazer grande uso de sua inteligência. Se vós, Veneráveis Irmãos, Amados Filhos, podeis testemunhar o que dissemos, nós também podemos testemunhar, tendo quase diante de nossos olhos o exemplo daqueles nativos que, educados nos colégios de Roma em todas as disciplinas, não só igualam os outros estudantes em rapidez de pensamento e sucesso nos estudos, como muitas vezes os superam. Além disso, não deveis permitir que os sacerdotes indígenas sejam considerados quase inferiores e, portanto, designados apenas para os ministérios mais humildes, como se não tivessem sido investidos do mesmo sacerdócio que os vossos missionários, ou não participassem do mesmo apostolado. De fato, deveis dar preferência àqueles que um dia governarão as Igrejas fundadas com o vosso suor e trabalho, e as futuras comunidades católicas. Portanto, que não haja diferença entre missionários europeus e indígenas; que todas as lacunas sejam preenchidas e que se unam uns aos outros em respeito mútuo e caridade.

E visto que, como já dissemos, é necessário que a organização da Igreja entre os vossos povos utilize os elementos divinamente providenciados, deveis, portanto, considerar o estabelecimento de congregações religiosas indígenas, tanto masculinas quanto femininas, como um dos principais deveres do vosso ofício. E não é correto que mesmo os novos seguidores de Cristo possam professar os conselhos evangélicos, quando se sentem chamados e impelidos pela inspiração divina a uma vida mais perfeita? Sobre este ponto, é melhor que os missionários e religiosas que trabalham no vosso campo não se deixem influenciar demasiadamente pelo amor à sua própria Congregação, embora em si mesmo justo e legítimo, mas que olhem para as coisas com certa abertura de espírito. Portanto, se houver nativos que desejem se alistar nas antigas

Congregações, certamente não seria correto desencorajá-los ou impedi-los, contanto que estejam confiantes de que podem assimilar o seu espírito e ter sucesso em estabelecer na sua terra natal uma linhagem que não seja degenerada, mas não muito diferente daquela do Instituto que abraçaram. mas reflita cuidadosamente e sem motivações de interesse particular se não seria mais vantajoso fundar novas Congregações que correspondam melhor à natureza e às inclinações dos nativos e às necessidades das condições daquela região específica.

Não devemos deixar de mencionar outro ponto importantíssimo para a propagação do Evangelho: a saber, o quão benéfico é multiplicar o número de catequistas, sejam eles escolhidos entre os europeus ou, melhor ainda, entre os nativos, para que possam auxiliar os missionários instruindo os catecúmenos e preparando-os para o Batismo. É evidente que devem possuir qualidades que os capacitem a atrair os incrédulos a Cristo mais pelo exemplo do que pelas palavras. E vós, Veneráveis Irmãos e Filhos Amados, resolvi firmemente educá-los com todo o cuidado para que aprendam bem a doutrina católica e, ao tratá-la e explicá-la, saibam adaptar-se ao intelecto e à inteligência de seus ouvintes. Terão tanto mais sucesso nisso quanto mais intimamente compreenderem a natureza dos nativos.

Até aqui falamos da seleção e do alistamento de seus companheiros de trabalho. Sobre este assunto, porém, ainda temos uma proposta para submeter ao seu zelo, a qual, se implementada, acreditamos que beneficiará grandemente a rápida propagação da fé. Nossa alta consideração pela vida contemplativa é abundantemente demonstrada pela Constituição Apostólica com a qual, há dois anos, confirmamos com alegria, por nossa autoridade apostólica, a reforma que adapta a *regra dos Cartuxos* ao *Código de Direito Canónico*, regra já aprovada pela autoridade papal desde a fundação da Ordem.

Agora, assim como Nós mesmos exortamos fervorosamente os superiores maiores de tais Ordens contemplativas, também vós deveis instar repetidamente a fundar mosteiros para introduzir e difundir esta forma austera de vida contemplativa em território de missão. Esses homens implorarão do Céu uma maravilhosa chuva de graças sobre vós e vossas obras. Nem há necessidade de temer que esses monges não encontrem terreno fértil entre vós, visto que os habitantes, especialmente em certas regiões, embora em sua maioria pagãos, tendem por natureza à solidão, à oração e à contemplação. A este respeito, recordamos o mosteiro erguido no Vicariato Apostólico de Pequim pelos Cistercienses Reformados de La Trappe (Trapistas), onde quase uma centena de monges, na sua maioria chineses, através da prática das virtudes mais perfeitas, da oração constante, da vida rigorosa e do trabalho manual, assim como apaziguam a Divina Majestade e a tornam propícia a si próprios e aos infiéis, também, pela eficácia do seu exemplo, conquistam os infiéis para Cristo.

É, portanto, evidente que os nossos eremitas, mantendo intacto o espírito do seu Fundador e sem se dedicarem à vida ativa, podem sempre ser de grande auxílio para o sucesso das Missões. Se os Superiores destas Ordens aceitarem as vossas preces e estabelecerem casas para os seus súbditos onde, por comum acordo, considerarem melhor, realizarão uma obra sumamente benéfica para o bem de tantas multidões de pagãos e que nos será, acima de tudo, agradável.

E agora, Veneráveis Irmãos e Amados Filhos, passemos a tratar de um assunto referente à melhor organização das Missões. Se Nosso Predecessor imediato já deu conselhos e ensinamentos semelhantes sobre este assunto, desejamos repeti-los, pois acreditamos, com razão, que serão de grande proveito para o exercício frutífero do apostolado. Portanto, visto que o sucesso do apostolado católico entre os pagãos depende em grande parte de vós, exigimos uma melhor organização que, daqui em diante, facilite a propagação da doutrina cristã e o aumento do número daqueles já iluminados por ela. Assim, procurai distribuir os missionários de modo que nenhuma parte do território fique despreparada e que a evangelização de ninguém seja adiada.

Avancemos, por etapas, deixando missionários em algum local central, em torno do qual estabeleceréis residências menores, confiadas a pelo menos um catequista e equipadas com uma capela, que os missionários visitarão de tempos em tempos, em determinados dias, para os fins do seu ministério.

Que os pregadores do Evangelho se lembrem também de que os nativos devem ser abordados imitando o método usado pelo divino Mestre ao lidar com o povo. Antes de ensinar as multidões, Ele costumava curar os enfermos: « *Curou todos os enfermos (Mt 8,16); Muitos o seguiram e Ele os curou a todos (Mt 12,15); Compaixão-se deles os curou (Mt 14,14)* ». Foi isso que Ele também ordenou aos Apóstolos, dando-lhes poder para tal: « *E, em qualquer cidade em que entrardes... curai os enfermos que ali houver e dizei-lhes: O reino de Deus está próximo de vós (Lc 10,8-9); Quando saírem, percorreram as aldeias, evangelizando e curando por toda parte (Lc 9,6)* ». Que os missionários também não se esqueçam de como Jesus se mostrou benigno e amável para com os bebês e as crianças; e quando os discípulos os repreenderam, Ele ordenou que não os impedissem de vir a Ele (Mt 19,13-14) . E aqui é oportuno recordar o que dissemos em outra ocasião: isto é, que os missionários que pregam aos infieis sabem muito bem quanta benevolência e afeição são despertadas, mesmo nessas regiões, por qualquer pessoa que zela pela saúde pública, cuida dos doentes e demonstra amor pelas crianças e pelos bebês: o exercício da caridade é tão poderoso para conquistar os corações dos homens.

Mas, voltando ao ponto que acabamos de abordar, embora seja verdade que nos lugares onde vós, Veneráveis Irmãos e Amados Filhos, estabelecesteis vossa sede e domicílio, bem como nas residências mais importantes em termos de número de almas, as igrejas e demais edifícios da Missão sejam mais espaçosos, devemos, contudo, evitar a construção de templos ou edifícios excessivamente sumptuosos e dispendiosos, como se estivéssemos preparando catedrais e bispados para futuras dioceses. Isso será feito no devido tempo e com maior proveito.

Não é sabido que em certas dioceses, já canonicamente estabelecidas há algum tempo, templos e palácios semelhantes foram construídos recentemente, ou mesmo estão em construção? Da mesma forma, não seria correto nem útil reunir e, por assim dizer, aglomerar instituições e obras destinadas ao benefício espiritual e físico de outros em alguma residência principal ou no local onde vocês mesmos residem: porque, se forem de grande importância, exigirão a presença de vocês e dos missionários e absorverão tanta atenção que causarão uma desaceleração e até mesmo a cessação das visitas ao restante do território para a propagação do Evangelho.

E já que se mencionou tais obras, além dos hospitais e enfermarias para o cuidado dos enfermos e a distribuição de medicamentos, além das escolas primárias, que vocês devem abrir em todos os lugares, é correto que, ao fundarem outras escolas para jovens que não pretendem se dedicar à agricultura, vocês lhes abram caminho para o ensino superior, especialmente nas artes e ofícios. E aqui os exortamos a não se esquecerem dos líderes locais e de seus filhos. É bem verdade que a palavra de Deus e seus pregadores são mais facilmente acolhidas pelos mais humildes e simples; É também verdade que Jesus disse de si mesmo: « *O Espírito do Senhor [...] enviou-me para pregar o evangelho aos pobres* » (Lc 4,18) ; mas além disso devemos também ter em mente o que disse São Paulo: « *Sou devedor tanto aos sábios como aos insensatos* » (Rm 1,14), a prática e a experiência ensinam-nos que, uma vez que os líderes do povo tenham sido conduzidos à religião de Cristo, as classes mais humildes os seguem facilmente.

Finalmente, Veneráveis Irmãos e Amados Filhos, pelo zelo exemplar que vos inspira pela religião e pela salvação das almas, aceitai com mansidão e com coração pronto à pronta obediência uma última e importantíssima recomendação. Os territórios confiados pela Santa Sé aos vossos cuidados ativos, para que os submetais à lei de Cristo, são em sua maioria vastos. Pode, portanto, acontecer que o número de missionários pertencentes ao vosso Instituto particular seja muito

menor do que o necessário. Nesse caso, assim como nas dioceses bem estabelecidas, bispos operários pertencentes a diferentes famílias religiosas, sejam sacerdotes ou leigos, e freiras de diferentes Congregações, costumam auxiliar os bispos, também no que diz respeito à propagação da fé, à educação da juventude indígena e a outras tarefas semelhantes, tão úteis, não hesiteis em convidar e acolher como colaboradores religiosos e missionários, mesmo que pertençam a outros Institutos, sejam sacerdotes ou membros de Congregações leigas.

É justo que as ordens e congregações religiosas se orgulhem da missão que lhes foi confiada entre os pagãos e das conquistas já alcançadas para o Reino de Cristo; mas lembrem-se de que os territórios missionários não lhes são possuídos por direito exclusivo e perpétuo, mas sim por benevolência da Santa Sé, que, portanto, tem o direito e o dever de assegurar que sejam devidamente e plenamente cultivados. O Romano Pontífice não cumpriria esse dever se se limitasse a distribuir territórios de maior ou menor extensão a este ou aquele instituto; mas, o que é mais importante, ele deve sempre e com toda a diligência garantir que esses institutos enviem às regiões que lhes foram confiadas tantos missionários, e sobretudo missionários, em número suficiente para a obra eficaz de iluminar essas regiões em toda a sua extensão com a luz da verdade. E visto que o divino Pastor buscará o seu rebanho em Nossas mãos, Nós, sem hesitação, quando parecer necessário ou mais oportuno e útil para a maior expansão da Igreja Católica, transferiremos os territórios das Missões de um Instituto para outro, ou os dividiremos e subdividiremos, e confiaremos os novos Vicariatos e Prefeituras Apostólicas ao clero indígena ou a outras Congregações.

Não resta nada senão exortar-vos, mais uma vez, Veneráveis Irmãos, a todos vós no mundo católico que partilhais connosco as preocupações e alegrias do ofício pastoral, a vir em auxílio das Missões, com os esforços e meios que sugerimos, para que, como que animadas por um novo vigor, possam dar uma colheita mais abundante no futuro. Que Maria, Rainha dos Apóstolos, sorria com graça maternal para os nossos desejos comuns. Tendo acolhido no seu coração materno todos aqueles que lhe foram confiados no Calvário, ela ama e protege tanto aqueles que não sabem que foram redimidos por Jesus Cristo como aqueles que desfrutam com alegria dos frutos da redenção.

Entretanto, como penhor de dons celestiais e como sinal de Nossa benevolência paterna, concedemos amorosamente a Bênção Apostólica a vós, Veneráveis Irmãos, ao vosso clero e ao vosso povo.

Dado em Roma, na Basílica de São Pedro, em 28 de Fevereiro de 1926, no quinto ano de Nosso Pontificado.

PAULO VI (1963-1978)

Mensagem do Papa Paulo VI para o Dia Mundial das Missões

(19 de outubro de 1963)

Veneráveis irmãos e amados filhos!

Desde as primeiras horas em que, com humilde e confiante obediência aos adoráveis desígnios de Deus, assumimos a honra e o fardo do Supremo Ministério Apostólico, houve um impulso espontâneo da alma para declarar diante do mundo inteiro o nosso dever essencial e mais urgente, que é promover com toda a solicitude e cuidado a difusão do Reino de Deus. E tivemos a satisfação de saudar, em nossa primeira mensagem, os Missionários como "a menina dos nossos olhos" (Mensagem *Qui fausto die*, "L'Osservatore Romano" de 23 de junho de 1963), que representam o testemunho contínuo, eloquente e seguro de que a vontade do Divino Fundador de difundir a luz e os benefícios do Evangelho a todos os povos (cf. *Mt* 28,19-20; *Mc* 16,15-16) está sempre presente e atuante em sua Igreja.

Encher a terra o mais depressa possível com o Nome e as graças de Cristo, para que toda língua confesse que Ele é o único Senhor e Salvador de todos, para a glória do Pai (cf. *Filipenses* 2:11); trazer paz e salvação a toda a humanidade, que Deus criou de um só homem para povoar toda a terra (*Atos* 17:26); não é esta a missão própria e a ação constante da Igreja? Esta "missão", que define e delimita o imenso campo em que a doutrina se estende e a atividade da Igreja se realiza, é a continuação da obra redentora de Cristo entre os homens.

O Senhor reserva para alguns dos Seus escolhidos a graça de uma vocação particular para os lançar nos caminhos mais difíceis ou intransponíveis do mundo e, com o Seu auxílio, capacitá-los a enfrentar as tarefas mais árduas (cf. *Fl* 4,13). Mas, por trás dessas fileiras que se encontram nos postos avançados da Igreja, todos aqueles que receberam de Deus o dom privilegiado da fé devem reunir-se numa falange compacta. A tarefa dessa falange ordenada é, antes de tudo, orar ao Senhor da colheita (*Mt* 9,38) para que Ele se digne a enviar trabalhadores cada vez mais numerosos e dispostos a trabalhar na Sua seara; e, além disso, oferecer aos obreiros evangélicos escolhidos a assistência necessária para que possam empreender o seu árduo trabalho com tranquilidade e rapidez. Quantas são as suas necessidades e com que gratidão acolhem a ajuda que recebem, nós próprios tivemos a boa fortuna de observar em primeira mão. Gostaríamos de recordar, com carinho, a viagem que fizemos no ano passado, durante a qual visitamos muitas missões na África Austral e muitas na África Central e Ocidental, constatando as suas imensas necessidades e, ao mesmo tempo, trazendo de volta uma excelente impressão da sua vitalidade florescente.

Todo o mundo católico conhece e ama as *Obras Missionárias Pontifícias*, que visam organizar e fortalecer a generosidade dos fiéis em favor dos arautos do Evangelho: em primeiro lugar, destaca-se a *Sociedade para a Propagação da Fé*, apoiada como valiosas auxiliares pela *Sociedade da Sagrada Infância* e pela *Sociedade de São Pedro Apóstolo* para o clero nativo dos países abertos ao Evangelho. Sua essência é a *Pontifícia União Missionária do Clero*, que, por meio dos sacerdotes, alimenta o espírito missionário em todos os fiéis.

São chamadas *Obras Pontifícias* porque são próprias da Sé Apostólica (Pio XI, *Motu Proprio* « Romanorum Pontificum », de 3 de maio de 1922, AAS XIV (1922), p. 321-330; *Carta Encíclica* « Rerum Ecclesiae », de 28 de fevereiro de 1926, AAS XVIII (1926), p. 65-83), que, embora não excluam outras iniciativas para auxiliar as Missões e para fins particulares, obviamente as superam todas como expressão direta da solicitude do Supremo Pastor do rebanho de Deus por todas as Igrejas (cf. *2 Cor* 11, 28). De fato, em Nosso nome, elas providenciam, em nível universal e com uma visão total das mais variadas necessidades, o auxílio espiritual e material a ser dado a todas as Missões.

Diz-se, com razão, que, em nosso tempo, as fronteiras que delimitam um povo ou outro estão se tornando cada vez mais tênues, porque todo problema importante assume, quase espontaneamente, dimensões mundiais. Mas o cristão já havia aprendido de seu Divino Mestre o preceito da caridade, que tem alcance universal e une intimamente todos os homens sob o céu. Educados no anseio e no ímpeto de uma caridade missionária universal, que se estende a todos e abarca a todos, os fiéis estarão também mais preparados e aptos a responder a apelos mais específicos e a contribuir para iniciativas mais limitadas.

Desejamos, portanto, seguindo o exemplo de Nossos Predecessores (Pio XII, *Carta Encíclica* « *Evangelii Praecones* » de 2 de junho de 1951, AAS XLIII (1951) p. 497-528; João XXIII, *Carta Encíclica* « *Princeps Pastorum* » de 28 de novembro de 1959, AAS LI (1959) p. 833-864; *Carta* a Sua Eminência o Cardeal Agagianian, Prefeito da Sagrada Congregação *para a Propagação da Fé*, de 3 de maio de 1962, AAS LIV (1962) p. 429-434; *Carta* a Sua Eminência o Cardeal Gerlier para o Congresso Missionário Internacional, de 20 de março de 1962, AAS LIV (1962) p. 382-385), recomendar com carinho e afeto paternal Insistimos em Nossas Obras Missionárias aos Nossos Veneráveis Irmãos no Episcopado, Ao amado clero diocesano e regular, àqueles que de diversas maneiras se dedicam aos nobres interesses do Reino de Deus e a todos os fiéis que o Senhor escolheu confiar aos Nossos cuidados. Cada um, segundo a sua responsabilidade e tarefa, em espírito de fé e caridade esclarecida, deve contribuir ao máximo para o crescimento das Obras Missionárias Pontifícias que, pela vontade da Sé Apostólica, devem ser estabelecidas em cada diocese de cada nação, onde os dignos Diretores nacionais e diocesanos destas Obras — em colaboração com a Sagrada Hierarquia — dedicam a sua energia e entusiasmo. Aproveitamos, portanto, esta oportunidade para lhes dirigir, em particular, uma palavra de sincera satisfação e encorajamento paternal.

De todos os cantos da terra, que um coro de orações assíduas se eleve em uníssono com a Nossa voz, para que o mistério da vontade de Deus se cumpra visivelmente, que Ele deseje reconduzir os homens à sua única Cabeça, Cristo (*Ef* 1,10), e que aqueles que ainda estão longe se tornem "perto pelo sangue de Cristo" (*Ef* 2,12-13); e que em toda parte floresça uma caridade ardente e ativa em expressões concretas que permitam a todos os fiéis compreender as dimensões do amor de Cristo, "ut impleamini in omnem plenitudinem Dei" (*Ef* 3,17-19).

Que os Anjos do Céu reúnam o coro universal de orações, as resoluções ponderadas, os trabalhos diligentes pela expansão do Reino de Cristo — para os quais a celebração do Dia Mundial das Missões é um convite renovado — e os apresentem a Deus. De lá descerão abundantes dádivas de recompensas e consolações celestiais, das quais a Nossa Bênção Apostólica pretende ser uma promessa e uma reflexão.

MENSAGEM DE RÁDIO DE SUA SANTIDADE PAULO VI PARA O DIA MUNDIAL DAS MISSÕES DE 1965

(23 de Outubro de 1965)

Veneráveis irmãos e amados filhos,

Desejamos de todo o coração dirigir-lhe pessoalmente o apelo para o "Dia Mundial das Missões", tanto para acrescentar mais uma vez a nossa fervorosa contribuição à ilustração do caráter missionário, essencial à Santa Igreja de Cristo e apresentado com grande eficácia nestes dias pelo Concílio Ecumênico, como para responder a uma voz dupla que sentimos dever acolher: uma que vem do céu, a outra da terra.

Do céu ressoa — e a cada dia nos damos conta disso com mais intensidade — a voz grave e advertidora de Deus: "*Clama, ne cesses; quasi tuba exalta vocem tuam...*", Clama e não cesses; levanta a tua voz como uma trombeta (*Is 58, 1*), não para censurar, como foi ordenado ao profeta Isaías, mas para expandir, proclamar, tornar cada vez mais evidente a feliz e jubilosa notícia que o Salvador Jesus trouxe à terra, confiando-a à sua Igreja e, em particular, a nós, a quem colocou na Cátedra da Verdade: "*Manifestavit se Dominus*", Deus se revelou! Deus se mostrou como Pai a todos os homens, ainda que ainda desconhecido para muitos deles. Ele os ama, os espera, quer que se unam a si na sua eterna felicidade.

Gostaríamos de proclamar esta mensagem de amor e paz, esta confiança na salvação, no desejo de que a nossa seja unida à de todos os nossos filhos, que já tiveram a graça de conhecer o seu Pai Celestial.

Outra voz, porém, parece-nos necessária e perturba-nos, comove-nos na reflexão sobre a nossa insuficiência e faz-nos desejar que toda a Igreja de Deus se una a nós conscientemente para dar uma resposta plena, adequada e eficaz: vem da terra, ansiosa e suplicante, vem dos povos que desejam o triunfo da caridade fraterna, o respeito pela justiça, a paz, no reconhecimento do Pai comum que é Deus. « *Ostende nobis Patrem* », Mostra-nos o Pai » (*João 14,8*).

Ouvimos essa voz forte, poderosa e suplicante, mesmo que não expressa em palavras, durante nossas viagens apostólicas e missionárias na Palestina, na Índia e na Organização das Nações Unidas. Ouvimos essa voz e nos lembramos de que somente Jesus Cristo é o "Príncipe da Paz". Ouvimos essa voz e nos lembramos da súplica que alguns gentios dirigiram ao apóstolo Filipe: "*Volumus lesum videre*", Queremos ver Jesus (*João 12:21*).

Devemos, portanto, responder prontamente à oração que se eleva a Deus de todo o mundo, apresentando Jesus como o Salvador, pois somente Ele é a verdadeira luz que ilumina todo homem. E quem O vê, vê o Pai! Parece que não poderia haver momento mais feliz e promissor para o grande desenvolvimento missionário da Igreja: a expectativa do povo é maior do que nunca; a tristeza dos tempos e os perigos da paz nos fazem crer que o tempo de Deus está próximo.

Uma resposta concreta, ativa e eficaz às expectativas do povo é o próprio apostolado missionário. Nossos pensamentos, nossa admiração e nossa gratidão se dirigem a vocês, queridos missionários, sacerdotes, religiosos, freiras e leigos, apóstolos do Reino de Deus, que, respondendo a um sublime chamamento, deixando para trás família, lar e pátria, tornaram-se arautos da paternidade de Deus, da divindade de Cristo e do mistério da salvação no Espírito Santo, consumada na Igreja. Desejamos mostrar ao mundo inteiro o seu exemplo, que exalta a sua nobilíssima missão, inspirada pelo amor, tecida com sacrifício, alimentada pela fé até a imolação, para que todos os cristãos se unam a vocês em oração e colaboração.

Contudo, a luz da Fé e da Verdade revelada não brilharia sobre a face da terra, nem os povos seriam capazes de conhecer e aceitar a paternidade de Deus, se o trabalho direto e imediato dos arautos do Evangelho — tão escasso, limitado e insuficiente, desproporcional às necessidades do Reino de Deus — não fosse acompanhado, em solidariedade na compreensão e união na ação,

por toda a Cristandade, que é o Corpo vivo e indivisível de Cristo. De fato, o que poderiam fazer os trabalhadores na vinha — os braços avançados do Reino de Deus — se, atrás deles, o Corpo da Igreja permanecesse inerte e indiferente?

O nosso apelo dirige-se, portanto, a todos os cristãos e torna-se mais sincero, mais urgente, mais persuasivo, para que todos os filhos de Deus, que já estão na casa do Pai, se lembrem dos seus irmãos e irmãs que ainda estão fora, e se unam a nós em oração e em obras de solidariedade e caridade fraterna.

Na oração, antes de tudo, porque o próprio Jesus nos impõe isso: « *Rogate Dominum messis ut mittat operarios in messem suam* », Rogai ao Senhor da seara que envie trabalhadores para a sua seara» (*Mateus 9:38*) e « *Sine me nihil potestis facere* », Sem mim nada podeis fazer» (*João 15:5*). A proclamação do Evangelho é obra da Graça e a Graça é obtida através da oração humilde.

Em seguida, nas obras de caridade. É evidente que, dadas as imensas dimensões do problema missionário, tão vasto quanto a própria humanidade e cada vez mais complicado pelo crescente número de não-cristãos, pelos obstáculos do nacionalismo, do indiferentismo religioso e do relativismo moral, e pela escassez de trabalhadores e de meios para o apostolado, o dever de uma presença imediata, simultânea e efetiva da Igreja em todo o mundo torna-se mais sério e urgente.

Mas é também evidente que a presença salvadora da Igreja, para ser eficaz e rápida, está condicionada à unidade da cooperação de todos os seus membros, isto é, de todos os fiéis, em torno do único Pastor que Deus colocou à frente da sua Igreja, para que, numa visão simultânea de todas as necessidades da Igreja Missionária, Ele possa prontamente levar o auxílio necessário a todas as partes do mundo.

É sabido que a Igreja habitualmente comunica a luz da verdade através do fogo do amor, e as obras de caridade são os meios mais fáceis de manifestar Deus, que é amor. Por isso, onde quer que tenha se espalhado, a Igreja Católica se apresentou com obras de caridade corporal e espiritual: escolas, creches, hospitais; e ainda hoje ela acende o amor a Deus honrando a Sua imagem, visível em cada criatura, com obras de misericórdia.

Se hoje a Igreja, com a cooperação de todos os fiéis da cristandade, unida ao Papa no apoio às Obras Missionárias Pontifícias, pudesse multiplicar grandemente as obras de caridade das Missões, traria também um aumento incomparável na propagação da Fé em todo o mundo.

Portanto, embora louvemos e abençoemos toda iniciativa em favor da cooperação missionária, não podemos deixar de expressar especial gratidão àqueles de nossos filhos que, tendo compreendido a importância da solidariedade de toda ajuda que chega às mãos do Pai comum, apoiam em particular as nossas obras missionárias, que nós mesmos já apresentamos e recomendamos em nossa Mensagem para o Dia Mundial das Missões, em 1963.

Com suas ofertas, eles dão à Sé Apostólica a possibilidade de cumprir esse ofício permanente de " *praeses caritatis* " (daquela que preside sobre a caridade), que Santo Inácio de Antioquia já no primeiro século cristão indicou como a característica distintiva da Sé de Pedro, fundamento e cabeça de todas as Igrejas.

Portanto, mais uma vez, recomendamos as Obras Missionárias Pontifícias como aquelas que melhor alcançam a unidade de cooperação entre os fiéis e o Sumo Pontífice. Elas são obras da Igreja, e Nossos veneráveis Irmãos no Episcopado, corresponsáveis Conosco pela salvação das almas, desejarão considerá-las como suas próprias obras e organizá-las eficazmente em suas dioceses, por meio da Pontifícia União Missionária do Clero, que é a sua alma.

Com o coração cheio de gratidão por todos que atenderem ao Nosso apelo, temos a alegria de derramar uma Bênção Apostólica particularmente afetuosa sobre vós, veneráveis Irmãos, e sobre o rebanho que vos foi confiado, sobre os amados membros do clero nativo, sobre cada Missionário, sobre seus Institutos e benfeitores, mas sobretudo sobre aqueles que amarem e apoiarem Nossas queridas Obras Missionárias Pontifícias de acordo com seus corações e seus meios.

MENSAGEM DO PAPA PAULO VI PARA O DIA MUNDIAL DAS MISSÕES DE 1966

Veneráveis irmãos e amados filhos,

A memória ainda vívida da participação unânime em Nossa sincera oração pela paz, que em 4 de outubro dirigimos a Deus com confiança ilimitada pela intercessão da Santíssima Virgem do Rosário, nos dá coragem para nos dirigirmos a Vós mais uma vez por uma causa intimamente ligada à da paz: a proclamação do Evangelho, isto é, do amor e da paternidade de Deus, a todas as criaturas.

A igreja missionária sob a guia da mãe de Deus

O próximo Domingo Mundial das Missões nos oferece esta oportunidade. É, como sempre, um convite à oração, ao estudo e à contribuição para as necessidades das Missões Católicas; um convite que se torna ainda mais forte e eficaz pela festa da Maternidade de Maria Santíssima, a quem confiamos filialmente a nossa palavra.

Não se pode permanecer indiferente à extensão, aos problemas e às dificuldades da Igreja Missionária no mundo, e a todos aqueles, sacerdotes, religiosos e leigos, uma imensa falange na linha de frente do apostolado, que se dedicam com verdadeiro heroísmo diário à difusão da Boa Nova e à elevação espiritual, material, civil e social de seus irmãos de outras línguas e civilizações.

O exemplo deles deve inspirar toda a família católica a tomar consciência cada vez maior do seu dever de colaboração missionária. O Concílio Ecumênico destacou isso de forma eficaz: de fato, toda criança da Igreja — afirmou — é missionária por vocação batismal e não pode se esquivar desse dever sem deixar de cumprir as exigências da sua vida sobrenatural. Além disso, ninguém na Igreja é tão pequeno e pobre que não possa, segundo a sua própria condição, contribuir para a construção do Reino de Deus na terra.

Por isso, quisemos chamar a vossa atenção, também este ano, para o Dia que se aproxima, e dirigir a todos vós, amados Irmãos e Filhos, o nosso habitual apelo. Ele vem do nosso coração, que se sente sobrecarregado pelas responsabilidades da impressionante dimensão do problema missionário, e que encontra consolo não só na certeza de que partilhais das nossas angústias, mas também nas promessas da Palavra Divina de Cristo, que diz: «Confiai em Deus, e confiai também em mim» (*João 14:1*). «Eis que estou convosco todos os dias, até à consumação dos séculos» (*Mateus 28:20*).

Cientes, portanto, das nossas possibilidades limitadas, mas firmes na nossa confiança em Deus e na presença de Cristo na sua Igreja, desejamos, acima de tudo, reunir o cristianismo numa única oração unânime e simultânea pela vinda do Reino de Deus.

Ansiedade, preocupações e dificuldades

Nunca antes o Domingo das Missões nos apresentou um espetáculo tão intenso de ansiedade, preocupação e dificuldade, mas também nos oferece motivos para esperança e alegria.

Por um lado, a vontade salvífica universal de Deus, "que deseja que todos os homens sejam salvos e cheguem à posse da verdade" (*1 Tm 2,4*) por meio de Jesus Cristo, nos faz compreender toda a gravidade do problema, que a Constituição Dogmática "*Lumen Gentium*" recordou nas seguintes palavras: "O Concílio, fundamentando-se na Sagrada Escritura e na

Tradição, ensina que esta Igreja peregrina é necessária para a salvação" (art. 14). E, no entanto, o número daqueles que não conhecem o amor paternal de Deus e a obra redentora de Cristo cresce constantemente, mesmo que para eles a esperança da salvação permaneça "na sincera busca de Deus" (Constituição Dogmática "*Lumen Gentium*", art. 16). Também eles foram criados para alcançar, ainda nesta terra, "íntima união com Deus" (*ibid.*, art. 1).

Outra causa de tristeza para o nosso coração paterno são as crescentes divisões, ódios e conflitos que separam as pessoas, como consequência de doutrinas raciais nefastas, nacionalismo e segregacionismo, que alimentam um ressentimento incessante.

Perspectivas serenas de luz e caridade

Há, então, a necessidade cada vez mais urgente — se realmente queremos que toda a raça humana constitua em breve um só povo de Deus — de aproximar os indivíduos e os povos, direcionando para o bem comum tudo o que de bom, nobre, justo e sábio cada um tenha produzido no plano natural, na formação de suas respectivas culturas. A Igreja Católica não só deseja conhecer essas culturas para respeitá-las, mas também enriquecê-las com os valores sobrenaturais da Graça, imergindo nelas, vivendo suas próprias características, estendendo o exemplo do Apóstolo Paulo, que se fez "devedor a gregos e a bárbaros, a sábios e a insensatos" (*Rm* 1,14).

Por outro lado, o Domingo Mundial das Missões também nos oferece perspectivas mais serenas de luz e caridade; assegura-nos a vitória definitiva do amor de Deus, que deseja manifestar-se à humanidade através da caridade dos nossos irmãos e irmãs.

Se observarmos com atenção, o programa do Dia nada mais é do que um resumo da própria "missão" da Igreja: tornar visível, por meio da caridade fraterna, o Amor invisível do Pai que está no Céu.

Assim, o Dia se transforma numa imensa e simultânea apresentação do infinito Amor de Deus ao mundo inteiro, recordando aos "filhos de Deus", que estão na sua casa, o seu dever de colaborar com o Pai para a salvação dos seus irmãos que estão fora (*Constit. de S. Liturgia*, art. 2).

Eis a confirmação de uma ordem divina misteriosa, providencial e misericordiosa, que livremente escolheu usar a humanidade para a obra de salvar o mundo. Eis o espetáculo da caridade material que, em todo o mundo, por meio de dioceses, paróquias, organizações e diversas iniciativas, une os cristãos no sacrifício diário, nos trabalhos apostólicos e nos méritos dos missionários.

Eis que a ajuda necessária à fome material do povo, já tantas vezes recomendada por Nós, é iluminada por uma luz mais nobre na construção de igrejas, escolas e centros de formação, como contribuição para a fome de verdade, amor e educação que os atormenta.

Atividades multiformes de oferta e apostolado

O Dia Mundial das Missões, assim compreendido, é a continuação do espírito missionário dos primeiros cristãos que, reunidos "com um só coração e uma só alma" (*Atos* 4:32) em torno dos Apóstolos, vivificaram o mundo pagão com fé e caridade.

Que este seja verdadeiramente um Dia de oração, luz e caridade; que ele acenda inúmeras vocações missionárias, religiosas e leigas, para uma entrega total ao Reino de Deus. Invocamos paternalmente a bênção do Senhor, em primeiro lugar e com particular afeto, sobre o clero local das Igrejas, sobre os missionários, homens e mulheres, e sobre as novas vocações, a esperança viva da Igreja. Invocamos essa bênção sobre vós, Veneráveis Irmãos, reunidos em vossas Conferências Episcopais Nacionais; sobre vosso clero e vossos fiéis, e sobre todas as atividades de auxílio missionário que desejam promover.

Estamos certos de que o Nosso apelo encontrará forte eco nos corações de todos os que Nos ouvirem. Não podemos, repetimos, permanecer indiferentes aos problemas da Igreja missionária; não podemos dormir tranquilos, sabendo que muitas almas permanecerão distantes de Deus simplesmente porque os missionários não contam com o auxílio material que até mesmo um pequeno sacrifício de nossa parte bastaria para proporcionar; não podemos nos alegrar com o maravilhoso progresso alcançado na vida econômica e social, sabendo que milhares de pessoas que sofrem, leprosos, desnutridos e famintos, predominantemente crianças inocentes, são condenadas à morte por falta dos recursos mais básicos, que são abundantes para outros.

Ouçá a voz do próprio redentor

O Concílio convocou todos os homens de boa vontade à cooperação missionária: pais, mães, jovens, crianças — comprometeu-os a todos com este dever, que advém da condição de cristãos e pelo qual um dia serão julgados. A nossa voz hoje repete esse apelo: não permaneçam insensíveis! Ofereçam as suas orações, a sua ajuda, a sua preocupação, demonstrando a vitalidade da sua fé.

É a própria voz de Cristo que nos lembra que tudo o que fizemos pelo menor dos nossos irmãos e irmãs, faremos a Ele. E, ao repetirmos isso, a nossa voz, como Seu humilde Vigário na Terra, se emociona ao pensar em tão grandes necessidades, mas também se alegra com a resposta que encontrará em tantos corações bons e generosos.

O próprio Senhor vos recompensará; a Santíssima Virgem, Mãe da Igreja e Rainha das Missões, intercederá por vós por todas as graças que desejardes. Que a Nossa Bênção Apostólica vos console e fortaleça, concedendo-a de todo o coração a todos, em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo.

MENSAGEM DO PAPA PAULO VI PARA O DIA MUNDIAL DAS MISSÕES DE 1967

Irmãos e filhos de todo o mundo!

O Dia Mundial das Missões retorna este ano, marcado para domingo, 22 de outubro. Queremos que a nossa voz seja a mais forte a anunciá-lo, porque o nosso ministério apostólico nos obriga, mais do que a qualquer outra pessoa, a evangelizar o mundo; é precisamente disso que se trata o Dia das Missões.

Iniciativas generosas "com grande consciência e grande fervor "

Anunciamos este dia primeiramente a vós, nossos irmãos no ofício episcopal; sobre os quais, acima de todos os outros e por mandato divino, recai, juntamente connosco, o dever perpétuo de difundir a mensagem cristã da salvação por todo o mundo. A vós, sacerdotes, a vós, religiosos e religiosas, a vós, todos os fiéis da Igreja de Deus, que são igualmente instruídos na obrigação e a quem é oferecida a honra, em virtude de pertencerdes como membros vivos do Corpo Místico de Cristo, de cooperar positiva e pessoalmente na propagação do Reino de Deus na terra. E a vós, missionários, anunciamos este dia, porque este dia é para vós, para vós, trabalhadores qualificados do Evangelho, dedicados à sua expansão inicial entre os povos ainda não cristãos, que precisam sentir por trás de vós a solidariedade de toda a Igreja, pela cuja expansão na terra dedicais as vossas vidas na vanguarda, pregando, trabalhando e sofrendo com Cristo.

Desejamos que o Domingo das Missões seja celebrado em todos os lugares: em todas as dioceses, em todas as paróquias, em todas as comunidades religiosas, em todas as associações católicas e também em todas as comunidades cristãs nascentes nos territórios de missão. E gostaríamos que fosse celebrado com grande consciência e fervor.

O que são as Missões, o que elas exigem de nós e porquê, já é bem conhecido. A ideia missionária penetrou o povo cristão; o destino das Missões é hoje uma questão de interesse universal; e a doutrina teológica e prática sobre as Missões foi tão extensa e fundamentada pelo Decreto do Concílio Ecuménico Vaticano II sobre a Atividade Missionária da Igreja, que todos hoje conhecem a natureza e a importância da questão missionária. Mas precisamente por causa desse aspecto primordial e universal da própria questão, nunca é em vão refletir sobre ela; aliás, nunca é permitido desviar nossos pensamentos dela. Por essa razão, celebramos este Dia todos os anos.

Bastam duas considerações para este ano: uma sobre a convicção da necessidade do apostolado missionário; a outra sobre a generosidade que deve alimentar a atividade missionária.

O plano de Deus para o destino da humanidade

Diremos, portanto, em primeiro lugar, que o apostolado missionário deriva de uma grande incumbência ideal; nada mais é do que a manifestação de uma ideia motriz, isto é, de um daqueles pensamentos que constituem a essência, o princípio, a exigência intrínseca da concepção cristã da vida, da história e do mundo; e essa ideia motriz é a descoberta do plano de Deus para o destino da humanidade. Relendo o referido decreto conciliar sobre a atividade missionária, percebe-se a frequência com que esse conceito fundamental do plano de Deus reaparece. A ideia missionária interpreta a ideia de Deus. É, portanto, uma ideia divina, uma ideia misteriosa e imensa, uma ideia estupenda e amorosa, uma ideia necessária e urgente. É uma ideia de fé pela fé. "A razão desta atividade missionária deriva da vontade de Deus", diz o Concílio (*Ad gentes*, n. 7), que "deseja que todos os homens sejam salvos e cheguem ao conhecimento

da verdade. Pois há um só Deus e um só mediador entre Deus e os homens, o homem Jesus Cristo, que se deu a si mesmo em resgate por todos, e não há salvação em nenhum outro. É necessário, portanto, que todos, depois de o terem conhecido pela pregação da Igreja, se convertam a ele e sejam incorporados a ele e à Igreja, seu Corpo, pelo batismo.”

Uma cadeia de necessidades (de naturezas diferentes, mas convergindo para o mesmo objetivo) sustenta a atividade missionária. Deus, o Ser, a Vida, é necessário. Cristo, o Salvador, é necessário. A Igreja, a arca da salvação, é necessária. O Batismo, o sacramento do renascimento, é necessário. A fé, para ter acesso ao sacramento e a Cristo, é necessária. Para alcançar a fé, o missionário é necessário.

E esta série de necessidades governa os destinos dos homens. Ela traça o pensamento divino sobre a sua salvação. Não restringe a amplitude da misericórdia divina, que pode se espalhar de tantas maneiras diferentes e misteriosas e alcançar, muito além do plano histórico e constituído do cristianismo, salvar aqueles que “se sentam na sombra da morte”, que está fora da luz do Evangelho. Não restringe o coração de Deus, mas determina a sua vontade para nós: “Sem fé é impossível agradar a Deus” (*Hb* 11,6). Portanto, é direito e dever da Igreja, segundo a fé que tem em Cristo, segundo o amor que lhe dedica, difundir o Evangelho da salvação, “para que a atividade missionária conserve plenamente, hoje como sempre, a sua validade e a sua necessidade” (*Ad gentes* , *ibid.*).

É bom recordar isto para fortalecer a nossa convicção quanto à excelência e urgência da atividade missionária. Não devemos pensar que a ideia missionária tenha perdido a sua importância devido às várias e novas dificuldades que encontra. Não estará a verdadeira tarefa das Missões já esgotada, quando a proclamação do Evangelho tiver alcançado os confins da terra? E não é hoje mais difícil do que ontem realizar a pregação religiosa em nações que já não são primitivas e que, tornando-se conscientes de si mesmas, zelosas da sua própria cultura? Não devemos então crer que Deus também deve salvar aqueles que, de boa fé, professam uma religião diferente da católica? Finalmente, não deverá o diálogo que a Igreja hoje procura estabelecer com todas as formas de civilização refrear o seu proselitismo e obrigá-la a respeitar a liberdade religiosa dos outros?

Fé em Cristo: o único e necessário plano de salvação

Essas são dificuldades reais e sérias. Mas elas não podem e não devem enfraquecer o zelo missionário, porque o plano de salvação concebido por Deus é sempre o único e necessário plano da fé em Cristo; e porque a vasta maioria da humanidade ainda está privada da mensagem regeneradora e salvadora do Evangelho. Essas dificuldades deveriam estimular, e não enfraquecer, o zelo missionário. Soluções adequadas para esses problemas devem ser exploradas; métodos e formas devem ser modificados para uma evangelização moderna; o esforço missionário deve ser intensificado onde ainda encontra caminhos abertos, e não se deve desistir de superar os obstáculos onde os caminhos estão bloqueados. Mas devemos continuar.

Digamos, então, em segundo lugar, que a atividade missionária de hoje exige uma nova generosidade. As missões prosperam graças à generosidade da Igreja; aliás, são uma expressão do potencial de generosidade da Igreja. Generosidade: entendemos caridade. Aprouve a sabedoria e a bondade de Deus salvar a humanidade em Cristo, nosso único Redentor, mas não sem o ministério dos homens. O amor de Deus, para alcançar a todos, requer o amor dos homens que se dedicam à salvação de seus irmãos e irmãs. Este é o desígnio do cristianismo; encontra sua manifestação específica no apostolado hierárquico e sua expressão típica no apostolado missionário, que dele deriva. O Espírito Santo, a Caridade do Pai e do Filho, infunde neste sistema de salvação; suscita apóstolos, infunde inspiração, gera heróis, faz com que as pessoas se apaixonem pelo sacrifício, fortalece aqueles que se entregam à sua vocação, recompensa com

íntima consolação aqueles que se sentem fracos, solitários, incompreendidos, odiados no caminho missionário. Esta é a gênese da Igreja, esta é a sua história. É assim que ainda hoje, e hoje mais do que nunca, a Igreja deseja viver: pela urgência da caridade. " *Caritas enim Christi urget nos* " (2 Cor 5,14).

«Estendemos a nossa mão para as missões»

Portanto, irmãos e filhos desta nossa cansada e amada Igreja Católica, devemos celebrar o Dia Missionário pensando neste caráter preciso e nesta necessidade interior do acto missionário: ele se desdobra ao longo da trajetória da caridade de Cristo, prolonga-a, difunde-a; é uma dádiva, uma grande dádiva, uma dádiva gratuita, uma dádiva insensata (como a do Crucificado); é um sacrifício; é, como já dissemos, generosidade. Devemos pensar as Missões desta maneira. Não permaneçamos indiferentes, inertes, distantes, egoístas; mas sejamos generosos. A generosidade se expressa de duas formas: oferece-se de si mesmo: eis as vocações missionárias; oferece-se das próprias riquezas: eis a coleta de ofertas para a causa missionária: "Cada um dê conforme determinou em seu coração, não com pesar ou por obrigação, pois Deus ama quem dá com alegria" (2 Cor 9,7). E lembrando-nos destas palavras do Apóstolo Paulo, o apóstolo missionário por excelência, não vos surpreendais se também Nós, pelas Missões, vos estendermos a mão. Poderíamos fazer-vos um longo discurso sobre as necessidades das Missões, especialmente as necessidades das nossas Obras Missionárias Pontifícias , responsáveis pelo "cuidado de todas as Igrejas" (2 Cor 11,28) no processo de evangelização. Mas vós conheceis essas necessidades; assim como Nós conhecemos os vossos corações.

E com esta certeza do vosso amor por Cristo, pela Igreja, pelas Missões, invocando sobre vós todo o bem, sob a proteção de Maria Santíssima, Rainha dos Apóstolos, com espírito fraterno e paternal, nós vos abençoamos a todos.

MENSAGEM DO PAPA PAULO VI PARA O DIA MUNDIAL DAS MISSÕES DE 1968

*Aos nossos irmãos no sacerdócio de Cristo
Aos nossos filhos da Santa Igreja Católica!*

Chegou a hora das missões.

Há algum tempo, o "Dia da Missão" é comemorado anualmente em todo o mundo católico; este ano, ele cai em 20 de outubro.

Pretende-se que seja uma oportunidade para reacender nos corações de cada fiel a consciência da vocação missionária própria de toda a Igreja; ela foi fundada para ser missionária. A Igreja de Cristo chama-se Católica: isto é, universal. Ela é chamada a tornar-se, na história, no seio da humanidade, aquilo que por direito é, aquilo que deve ser: o testemunho de Cristo para todos, o meio de salvação para todos, a sociedade mística e humana aberta a todos. Não para dominar, não para substituir, não para suplantar a Cidade terrena; mas para penetrar as mentes com a sua luz da verdade, com o seu fermento da liberdade, com o seu estímulo para trabalhar em justiça e fraternidade; para dar ao mundo a sua unidade religiosa, na harmonia das suas naturais e respeitáveis diferenciações étnicas, culturais e políticas. Ela é Católica por instituição; deve ser Católica na realidade. Este plano divino que a Igreja carrega em si, de facto, em seu íntimo, despertou nos últimos tempos; a Igreja tem-se tornado cada vez mais consciente dele. À medida que os caminhos do mundo abriram novas vias de comunicação entre os povos, a Igreja sentiu em si a "urgência da caridade" de segui-las; aliás, muitas vezes, de antecipá-las; sentiu-se, por sua própria natureza, missionária. O clamor de São Paulo: "Ai de mim se eu não anunciar o Evangelho!" (1 Cor 9,16) ressoou no coração da Igreja e despertou nela, com a memória, o ímpeto de sua vocação original. A história das Missões dos últimos séculos demonstra isso como uma era repleta de riscos, aventuras, heroísmo e martírio. A empreitada missionária, por assim dizer, explodiu, desafiando dificuldades sobre-humanas, empregando meios rudimentares e homens imbuídos de coragem e amor. A fé tornou-se o que deveria ser: dinâmica, irreprimível, até mesmo audaciosa. A alegria de difundir o Evangelho recompensou cada esforço, cada sacrifício. Em seguida, veio o Concílio, para esclarecer os princípios teológicos de tal fenómeno e para exortar o Povo de Deus a redescobrir sua obrigação inata de expandir, e para dar critérios, normas e exortações para continuar com maior vigor e melhor sistema a grande obra da evangelização dos povos, na qual a Igreja ainda não lançou raízes profundas e vitalidade autónoma.

Irmãos e filhos! Esta imagem, que retrata um aspecto maravilhoso e, por certos sinais, milagroso da vida atual de nossa santa Igreja, merece ser observada e meditada com todo o nosso interesse. Quem se mostra distraído ou indiferente diante desta epifania da santa Igreja deve duvidar de sua própria fidelidade a Cristo e ao seu batismo. As Missões são nossas, de cada um de nós, de cada comunidade de fiéis: distantes no espaço, devem estar próximas no coração. Se compreendermos o valor moral que elas representam para a solidariedade da fé e da caridade, o "Dia das Missões" deve ser um momento de atenção concentrada e ativa para cada um de nós. É por isso que dirigimos esta mensagem a vocês.

Gostaríamos de falar com vocês sobre as dificuldades que as Missões estão enfrentando hoje, devido ao próprio desenvolvimento do mundo, e sobre os novos métodos que terão de usar para manter as posições que alcançaram e, se Deus quiser, promover o seu crescimento.

Mas parece-nos um dever apresentar-vos agora outro aspecto da questão missionária, aquele já bem conhecido, mas sempre presente e recorrente, o dos “meios”. As Missões ainda, e mais do que nunca, necessitam de meios: vocações e ofertas. Falamos agora de ofertas. Faríamos isso com timidez instintiva e quase com constrangimento, se a necessidade não nos impusesse e se o Concílio não nos advertisse para não nos envergonharmos de estender humildemente a mão e tornarmo-nos quase mendigos por Cristo e pela salvação das almas (cf. *Ad gentes* , n. 39).

As necessidades dos territórios missionários são imensas, não importa o ponto de vista. São necessárias escolas, hospitais, igrejas, oratórios, leprosários, seminários, centros de treinamento e descanso, além de inúmeras viagens. O aspecto mais exigente não é apenas a construção dos edifícios, mas também sua operação, que requer enormes despesas anuais para a manutenção das instalações, o sustento da equipe e o sistema de assistência social.

Os países de missão têm pouco a oferecer para esse fim: geralmente são regiões em desenvolvimento, às vezes extremamente pobres. Tudo recai sobre a administração da Diocese, cuja receita é mínima: os benfeitores são poucos e raros. Essa caridade é frequentemente incerta, fortuita, confiada à boa vontade e aos recursos de doadores ocasionais.

Agora, irmãos e filhos, ouçam-nos. Devemos interceder especialmente pela causa das Obras Missionárias Pontifícias. Não é um interesse particular nessas instituições que nos leva a preferi-las a outras iniciativas, por mais dignas que sejam, em prol da vossa caridade; é a indispensável ordenação da eficiência missionária e a distribuição equitativa da ajuda destinada à evangelização do mundo que nos impõem essa preferência. Além disso, o Concílio afirma: «as Obras Missionárias Pontifícias devem ser especialmente promovidas» (*Ad Gentes* , 38).

As Obras Missionárias Pontifícias para a Propagação da Fé, de São Pedro Apóstolo e da Sagrada Infância têm como objetivo despertar o interesse do Povo de Deus na fundação da Igreja entre os povos e grupos que ainda não creem em Cristo, por meio da prestação de auxílio espiritual e material.

Este sistema de cooperação na atividade missionária da Igreja abrange todos os seus membros, desde o Papa que agora lhes fala até o último dos fiéis.

A única garantia segura que bispos, missionários e padres locais podem ter é a assistência das Obras Missionárias Pontifícias, que anualmente dividem os fundos arrecadados em todo o mundo entre os mais de oitocentos distritos missionários.

Trata-se de uma divisão difícil, meticulosa e delicada, cuidadosamente elaborada por escritórios e órgãos colegiados, mas necessária devido ao seu valor prático e sábio para o sustento diário dos missionários. Sob essa perspectiva, as Sociedades prestam um serviço valioso: garantem uma distribuição equitativa das ofertas e impedem que algumas dioceses missionárias recebam auxílio preferencial enquanto outras são negligenciadas.

Os bispos missionários não teriam assistência anual para manter suas dioceses e realizar seus projetos sem a Pontifícia Sociedade para a Propagação da Fé; seria impossível continuar a formação do clero local sem o auxílio distribuído pela Pontifícia Sociedade de São Pedro Apóstolo, e seria impossível cuidar de tantas crianças, especialmente as abandonadas e doentes, sem a Pontifícia Sociedade da Sagrada Infância.

Todo Bispo, todo Sacerdote, todo Fiel, mesmo que exerça alguma atividade de apostolado missionário, direta ou indiretamente em âmbito pessoal, deve também colaborar com as atividades gerais da Igreja: isto é, com as Obras Missionárias Pontifícias, que, embora pertençam ao Papa, pertencem a todo o Episcopado e a todo o Povo de Deus. Elas também se conformam aos novos métodos de planejamento geral que presidem o desenvolvimento das grandes empresas modernas. No Motu Proprio "*Ecclesiae Sanctae* " (n. 13, § 2), as Obras Missionárias

Pontifícias estão intimamente ligadas à Sagrada Congregação para a Evangelização dos Povos por meio de uma coordenação direta que as coloca em evidência e eficácia, para que possam ampliar, com rigorosa economia, seus serviços e estimular, com a participação ativa dos membros de Nossa amada Pontifícia União Missionária do Clero, o espírito missionário de todo o Povo de Deus.

Todos os bispos, como membros do corpo episcopal que sucede ao Colégio Apostólico, estão profundamente interessados no seu crescimento. De facto, nas Conferências Episcopais devem, entre outras coisas, discutir "a contribuição financeira específica que cada diocese, proporcionalmente aos seus rendimentos, deve pagar *anualmente para o trabalho missionário*" (*Ad Gentes* , n. 38, S. 5).

Além disso, a ajuda dada às Obras Missionárias Pontifícias introduz o doador a uma escola de ensino caritativo com as grandes visões próprias do Catolicismo, que não restringem o seu olhar à necessidade particular e conhecida, para a qual a satisfação da doação feita já pode ser uma recompensa parcial para o benfeitor (cf. *Mt* 5,46-47), mas o alargam a vastas extensões, a inúmeras necessidades esquecidas, a trabalhadores do Evangelho que não sabem pedir ajuda e não saberiam a quem recorrer: estas são as visões principalmente dos imensos países da Ásia, África e Oceania, onde a Missão muitas vezes ainda se encontra na primeira e muito difícil fase da "*plantio Ecclesiae*".

Tampouco desejamos silenciar o fato de que a generosidade da Hierarquia e dos fiéis, prodigalizada desta forma em Nossas Missões, se enquadra no convite feito em Nossa Encíclica "*Populorum Progressio*", pois é oferecida com pleno conhecimento dos fatos, com sabedoria voltada à elevação sistemática das populações assistidas pelas Missões e com aquela relativa continuidade que permite à pequena semente crescer e se tornar uma árvore forte e frondosa. Assim, contribui verdadeiramente para o desenvolvimento dos povos, que deve conduzi-los da incipiente vitalidade civil e moral à autossuficiência digna de nações livres e modernas.

Irmãos e filhos! Que este nosso discurso não vos seja enfadonho; que seja antes um eco das nossas ansiedades pela propagação do Evangelho; um eco da nossa gratidão pelo que já fazeis em benefício das Missões; um eco do nosso encorajamento para que continueis a fazer e a fazer mais; um eco, sobretudo, da solene palavra de Cristo: «Deem, e dar-se-vos-á; boa medida, recalcada, sacudida e transbordante, vos darão...» (*Lucas* 6:38).

Não somos Nós que podemos recompensá-los; mas Cristo pode; e é isso que esperamos ao enviar Nossa Bênção Apostólica a todos os benfeitores, apoiadores e protagonistas das Missões.

Do Vaticano, 2 de Junho de 1968.
Festa de Pentecostes.

MENSAGEM DO PAPA PAULO VI PARA O DIA MUNDIAL DAS MISSÕES DE 1969

Nossa palavra hoje é esta: esforcemo-nos para tornar a ideia missionária clara e forte dentro de nós e ao nosso redor. Devemos atentar para a nova importância que essa ideia assumiu para o Povo de Deus após o Concílio. É uma ideia que permeia todos os fiéis, toda a Igreja. Faz parte da definição do cristão: "A todo discípulo de Cristo", diz o Concílio, "deve, na medida de suas capacidades, difundir a fé". E ainda: "Todos os filhos da Igreja devem ter uma viva consciência de sua responsabilidade para com o mundo, devem cultivar em si mesmos um espírito verdadeiramente católico, devem dedicar suas energias à obra da evangelização". É uma vocação para todos, é um dever de toda a Igreja: se é católica, deve ser, por sua própria natureza, missionária. Sempre soubemos disso; desde a sua época, Santo Agostinho o ensinava: "Se queres amar a Cristo, a tua caridade deve abraçar o mundo inteiro". Mas o Concílio destacou esse dinamismo constitucional da Igreja.

Todos estamos sob essa pressão, essa urgência da caridade de Cristo, tanto como comunidade de fiéis quanto individualmente: nenhuma categoria de cristãos pode escapar dessa vocação apostólica; ela alcança até mesmo aqueles que se recolhem à contemplação; ela envolve os leigos: "O Senhor, de fato", continua o Concílio, "deseja estender o seu Reino também por meio dos fiéis leigos". Esta é a novidade na consciência da Igreja: a necessidade premente e universal do apostolado.

O que implica este chamamento? Precisamente, exige que todos coordenemos os nossos esforços para difundir a mensagem de Cristo por parte da Igreja. Repitamos: a indiferença, a apatia e o egocentrismo espiritual são inaceitáveis hoje, como se a causa do Evangelho dissesse respeito apenas à Hierarquia e às organizações especificamente dedicadas ao apostolado e à evangelização missionária. Todo cristão, desejando ser coerente com a sua vocação para a fé e com a profissão que ela implica, deve abrir a sua alma ao vento de Pentecostes; o sopro profético do Espírito Santo deve permear cada filho e filha de Deus, renascido na vida da graça. Portanto, devemos acender em toda a comunidade católica a convicção da necessidade de difundir a fé; devemos reacender em cada membro da Igreja o fervor do apostolado e o zelo pela missão.

Apostolado e Missão

Mas hoje, a relação etimológica e essencial entre os termos "*apostolado*" e "*missão*" leva frequentemente à aplicação da palavra "missão" a qualquer forma genérica de atividade apostólica. Usamos agora a palavra "missão" em seu sentido específico e técnico de atividade internacional concebida e organizada na prática para evangelizar povos ainda não cristãos, por meio do trabalho de indivíduos dedicados, escolhidos, treinados e enviados com autoridade, isto é, qualificados como "missionários", que, seguindo o caminho dos Apóstolos, pregam a palavra da verdade e geram novas Igrejas. Ou seja, estamos falando agora de missões em seu sentido próprio. A atenção dos fiéis deve estar concentrada no ideal missionário propriamente dito; na natureza, nos objetivos, nas pessoas e nas instituições das missões, conforme configurados no Decreto conciliar *Ad Gentes*; na atividade missionária da Igreja. Falamos especialmente das "Obras Missionárias", que são encabeçadas pela Santa Sé, como aquelas que nos incumbem de nossa principal responsabilidade pastoral; que têm diante de si todo o panorama do mundo para evangelizar; que estão conectados à rede espalhada por toda a Igreja em favor de todas as missões católicas; que são sensíveis às necessidades missionárias em todo o mundo e que são

administrados com um método colegial e com um critério equitativo de justiça distributiva e caridade, vigilantes a cada emergência e a cada oportunidade de socorro.

E esta organização oficial e central da Igreja já responde a uma dificuldade, difundida em certos setores da mentalidade moderna, e que ameaça estagnar a atividade missionária. Trata-se da dificuldade relacionada à proclamação conciliar da liberdade religiosa, quase como se fomentasse um irenismo agnóstico e autorizasse a indiferença à verdade religiosa e ao imperativo apostólico, ao qual está ligado o plano de salvação: isto é, o esforço missionário deixaria de ser necessário. A existência de organizações pontifícias, expressamente designadas para promover e apoiar tais esforços, diz ainda hoje o contrário, visto que a liberdade religiosa, patrocinada pelo Concílio, visa assegurar a independência da religião da interferência incompetente de qualquer poder profano ou externo, e também de qualquer exclusividade social ou política abusiva no campo religioso. Ela não enfraquece o dever apostólico, mas constitui a condição civil para o exercício da atividade missionária, enquanto esta mesma atividade nos obriga a respeitar as consciências na proclamação da única mensagem verdadeira de salvação que deriva da religião.

Novas ideias

Esta é uma visão substancialmente antiga na verdadeira tradição da Igreja, mas que o Concílio renovou e esclareceu. E isto, caros irmãos e filhos, nos faz pensar na necessidade de renovarmos nossa consciência missionária em muitos outros pontos, *com as novas ideias* que o momento presente nos oferece para reflexão. Há muitas delas, como a do progresso da solidariedade humana, que multiplica as relações entre os povos com o desenvolvimento da civilização e obriga os cidadãos e governos dos países mais ricos a prestarem auxílio espontâneo e desinteressado aos países em desenvolvimento. Falamos disso em nossa Encíclica *Populorum Progressio*. Ora, a atividade missionária também tem prioridade amorosa neste plano de solidariedade humana e cristã.

Da mesma forma, a atitude do missionário em relação aos países a serem evangelizados evoluiu consideravelmente: ele já não vê a diversidade cultural como um obstáculo irreduzível à sua pregação, mas descobre valores indígenas dignos de respeito e admiração, dignos de serem compreendidos, favorecidos e acolhidos, e assim “purificados, fortalecidos e elevados”. O missionário, portanto, não é um estrangeiro que impõe sua civilização com sua fé, mas um amigo, um irmão, que se assimila aos costumes honestos do meio para infundi-lo com o fermento vivificante do Evangelho. Essa atitude missionária, “pluralista” em relação às expressões do gênio humano e sempre “unitária” em relação à unidade da fé e da Igreja, tem sido uma norma constante da evangelização desde o início, como observou Pio XII na Encíclica *Evangelii praecones*, e se faz sentir particularmente em nosso tempo.

Lógica da caridade

Não desejamos “explorar”, caros irmãos e filhos, estas grandes ideias com a recomendação habitual que conclui nossa discussão sobre as missões: as necessidades das próprias missões e o dever e a honra de auxiliá-las generosamente. Mas é assim; não por qualquer propósito utilitário, mas pela necessidade funcional do plano divino de evangelização, por uma lógica de caridade: esta causa das missões precisa de vocês; precisa da sua oferta: de amor, de oração, de oferta. Quem negaria isso, quando é a causa de Cristo que desdobra seu caminho misterioso até os confins da terra, dirige seus passos na história presente e futura do mundo, eleva os destinos dos povos, se identifica com cada homem abandonado sem Ele, reunindo assim a sua Igreja e conduzindo-a, Pastor e Salvador, ao encontro final da bem-aventurada e eterna revelação?

25 de Maio de 1969. Festa de Pentecostes.

MENSAGEM DO PAPA PAULO VI PARA O DIA MUNDIAL DAS MISSÕES DE 1970

"Evangelificação e Desenvolvimento dos Povos"

A todos os Nossos Irmãos em Cristo dirigimos, também este ano, a Nossa palavra, por ocasião do Dia das Missões. Não podemos deixar de o fazer, embora não haja nada de novo para vos comunicar, porque a causa missionária é tão vital para a Igreja e tão importante para o mundo, que Nos obriga a intervir, nesta circunstância, com toda a força da Nossa voz.

O Dia das Missões tornou-se, na vida da Igreja, um acontecimento digno de grande relevo. A causa missionária constitui o objecto primário e directo do Nosso ministério apostólico. É o mandato do Senhor que Nos obriga a sentir, nesta ocasião, a gravidade e a grandeza do Nosso múnus de pregador do Evangelho, não só dentro da Igreja, mas também para além das suas fronteiras comunitárias e geográficas. E, por Nosso lado, não podemos perder a oportunidade de fazer sentir esta vocação missionária da própria Igreja aos Nossos Irmãos no Episcopado, ao Clero, aos Religiosos, às Religiosas e a todos os Fiéis.

Depois do Concílio, o dever de trabalhar pela difusão da Fé impõe-se a todos, cada vez com mais urgência, embora de modos diversos e em graus diferentes, porque nos foi ensinado, com profunda penetração teológica, que «a Igreja peregrina é por sua natureza missionária» (*Ad Gentes*, n. 2); é sinal e instrumento da intenção salvífica de Deus, extensiva a toda a humanidade (cfr. *Lumen Gentium*, n. 9); e quem quiser viver a vida da Igreja deve advertir a urgência interior deste seu dinamismo ontológico (cfr. *Ad Gentes*, 1, 2, 6), deste seu impulso inato de efusão e desta sua intrínseca responsabilidade de pregar a Fé a todos os homens (cfr. *Ad Gentes*, 28).

Esta é a missão da Igreja como tal. Mas agora o Nosso pensamento volta-se para as instituições particulares, nas quais se concretiza, segundo o sentido específico tradicional, o esforço para alargar a área humana da pregação do Evangelho na terra, e a que damos o nome benemérito de Missões católicas (cfr. *Ad Gentes*, n. 6).

Queremos reconfirmar-lhes o mandato apostólico que as qualifica e as reveste da virtude do Espírito Santo para a realização do seu incomparável trabalho. Queremos, igualmente, que todos os que consagraram a própria vida às Missões, rezam, trabalham e sofrem por elas, saibam que gozam, por título especial, da Nossa estima e do Nosso reconhecimento.

Qual é a razão desta preferência? É que, ao dever e à necessidade de difundir a Palavra da salvação, juntam-se hoje circunstâncias particulares, que Nos parecem ser «sinais dos tempos» em ordem a um renovado florescimento vigoroso da actividade missionária. Vêm-Nos aos lábios as palavras que Jesus disse aos seus discípulos: «...Eu digo-vos: erguei os olhos e vede: os campos estão brancos para a ceifa » (Jo 4, 35). Há circunstâncias que facilitam as comunicações entre os homens: a terra está aberta e explorada, os transportes são mais rápidos e difundidos em toda a parte, o comércio, a cultura e as relações internacionais tendem ao estabelecimento de contactos entre as diferentes civilizações e têm em vista a unificação do mundo. Mas, a que nível? Ao nível prático, ao nível civil. Mas, não vemos, por acaso, que este mesmo processo de aproximação dos homens entre si denuncia deficiências, que podem converter-se em ameaças de novos e mais graves conflitos, e não parece, além disso, que esperamos com ansiedade aquela afirmação de princípios, aquela efusão de energias espirituais e aquela solução das ideologias

discordantes, numa única e fraterna verdade superior, que só Cristo pode dar ao mundo, mesmo na ordem temporal ? (cfr. *Lumen Gentium*, n. 13).

Começou uma nova era para as Missões. Novas dificuldades e novas facilidades encontram-se nos caminhos dos que, em nome de Cristo, «anunciam boas-novas» (*Rom* 10, 15). Mas o actual estado de ânimo e de coisas oferece um campo imensamente mais vasto, mais convidativo, e sem dúvida mais difícil, aos sábios e magnânimos empreendimentos dos pioneiros do Evangelho. Desejamos repetir, hoje mais do que nunca, a frase arrebatadora de Cristo: « Vinde após mim e Eu farei de vós pescadores de homens » (*Mt* 4, 19). Não percamos tempo em críticas destruidoras; não deixemos passar este momento histórico, que Nos parece decisivo para a orientação futura da humanidade e que dá a possibilidade, aos jovens de talento e de coragem, de serem sujeitos e instrumentos de novos carismas exaltadores da fé e da caridade.

Isto significa que a actividade missionária deve ser concebida com perspectivas largas e modernas. Impõem-se novos planos, nos princípios teológicos, na propaganda, no recrutamento, na preparação, nos métodos, nas obras e na organização. Sabemos que está a ser feita uma revisão em vasta escala, por pessoas experimentadas e competentes, com a promoção e orientação do órgão missionário central da Igreja, a Nossa activa Congregação para a Evangelização dos Povos.

Nesta revisão da vocação missionária da Igreja, há um ponto que se evidencia entre os outros, pondo em confronto duas concepções diversas, relacionadas com a orientação geral da actividade missionária, que se definem e distinguem com dois nomes: evangelização e desenvolvimento. Por «evangelização» entende-se a acção propriamente religiosa, dedicada ao anúncio do Reino de Deus, do Evangelho, como revelação do desígnio salvífico em Cristo Senhor, mediante a acção do Espírito Santo, que encontra o seu veículo no ministério da Igreja, a sua finalidade na edificação da mesma, e o seu termo na glória de Deus. Esta é a doutrina tradicional reproposta autorizadamente pelo Concílio. Por «desenvolvimento» entende-se a promoção humana, civil e temporal daqueles Povos que, em contacto com a civilização moderna e com as ajudas que esta lhes pode dar, tomam nova consciência de si e se encaminham para níveis superiores de cultura e de prosperidade. O missionário deve interessar-se por esta promoção como por um dever imprescindível (cfr. *Ad Gentes*, n. 11).

A gravidade desta questão, que põe em confronto as suas concepções, deriva de dois perigos: o de as tornar exclusivas, uma em relação à outra; e o de estabelecer inexactamente as relações que devem existir entre elas.

Estamos convencido que este confronto não pode constituir um dilema que exclui a coordenação, a complementação e a síntese entre a evangelização e o desenvolvimento. Para nós, que temos fé, seria inconcebível uma actividade missionária que tivesse como finalidade única ou principal as realidades terrestres, perdendo de vista o seu fim essencial: levar a todos os homens a luz da fé, regenerá-los por meio do baptismo, associá-los ao Corpo Místico de Cristo, à Igreja, educá-los para a vida cristã e infundir-lhes a esperança da vida ultraterrena. Não é sequer admissível que a acção missionária da Igreja seja insensível às necessidades e às aspirações dos Povos em fase de desenvolvimento e que as suas finalidades religiosas prescindam dos deveres fundamentais da caridade humana. Não podemos esquecer a solene lição do Evangelho, sobre o amor ao próximo sofredor e necessitado (cfr. *Mt* 25, 31-46), repetida pela pregação dos Apóstolos (cfr. *Jo* 4, 20; *Tg* 2, 14-18) e confirmada por toda a tradição missionária da Igreja. Nós mesmo, na Nossa Encíclica *Populorum Progressio*, inculcámos o dever de favorecer resoluta e prudentemente o bem-estar económico, cultural, social e espiritual dos Povos, especialmente daqueles do chamado «Terceiro Mundo», onde a acção missionária encontra campo mais vasto para a sua actividade (cfr. *Ad Gentes*, n. 12).

Não deve haver um dilema. A questão diz respeito, principalmente, à prioridade dos fins e também à prioridade das intenções e dos deveres. É indiscutível que a actividade missionária tem por fim, antes de tudo, a evangelização, devendo manter esta prioridade, quer na concepção que a inspira, quer nos modos como é organizada e exercida. A actividade missionária perderia a sua razão de ser se procurasse afastar-se do eixo religioso que a sustenta: acima de tudo, o Reino de Deus, o Reino de Deus entendido no seu sentido vertical, teológico e religioso, que liberta o homem do pecado, propondo-lhe o amor como mandamento supremo e a vida eterna como destino último. Este eixo é, por outras palavras, o *Kerigma*, a Palavra de Cristo, o Evangelho, a fé, a graça, a oração, a cruz e os bons costumes cristãos. E devemos convencer-nos que a fidelidade a este programa fundamental da actividade missionária pode gerar grandes dificuldades, que, algumas vezes, impedem a sua realização e expansão: a nossa missão é *loucura e escândalo* (cfr. *1 Cor* 1, 18 ss.). Mas, ainda hoje, não menos do que no início da pregação cristã, é esta a sua força e a sua sabedoria. Praticamente, também hoje, o que na economia terrena constitui um obstáculo para a evangelização, ou seja, o seu carácter espiritual, pode tornar-se a sua libertação dos grilhões materiais da economia, da suspeita de colonialismo e da ineficiência do naturalismo, no diálogo com as diferentes civilizações.

A questão do dualismo entre a evangelização e o desenvolvimento baseia-se, principalmente, no método a usar. A evangelização deve preceder o desenvolvimento, ou vice-versa? A resposta não pode ser unívoca; deve ser ditada pela experiência, pela possibilidade, pelo empirismo vigilante e paciente, segundo o talento apostólico e as exigências das várias situações, sem nunca perder de vista a eficácia e a santidade da actividade missionária (cfr. *Ad Gentes*, n. 6). Podemos considerar três momentos. O desenvolvimento, considerado como emprego dos meios de ordem temporal, pode ter prioridade antes, durante e depois da evangelização, embora esta conserve a sua prioridade essencial e intencional. Fala-se de pré-evangelização, de aproximação aos futuros cristãos, por meio da caridade, da ajuda, do exemplo, da convivência e da presença. Fala-se também de serviço. Onde chega o Evangelho, chega igualmente a caridade. É um testemunho, dado juntamente com a evangelização, da sua validade humana. É o caso das escolas, dos hospitais, da assistência social e da educação profissional. A nova arte de viver bem constitui o prémio da evangelização.

Para terminar, queremos observar que, se a questão do dualismo entre evangelização e desenvolvimento se coloca no plano doutrinal, no confronto dos respectivos fins e na hierarquia das intenções com eles relacionadas, então encontra a sua solução na definição dada pelo Decreto conciliar sobre a actividade missionária: « O fim próprio desta actividade missionária é a evangelização e a implantação da Igreja » (*Ad Gentes*, n. 6; cfr. Encíclica *Fidei Donum*, em: A.A.S. 1957, 236).

Mas, no plano prático, aqueles que exercem o múnus missionário devem estar convencidos que a evangelização se realiza também por meio das actividades que têm por objectivo o desenvolvimento temporal e humano dos Povos evangelizados. Estas actividades podem fundir-se com as actividades próprias da evangelização, quando, elevadas ao nível da caridade, se apresentam como fim, e quando, apresentando-se como meio, podem, na sua execução, preceder e até realizar a obra da evangelização. Esta verdade, especialmente no caso dos leigos, adquire grande importância, porque eles são chamados a « buscar o Reino de Deus, ocupando-se das coisas temporais » (*Lumen Gentium*, n. 31), podendo e até devendo, « ainda quando se entregam às tarefas temporais... realizar uma acção preciosa para a evangelização do mundo » (*Ibid* n. 35)

Acontece, então, que também as actividades, que têm por objectivo o desenvolvimento, coordenadas com as actividades de evangelização, irradiam a luz de Cristo, a do conceito da dignidade humana, dos direitos do homem, da liberdade, da responsabilidade, do dever, do trabalho, da convivência social e do recto uso de todos os valores, mesmo temporais. Iluminam o

cenário humano, revelando a sua beleza, riqueza e bondade. Mas revelam também as suas insuficiências, injustiças e defeitos... que o homem novo, o cristão, está agora em condições de julgar e de remediar. Desta maneira, o desenvolvimento tira proveito desta realidade para o progresso, para a unidade, para a justiça e para a paz (cfr. Ad Gentes, n. 12 etc.).

Será ainda necessário proferir outras palavras para recomendar a causa da evangelização às vossas orações e à vossa generosidade ? Ao ser conhecida, ela faz imediatamente a apologia de si mesma. Mas, em nome de Cristo Nosso Senhor, confiamo-la à vossa inteligência humana e cristã, e também à vossa caridade.

E a todos vós, Missionários e Amigos das Missões, damos a Nossa Bênção Apostólica, tão vasta como os horizontes do mundo.

Vaticano, 5 de Junho de 1970.

MENSAGEM DO PAPA PAULO VI PARA O DIA MUNDIAL DAS MISSÕES DE 1971

A responsabilidade de todos os cristãos na pregação da Boa-Nova

Dilectos filhos, Irmãos em Cristo, queridos Missionários:

Com esta saudação o Papa dirige-vos a sua palavra, para reconhecer, com trepidante respeito, a dignidade apostólica que aprouve a Nosso Senhor Jesus Cristo conferir a cada um dos Seus discípulos, do maior ao mais pequeno.

Quando, no Dia Mundial das Missões, vos chegar esta Mensagem, compreendereis, certamente, que não provém só do Papa, como de uma pessoa isolada, que deve arcar sòzinha com todo o peso da responsabilidade missionária, a qual, desde o início, se manifestou como « dever que incumbe à Igreja » (*Ad Gentes*, 5). Com efeito, o mandato de Cristo « Ide pelo mundo inteiro e anunciai a Boa-Nova a toda a criatura » (*Mc* 16, 15) foi dado aos Apóstolos, e « herdado pela ordem dos Bispos, assistida pelos Presbíteros, em união com o Sucessor de Pedro » (*Ad Gentes*, 5).

Por conseguinte, neste Dia das Missões, dirigimo-nos a vós não só em nosso nome, mas também como porta-voz dos nossos irmãos no Episcopado do mundo inteiro, com os quais temos a alegria de estar unido pelos vínculos mais estreitos da caridade e por tuna feliz solidariedade colegial.

Os pastores do rebanho de Cristo, servos de todos os servos de Deus, desejam que vós compartilheis, hoje, com eles, este maravilhoso pensamento: que eles e vós sois os membros de uma Igreja missionária, de uma Igreja cuja razão de ser é dar a conhecer a toda a humanidade o Evangelho da salvação.

O Povo de Deus é um povo missionário.

Cristo poderia ter pedido ao Seu Pai, e teria obtido imediatamente, « mais de doze legiões de anjos » (*Mt* 26, 53), para anunciar ao mundo a redenção. Mas preferiu conferir, a nós, esta missão e este privilégio; a nós, os menores de todos os santos (cfr. *Ef* 3, 8), que somos verdadeiramente indignos de ser chamados apóstolos (cfr. *1 Cor* 15, 9).

Para anunciar a Boa-Nova à humanidade, Ele quis servir-Se unicamente da nossa voz. A nós, de facto, foi dada esta graça de « anunciar aos gentios a insondável riqueza de Cristo » (*Ef* 3, 8).

Devemos, pois, anunciar o Evangelho, neste extraordinário período da história humana, época realmente sem precedentes, na qual, aos vértices do progresso, nunca dantes atingidos, se associam abismos de perplexidade e desespero, também eles sem precedentes. Se houve algum tempo em que os cristãos, mais do que nunca, foram chamados a ser a luz que ilumina o mundo, cidade situada num monte, sal que dá sabor à vida dos homens (cfr. *Mt* 5, 13-14), esse tempo é justamente o nosso. De facto, possuímos o antídoto contra o pessimismo, os presságios obscuros, o desânimo e o medo, que atormentam o nosso tempo.

Nós possuímos a Boa-Nova!

E, cada um de nós, justamente por ser cristão, deve sentir-se levado a difundir esta Boa-Nova até aos confins do mundo. « Não podemos deixar de afirmar publicamente o que vimos e ouvimos » (*Act* 4, 20).

Nenhum cristão — seja Papa, Bispo, sacerdote, religioso ou leigo — pode renunciar à sua responsabilidade, no que diz respeito a este dever essencial de cristão. Certamente recordar-vos-eis da insistência com que o recente Concílio Ecuménico inculcou este ponto: a qualquer discípulo de Cristo incumbe, segundo a sua condição, o dever de propagar a fé (cfr. *Ad Gentes*, 23). « Todos os filhos da Igreja tenham uma consciência clara das suas responsabilidades perante o mundo... e consagrem as suas forças à obra da evangelização » (*Ad Gentes*, 36).

Sobre este ponto é necessário ter ideias muito claras: Cristo deu aos seus Apóstolos uma ordem tão concreta e explícita, que exclui qualquer possibilidade de incerteza, acerca da sua vontade. Eles devem ir por todo o mundo (sem excluir nenhum lugar) e anunciar a Boa-Nova a todos os homens (sem excepção de raça ou de tempo).

A Boa-Nova é esta: Deus ama-nos; Ele fez-Se homem para compartilhar a nossa vida e para que pudéssemos participar da Sua. Ele caminha connosco — cada passo da nossa estrada — fazendo Suas as nossas preocupações, porque tem cuidado de nós (cfr. *1 Ped* 5, 7). Portanto, os homens não estão sós; Deus está presente em toda a sua história, na dos povos e na de cada indivíduo; e conduzir-nos-á — se lho permitirmos — a uma felicidade eterna, superior a todas as esperanças humanas.

Ouvireis, certamente, pessoas bem intencionadas repetirem esta objecção: que sentido tem anunciar aos famintos, aos necessitados, às vítimas de opressões e de injustiças, uma felicidade futura? Isto não é contra a caridade? Não é, até, uma ofensa? Não seria, talvez, melhor que os Cristãos os ajudassem a atingir um nível de vida « humano », em vez de lhes falar de uma vida celeste que ainda deve vir?

Cristo, porém, que também foi consagrado « para anunciar a Boa-Nova aos pobres ... e para libertar os oprimidos (cfr. *Lc* 4, 18), não quer que excluamos os pobres e os abandonados — e até, enquanto for possível, todos os homens de qualquer raça, cor, tribo ou condição humana — da alegria de ouvir a Boa-Nova do Evangelho.

Fiéis ao seu espírito, os nossos missionários nunca pensaram em separar o amor a Deus do amor aos homens, e, muito menos, em opor o primeiro ao segundo. Enquanto edificam o Reino de Deus, trabalham também para melhorar as condições dos homens na terra. Aliás, deve-se afirmar com segurança que a suave mensagem do Evangelho, na experiência da Igreja, nunca foi considerada, pelos pobres e pelos oprimidos, como um insulto.

Sem pretender intervir, propondo «modelos pré-fabricados» (*Octogésima Adveniens*, 42) de civilização, os mensageiros da Boa-Nova levam a todos os povos (com a fidelidade devida ao património do ensinamento de Cristo e o devido respeito pelas várias culturas) o que eles crêem ser « a única, a verdadeira, a mais elevada interpretação da vida humana no tempo, e para além do tempo: a interpretação cristã » (*Discurso ao Parlamento do Uganda*, 1 de Agosto de 1969; AAS 61, p. 582). Efectivamente, eles crêem que « Cristo, morto e ressuscitado por todos, oferece à humanidade, pelo seu Espírito, luz e força que lhes permitem corresponder à sua altíssima vocação » (*Gaudium et Spes*, 10). A Evangelização, correspondendo às mais nobres aspirações do homem, torna-se, por conseguinte, um fermento de desenvolvimento.

Vemos, deste modo, a necessidade perene de anunciar o Evangelho, a fim de indicar aos homens quais são as razões supremas que eles têm para se empenhar, cada vez mais, no desenvolvimento: « o reconhecimento, pelo homem, dos valores supremos, e de Deus, que é a origem e o termo deles... a fé, dom de Deus acolhido pela boa-vontade do homem, e a unidade na caridade de Cristo, que nos chama a todos a participar, como filhos, na vida do Deus vivo. Pai de todos os homens » (*Populorum Progressio*, 21).

O mundo sente hoje, talvez mais do que nunca, uma grande necessidade dos valores espirituais, estamos convencido disto, e nunca esteve tão disposto a acolher o seu anúncio, como agora. Com efeito, também as nações mais ricas do mundo começam a descobrir, por si próprias, que a felicidade não consiste na posse de muitos bens; e estão a aprender, por meio de uma experiência amarga, « a experiência do vazio », como são verdadeiras as palavras do Senhor: « Nem só de pão vive o homem, mas de toda a palavra que sai da boca de Deus » (Mt 4, 4).

Devemos dizer aos homens, e repetir-lhes constantemente, que « a chave, o centro e o fim de toda a história humana se encontram no seu Senhor e Mestre » (*Gaudium et Spes*, 10). Devemos dizer-lhes que isto é verdade, não só para os fiéis, mas também para todos os homens, pelos quais Cristo morreu, e cuja vocação última é corresponder ao plano de Cristo de reunir em si todas as coisas que há no Céu e na Terra (cfr. Ef 1, 10). Devemos convidar todos os homens a unirem-se ao Povo de Deus, à sua Igreja, esta sociedade de esperança, em contínua expansão, capaz de olhar, confiante, para o futuro, sem fechar os olhos ao presente. Ela crê que o presente tem sentido e valor, justamente porque está em relação com o futuro, e, por isso, pode empenhar-se, no presente, com muito mais energia e convicção.

Não nos envergonhamos do Evangelho (cfr. Rom 1, 16). Tanto o Papa como os vossos Bispos não se envergonham de mendigar os meios para difundir o Evangelho. Portanto, não vos deveis admirar nem ofender se, no Dia Mundial das Missões, os virdes, com a mão estendida, a pedir a vossa esmola por amor de Deus e do próximo.

Não pediu o próprio Cristo, muitas vezes, a todos os que d'Ele se aproximavam, os meios para poder praticar o bem? Não deu de comer à multidão, com os poucos pães que Lhe dera um jovem? Não pediu emprestada a barca aos pescadores, para poder anunciar a palavra de vida ao povo? Não aceitou, de boa-vontade, a assistência dispensada, a Ele e aos discípulos, pelas mulheres que lhes proviam os seus próprios recursos? Não pediu emprestado o jumentinho que O conduziu ao lugar da Sua paixão? E não quis depender de um rico, para ter um túmulo do qual ressuscitar?

Queremos confiar-vos, a vós e a todos os fiéis nossos colaboradores no divino mandato de anunciar a Boa-Nova, que nos foi dado, uma preocupação que nos enche de embaraço e de confusão. Vemo-nos na impossibilidade de prover, adequadamente, às necessidades dos missionários da Igreja, e de dar a ajuda suficiente às inúmeras boas obras de religião e caridade, que eles empreendem continuamente.

Estes missionários consagraram-se ao Evangelho «por toda a vida ». Vão pelo mundo em nosso nome. Em nosso nome cumprem a ordem do Mestre de anunciar o Evangelho a toda a criatura (cfr. Mc 16, 15). Nada do que lhes poderíamos oferecer recompensaria as obrigações que temos para com estes homens e estas mulheres; mas devemos, pelo menos, prover ao seu pão quotidiano e às necessidades que as suas obras requerem.

Para muitos de nós, que não podemos ir, em pessoa, levar a Boa-Nova aos povos da terra, é este, muitas vezes, o único meio de que dispomos para cumprir o dever missionário que incumbe a todos os cristãos. As nossas contínuas orações atraem as graças divinas sobre as empresas dos nossos missionários; os sacrifícios que livremente oferecemos e os sofrimentos que aceitamos com alegria abrem-lhes muitas portas.

Devemos juntar, a estas ajudas espirituais, as esmolas generosas, porque, nas condições actuais da nossa existência terrena, é também necessária a assistência material.

Há já um século e meio que a organização desta ajuda, da parte dos fiéis, foi confiada a um Organismo de caridade, chamado Obras Missionárias Pontifícias, também conhecido por Assistência do Papa às Missões. Através destas Obras Pontifícias, em cada país, sob a direcção

de zelosos Directores Nacionais, propostos pelos Bispos, recolhem-se, cada ano, as ofertas do Povo de Deus, sobretudo nas colectas paroquiais do Dia das Missões.

Estas ofertas são reunidas num único fundo, para depois serem distribuídas pelas Missões. Assim, o vosso espontâneo e generoso contributo, oferecido em resposta ao apelo do Papa, é imediatamente aplicado às necessidades quotidianas dos nossos missionários, para a construção de igrejas, escolas, hospitais, seminários e noviciados; para dar de comer aos que têm fome, aliviar os sofrimentos e levar ajuda urgente aos necessitados.

Infelizmente, devemos admitir que, agora, as Obras Pontifícias só podem atender uma pequena parte dos pedidos de ajuda; e isto acontece não porque o vosso donativo é pouco generoso, mas porque a evangelização progrediu com muita rapidez e as obras de desenvolvimento social, empreendidas pelos nossos missionários, se expandiram notavelmente.

Todavia, sentimo-nos na obrigação de incitar todos e cada um dos fiéis católicos a fazerem sacrifícios ainda maiores pela Fé; e não só os que se encontram em condições de prosperidade, mas também os que, como a viúva tão louvada por Cristo, devem dar « da sua pobreza » (*Mc* 12, 44). Deste modo, assemelhar-nos-emos, ainda mais, à comunidade dos primeiros Cristãos, da qual se diz: « ninguém chamava seu ao que lhe pertencia » (*Act* 4, 32).

As comunidades dos fiéis devem ser hoje o que eram as comunidades dos convertidos, naquela primavera do cristianismo: um só coração e uma só alma; uma comunidade não só de esperança, mas também de fé e caridade. E, sobretudo, devemo-nos sentir unidos aos nossos missionários, estes apóstolos dos nossos dias, que, em nosso nome, vão até às extremidades da terra, para anunciar a todos o plano providencial « do Mistério escondido desde tempos antigos em Deus » (*Ef* 3, 9), e para « mostrar aos séculos futuros a extraordinária riqueza da Sua graça, pela bondade que teve para connosco em Cristo Jesus » (*Ef* 2, 7).

Devemos estar-lhes perto e ser-lhes solidários na urgência do apostolado cristão, a fim de que possam, « com grande poder, dar testemunho da Ressurreição do Senhor Jesus » (*Act* 4, 33). Assim, também nós realizaremos, sem descanso, o que o coração de todos os cristãos deve sempre desejar ardentemente fazer pelos seus irmãos: conhecer a caridade de Cristo, « que excede toda a ciência, para sermos cheios de toda a plenitude de Deus » (*Ef* 3, 19).

Ao exprimirmos a todos vós estes pensamentos, queridos filhos e filhas, invocamos sobre vós a graça e a virtude do Senhor, para que possais permanecer fiéis à vossa vocação, na sua Igreja missionária. E a vós, queridos missionários, espalhados por todo o mundo, enviamos uma especial e afectuosa saudação em Jesus Cristo, que servis com amor, sacrifício e alegria. A todos vós, que com Ele colaborais na edificação do Seu Reino — « Reino de verdade e de vida; de santidade e de graça; de justiça, amor e paz » (Prefácio da Festa de Cristo-Rei) — de todo o coração concedemos, neste Dia Mundial das Missões, a nossa Bênção Apostólica.

Vaticano, 25 de Junho de 1971.

MENSAGEM DO PAPA PAULO VI PARA O DIA MUNDIAL DAS MISSÕES DE 1972

A todos os nossos irmãos e filhos da Igreja Católica!

Ao dirigirmos esta mensagem a vocês para o próximo Dia Missionário, em outubro de 1972, não podemos deixar de recordar, com gratidão a Deus, a comemoração do triplo jubileu deste ano.

Três aniversários

Há trezentos e cinquenta anos, em 1622, durante o pontificado do Papa Gregório XV, foi fundada em Roma a Sagrada Congregação "de Propaganda Fide", inaugurando uma nova era na história das missões; uma era caracterizada por um maior senso de unidade e catolicidade nas diretrizes e estruturas do apostolado missionário, por um notável renascimento apostólico das antigas ordens religiosas, pela fundação de novos institutos dedicados à evangelização do mundo não cristão e por uma crescente cooperação popular em favor das missões.

Este renascimento missionário, iniciado pela Sagrada Congregação da Propaganda, é em grande parte resultado do florescimento de iniciativas de cooperação missionária ao longo do século XIX.

Em 1822 – há 150 anos – graças ao zelo missionário e ao amor pela Igreja da jovem francesa Paolina Jaricot, foi fundada em Lyon a Sociedade chamada Propagação da Fé, com um programa claro de assistência espiritual e material a todas as missões.

Um século depois, em 1922 - comemoramos hoje o seu quinquagésimo aniversário - Pio XI, adotando o pensamento de Bento XV, transformou a Sociedade para a Propagação da Fé num "órgão próprio da Sé Apostólica" (*Romanorum Pontificum*) para ajudar todas as missões católicas, e também declarou a Sociedade de São Pedro Apóstolo para o Clero Indígena e a Sociedade da Sagrada Infância como Pontifícias (*Ibid.*), incumbindo os bispos de as promoverem nas suas dioceses através da União Missionária do Clero (*Ibid.*).

Em memória deste triplo evento, desejamos que o Dia Mundial das Missões deste ano seja um caloroso ato de admiração, gratidão e auxílio à Sagrada Congregação "de Propaganda Fide", agora chamada à Evangelização dos Povos, por sua vasta contribuição ao desenvolvimento da atividade missionária da Igreja, e às Obras Missionárias Pontifícias, que têm promovido um espírito verdadeiramente universal e missionário em todo o Povo de Deus, facilitando grandemente à referida Congregação a realização de seus planos apostólicos.

Esperamos que o Dia Mundial das Missões deste ano marque um passo decisivo para todo o Povo de Deus na compreensão de seus deveres missionários e em sua colaboração com essas obras universalmente reconhecidas, que, embora normalmente chamadas de Pontifícias, são também verdadeiramente Episcopais.

Existe o perigo, entre muitos católicos, de não se importarem com a atividade evangelizadora da Igreja entre os povos não cristãos. Para essa tarefa — eles se desculparam — o Papa tem à sua disposição um Dicastério dedicado, e também existem os institutos missionários, com seus colaboradores e apoiadores.

É verdade que nem todos os cristãos são ordenados a ir pregar o Evangelho ao povo. Para esta tarefa, o Senhor escolhe um certo número de sacerdotes, religiosos e religiosas, e leigos, que são então enviados em missão por legítima autoridade. Mas é preciso ter em mente que estes são

"enviados" em nome de todo o Povo de Deus, visto que "assumem como seu dever específico a tarefa da evangelização, que diz respeito a toda a Igreja" (*Ad gentes divinitus* , 23).

Gravidade e urgência do problema

No entanto, não devemos esquecer as repetidas e solenes afirmações dos recentes Pontífices sobre a gravidade, a urgência e a universalidade do dever missionário, que o Concílio Vaticano II sublinhou particularmente.

De fato, afirma que o Povo de Deus, "estabelecido por Cristo como comunhão de vida, caridade e verdade, é também assumido por Ele como instrumento de redenção de todos e, como luz do mundo e sal da terra, é enviado a todo o mundo" (*Lumen Gentium* , 9), que a Igreja é missionária, por sua natureza e por mandato (*Ad gentes divinitus* , 2, 35), e, portanto, o dever missionário diz respeito a cada um de seus membros e a cada uma de suas Igrejas e comunidades locais (*Lumen Gentium* , 9).

Este dever diz respeito, primordial e imediatamente, ao Papa e aos Bispos (*Ad gentes divinitus* , 29, 38), e, de modo particular, aos sacerdotes, religiosos e religiosas, por causa de sua consagração ao serviço de Deus e da Igreja (*Ibid.* , 39, 40); mas nenhum cristão deve se considerar isento deste dever, visto que, pelo batismo, foi incorporado a uma Igreja essencialmente missionária (*Ibid.* , 36). De fato, todos os cristãos são obrigados a cooperar nas missões segundo suas próprias capacidades: alguns poderão fazê-lo com palavras, outros com a escrita, estes com recursos financeiros, outros com trabalho manual, outros, finalmente, dedicarão seu tempo às missões. Todos têm a oportunidade de oferecer suas orações, suas tribulações, suas alegrias, suas tristezas pelas missões.

E esta universalidade do dever missionário é tão clara que o Concílio, ao tratar da iniciação cristã entre os catecúmenos, ordena que estes, antes de receberem o batismo, «aprendam a cooperar ativamente na evangelização e na edificação da Igreja» (*Ad gentes divinitus* , 14).

O "dever mais supremo e sagrado da Igreja"

Com relação às Igrejas jovens, que como tais são geralmente muito pobres em pessoal e meios, o Concílio acrescenta que é conveniente que elas "participem o mais cedo possível e de facto na missão universal da Igreja... A comunhão com a Igreja universal atingirá, em certo sentido, a sua perfeição apenas quando elas também participarem ativamente no esforço missionário dirigido a outras nações" (*Ibid.* , 20).

Este dever de cooperar na obra das missões pode parecer a alguns — dado o anúncio de um Dia Missionário Anual — cumprir-se apenas um dia por ano. Muito pelo contrário. Não se trata de uma recomendação marginal, mas de um dever fundamental do Povo de Deus, inerente à própria natureza do ser cristão (*Ibid.* , 36); o "dever mais elevado e sagrado da Igreja" (*Ibid.* , 29).

Harmonia dos membros do corpo místico

Assim como a respiração jamais pode cessar, sob pena de morte, o zelo missionário não pode se limitar a um único Dia Mundial das Missões, sob pena de comprometermos o futuro da Igreja e a nossa própria existência cristã. Por essa razão, o importante documento pós-conciliar *Ecclesiae Sanctae* (*Ecclesiae Sanctae* , III, 3), que aplica as normas conciliares à pastoral prática, afirma que o Dia Mundial das Missões deve ser a expressão espontânea de um espírito missionário, mantido vivo diariamente por meio de orações e sacrifícios cotidianos. Será que a asfixia espiritual que tantos indivíduos e instituições dentro da Igreja Católica enfrentam hoje não teria sua origem na prolongada ausência de um autêntico espírito missionário?

Por vezes, problemas imediatos, de importância muito limitada, fazem-nos esquecer o formidável problema da missão universal da Igreja.

Quantas tensões internas, que enfraquecem e destroem algumas Igrejas e instituições locais, desapareceriam se confiássemos na firme convicção de que a salvação das comunidades locais é alcançada através da cooperação na obra missionária, para que ela se estenda até os confins da terra! (*Ad gentes divinitus* , 37)

Há uma declaração do Concílio Vaticano II sobre a qual gostaríamos de meditar cuidadosamente: "A harmonia e a compacidade dos membros (no Corpo Místico de Cristo) são tão grandes que qualquer membro que não contribua para o crescimento do corpo segundo a sua própria energia seria considerado inútil para a Igreja e para si mesmo" (*Apostolicam Actuositatem* , 2).

Há uma circunstância que torna esta responsabilidade missionária do Povo de Deus ainda mais urgente e séria. Referimo-nos às múltiplas possibilidades que o mundo de hoje oferece para a penetração universal e simultânea da mensagem do Evangelho. Vemos com alegria a presença histórica da Igreja entre todos os povos tornar-se realidade. Embora haja países que se fecham voluntariamente ao Evangelho, é um fato evidente que todos os povos estão cada vez mais buscando uns aos outros e, portanto, estabelecendo também uma relação com a Igreja.

Esta nova e providencial situação da Igreja no mundo nos faz compreender os grandes deveres e vantagens que nos são oferecidos hoje no campo da cooperação missionária para a difusão mundial do ideal missionário e para o amplo auxílio a todas as missões da Igreja.

Foi a brilhante intuição desse fato que levou nosso predecessor Pio XI a instituir, em 1926, o Dia Mundial das Missões, uma iniciativa que se tornou um auxílio poderoso e indispensável para as missões dependentes da Sagrada Congregação para a Evangelização dos Povos.

Obras Pontíficas

Todos os filhos da Igreja e todas as suas instituições são chamados a colaborar na preparação deste grande Dia Missionário: sacerdotes diocesanos, missionários, religiosos e religiosas, e membros de todas as obras do apostolado leigo; mas dirigem-se em particular às Sociedades Pontíficas que, como já dissemos, podemos também considerar verdadeiramente episcopais, a saber: a Sociedade para a Propagação da Fé, a Sociedade de São Pedro Apóstolo para o Clero Indígena, a Sociedade da Sagrada Infância e a União Missionária de Todas as Almas Consagrada, alma das três primeiras.

Embora a Sociedade para a Propagação da Fé seja especialmente chamada a promover e organizar este Dia, sob a direção da Santa Sé e dos Bispos, todo o sistema missionário pontifício colabora ativamente na sua preparação. Os sacerdotes e clérigos, os religiosos e os irmãos leigos congregados na União Missionária, as crianças associadas à Sagrada Infância, os jovens estudantes que promovem a Sociedade de São Pedro Apóstolo, embora celebrem os seus próprios dias especiais ao longo do ano, de acordo com as suas próprias normas, devem, no entanto, considerar o Dia Mundial das Missões como o momento culminante da sua constante atividade missionária.

Cinquenta anos depois da elevação das Obras Missionárias à condição de Obras Pontíficas, desejamos expressar-lhes o nosso afeto muito especial, a nossa profunda gratidão pelos serviços prestados à Santa Sé e a toda a Igreja, e proclamá-las, mais uma vez, o principal instrumento da Santa Sé e do Episcopado no campo da cooperação missionária, "porque – como afirmou o Concílio – constituem tantos meios tanto para incutir nos católicos, desde a mais tenra idade, um espírito verdadeiramente universal e missionário, como para incentivar uma arrecadação adequada de subsídios em benefício de todas as missões e de acordo com as necessidades de cada uma" (*Ad gentes divinitus* , 38). Além disso, a respeito destas Obras, tão caras a nós, já na nossa primeira mensagem para o Dia Mundial das Missões, em 1963, afirmamos que "embora não excluam outras iniciativas de auxílio às missões e para fins particulares, elas evidentemente

superam todas as outras obras como expressão direta e mais completa da solicitude do Supremo Pastor do rebanho de Deus por todas as Igrejas".

A organização adequada da cooperação missionária, que deve ser dirigida pelos bispos a nível nacional e diocesano, levará, portanto, em consideração a estrutura pontifícia-episcopal específica destas Obras e a necessidade de coordenar com elas os direitos e as iniciativas dos institutos religiosos e das obras missionárias particulares.

Universalismo Apostólico

Desde o seu nascimento, estas Obras caracterizaram-se pelo mais puro universalismo missionário, e precisamente esta peculiaridade foi a principal razão que as elegeu para serem convertidas em um "instrumento oficial" da Sé de Pedro para auxiliar todas as missões (*Romanorum Pontificum*).

"Precisamente porque somos católicos", declarou o primeiro presidente da Sociedade para a Propagação da Fé há 150 anos, no mesmo ano em que a Sociedade foi fundada por Paolina Jaricot, "não queremos apoiar esta ou aquela missão em particular, mas todas as missões do mundo."

O universalismo missionário deve ser também o tema dominante que inspira todas as atividades organizadas em torno do Dia Mundial das Missões, que anunciamos.

Por fim, saibam que este Dia, em virtude do documento fundador, visa também promover as Obras Missionárias Pontifícias, e em particular a Sociedade para a Propagação da Fé.

Sabemos das dificuldades que estas Sociedades encontram na sua jornada, especialmente nos nossos dias; mas ficamos muito confortados ao pensar que, apesar de tudo, estas Sociedades Missionárias Pontifícias, no seu conjunto, não só não travaram o seu progresso, como em algumas nações até ultrapassaram os seus antigos registos.

Oremos ao Senhor para que as Obras Missionárias Pontifícias, renovadas em suas estruturas, de acordo com as orientações pastorais do Concílio Vaticano II, e sob a orientação do humilde Vigário de Cristo e dos Bispos, possam iniciar neste ano de 1972 uma nova era de plenitude e desenvolvimento e implementar seu programa de incorporação efetiva e consciente de todo o Povo de Deus na obra missionária da Igreja.

E com esta esperança, concedemos a todos os Nossos Irmãos no Episcopado, aos sacerdotes e religiosos, às monjas e aos fiéis leigos católicos, a Nossa Bênção Apostólica, como penhor de profunda gratidão e fervoroso incentivo à sua generosa colaboração.

MENSAGEM DO PAPA PAULO VI PARA O DIA MUNDIAL DAS MISSÕES DE 1973

A Solenidade de Pentecostes sempre nos ofereceu a oportunidade de dirigir nossa Mensagem para o Domingo Mundial das Missões aos pastores e fiéis, na convicção de que esta data é particularmente significativa e propícia para chamar a atenção para o problema da pregação do Evangelho, que é a missão essencial e primordial da Igreja. Acreditávamos, e acreditamos, que no dia sagrado ao Espírito Santo, os corações e as mentes estariam mais dispostos e abertos a acolher seu sopro divino, que é o único que inspira e alimenta o fervor missionário. E se, nesse mesmo dia, o movimento espiritual do Ano Santo, que culminará em Roma no Ano Santo de 1975, foi iniciado nas Igrejas locais, isso não desvia nossa atenção da causa missionária, que não é dissociada nem alheia aos propósitos desse importante evento religioso.

O tema da renovação e da reconciliação entre a humanidade e Deus, e entre os fiéis, deve, doravante, centrar o interesse, a reflexão e as iniciativas tanto das Igrejas da antiga tradição cristã quanto das jovens Igrejas existentes nos países de missão: será objeto de pesquisa conjunta, de uma direção convergente, de um fio condutor e unificador de energias e propósitos. A renovação inclui, certamente, a renovação do espírito missionário da Igreja e, além disso, não é a reconciliação o objetivo último e final de sua atividade evangelizadora? E não é a reconciliação o aspecto essencial que molda, define e revela a "conversão" ocorrida? Falamos de conversão não no sentido obsoleto e impróprio de uma conquista extrínseca e triunfalista ou de um proselitismo superficial, mas no sentido autenticamente evangélico da orientação da alma para Deus, impulsionada pela fé que vê nele o ápice de toda a realidade e o autor da ordem moral e, sobretudo, pela força da caridade que o reconhece como um Pai amoroso e misericordioso.

Esta mensagem para o Domingo Mundial das Missões encaixa-se perfeitamente com as celebrações do Jubileu que acabaram de começar, e esperamos que aqueles que a ouvirem, percebendo esta consonância temática fundamental, partilhem das nossas preocupações e respondam, de acordo com as suas possibilidades concretas, ao convite que contém.

O fenómeno da diminuição das vocações missionárias

Este ano, aliás, há um tema em particular que nos toca profundamente e que chama, de modo especial, a nossa atenção enquanto Pastores da Igreja, porque decorre da constatação de um fenómeno doloroso que já há algum tempo se torna evidente para todos. Referimo-nos à diminuição do número de vocações missionárias, que ocorre precisamente no momento em que a contribuição de recursos para as nossas missões é mais necessária. É supérfluo recorrer agora à linguagem dos números e das estatísticas, nem pretendemos fazer cálculos comparativos ou interpretativos. A constatação deste facto basta-nos para avaliarmos o significado e os perigos desta escassez de "pessoas" num setor vital para o desenvolvimento da fé e o crescimento da Igreja. A realidade deste facto basta-nos para repetirmos, com profundo temor, as palavras de Cristo Salvador: *Mensis quidem multa, operarii autem pauci* (Mt 9,37-38; cf. Lc 10,2).

Certamente não faltam razões históricas e sociológicas para explicar essa escassez; alguns dirão que é a crise religiosa do mundo secularizado, a crítica sistemática de certos valores espirituais, a contestação de certos métodos utilizados no passado, que determinaram esse grave fenómeno. O número de sacerdotes está diminuindo em quase todos os lugares e, portanto, não surpreende que o de missionários e seus colaboradores também esteja diminuindo. Seria isso, então, um eclipse da fé ou um esgotamento da mensagem evangélica? Não seria uma atitude saudável

entristecer-se com a denúncia de fatos negativos para, então, se eximir da ação pessoal e do compromisso responsável. Ao contrário, a escassez deveria ser motivo de reflexão, de generosidade, de renovação, para toda a comunidade eclesial, do convite de Cristo para orar ao Senhor da seara para que envie trabalhadores para a sua seara (*Ibid*).

A relação entre missionários indígenas e missionários de outros países

Há uma expressão do Concílio Vaticano II que nos ilumina sobre este assunto e nos ajuda a considerar os nossos deveres em relação às Missões: "A Igreja, para poder oferecer a todos o mistério da salvação e a vida trazida por Deus, deve inserir-se em todos os grupos humanos com o mesmo movimento — *eodem motu* — com que o próprio Cristo, pela sua Encarnação, se vinculou a esse meio sociocultural específico dos homens, entre os quais viveu" (*Ad Gentes* , 10). Também nisto, Jesus é o nosso Mestre, mostrando-nos o caminho que se deve seguir para que a missão seja eficaz e frutífera: o do contacto direto, da afinidade psicológica e da convivência com os povos a quem se dirige o anúncio do seu Evangelho.

É preciso reconhecer que, desde o início da era cristã até hoje, os missionários têm feito esforços admiráveis, pregando o Evangelho de acordo com a mentalidade e a língua dos povos para os quais foram enviados. Eles lançaram os alicerces sobre os quais se apoia a existência e a independência das jovens Igrejas, cuja vitalidade original e consoladora nós mesmos admiramos durante nossas viagens pela África, Ásia e Oceania.

Mas hoje, sob a pressão de tantas transformações sociais e culturais, muitos missionários se perguntam com o coração angustiado: "Como se desenvolverá o trabalho que começamos?" Certamente, a semente evangélica frutificou e, em comparação com o passado, há mais missionários indígenas proclamando o Evangelho, mas por muito tempo os países africanos e asiáticos precisarão de vocações — isto é, padres, freiras e leigos — para atender às demandas da evangelização. Ainda ouvimos muitos bispos repetindo o convite: "Venham, missionários, venham ao seu povo em nossos países e nos ajudem!"

O aumento proporcional de indígenas que cumprem seus mandatos missionários está, portanto, intrinsecamente ligado à diminuição geral de missionários de origem europeia, americana e canadense que decidem deixar seus países. Soma-se a isso a questão igualmente preocupante do limite de idade, visto que metade do pessoal nascido no exterior já possui idade avançada, enquanto poucos jovens ocupam seus lugares.

O que fazer nesta situação? Queremos, antes de mais nada, recordar a natureza do problema: há pessoal nativo, chamado a assumir um papel crescente na evangelização do seu próprio povo; há pessoal originário de outras Igrejas que, motivados por um sincero espírito de serviço, devem continuar o seu compromisso missionário. Não se trata simplesmente de uma questão de equilíbrio: a causa comum do Reino de Deus une intimamente ambas as fileiras de mensageiros evangélicos numa colaboração sempre necessária e, sem dúvida, frutífera. Não falamos, portanto, de uma simples relação de "força de trabalho", mas sim da sua harmoniosa coordenação, que é também, e deve ser, uma expressão exemplar de comunhão eclesial. Por esta razão, renovamos aos nossos irmãos no episcopado o urgente convite a considerarem se as dioceses podem e não devem incentivar o envio de sacerdotes, para que o seu número seja melhor distribuído entre as várias Igrejas. Este é um esforço de planeamento pastoral que se faz agora essencial, para além das fronteiras nacionais ou regionais, e que se refletirá no futuro direito canónico.

Cuidado com as vocações indígenas

Mas fazemos também o mesmo apelo pelas vocações indígenas, para que recebam formação adequada e nunca sejam extintas ou sufocadas por razões económicas ou ambientais. Nenhuma vocação deve perder-se, nenhuma deve permanecer na incerteza, nenhuma deve deixar de

amadurecer por falta de recursos! Aqui tocamos noutra aspeto do problema. As Igrejas jovens, na sua maioria, partilham as condições de pobreza e precariedade económica dos indivíduos e povos entre os quais desenvolvem a sua missão. Assim, todos os cristãos têm o dever de ajudar e fazer justiça aos sacerdotes, religiosos e religiosas, irmãos e catequistas que trabalham, sem recursos ou com muito pouco, para o bem dos seus compatriotas. Na Encíclica *Populorum Progressio*, já dissemos que o desenvolvimento é o novo nome da paz (nn. 76-77). Não se deve esquecer que, na gigantesca empreitada do desenvolvimento social e económico de novos povos, os próprios missionários estão entre os primeiros colaboradores e auxiliares, pois compreendem melhor as necessidades de seus concidadãos e incluem esse serviço em seu mandato missionário. São eles que, na medida da ajuda que recebem, acolhem os enfermos nos hospitais, administram escolas e, em grande medida, promovem o desenvolvimento, muitas vezes árduo, de seu povo. Cuidar da formação de pessoal indígena significa, portanto, servir à causa do Evangelho e, ao mesmo tempo, à causa do progresso e da paz.

Os elementos da nossa esperança

Se até agora destacamos as necessidades mais urgentes, devemos também recordar, para uma análise completa e um julgamento claro, os elementos que fundamentam a nossa confiança. Deus está sempre por trás dos nossos esforços, pois dele é a causa do Evangelho: toda a nossa confiança está n'Ele, e sobretudo na obra apostólica, *sufficiens nostra ex Deo est* (cf. 2 Cor 3,4-6). Mas também queremos recordar os aspetos positivos já visíveis no horizonte da Igreja missionária. Pensamos, antes de mais, com profunda satisfação nos muitos jovens de países mais desenvolvidos que vão, ainda que *por um período limitado*, para paróquias e missões, onde oferecem uma magnífica expressão das suas personalidades e adquirem experiências preciosas: ali compreendem, sem filtros, os problemas reais e concretos do desenvolvimento, ali exercem as suas capacidades criativas, dando, ao mesmo tempo, um contributo útil para as populações locais nos âmbitos organizacional, cultural e social.

Pensemos, então, nos sacerdotes, regulares e seculares, que, partindo de suas dioceses ou das sedes de seus institutos, se dirigem a países da América Latina e da África, estabelecendo e desenvolvendo relações singulares de "geminção" entre seus locais de origem e suas missões. Por trás deles, estão as antigas Igrejas e paróquias, que apoiam seu trabalho e auxiliam diretamente suas iniciativas apostólicas e caritativas. Por fim, consideremos os contatos ecumênicos entre missionários católicos e missionários de outras comunidades eclesiais: inspirados pela caridade evangélica, esses contatos, especialmente nas áreas da saúde e da assistência social, bem como na cultura e no desenvolvimento, servem para apagar a impressão negativa de divisões residuais na família cristã e para acelerar — esperamos — a restauração daquela unidade pela qual ambos lutam, em busca de um testemunho unívoco e convincente de fé.

Era necessário, e também correto, dizer isso, para que o fenómeno doloroso, que foi o tema desta Mensagem, pudesse ser devidamente enquadrado e não obscurecesse a visão da realidade missionária.

As sociedades missionárias pontifícias como instrumento para a formação da consciência missionária

O Dia Mundial das Missões, que se celebrará em outubro próximo, deverá ter um efeito estimulante e salutar, como uma chama que reacenda nos corações dos fiéis o dinamismo missionário que é elemento inerente à nossa fé. Este espírito missionário renovado não só levará à oferta de orações e obras de penitência a Deus, como também suscitará novas vocações com o afluxo da ajuda de que as Missões tanto necessitam (cf. *Ad Gentes*, 36).

Mas, concluindo nossas considerações, voltamos a recomendar as Obras Missionárias Pontifícias, como instituições que, a serviço do Papa e dos Bispos, fomentam relações fraternas entre as Igrejas locais e são particularmente adequadas para aumentar o espírito missionário de todo o Povo de Deus. O principal objetivo dessas Obras é precisamente a formação da consciência missionária (cf. *Ad Gentes*, 38), e se são chamadas de pontifícias, não é porque estejam dissociadas do quadro diocesano, mas para que a Igreja local, graças ao seu serviço, possa desempenhar melhor a sua função no seio da Igreja missionária como um todo. Se agora sublinhamos a sua importância, é em resposta às declarações do Concílio, que lhes atribuíram uma posição de maior responsabilidade. Exortamos, portanto, todos os cristãos a apoiá-las e a acompanhar a sua obra, que é verdadeiramente universal, e instamos os Bispos e os Sacerdotes a promovê-las nas suas respectivas Igrejas e paróquias, dando-lhes a necessária articulação.

Que o Senhor abençoe o Domingo Mundial das Missões, pelo qual fazemos este apelo insistente. Desejamos colocá-lo sob a proteção especial de Santa Teresa do Menino Jesus, cujo centenário de nascimento celebramos, e inseri-lo na perspectiva pastoral do novo Ano Santo. Para a Igreja, a hora da missão ainda não passou; aliás, para muitos povos, ela começa precisamente agora. As sábias palavras de nosso venerável predecessor, Pio XI, são válidas na hora atual da Igreja: *Nihil actum, si quid agendum*. Nada se faz se tantas, tantas coisas ainda precisam ser feitas!

Do Vaticano, na solenidade dos Apóstolos Pedro e Paulo.
29 de Junho de 1973, décimo primeiro ano do nosso Pontificado.

MENSAGEM DO PAPA PAULO VI PARA O DIA MUNDIAL DAS MISSÕES DE 1974

Introdução

Mais uma vez, à luz do mistério de Pentecostes, que marcou o início da atividade missionária da Igreja, desejamos anunciar o Dia Missionário anual, em outubro próximo.

Esta celebração insere-se no âmbito do Ano Santo, que, com o seu tema de renovação e reconciliação em Cristo, estabelece um objetivo universal, o qual só pode ser alcançado na medida em que a humanidade conhece e reconhece Cristo. Evangelizar, enquanto ação que dá a conhecer Cristo às pessoas e que tende a renová-las e reconciliá-las com Ele e n'Ele, significa ampliar o alcance e o grau de conhecimento e aceitação da Sua Pessoa e da Sua Mensagem; significa ampliar o espaço para a reconciliação na justiça e na caridade.

Como observamos na Bula de Acusação do Ano Santo de 1975, *Apostolorum Limina*, essas razões fundamentais para o Jubileu exigem necessariamente uma ação apostólica e missionária mais vigorosa por parte da Igreja: "Portanto, durante o Ano Santo, é necessário reavivar um generoso compromisso com a promoção da evangelização, o qual deve ser considerado, sem dúvida, o primeiro ponto a ser alcançado no âmbito de tal atividade. De fato, 'enviada por Deus às nações para ser o sacramento universal da salvação', a Igreja peregrina é, por natureza, missionária, e nesse sentido se renova em sua trajetória histórica, na medida em que se coloca à disposição para acolher e aprofundar na fé o Evangelho de Jesus Cristo, Filho de Deus, e, ao mesmo tempo, proclamar sua mensagem salvífica, pela palavra e pelo testemunho de sua vida."

Se afirmamos que o Ano Santo "deve refletir o caráter católico da vocação ao Evangelho" e que "deve dar ao coração da Igreja as dimensões do mundo", que ocasião melhor para implementar concretamente tal propósito do que a celebração do Domingo das Missões, chamado pelos seus primeiros idealizadores de "a verdadeira festa da apostolicidade, o grande dia da catolicidade"? (Ver Carta do Cardeal van Rossum, antigo Prefeito da Sagrada Congregação para a Propagação da Fé, datada de 8 de agosto de 1927)

Significado missionário de conversão e reconciliação

A conversão, exigida pelo batismo, não tem apenas um aspecto negativo de distanciamento e afastamento do pecado, mas também, e sobretudo, um aspecto positivo — como confirma, aliás, a sua etimologia — de orientação e aproximação a Deus e, em nome de Deus, ao próximo. Para um cristão autêntico, a glorificação de Deus, o amor por Ele e a vinda do Seu Reino à terra devem constituir o objetivo principal da sua vida, em perfeita coerência com os preceitos fundamentais do *Pai Nosso*. Ora, é precisamente graças à atividade missionária da Igreja que "Deus é plenamente glorificado quando os homens aceitam consciente e plenamente a Sua obra de salvação, que Ele realizou em Cristo. Assim, graças a esta atividade, realiza-se o plano de Deus, ao qual Cristo, em espírito de obediência e amor, se consagrou para a glória do Pai que O enviou, para que toda a humanidade pudesse formar o único Povo de Deus, ser reunida no único Corpo de Cristo e edificada no único Templo do Espírito Santo. E isto, ao mesmo tempo que reflete a harmonia fraterna, responde ao desejo íntimo de todos os homens" (*Ad Gentes*, 7).

Esta fraternidade universal, na medida em que somos membros de uma só família com Jesus Cristo, nosso Irmão mais velho, sob o mesmo Pai celestial, exige conversão, abertura e

aproximação a todos os nossos irmãos e irmãs. E a conversão nos obriga, antes de tudo, a conhecê-los, pois devemos amá-los e compartilhar com eles nossos bens, sejam materiais, morais ou espirituais. De fato, não podemos conceber uma família em que alguns membros passem fome enquanto outros desfrutem de fartura; em que alguns vivam expostos às intempéries enquanto outros vivam em lares confortáveis; em que alguns nunca tenham ouvido falar de Jesus Cristo enquanto outros tenham ao seu alcance todos os meios de salvação que a Igreja possui. Se formamos uma só família com todos os homens e mulheres, o amor fraterno também nos obriga a reconciliarmo-nos com nossos irmãos e irmãs de todas as raças, línguas, culturas e classes sociais. De fato, temos muitos pecados de omissão e injustiça em nossa conta, pelos quais devemos pedir perdão ao nosso próximo.

A reconciliação com nossos irmãos inclui a reparação dessas falhas em justiça e caridade, e também constitui o sinal mais seguro de nossa reconciliação com Deus: "Se nos amarmos uns aos outros, Deus permanece em nós" (1 João 4:7; cf. também Mateus 5:25).

A necessidade e a importância de uma renovação ao estilo missionário

Essa preocupação com todos os homens, sentindo seus problemas como se fossem nossos e tendo a profunda consciência de que "todo homem é nosso irmão", esse vivo desejo de reparar o egoísmo de nossos países e de nós mesmos, são elementos essenciais para estabelecer, em um sentido genuinamente evangélico, um programa pastoral de conversão e reconciliação, que necessariamente conduz a uma renovação de toda a Igreja.

A formação de uma autêntica consciência missionária deve basear-se numa renovação espiritual radical: antes de pregar o Evangelho, é preciso vivê-lo! É a vida de um cristão ou de uma comunidade que constitui o seu primeiro anúncio missionário (cf. At 3,44; 5,14): se alguém não experimentou pessoalmente que Cristo é o Salvador, dificilmente sentirá a necessidade de o dar a conhecer aos outros. Visto que a catolicidade – como diz o nosso Predecessor Pio XII na sua Encíclica *Fidei Donum* – é «a principal característica da verdadeira Igreja» (AAS 49, 1957, p. 237), esta catolicidade, que significa um espírito missionário universalista, deve ser o elemento principal do cuidado pastoral das Igrejas particulares, nas quais o próprio ser da Igreja subsiste vivo e ativo, e deve orientar toda a ação pastoral que se pretenda renovar. «Nem se deve esquecer – acrescenta-se na mesma Encíclica – que este fervor missionário espiritual, fomentado nas vossas dioceses, é penhor de renovada vitalidade religiosa, que as inflamará (...). Se, portanto, a vida sobrenatural consiste na caridade e é aumentada pelo compromisso de doar-se, pode-se afirmar com razão que a vida católica de qualquer país se mede pelos sacrifícios que assume espontaneamente e sustenta pela obra missionária» (*Ibid.* , p. 243).

Este princípio é confirmado pelo Concílio Vaticano II: «A graça da renovação não pode desenvolver-se nas comunidades a menos que cada uma delas estenda o alcance da sua caridade até aos confins da terra, mostrando para com os que estão longe a mesma solicitude que tem para com os seus próprios membros» (*Ad Gentes*, 37).

A necessidade e a urgência da evangelização

Nossa incorporação na própria vida de Cristo, iniciada no Batismo, intensificada pela Confirmação e aperfeiçoada pela Eucaristia, nos compromete totalmente com o plano divino de salvação que Ele veio realizar na Terra. Sim, é verdade que Deus "deseja que todos os homens sejam salvos e cheguem ao conhecimento da verdade" (1 Tm 2,4). Mas esse plano, revelado progressivamente e que atinge sua culminação em Cristo, "mediador e plenitude de toda a Revelação" (*Dei Verbum* , 7), possui duas características específicas. O plano de salvação não se estende apenas a alguns homens ou a alguns grupos humanos, mas a todos os homens e a todos os povos. Por outro lado, "o chamamento à fé e a resposta do crente não ocorrem isoladamente e sem qualquer vínculo

mútuo", mas dentro de um povo "que o reconhece na verdade e o serve fielmente" (*Lumen Gentium* , 9; cf. *Ad Gentes* , 2).

Este Povo de Deus, sujeito comunitário da fé e da vida sobrenatural, é a Igreja, à qual foi confiado o depósito da Revelação, não para ser guardado no subterrâneo, mas para ser disponibilizado a todos os homens (cf. *Ad Gentes* , 1, 29, 35; *Apostolicam Actuositatem* , 2; *Lumen Gentium* , 13). Esperamos e confiamos que, durante o Ano Santo, todos os fiéis e todas as comunidades tomem consciência deste compromisso missionário universal que, derivando da natureza missionária da Igreja Católica, é próprio também de todas as Igrejas e comunidades locais, e de cada cristão.

Consideremos também que o Espírito Santo, que sempre opera em perfeita harmonia com o plano de salvação do Pai e com a natureza essencialmente missionária da Igreja, simultaneamente produz um duplo movimento convergente: por um lado, impele os povos não cristãos à Igreja e, por outro, infunde o espírito missionário nas almas dos batizados. Cristo do céu – afirma o Concílio – pelo Espírito, “está constantemente atuando no mundo para conduzir os homens à Igreja” (*Lumen Gentium* , 48). “O Espírito Santo unifica toda a Igreja (...), vivificando as instituições eclesiais e infundindo nos corações dos fiéis o mesmo espírito missionário que impeliu o próprio Cristo” (*Ad Gentes* , 4).

A obra de evangelização, além de necessária, é urgente: antes de tudo por causa da caridade divina, que é o motivo supremo que a impulsiona, e também como resposta às graves necessidades espirituais do mundo atual. *Caritas Christi urget nos* (2 Cor 5,14): desde que São Paulo ditou esta expressão, o panorama religioso do mundo apresenta características que nos preocupam e entristecem. O desenvolvimento da atividade missionária da Igreja prossegue muito lentamente. Costuma-se dizer, como desculpa, que a Igreja deve imitar a paciência de Deus. Isso é verdade: Deus é paciente porque é eterno; Deus tem a sua hora, e nós, em nossa ansiedade, não podemos pretender antecipar a hora de Deus. Esquecemos, porém, que somos nós, com nosso egoísmo culpado, com nossa indolência e falta de zelo missionário, que, por assim dizer, obrigamos Deus a se mostrar paciente, a quase seguir o ritmo que desejamos manter.

Deus é Amor e, como tal, anseia profundamente comunicar-se com os homens. Não brotaram do Coração de Cristo estas palavras, ardendo como a lava de um vulcão: "Eu vim para lançar fogo sobre a terra; e o que mais quero senão que ele seja aceso?" (*Lucas* 12,49)? Da mesma forma, o mundo contemporâneo, que, pelos sinais dos nossos tempos, se volta para a Igreja em busca de auxílio e de uma resposta plena às suas crescentes ansiedades e aspirações, assemelha-se ao macedônio na visão de São Paulo: "Vem à Macedônia e ajuda-nos!" (cf. *At* 16,9-10). Como filhos da Igreja, podemos e devemos responder como o Apóstolo dos Gentios e repetir com ele: "Não me glorio se anuncio o Evangelho, pois é um dever que me foi imposto; e aí de mim se não o anunciar!" (1 *Coríntios* 9,16).

As sociedades missionárias pontifícias: uma ferramenta eficaz para auxiliar na evangelização

Atualmente, a Igreja dispõe de um instrumento providencial para permitir que todo o Povo de Deus cumpra adequadamente sua sagrada missão: as Obras Missionárias Pontifícias. Se estas não existissem, precisariam ser criadas.

À imediata disposição do Vigário de Cristo e, com ele, do Colégio dos Bispos, constituem o principal e mais eficaz instrumento para educar o Povo de Deus num autêntico espírito universalista e missionário; para promover, na sua multifacetada variedade, as vocações missionárias (não nos esqueçamos de que uma destas Sociedades, a União Missionária, fez deste propósito a principal razão prática da sua existência); e para desenvolver permanentemente

a caridade na sua dupla vertente, espiritual e material, sempre no espírito da mais plena catolicidade.

É nosso fervoroso desejo, como expressaram repetidamente nossos veneráveis predecessores, que tais obras sejam estabelecidas, consolidadas e floresçam não apenas nas Igrejas do cristianismo antigo, mas também nas Igrejas jovens, incluindo as mais recentes, como um sinal claro de comunhão eclesial e do universalismo missionário que lhes é natural.

Aos diretores e colaboradores destas Sociedades, espalhadas pelo mundo, gostaríamos de repetir as palavras que dirigimos recentemente durante a reunião dos seus Conselhos Gerais Superiores, realizada em Roma: «A vós (...) recai o fardo e a honra de manter viva esta consciência nos vossos países, e de incutir incansavelmente em todas as camadas da opinião pública, e em particular nas paróquias e organizações católicas, aquele *sensus Ecclesiae* que só ele pode mantê-las imunes a qualquer particularismo, e alimentar constantemente a chama da generosidade consciente e alegre num amplo âmbito que abarca todas as Missões e toma cada vez mais a sério o seu destino, confiada à boa vontade, ao zelo e ao espírito de iniciativa dos filhos da Igreja» (17 de Maio de 1974).

Gostaríamos de concluir nossa Mensagem repetindo a oração que lemos na liturgia da festa do Padroeiro das Missões, São Francisco Xavier: "Senhor, concede que a vossa Igreja encontre alegria na evangelização de todos os povos". Em nome do Senhor, a todos vós que trabalhais com verdadeiro zelo pelas Missões e vos preparais para celebrar o próximo Dia Mundial das Missões, desejamos uma alegria profunda que o mundo não pode dar: a alegria de ter encontrado o verdadeiro sentido da vida, participando com Cristo na realização do plano divino de salvação universal.

Do Vaticano, na solenidade dos Apóstolos Pedro e Paulo.
29 de Junho de 1974, décimo segundo do nosso Pontificado.

MENSAGEM DO PAPA PAULO VI PARA O DIA MUNDIAL DAS MISSÕES DE 1975

*A vocês, missionários,
a vocês, missionárias,*

Este ano, transmitiremos nossa tradicional mensagem do "Dia da Missão", confiantes de que, ao fazê-lo, somos os intérpretes de toda a Igreja Católica e absolutamente certos de que vocês, caríssimos filhos e filhas, espalhados por toda a Terra, em virtude de sua vocação, sua "missão", que é difundir pelo mundo o Evangelho de Jesus Cristo, a religião da Verdade e da salvação, nos ouvirão de bom grado. Nossa mensagem não é apenas para vocês, missionários, mas para vocês!

1. Antes de mais nada, queremos lembrar que este Ano Santo, o Ano do Jubileu, é um ano de penitência, conversão, perdão, purificação, retorno a Deus, consciência cristã, energia das boas intenções e paz interior. Para resumir o significado e o propósito deste ano singular e santo, apresentamos uma definição abrangente e muito simples, definindo-o como um ano de renovação e reconciliação — renovação, naturalmente, religiosa, espiritual, moral e ideal; e reconciliação, naturalmente, com Deus, com Cristo, com a Igreja e, na medida do possível, com todos os homens, isto é, com o nosso próximo, com pessoas hostis ou desagradáveis, com inimigos de toda espécie (algo difícil, sim, mas desejado pelo Senhor — cf. *Mt* 5,44; 6,12; 18,35; *Rm* 12,14; *1Co* 4,12; *At* 7,60; etc.). Pois bem, desejamos que também vós, filhos distantes no espaço, mas ainda mais próximos no coração, estejais espiritualmente associados a este evento de despertar religioso consciente e vigoroso, em fé e em graça; consideramos todos vós presentes.

2. Sim; também porque entre os peregrinos que acorreram a Roma para o Jubileu do Ano Santo, vimos, com imensa alegria e grande emoção, multidões e multidões de fiéis das vossas missões. Oh, que alegria, que esperança nos trouxeram estes novos cristãos, testemunhas vivas da vossa obra missionária! Bendizemos ao Senhor, que estendeu o seu reino às vossas terras, ó bravos e valentes missionários; e damos-vos louvor e graças por estes frutos do vosso apostolado; que o Senhor vos console e vos abençoe!

3. Assim, reacenderam-se nossos pensamentos sobre a sua atividade missionária, aliás, sobre a nova e difícil situação missionária em que vocês frequentemente se encontram. Outrora, a grande dificuldade que impedia o trabalho missionário era penetrar em terras e povos em condições extremamente inacessíveis, desconfiadas, hostis e perigosas para os passos temerários e inexperientes do missionário. Agora, soma-se a esses outro obstáculo, talvez ainda mais sério: a permanência em regiões que, despertadas para a consciência da civilização e de sua própria tradição indígena, seja ela qual for, já não apreciam a presença e a atividade de missionários estrangeiros, que vêm de outros países e são frequentemente suspeitos de colonialismo, de serem exploradores, portadores de uma civilização estrangeira e dominadora. Surgiu também uma consciência nacional em muitos territórios onde os missionários atuam, e onde seu status já não é valorizado, quase como se fosse contrário à suposta autenticidade dos costumes e da religião tradicionais dos povos locais. Daí a grande objeção, a grande oposição: o missionário não é necessário, não é mais necessário. Este obstáculo assume as formas mais insidiosas e radicais, e para o missionário as mais dolorosas, ou seja, as formas preconcebidas e doutrinárias: muitas

vezes expressas em linguagem pagã e herética; e, mais frequentemente, ingratas e hostis. O Evangelho não nos diz respeito, dizem os povos indígenas em certas regiões; não é indispensável, não é para a nossa tradição, não é para a nossa raça; a era das Missões acabou!

O missionário chora. Não tanto pela rejeição a ele, mas pela rejeição de Cristo! A dúvida sobre a futilidade do sacrifício que fez de si mesmo, da vida, da família, do amor, da profissão, da saúde, da pátria — tudo é inútil, tudo é desprezado, tudo é anulado e rejeitado! A Missão é posta à prova em seu princípio fundamental, em sua razão de ser, em seu caráter absoluto de necessidade, de alegre e indispensável proclamação da boa nova.

4. Nesta ocasião do Dia Mundial das Missões, com a mesma convicção que vós, missionários, já guardais em vossos corações, queremos reafirmar a certeza da vossa vocação: a Missão, isto é, o anúncio do Evangelho a todos os povos, não é obsoleta, não é em si opcional; funda-se no plano divino, na teologia da salvação, na autoridade perenemente afirmada da Igreja e na recente e solene documentação do Concílio Vaticano II. Não, queridos e venerados arautos do Evangelho aos povos ainda não associados ao Corpo Místico de Cristo, que é a Igreja, a vossa escolha não é equivocada, o vosso esforço não é em vão, o vosso sacrifício, seja qual for o seu resultado, não é um fracasso.

5. De fato, queremos dizer-vos, caríssimos Filhos e Filhas em Cristo, que não estais sozinhos. A Igreja está convosco! Esperamos, de fato, que toda a Igreja Católica, atenta para esta nossa palavra, a honre com a sua adesão. Temos certeza de que a nossa voz ressoará, para o bem das nossas amadas Missões, em cada coração fiel. Portanto, dirigimo-nos agora aos nossos Sacerdotes, especialmente aos encarregados das almas, aos Párocos, aos Fiéis, aos mais reflexivos e compreensivos com o mistério da Santa Igreja de Deus, aos que rezam, aos Sofredores, aos Inocentes, para invocar a sua solidariedade com a causa missionária; a sua compreensão, o seu sentido de responsabilidade, a sua comunhão convosco, Irmãos e Irmãs, que, para levar o nome e a salvação de Cristo a povos distantes, vos tornastes instrumentos, em nome de toda a comunidade eclesial, de uma atividade surpreendente e gratuita, ignorada e heroica, que vos custa uma doação de vós mesmos sem qualquer reserva: a atividade missionária.

6. Dirijamo-nos especialmente aos Bispos, nossos Irmãos no ofício pastoral, como humildes, mas autorizados intercessores da vossa causa, Missionários, para que, com as suas fervorosas orações, o seu sentido de responsabilidade universal, os carismas da sua doutrina e caridade, e também com a generosidade da sua assistência financeira e material, possam vir cada vez mais em vosso auxílio. Eles conhecem e compreendem a situação atual das Missões; é um momento grave e urgente, como todos os momentos da história da Igreja e da civilização, mas hoje o momento é único e talvez decisivo para a vida e expansão das nossas Missões. Sim, enfrentam obstáculos novos e por vezes intransponíveis, mas, ao mesmo tempo, novas portas se abrem e até mesmo se escancaram para a sua presença educativa e caritativa, que em si mesma é testemunho evangélico e que amanhã poderá tornar-se ministério religioso.

E a nossa exortação será dirigida com insistência paternal aos Superiores das famílias religiosas, para que mantenham e intensifiquem o seu interesse pelas Missões, visando especialmente a prodigalizar em vós, Missionários que já estais nas trincheiras mais avançadas da evangelização, aquilo que eles têm de mais precioso: novas vocações, novos Irmãos e Irmãs que venham apoiar e ampliar a eficácia do vosso trabalho.

7. Mas as questões missionárias não se esgotam: as vossas, que operam nas fronteiras da Igreja; as nossas, nas linhas de retaguarda, que são o campo da Igreja já estabelecida e viva pela tradição. Desejamos olhar para ambas as situações, a vossa e a nossa, com um olhar aberto e corajoso? Ambas as situações partilham uma necessidade comum: a da consciência missionária,

que a Igreja desenvolveu nos últimos tempos e que o Concílio traduziu em termos teológicos modernos. Trata-se agora de aprofundar esta doutrina missionária para a descobrir como a própria raiz do plano divino de salvação; é uma doutrina essencial e vital, não meramente complementar e opcional; é o esforço normal e incansável que o Povo de Deus, a Igreja, deve fazer para realizar o programa que a define: ser apostólica e universal.

Então as tarefas são diferentes. A vossa, a da Missão local, é um problema complexo de método, de como estabelecer e desenvolver a jovem comunidade eclesial. A nossa, destinada a apoiar as Missões, é principalmente um problema de pessoal e recursos: como recrutar e formar missionários? Como retê-los e dar-lhes a oportunidade de atuar e se desenvolver? Bem, vós, nós, a Igreja, todos juntos, estamos cientes dos enormes problemas que, portanto, devem ser resolvidos; Mas elas, vistas à luz de Cristo, na qual estão inseridas e crescem a ponto de serem incríveis, longe de nos assustarem, nos infundem energia e imaginação para resolvê-las, quando a confiança na Providência nos sustenta, quando o vosso exemplo, Irmãos e Irmãs nas Missões, nos exorta e estimula, e quando aqui, nas comunidades eclesiais estabelecidas, a prodigiosa palavra do Senhor ressoa em nossas Igrejas: "Todas as vezes que fizestes o bem a um destes meus pequeninos irmãos (... assim Jesus fala dos vossos possíveis fiéis), a mim o fizestes" (*Mt 25,40*).

Queridos missionários, homens e mulheres! Estas serão as palavras (ou palavras equivalentes) que ressoarão em todas as nossas Igrejas neste Domingo Mundial das Missões, por fidelidade a Cristo Senhor e pelo afeto que vos temos em Seu nome! Tenham fé! A Igreja está convosco! E convosco está a bênção do Papa, vosso amigo, vosso servo.

Do Vaticano, 20 de Setembro de 1975.

MENSAGEM DO PAPA PAULO VI PARA O DIA MUNDIAL DAS MISSÕES DE 1976

Veneráveis irmãos e queridos filhos!

Entre as principais celebrações da Igreja planeadas para este ano, um lugar de particular importância, devido ao seu profundo significado pastoral, pertence sem dúvida ao Dia Mundial das Missões, que foi instituído há cinquenta anos pelo nosso grande Predecessor Pio XI, em 14 de abril de 1926, e que ocorrerá, como sempre, no penúltimo domingo de outubro.

Acolhido desde o início com singular interesse e fervor por todo o Episcopado, generosamente apoiado neste sentido pelo clero, religiosos e fiéis, este Dia trouxe à Igreja frutos consoladores e abundantes, não só no que diz respeito ao apostolado missionário direto, mas também para a preservação e o crescimento da fé, tanto nas Igrejas de origem antiga como nas de fundação recente.

De acordo com as intenções de seu Promotor, o Dia anual visa sobretudo à formação da consciência missionária em todo o povo de Deus, tanto individualmente quanto em comunidade, ao fomento das vocações missionárias, ao aumento progressivo da cooperação espiritual e material e à atividade missionária em toda a sua dimensão eclesial.

Nós mesmos, desde a nossa ascensão ao Sumo Pontificado, seguindo o exemplo de nossos predecessores, temos procurado, com nossa autoridade, nossas exortações e nossos conselhos, promover ao máximo esta celebração, na convicção de que estamos cumprindo um dever sagrado. Neste Ano Jubilar, desejamos antecipar nossa habitual exortação para a celebração do Domingo das Missões para o próprio dia de sua instituição, que cai precisamente em 14 de abril.

Universalismo missionário do Povo de Deus

Na mensagem que dirigimos em 1972 ao Cardeal Alexandre Renard, Arcebispo de Lyon, por ocasião do Congresso Missionário ali celebrado, já recordámos a necessidade de dar cada vez maior importância à celebração deste grande Dia. *Estes dias, preparados com seriedade* – dissemos – *permitem aos cristãos olhar de novo para as missões e examinar a evangelização local e a evangelização à distância, integradas no mesmo cuidado pastoral missionário, cuja única fonte é Cristo* (AAS 64 (1972) 732).

Desejamos sinceramente que esta celebração de 1976 receba especial destaque por meio de uma catequese completa e abrangente sobre o universalismo missionário da Igreja. Este tema importantíssimo constitui um dos principais motivos doutrinários de todo o Concílio Vaticano II, bem como do mais recente Sínodo dos Bispos e da nossa Exortação Apostólica " *Evangelii Nuntiandi* ", que dele surgiu.

Foi precisamente a difusão, entre o Povo de Deus, da doutrina do universalismo missionário que constituiu o primeiro e mais importante propósito atribuído a este Dia, que desde a sua origem foi definido em documento público da Santa Sé como "O Grande Dia da Catolicidade" (cf. *Carta do Cardeal Van Rossum, Prefeito da Propaganda Fide, aos Bispos da Itália*, 1926). Este mesmo universalismo constituiu também a razão fundamental de todas as nossas exortações pastorais dirigidas ao povo cristão por ocasião do aniversário missionário de outubro.

O universalismo missionário emerge continuamente do Evangelho. Isso não é surpreendente, visto que o Evangelho é o compêndio dos feitos e palavras do Filho de Deus, enviado pelo Pai ao mundo para cumprir seu plano de salvação universal. Portanto, tudo o que Cristo fez, cada palavra que proferiu, não pode deixar de estar relacionado à sua missão como Redentor de toda a humanidade.

Ao longo das páginas do Evangelho, encontramos perspectivas sempre novas, luminosas e profundas sobre a missão salvífica universal de Cristo, transmitida à Igreja por Ele fundada. Não devemos esquecer que esta missão deve constituir um centro doutrinal e dinâmico de toda a pastoral eclesial, apesar das mudanças de época e das circunstâncias históricas e ambientais. Isto significa que a mesma lei, permanente e universal na sua essência, deve ser concretamente aplicada pela Igreja ao povo de cada geração.

Infelizmente, devemos reconhecer que, quase dois mil anos após a fundação da Igreja, a atual situação religiosa da humanidade não parece corresponder à eficácia dessa ação apostólica, destinada a cumprir o mandato recebido. São Paulo já em seu tempo se perguntava por que tantas pessoas não acreditavam em Jesus Cristo; mas, em vez de atribuir a responsabilidade à obstinação dos pagãos ou às suas falsas crenças, ele culpou a falta de compromisso apostólico dos cristãos: "*E como crerão nele (Cristo), se não o ouvirem? E como ouvirão, se não houver quem pregue? E como haverá quem pregue, se não for enviado? De sorte que a fé vem pelo ouvir, e o ouvir pela palavra de Cristo*" (Rm 10,14ss).

Este é um dos grandes mistérios, cujo conteúdo pertence ao Senhor. Tendo-nos chamado a fazer parte do povo de Deus e desejado tornar-nos recipientes do seu plano universal de salvação, Ele nos concedeu uma honra inestimável, mas, ao mesmo tempo, nos impôs uma tremenda responsabilidade. Ao estabelecer a Igreja como sacramento da salvação, dotou-a de todos os meios necessários para o pleno cumprimento da sua missão transcendente; mas, nos seus desígnios insondáveis, estabeleceu que esses mesmos meios salvíficos, eficazes por serem divinos, dependem, de alguma forma, na sua aplicação, do nosso maior ou menor zelo; isto é, são condicionados pela nossa vontade mais ou menos generosa, pela nossa resposta frágil e, em última análise, pelos nossos próprios pecados.

Poderíamos também responder que a situação religiosa do mundo moderno seria diferente se todos os cristãos tivessem mantido vivo em seus corações o amor a Cristo e a seus irmãos e irmãs, e se tivessem se comprometido mais com a propagação do Evangelho por todo o mundo, em conformidade com o mandamento de Cristo. Podemos, de fato, encontrar nas páginas da história povos que se fecharam voluntariamente ao Evangelho, ou que perseguiram violentamente a Igreja já estabelecida entre eles; mas também existem inúmeras páginas — referentes a todos os tempos — que atestam omissões e egoísmo, que atrasaram ou comprometeram seriamente a obra de evangelização.

Na nossa exortação supracitada "Evangelii Nuntiandi", indicamos em particular *a divisão entre os cristãos, que - nas palavras do Concílio Vaticano II - mina a causa sacrossanta da pregação do Evangelho a toda criatura e fecha as portas da fé a muitos* ([*Ad Gentes*](#) , 6).

Responsabilidade missionária de todo o Povo de Deus

Todos os membros da Igreja, sem distinção, *devem ter uma viva consciência da sua responsabilidade para com o mundo, cultivar em si mesmos o verdadeiro espírito católico e dedicar as suas energias à obra da evangelização* (*Ibid.* , 36). O espírito missionário e o espírito católico são a mesma coisa, como afirma a importante Encíclica «Fidei Donum » de Pio XII (PII XII *Fidei Donum* : AAS 49 (1957) 237). *A catolicidade – continua – é a principal característica da Igreja, de tal forma que o cristão não adere à Igreja e não está vinculado a ela se não aderir e não*

estiver vinculado à universalidade de todos os fiéis e se não desejar ardentemente que esta mesma Igreja crie raízes e floresça em todas as regiões da terra (PII XII *Fidei Donum* : AAS 49 (1957) 237). Estas duas condições essenciais para um verdadeiro espírito católico merecem ser recordadas na expectativa do próximo Dia de Outubro.

Em nossa Epístola Apostólica «Graves et Increscentes» sobre a Pontifícia União Missionária, lembramos a todos os sacerdotes e religiosos do mundo que *é seu dever próprio e mais sério ajudar o povo de Deus a adquirir uma consciência correta e plena da Igreja como um corpo vivo constituído por vários membros unidos entre si... que aprendam a pensar e agir como partículas, como filhos e irmãos desta comunidade eclesial... que adquiram uma plena consciência do mistério da Igreja, e que assim se crie um espírito missionário dinâmico* (PAULO VI *Graves et Increscentes* : AAS 58 (1966) 753-754). De fato: *Nada que pertence à Igreja é ou deve ser estranho ao cristão; porque assim como a fé de cada pessoa é a fé da Igreja universal, e sua vida sobrenatural é a vida própria de toda a Igreja, assim também as consolações e as dores da Igreja serão suas dores e consolações; da mesma forma que as preocupações e perspectivas universais da Igreja devem ser as preocupações e perspectivas dos cristãos em suas vidas diárias* (PII XII *Fidei Donum* : AAS 49 (1957) 238).

Essa responsabilidade missionária universal está, além disso, em perfeita harmonia com as exigências missionárias universais que emanam de uma das principais características da Igreja, que é a catolicidade; do Batismo e da Confirmação; da liturgia e, em particular, da celebração da Eucaristia; da seriedade da responsabilidade missionária do Papa e dos Bispos; do amplo, repetido e claro ensinamento papal sobre o dever de cooperar na atividade missionária da Igreja; e, finalmente, dos documentos do Concílio Vaticano II.

Primazia da cooperação missionária universal

Esta cooperação universal não é apenas um dever de todo o Povo de Deus, mas tem precedência sobre qualquer outra forma de cooperação particular, abrangendo não só os membros individuais do Corpo Místico, mas também todas as comunidades e instituições eclesiais. Corresponde, analogamente, à necessidade primordial e irreprimível de cada célula de um organismo vivo: contribuir para o sustento, o desenvolvimento e o aperfeiçoamento de todo o ser. Somente nesta cooperação na plenitude do todo cada membro encontrará a garantia de sua salvação, crescimento e aperfeiçoamento.

O Decreto «*Ad Gentes*», quando fala da ajuda missionária prestada por uma Igreja particular a outra, aprova-a e recomenda-a; no entanto, acrescenta uma importante advertência: *Será muito útil manter o contacto, sem negligenciar, porém, o trabalho missionário geral, com os missionários originários da mesma comunidade, ou de uma paróquia ou diocese missionária, para que se torne visível a íntima união entre as comunidades, com benefício da edificação mútua* (*Ad Gentes* , 37; cf. PAULI PP. VI *Evangelii Nuntiandi* , 61-64).

Dia do missionário: uma expressão de evangelização permanente

Muitos cristãos acreditam que oferecer orações e esmolas no Domingo das Missões é suficiente para cumprir seu dever missionário. Isso seria uma incompreensão do verdadeiro significado desta celebração, pois trata-se de um dever que nasce da própria natureza da Igreja e pesa constantemente em nossa consciência — assim como a obrigação do amor fraterno pesa sobre nós todos os dias do ano —, mesmo que apenas um dia do ano seja dedicado especificamente a esse propósito.

No motu proprio « *Ecclesiae Sanctae* », que estabelece as normas para a aplicação de alguns decretos conciliares à prática pastoral, já incluímos esta importante nota a respeito do referido Dia: *Para intensificar o espírito missionário entre o povo cristão, recomendam-se orações e*

sacrifícios diários, para que a celebração anual do Dia Missionário seja uma manifestação espontânea desse espírito (PAULO PP. VI Ecclesiae Sanctae , III, 3).

As sociedades missionárias pontifícias, a principal e permanente expressão da cooperação missionária de todo o Povo de Deus

Gostaríamos de concluir esta Mensagem apresentando mais uma vez as Obras Missionárias como portadoras deste universalismo missionário, que obriga — como já dissemos — todos os membros da Igreja, tanto pessoal quanto coletivamente.

Foi, de fato, o seu universalismo missionário que as distinguiu desde o início e que levou a Santa Sé a elevá-las à dignidade de "Sociedades Pontifícias", significando precisamente o instrumento oficial da Igreja para a cooperação missionária do Povo de Deus. Esse mesmo universalismo e esse título deram ao Concílio Vaticano II a oportunidade de declará-las o principal instrumento dos bispos para a ação pastoral que realizam em prol das missões.

Não se trata, portanto, de um privilégio concedido graciosamente pela hierarquia eclesial que as Sociedades Missionárias tenham precedência sobre a cooperação missionária específica; trata-se de um título que deriva da sua própria natureza e propósito específico. Essas Sociedades nasceram, foram estruturadas e desenvolvidas com o objetivo preciso de cooperar em toda a atividade missionária da Igreja, de acordo com as suas múltiplas necessidades, provendo-a com base num plano claro e numa visão abrangente dos problemas. Por essa razão, elas têm todo o direito de receber auxílio de todo o Povo de Deus, tanto de indivíduos quanto de diversas instituições.

Este sistema de cooperação na atividade missionária da Igreja abrange todos os seus membros, desde o Papa até ao último dos fiéis (...). Cada bispo, cada sacerdote, cada crente, se exerce alguma atividade de apostolado missionário, direta ou indiretamente, em setores pessoais, deve também dar a sua colaboração às atividades gerais da Igreja; isto é, às Obras Pontifícias, que, embora pertençam ao Papa, pertencem também a todo o Episcopado e a todo o povo de Deus (PAULO PP. VI, Mensagem para o Dia Mundial das Missões de 1968).

Estas obras procuram diligentemente traduzir em realidade o lema significativo de um dos mais eficazes promotores do universalismo missionário no século XX, o Padre Paolo Manna, lema gravado em seu túmulo: *Toda a Igreja para o mundo inteiro.*

O mesmo propósito universal destas Obras também as impulsiona a pôr em prática todos os meios que se mostrem eficazes *para educar o povo de Deus no autêntico espírito universalista e missionário; a promover, na sua multifacetada variedade, as vocações missionárias; a desenvolver permanentemente a caridade no seu duplo aspeto, espiritual e material, sempre no espírito da mais plena catolicidade (PAULO PP. VI, Mensagem para o Dia Mundial das Missões de 1974).*

Foi precisamente a uma dessas Sociedades, as Sociedades para a Propagação da Fé, que merece o crédito por ter proposto a Sua Santidade o Papa Pio XI, em 1926 , a feliz iniciativa de instituir um dia anual em apoio à atividade missionária da Igreja. A ela também foi atribuída a árdua tarefa de promover e organizar, com a assistência das demais Sociedades Pontifícias e sob a direção de seus respectivos Bispos, esse mesmo dia, bem como a de distribuir equitativamente entre as Missões as ofertas recolhidas nessa ocasião pela caridade do mundo católico.

Desejamos sinceramente que, neste ano do quinquagésimo aniversário, as Obras Missionárias Pontifícias experimentem um crescimento vigoroso tanto nas Igrejas de antiga tradição cristã quanto nas Igrejas de fundação mais recente. Graças a essas Obras, cada Bispo poderá assegurar, de forma fácil e eficaz, que toda a sua Diocese, *com a qual forma uma só (Ad Gentes , 38),* tome consciência das suas responsabilidades de cooperação na missão universal da Igreja;

ao mesmo tempo, elas próprias se tornarão uma garantia segura de uma profunda renovação da vida cristã.

Na esperança de que nossa exortação encontre uma resposta generosa de todos os nossos irmãos e filhos ao redor do mundo, expressamos a eles, desde já, nossa gratidão paternal e, como penhor de graças celestiais, concedemos a Bênção Apostólica.

Do Vaticano, por ocasião do quinquagésimo aniversário da instituição do Dia Mundial das Missões.

14 de Abril de 1976, décimo terceiro do nosso Pontificado.

MENSAGEM DO PAPA PAULO VI PARA O DIA MUNDIAL DAS MISSÕES DE 1977

Caros irmãos e filhos da Igreja Católica!

A mensagem que costumamos dirigir-vos por ocasião do Dia Mundial das Missões, conscientes do dever de promover a evangelização, inicia-se este ano com a memória de uma mulher escolhida, de quem a Igreja recebeu e continua a receber um forte impulso missionário: Santa Teresa de Lisieux, que há exatos cinquenta anos foi proclamada, juntamente com São Francisco Xavier, padroeira especial das Missões Católicas (cf. *Decreto da Sagrada Congregação para a Propagação da Fé*, de 14 de dezembro de 1927). Durante este período, houve inúmeras vocações missionárias, bem como uma intensa colaboração, acompanhada e enriquecida pelos sacrifícios de tantos fiéis, para a obra primordial da difusão do Evangelho. Em cada época missionária, de fato, podemos ver como a presença de um Santo se torna o ponto de partida para um novo impulso apostólico, e esta é a razão ideal e auspiciosa para a nossa referência à distinta e santa freira carmelita.

Estaremos talvez diante de uma nova era? Aproxima-se uma nova etapa na obra de evangelização? Na Exortação Apostólica "Evangelii Nuntiandi", publicada pouco antes do final do Ano Santo, afirmamos que "percebemos como nunca antes as necessidades e súplicas de uma multidão de irmãos... aguardando a Palavra de salvação da Igreja", e por isso convidamos ao desenvolvimento de "um programa de ação pastoral... para estes anos que marcam a véspera de um novo século", sem deixar de notar que "a evangelização é o aspecto fundamental de tal programa" (cf. PAULO, PP. VI, *Evangelii Nuntiandi*, 81). Sim, na véspera do terceiro milênio do cristianismo, podemos legitimamente esperar uma nova fase na proclamação do Evangelho, uma fase marcada pelas exigências de autenticidade, unidade, verdade, fidelidade e caridade apostólica: «O mundo que, apesar de inúmeros sinais de rejeição a Deus, paradoxalmente o busca de maneiras inesperadas e sente dolorosamente a sua necessidade, clama por evangelizadores que lhe falem de um Deus que eles conhecem e que lhes é familiar, como se vissem o Invisível» (PAULO VI, *Evangelii Nuntiandi*, 76). Portanto, «é necessário evangelizar – não de maneira decorativa, como um verniz superficial, mas de forma vital, em profundidade e até às raízes – a cultura e as culturas do homem, no sentido... que estes termos têm na Constituição "*Gaudium et Spes*"» (*Ibid.*, 20). «Não se trata apenas – estávamos dizendo – de pregar o Evangelho em áreas geográficas cada vez mais amplas... ...mas também para alcançar e quase derrubar com o poder do Evangelho os critérios de julgamento, os valores determinantes, os pontos de interesse, as linhas de pensamento, as fontes de inspiração e os modelos de vida da humanidade, que estão em contraste com a Palavra de Deus e com o plano de salvação" (*Ibid.* 19).

Formação missionária urgente

Se é isso que a evangelização deve ser hoje, se é esta a sua integração no contexto cultural moderno, o nosso desejo para o Dia deste ano é recomendar a necessidade da *formação missionária*. "Para todos os que trabalham pela evangelização", dissemos novamente, "é necessária uma preparação completa" (*Ibid.*, 73), e isto diz respeito a cada membro do Povo de Deus, porque "toda a Igreja é missionária, e a obra da evangelização é um dever fundamental do Povo de Deus" (cf. *Ad Gentes*, 35). Só a partir desta formação resultará uma cooperação efetiva, ainda que varie nos seus métodos: oração, sacrifício, ajuda financeira, contribuição pessoal, tipos de participação segundo diferentes tempos e graus, consagração total e permanente.

A palavra “missão” é por vezes usada de forma inadequada, a ponto de ser aplicada genericamente a qualquer ação boa e positiva, especialmente se tiver um conteúdo social. Ora, se toda a ação apostólica da Igreja provém da missão de Cristo, não devemos esquecer nem subestimar o aspecto essencial desta missão: o envio “ad gentes” (*Mt* 28,19; *Mc* 16,15; *Lc* 24,47). A este respeito, o que o Concílio Vaticano II repetiu, em conformidade com a tradição, é sempre válido: “O objetivo específico da atividade missionária é a evangelização e o estabelecimento da Igreja entre os povos ou grupos em que ela ainda não se enraizou” (*Ad Gentes* , 6). A atividade missionária não pode, portanto, ser assimilada ou equivalente a qualquer atividade realizada no chamado “terceiro mundo”: se assim fosse, perderia o seu caráter particular e seria também historicamente precária, uma vez que muitos países, onde a Igreja ainda não está estabelecida, não pertencem, nem em breve pertencerão, ao “terceiro mundo”.

Há, portanto, necessidade de apóstolos formados especificamente para a missão “ad gentes”, segundo os critérios definidos no Decreto Conciliar de mesmo nome. Se forem preparados para esta tarefa especial com um forte sentido universalista, fruto de uma profunda sensibilidade humana e eclesial, teremos novos apóstolos que, mesmo diante das mesmas dificuldades, poderão extrair igualmente inúmeras oportunidades de evangelização. Somente uma formação completa, que prepare para uma dedicação generosa, poderá criar as condições para um novo e florescente período das Missões. E este é um objetivo que não pode ser improvisado, mas sim perseguido com coragem num processo de oração, estudo, reflexão, diálogo e compromisso. E é também um objetivo que queremos destacar a todos: não só aos futuros missionários, mas também aos sacerdotes, religiosos, seminaristas e leigos.

Diretrizes para o treinamento missionário atual

Desejando oferecer algumas sugestões em uma área tão importante, convidamos você, em primeiro lugar, a reler os documentos mais recentes sobre missões e evangelização, especialmente o já mencionado decreto conciliar “Ad Gentes” e a nossa Exortação “*Evangelii Nuntiandi*”. De fato, estes fornecem material abundante para uma melhor compreensão — dada a base da natureza missionária da Igreja e uma clara compreensão do conceito de evangelização — de quais devem ser hoje o método e o estilo, as qualidades e os objetivos da formação missionária. Pressupondo esses textos magisteriais, acrescentamos que a própria formação cristã, desde a primeira catequese sacramental até o estudo da teologia, deve ser enquadrada numa perspectiva missionária universal, uma vez que esta não é um mero ornamento, um elemento marginal ou um acessório, mas uma dimensão constitutiva da fé católica. E não nos referimos meramente à formação teórica: é necessário organizar o processo preparatório de modo a alcançar concretamente a dedicação dos indivíduos e das comunidades cristãs à causa da evangelização. O treinamento, além de ser ministrado por meio de conferências, escolas, livros e cursos, também será oferecido por meio de retiros, exercícios espirituais, encontros de oração e, principalmente, por meio do contato direto com aqueles que já realizam a missão e conhecem, por experiência própria, suas necessidades e problemas.

Essa formação resultará em um maior número de vocações missionárias, bem como em uma melhor seleção delas e em uma perseverança mais reconfortante. Portanto, deveria ser indispensável em centros de formação, seminários, casas religiosas, noviciados e paróquias, e seus princípios norteadores serão a generosidade do serviço evangélico e a abertura ao universalismo cristão.

Um objetivo específico, mas igualmente importante, é inspirar e, poderíamos dizer, imprimir uma marca missionária às vocações sacerdotais e às diversas formas de vida consagrada. Este é precisamente o objetivo da União Missionária Pontifícia, que — como afirmamos na Carta Apostólica “*Graves et Increscentes*”, de 5 de setembro de 1966 — é “a alma das Obras

Missionárias Pontifícias". Se este componente estivesse ausente da preparação dos indivíduos mais responsáveis, como os sacerdotes e aqueles que professam uma vida de perfeição por voto, a formação missionária do Povo de Deus seria difícil de alcançar.

Esperamos também que sejam envidados esforços para adquirir essa formação por meio de pesquisa histórica e especialização missiológica. Essas disciplinas, de fato, podem ser de grande ajuda para aumentar a consciencialização sobre muitas figuras missionárias e aprofundar nossa compreensão dos princípios básicos que são a fonte do zelo apostólico. Por fim, esperamos que não falem iniciativas eficazes para estabelecer ou consolidar centros de estudo e promoção missionária, para disseminar publicações e para utilizar ferramentas modernas de comunicação social.

Hoje, mais do que no passado, sentimos a necessidade de apóstolos corajosos que não se percam em discussões inúteis ou questões estéreis, mas que consagrem toda a sua vida à missão universal, semeando "não dúvidas e incertezas... mas certezas que são sólidas porque estão ancoradas na Palavra de Deus" (PAULO, PP. VI *Evangelii Nuntiandi*, 79).

Esta é a formação que esperamos com confiança daqueles que se preparam para o apostolado ou que já colaboram nele: a esses aspirantes a missionários, bem como aos missionários em campo e a todos os filhos da Igreja que os assistirão com oração e sacrifício por ocasião do "Dia" anual, concedemos de coração o consolo da Nossa Bênção Apostólica.

Do Vaticano, na Solenidade de Pentecostes.

29 de Maio de 1977, décimo quarto ano do nosso Pontificado.

MENSAGEM DO PAPA PAULO VI PARA O DIA MUNDIAL DAS MISSÕES DE 1978

A todos os nossos irmãos e filhos em Cristo!

Entre as preocupações do nosso ministério apostólico, a nossa preocupação com as Missões e o estudo dos problemas que delas decorrem estão particularmente presentes no nosso espírito, tanto pela importância que a causa missionária tem na realidade viva da Igreja, como pela sensibilidade e generosidade que, a este respeito, são demonstradas, com crescente fervor, por todo o Povo de Deus.

Assim, retornamos com alegria a este tema atemporal por ocasião do Dia Mundial das Missões, também porque estamos certos de que as considerações que faremos, bem como as sugestões que proporemos, serão objeto de cuidadosa reflexão por parte dos sacerdotes, religiosos e de todos aqueles que cooperam com as Missões Católicas.

O tema que desejamos destacar é precisamente o da cooperação, entendida como a assistência específica e direta oferecida para a evangelização em contextos missionários. Esperamos que isso torne mais claras e urgentes as motivações e os critérios para tal compromisso eclesial.

1. Ajuda para a evangelização

Ao falar de cooperação missionária, devemos ter em mente, antes de mais nada, o propósito primordial da ação da Igreja: a proclamação e a difusão do Evangelho de seu divino Fundador. A ajuda à evangelização, portanto, não pode ser reduzida meramente a uma obra da civilização humana, ou — como observamos na Mensagem do ano passado — à promoção do “terceiro mundo”. A ajuda dos fiéis deve ser dirigida, prioritariamente, à verdadeira evangelização, a chamada primeira evangelização, para assegurar que em cada comunidade humana estejam presentes e sejam claramente visíveis os sinais permanentes da presença salvífica de Jesus Cristo por meio da Igreja, que é o “sacramento universal da salvação” (*Ad Gentes*, 1).

De fato, o Concílio Vaticano II adverte que “o objetivo específico da atividade missionária é a evangelização e o estabelecimento da Igreja entre os povos e grupos onde ela ainda não existe” (*Ibid.* 6).

É, portanto, dentro dessa perspectiva que se enquadra a ajuda necessária que se pede a todos os cristãos.

Muitas vezes, porém, os esforços de evangelização precisam ser acompanhados por iniciativas urgentes voltadas para o desenvolvimento material e cultural de indivíduos e povos em desenvolvimento. Mas mesmo nesses casos, é necessário manter a preeminência do anúncio do Evangelho e da fundação de Igrejas locais, de modo que a assistência técnica ou económica surja como consequência lógica da pregação da lei do amor, aprendida na escola de Cristo. A assistência prestada pelos missionários assumirá, então, a forma de uma dedicação fraterna primorosa, de modo que, mesmo onde Jesus Cristo ainda não se manifestou em sua plenitude transcendente, a semente já foi semeada e a porta para a pregação subsequente já está aberta.

Agora, para implementar este plano operacional, é necessária a corresponsabilidade de todo o Povo de Deus, e esta é uma tarefa urgente para aqueles que presidem cada uma das Comunidades em que a Igreja está dividida. Os primeiros chamados a colaborar são os sacerdotes, religiosos e leigos que desejam viver coerentemente sua vocação batismal. Sem esta dimensão missionária, a ajuda que chega aos indivíduos e povos necessitados, proveniente das

Igrejas antigas, poderia perder o valor da gratidão a Deus pelo dom inestimável da fé e do autêntico amor ao próximo, tal como pretendido por aqueles que a prestam.

2. Ajuda para igrejas jovens

A pregação do Evangelho não pode limitar-se ao anúncio formal da Palavra de Deus, mas deve visar também à criação da comunidade cristã, colocando-a em condições de «suprir, na medida do possível, as suas próprias necessidades» (*Ad Gentes*, 15), que são, principalmente, o aumento contínuo e ordenado das vocações sacerdotais e religiosas, a iniciação e o desenvolvimento de iniciativas adequadas nos âmbitos religioso, cultural, assistencial, etc. A ajuda missionária dos fiéis deve, portanto, dirigir-se a estas Igrejas particulares de fundação mais recente, que, dada a sua origem, necessitam do calor de uma comunhão efetiva e da assistência concreta das Igrejas irmãs.

Essa preferência pela obra caritativa, longe de nos fazer esquecer as outras instituições missionárias existentes no mundo, é uma garantia, pela generosidade nela revelada, da proteção da Divina Providência.

Entre as formas de auxílio às Igrejas jovens, vale a pena mencionar a prática bastante difundida hoje em dia chamada de "geminção". Esta deve ser considerada autêntica e positiva, desde que não negligencie o propósito fundamental da cooperação, voltada para as necessidades urgentes de toda a Igreja missionária. O fato é que algumas Igrejas, mesmo as que necessitam de auxílio, mostram-se um tanto relutantes em relação à "geminção", como se temessem receber ajuda de uma Igreja em particular, preferindo o auxílio respeitoso e anônimo da Igreja universal. Essa atitude pode levar ao esquecimento de algumas Igrejas jovens.

Desejamos, portanto, reiterar o princípio de que toda Igreja local, seja antiga ou recém-fundada, deve sentir a urgência de ser evangelizadora, isto é, ativa e diligente em inspirar e encorajar diversas iniciativas apostólicas. Nesse contexto, a jovem Igreja, ao expressar gratidão à comunidade eclesial que a auxilia, longe de ter seu crescimento, por assim dizer, atrofiado, sentirá também a necessidade de sua generosa colaboração para o crescimento da Igreja em todo o mundo.

Nesse sentido, cabe ressaltar que o progresso económico em algumas regiões onde o cristianismo está há muito estabelecido permite o surgimento e o florescimento de instituições qualificadas para assistência e doações beneficentes. Contudo, os responsáveis por essas organizações nem sempre conseguem identificar os mais necessitados entre os beneficiários da ajuda; em outras ocasiões, as intervenções beneficentes, devido à falta de entendimento entre a instituição que presta o auxílio e as comunidades assistidas, não alcançam o efeito desejado: o de desenvolver um senso de responsabilidade vigilante na criação de suas próprias estruturas.

Precisamente para evitar os riscos de uma ajuda que possa revelar-se particularista e dispersiva, é evidente que deve haver uma maior coordenação entre as várias formas de socorro e assistência.

3. Ajuda missionária através das sociedades missionárias pontifícias

O espírito de assistência que desejamos recomendar e promover é precisamente o das Obras Missionárias Pontifícias, cuja importância temos reiteradamente enfatizado. Estas Obras, de fato, surgiram no próprio seio da comunidade cristã, com o objetivo de fomentar a consciência missionária de todo o Povo de Deus, e foi devido à sua natureza universal e, literalmente, católica que os nossos Predecessores lhes atribuíram o título de *Pontifícias*. Com este nome, não meramente honorífico ou decorativo, as Obras Missionárias Pontifícias expressam e testemunham a sua total disponibilidade para prestar fiel assistência Àquele que "preside sobre a caridade universal". Dado o seu caráter pontifício, estas mesmas Obras são também episcopais, isto é, ao

serviço da colegialidade episcopal e de cada Bispo, na medida em que este é o princípio da unidade na sua Igreja local e responsável pela evangelização universal. Estas Obras são, portanto, no âmbito da cooperação missionária, o meio privilegiado ao alcance de todo o Povo de Deus.

Se na atividade missionária direta a preferência recai sobre os Institutos sob a direção dos Bispos das Igrejas particulares, na cooperação missionária a prioridade por parte da comunidade cristã pertence às Obras Missionárias Pontifícias. Com razão, portanto, o Concílio Vaticano II afirmou que «estas Obras devem, com razão, ocupar o primeiro lugar, uma vez que constituem tantos meios para incutir nos católicos, desde a mais tenra idade, um espírito verdadeiramente universal e missionário, como para incentivar uma adequada arrecadação de subsídios em benefício de todas as missões e de acordo com as necessidades de cada uma» (*Ad Gentes* , 38).

A proclamação e a difusão do Evangelho, hoje mais do que nunca, exigem um planeamento amplo, abrangente e de longo alcance, no qual todas as forças católicas contribuem, enquanto o necessário trabalho de síntese - como serviço à primazia universal do Sumo Pontífice e à colegialidade episcopal - é confiado ao Dicastério Missionário, que precisamente "é responsável por regular e coordenar em todo o mundo tanto o próprio trabalho missionário como a cooperação missionária" (*Ibid.* , 29).

É, portanto, desejável que, no programa de renovação pastoral implementado em diversas nações e dioceses, as Obras Missionárias Pontifícias, dirigidas pela Sagrada Congregação para a Evangelização dos Povos, sejam reconhecidas como detentoras do lugar de destaque que o Concílio Vaticano II e nós mesmos confirmamos. Desta forma, a assistência qualitativa e quantitativa à causa do Evangelho continuará ininterrupta, tanto pela maior diligência técnica e organizacional de seus promotores quanto pelo mais acentuado senso de responsabilidade por parte dos fiéis.

Com esses pensamentos, caríssimos irmãos e filhos em Jesus Cristo, invocamos sobre vocês e seu compromisso missionário a constante ajuda da assistência divina, enquanto lhes concedemos de todo o coração a propícia Bênção Apostólica.

Dado em Roma, na Basílica de São Pedro, na Solenidade de Pentecostes.
14 de Maio de 1978, décimo quinto do nosso Pontificado.

JOÃO PAULO II (1978-2005)

MENSAGEM DO PAPA JOÃO PAULO II PARA O DIA MUNDIAL DAS MISSÕES DE 1979

SOLIDÁRIO ENTUSIASMO MISSIONÁRIO PARA CONSTRUIR A «CIVILIZAÇÃO NOVA»

A todos os meus irmãos e filhos em Cristo

Ao inaugurar o ministério apostólico no domingo 22 de Outubro do ano passado — data que felizmente coincidiu com o Dia Missionário Mundial na Igreja católica — não pude omitir, entre as intenções primárias, que ardiam no meu espírito naquela solene circunstância, a referência ao problema sempre actual e urgente da dilatação do Reino de Deus entre os povos não cristãos. Dirigindo-me, de facto, a todos os fiéis espalhados pelo mundo, recordei como naquele dia a Igreja orava, meditava e se esforçava para que as palavras de vida de Cristo chegassem a todos os homens, a fim de serem por eles acolhidas como mensagem de esperança, salvação e libertação total (Cfr. AAS LXX, pág. 947).

Esse pensamento renovou-se em mim enquanto compunha a primeira Carta Encíclica e tratava o tema da missão da Igreja ao serviço do homem; ele volta agora a vibrar mais insistentemente ainda, ao ter em vista o Dia Missionário do próximo Outono. A este propósito, julgo oportuno retomar e desenvolver uma afirmação que na mencionada Encíclica só pude enunciar, quando escrevi que «a missão não é nunca destruição, mas reassunção de valores e nova construção». (Enc. *Redemptor hominis*, 12). Na verdade a expressão pode oferecer tema adequado para a nossa reflexão comum.

A Missão não é destruição de valores

Quantos e quais são os valores presentes no homem? Recordo rapidamente os específicos da sua natureza, como a vida, a espiritualidade, a capacidade de doação e de amor; os provenientes do contexto cultural em que ele está situado, como a linguagem e as formas de expressão religiosa, ética e artística; os derivados do seu esforço e experiência na esfera pessoal e na da família, do trabalho e das relações sociais.

Ora é com este mundo de valores, mais ou menos autênticos e desiguais, que o missionário entra em contacto na sua obra de evangelização: diante deles deverá colocar-se em atitude de atenta e respeitosa reflexão, preocupando-se com não abafar nunca, mas salvar e desenvolver, tais bens acumulados no decurso de tradições de séculos. É necessário reconhecer o estudo constante em que o trabalho missionário se inspira e deve inspirar-se, em acolher estes valores do mundo, no qual esse trabalho se pratica: a atitude fundamental, naqueles que levam o alegre anúncio do Evangelho aos povos, é a de propor, e não impor, a Verdade cristã.

Isto requer-se, primeiramente, da dignidade da pessoa humana, que a Igreja, a exemplo de Cristo, sempre defendeu contra qualquer forma aberrante de coacção. De tal dignidade, com efeito, é a liberdade pressuposto fundamental e irrenunciável (Cfr. Declar. *Dignitatis humanae*, 2). Isto é requerido também pela natureza mesma da fé, que pode nascer só dum assentimento livre (Cfr. *ibid.*, 10).

O respeito pelo homem e a estima «por aquilo que ele mesmo no íntimo do seu espírito elaborou quanto aos problemas mais profundos e mais importantes» (Enc. *Redemptor hominis*, 12), mantêm-se como princípios basilares para qualquer recta actividade missionária, entendida como prudente, oportuna e activa sementeira evangélica, não já como desenraizamento daquilo que, sendo autenticamente humano, tem valor intrínseco e positivo.

A Missão é a reassunção de valores

«As Igrejas jovens — lê-se no Decreto *Ad Gentes* — recebem dos costumes e das tradições, da sabedoria e da doutrina, das artes e das disciplinas, tudo aquilo que pode contribuir para confessar a glória do Criador, ilustrar a graça do Salvador e ordenar, como convém, a vida cristã» (Cfr. Decr. *Ad Gentes*, 22). A acção evangelizadora deve tender, portanto, a dar relevo e a desenvolver aquilo que, sendo válido e são, está presente no homem evangelizado, como no contexto sócio-cultural a que ele pertence. Como método atento e discreto de educação (no sentido etimológico de «tirar para fora»), ela fará que surjam e atinjam a maturidade, depois de os purificar das incrustações e dos sedimentos acumulados com o tempo, os autênticos valores de espiritualidade, religiosidade e caridade que, como «sementes do Verbo» e «sinais da presença de Deus», abrem o caminho à aceitação do evangelho.

Tornando próprias «as riquezas das nações que foram dadas a Cristo em herança» Ibidem. e iluminando com a palavra do Mestre aquela soma de costumes, tradições e conceitos que formam o património espiritual dos povos, a Igreja contribuirá assim para a construção duma civilização nova e universal, que, sem alterar a fisionomia e os aspectos típicos dos diversos contextos étnico-sociais, atingirá o seu aperfeiçoamento adquirindo os mais altos conteúdos evangélicos. Não é porventura este o testemunho que nos vem de tantos Países de missão (penso, por exemplo, nas Igrejas da África), onde a força do Evangelho, livre e conscientemente recebido, longe de anular, reforçou as tendências e os aspectos melhores das culturas locais e favoreceu novo desenvolvimento delas?

«O Evangelho de Cristo — recorda ainda o Concílio numa bela página da Constituição *Gaudium et Spes* — renova continuamente a vida e cultura do homem decaído, combate e elimina os erros e males nascidos da permanente sedução e ameaça do pecado. Purifica sem cessar e eleva os costumes dos povos. Fecunda como que por dentro, com os tesouros do alto, as qualidades de espírito e os dotes de todos os povos e tempos; fortifica-os, aperfeiçoa-os e restaura-os em Cristo. Deste modo, a Igreja, só com realizar a própria missão, já com isso mesmo estimula e ajuda a civilização ...» (*Gaudium et Spes*, 58).

A Missão é a nova construção

A acção evangelizadora, tendendo a transformar «a partir de dentro» todas as criaturas humanas, introduz nas consciências um fermento renovador, capaz «de chegar a atingir e como que a modificar pela força do Evangelho os critérios de julgar, os valores que contam, os centros de interesse, as linhas de pensamento, as fontes inspiradoras e os modelos de vida da humanidade, que se apresentam em contraste com a Palavra de Deus e com o desígnio da salvação» (Cfr. Exort. Apost. *Evangelii Nuntiandi*, 19). Solicitado por tal impulso interior, o indivíduo é levado a tomar, cada vez mais, melhor consciência da sua realidade de «cristão», isto é, da dignidade que lhe é própria enquanto ser humano, criado à imagem e semelhança de Deus, nobilitado na mesma natureza pelo acontecimento da Encarnação do Verbo, destinado a um ideal de vida superior.

Encontramos aqui as bases daquele «humanismo cristão», em que os valores naturais se conjugam com os da Revelação — a graça da filiação adoptiva divina, da fraternidade com Cristo e da acção santificadora do Espírito.

Torna-se então possível o nascimento da «nova criatura», rica ao mesmo tempo de valores humanos e divinos: eis aqui o «homem novo», elevado a uma dimensão transcendente, a que vai buscar o auxílio indispensável para dominar as paixões e praticar as mais difíceis virtudes, como o perdão e o amor do próximo, feito seu irmão.

Tendo crescido na escola do Evangelho, o «homem novo» sente o impulso para se tornar defensor da justiça, da caridade e da paz, no contexto sócio-político a que pertence, e torna-se factor, ou pelo menos colaborador, daquela «cidade nova», que tem no Sermão da Montanha a sua *magna charta*. Vê-se claramente, portanto, como a renovação promovida pela actividade evangelizadora, sendo embora essencialmente espiritual, vai direita ao coração da questão grave e atormentadora das injustiças e dos desequilíbrios económicos e sociais, que afligem tão grande parte da humanidade, e pode contribuir para a sua solução. Evangelização e promoção humana, numa palavra, sendo embora claramente distintas Cfr. Exort. Apost. *Evangeli Nuntiandi*, 35., estão entre si ligadas com nexo indissolúvel, que expressivamente encontra a sua junção na mais alta virtude cristã: a caridade. «Aonde chega o Evangelho, chega a caridade», afirmava o meu Predecessor Paulo VI na Mensagem do Dia Missionário de 1970. E, de facto, os missionários não faltam nunca a esta obrigação fundamental, esforçando-se sempre por completar o serviço próprio deles «pro causa salutis», com uma decidida e construtiva acção em favor do desenvolvimento. É disso demonstração esplêndida o florescimento, em todos os Países de missão, de Escolas, Hospitais e Instituições, a cujo lado se vem juntar uma série completa de iniciativas no campo técnico, assistencial e cultural, que são fruto de duros sacrifícios pessoais por parte dos missionários mesmos, como também o são das renúncias ocultas de tantos irmãos deles que residem noutros campos.

Edificando a humanidade nova, penetrada pelo Espírito de Cristo, a actividade missionária apresenta-se ao mesmo tempo como o instrumento idóneo e eficaz para resolver não poucos dos males do mundo contemporâneo: injustiça, opressão, marginalização, exploração e solidão. É obra — como todos vêem — imensa e entusiasmante, a que é chamado cada cristão a dar o próprio contributo.

A cooperação e as Obras Missionárias Pontifícias

Na realidade, a difusão do anúncio da salvação, longe de ser prerrogativa dos missionários, é dever grave que impende sobre o Povo de Deus, como recordou autorizadamente o Concílio: «Como membros de Cristo vivo, ... todos os fiéis estão obrigados, por dever, a colaborar no crescimento ... do seu Corpo» (Cfr. Decr. *Ad Gentes*, 36). Sobre este dever não posso, pois, deixar de me fixar para concluir estas minhas palavras.

Aqueles que, tendo recebido o dom da fé, gozam dos ensinamentos de Cristo e participam nos Sacramentos da sua Igreja, não podem, precisamente por causa do mandamento do amor e — diria até — pela solidariedade da caridade, não podem desinteressar-se dos milhões de irmãos, a quem não foi ainda levada a Boa Nova. Devem aqueles participar na acção missionária, primeiramente com a oração e com a oferta dos próprios sofrimentos: é este o modo de colaboração mais eficaz, uma vez que, exactamente por meio do calvário e da cruz, levou Cristo a termo a sua obra redentora. Devem, depois, conservá-la com generosos auxílios concretos, porque, nas terras de missão, imensas e inúmeras são as necessidades de ordem material. Tais auxílios, recolhidos por meio das Obras Missionárias Pontifícias — órgão central e oficial da Santa Sé para a animação e a cooperação missionária —, serão em seguida distribuídos, segundo a justiça e a oportunidade, entre as Igrejas jovens. «Com todo o direito se deve dar o primeiro lugar a estas Obras, uma vez que são meios para oferecer aos católicos um sentido verdadeiramente universal e missionário ...» (Cfr. Decr. *Ad Gentes*, 38). São elas que asseguram a coordenação eficiente na visão global das receitas e dos pedidos; é delas que parte, ramificando-se, a rede

capilar da caridade missionária. Mas a sua razão de ser não se reduz só a função organizativa; na realidade, elas são chamadas a exercer um papel de activa mediação e de comunicação inter-ecclesial, favorecendo o contacto frequente e fraterno entre as várias Igrejas locais, entre as de antiga tradição cristã e as de recente fundação. E esta é função muito mais alta, porque directamente reflecte e promove a circulação da caridade.

Expressando desde agora viva gratidão a todos quantos recebam de coração aberto a presente mensagem, invoco a plenitude dos favores celestiais para os venerados Irmãos no episcopado, para as suas comunidades diocesanas, como também, sobretudo, para cada Missionário e Missionária e seus Institutos, enquanto, em penhor de atento afecto, a todos concedo a Bênção Apostólica.

Do Vaticano, aos 14 de Junho, Solenidade do Corpo e do Sangue de Cristo, do ano de 1979, primeiro do Pontificado.

MENSAGEM DO PAPA JOÃO PAULO II PARA O DIA MUNDIAL DAS MISSÕES DE 1980

A Igreja encarna-se na missão e plasma o homem novo

Veneráveis Irmãos e caríssimos Filhos da Igreja

A minha recente viagem ao Continente Africano fez-me notar uma vez mais a necessidade e a urgência da actividade missionária, que se qualifica essencialmente como esforço de anunciar ao mundo inteiro a salvação do homem em Cristo, que morreu e ressuscitou para ser o Senhor dos vivos e dos mortos (cfr. *Rom.* 14, 9). Baseado, portanto, nesta experiência directa, desejo dedicar a costumada mensagem do anual Dia das Missões a uma renovada reflexão sobre a permanente exigência de tal actividade.

Qual é presentemente — deve perguntar-se — a situação da Igreja no mundo? Pondo de parte a realidade do Ocidente, onde mais que noutras terras «estão a executar-se — como fiz notar na homilia pronunciada o ano passado na mencionada circunstância — várias formas de anti-evangelização», e restringindo o campo ao mundo missionário como se entende ordinariamente, torna-se evidente que passados dois mil anos de Cristianismo, o Evangelho do Senhor está bem longe de ser conhecido e estar difundido, na sua integridade, junto de todos os homens. Certamente, tal situação depende de causas de natureza variada, ligadas por vezes às condições sócio-políticas das diversas Nações; mas não se pode deixar de mencionar entre estas a exiguidade do número daqueles que estão empenhados na obra evangelizadora. Continua a ser verdade, infelizmente também nos nossos dias, o juízo que formulava nos seus tempos o «príncipe dos missionários», São Francisco Xavier: «Muitos não se fazem cristãos só porque falta quem os faça cristãos» (*Epist.*, I, Roma, 1944, p. 166).

I. A Igreja «Missão Encarnada», dinamicamente aberta ao mundo

Diante desta carência objectiva, a Igreja não pode calar-se nem cruzar os braços tranquilamente, ignorando as necessidades de tantos

milhões de irmãos que esperam o anúncio da mensagem de salvação: «Deus — recorda-no-lo São Paulo — deseja que todos os homens se salvem e conheçam a verdade» (1 *Tim.* 2, 4). E a verdade é Cristo Redentor do Mundo, que «penetrou de modo único e irrepetível no mistério do homem» e deve tornar-se «a única orientação do espírito, a única direcção da inteligência, da vontade e do coração», pois por todos os homens derramou Ele o Seu sangue na Cruz, porque «está compreendido cada um no mistério da redenção» (Encíclica *Redemptor Hominis*, nn. 7, 8 e 13). Uma atitude de renúncia por parte da Igreja estaria, portanto, em contraste com a missão a ela confiada, que é de revelar Cristo ao mundo e dirigir a consciência de toda a humanidade para o seu mistério, «ajudando os homens a ter familiaridade com a profundidade da redenção» (*ibid.*, n. 10).

A ordem dirigida por Cristo ressuscitado aos Seus discípulos «Ide, pregai...» (cfr. *Mc.* 16, 15; *Mt.* 29, 19), fixando eficazmente a imagem e a função da Igreja peregrina, exprime o dinamismo missionário que é intrínseco à sua natureza. Esta, movida incessantemente pelo Espírito, é perenemente «enviada» aos povos para transmitir-lhe a fonte inexaurível daquela água viva que brota da palavra e da obra do Senhor. Até o termo «missão» já o fazia notar o meu venerado Predecessor Paulo VI na mensagem missionária de 1964 — «traz ao pensamento esta figura de

movimento, característica da vida da Igreja: parte de Cristo, por Ele é mandada, é impelida e é acompanhada; leva-O consigo, prega-O, comunica-O e transmite-O; mediante ela Cristo chega aos homens, transpõe os confins das nações e sobrevoa os séculos».

E evangelização, ou seja a actividade missionária, corresponde portanto à vocação específica da Igreja que vai sempre respeitando a verdade, vai ao encontro dos homens do nosso tempo que ainda «in umbra mortis sedent» (Lc. I, 79); pode-se até dizer que a *Igreja é a missão encarnada*. Por algum motivo inculcou o Concílio explicitamente: «A Igreja que vive no tempo é por natureza missionária, pois é à missão do Filho e à missão do Espírito Santo que ela, segundo o plano de Deus Pai, vai buscar a sua própria origem» (Decr. *Ad Gentes*, n. 2).

Depositária da Boa Nova, a Igreja, como não pode deixar de falar, assim deve necessariamente *enviar ainda*, hoje não menos que outros tempos, apóstolos e missionários que saibam falar aos homens da salvação transcendente e libertadora, encaminhando-os—em plena fidelidade ao Espírito para o conhecimento da verdade; os quais com os Sacramentos, a começar da «porta» do baptismo, os incorporem a Cristo na viva comunhão do Seu Corpo Místico; os quais, por fim, lhes façam conhecer o sentido autêntico da sua dignidade de criaturas, modeladas à imagem de Deus, e portanto os iluminem a respeito do verdadeiro significado da sua existência no mundo. E assim que a Igreja trabalha eficazmente, para que seja aplicado o plano salvífico de Deus.

2. As missões, instrumentos de evangelização e centros de promoção humana

À luz destes considerandos, as Missões revelam-se ainda necessárias e insubstituíveis a ponto de, sem elas, a aplicação deste plano e a expansão do Reino até aos confins da terra nem sequer serem concebíveis; sem elas não poderia nascer e desenvolver-se a civilização nova, fundada — sob o signo de Cristo — sobre a justiça, a paz e o amor, porque *é na Missão que se plasma o homem novo*, consciente da sua dignidade e do seu destino transcendente de criatura remida.

Nas Missões, forjas de fermento evangélico, bate o coração da Igreja universal com toda a solicitude dirigida ao bem autêntico e integral do homem. Mas elas são, ao mesmo tempo, centros de promoção humana, porque se, por um lado, a Igreja, em virtude do princípio da caridade que a anima, não pode ficar insensível às necessidades materiais dos irmãos, por outro, evangelizando e auxiliando o homem a compreender-se a si mesmo em Cristo, promove desse modo também a consciência civil e o progresso social. Exactíssimo se mostra, a este propósito, o que afirma o documento conclusivo da Conferência de Puebla: «O melhor serviço ao irmão é a evangelização que o dispõe a realizar-se como filho de Deus, o liberta das injustiças e o promove integralmente» (n. 1145).

Também onde a pregação da Palavra encontra obstáculos, a simples presença do Missionário — com o seu testemunho de pobreza, caridade e santidade — constitui já forma eficaz de evangelização e cria muitas vezes os pressupostos para um diálogo construtivo. Uma vez mais me é agradável, portanto, aproveitar esta ocasião para louvar e agradecer aos Missionários que, à custa de sacrifícios imensos por vezes, e entre dificuldades de todo o género, espalham a semente da Palavra, graças à qual a Igreja se desenvolve e lança raízes no mundo. E o fruto mais consolador desta sua obra heróica e infatigável é florescerem maravilhosamente novas e fervorosas Comunidades cristãs de cujo húmus brotam vocações sacerdotais e religiosas, que são a esperança para a Igreja de amanhã.

Sim, os Missionários são operários indispensáveis para a Vinha do Senhor, e mesmo as Igrejas locais de recente fundação, desenvolvendo embora o seu clero autóctone, sentem ainda a necessidade da presença e das energias dos Missionários, mesmo para aproveitarem a riqueza das tradições plurisseculares e da maturidade das antigas Igrejas que eles levam consigo. Assim,

entre umas e outras Igrejas locais realiza-se frutuosa troca de ideais, iniciativas e obras, o que é uma espécie de osmose fecunda para a Igreja universal.

3. A cooperação e as Obras Missionárias Pontifícias

Levado por tais motivos, desejo exprimir a minha complacência por todas as formas de cooperação missionária, que as Comunidades eclesiais sabem descobrir e estabelecer com generoso espírito apostólico. Bem sei que em muitas dioceses se promove activamente aquela forma de colaboração que tanto foi recomendada pelo meu predecessor de venerada memória Pio XII na Encíclica «*Fidei Donum*». O benefício, com efeito, de tal compromisso ministerial «ad tempus» é duplo: os Sacerdotes que a ele se dedicam, assim como oferecem um evidente serviço às Igrejas missionárias, assim também, regressando às dioceses de origem, trazem-lhes o tesouro das suas experiências, contribuindo de tal modo para aquela obra de animação, que tanto ajuda a despertar, mesmo entre os fiéis, a consciência missionária e a vontade de apoiar a causa da evangelização.

Continuando o assunto da cooperação, não é preciso repetir que seria grande erro identificá-la exclusivamente com o auxílio económico, apesar de necessário para valer às grandes e às vezes indizíveis misérias de tantos irmãos nossos. Ao auxílio financeiro deve unir-se, como irrenunciável premissa, o da *oração*: é preciso orar pelas vocações, pelos Missionários e ainda pelos Irmãos que devem receber a evangelização; é preciso orar também para que as Nações do mundo, que têm alto grau de civilização e bem-estar, abram o coração às imensas necessidades das nações menos privilegiadas e, de comum acordo segundo a orientação fundamental da solidariedade universal, realizem inteligente programação e planificação dos auxílios que cheguem a combater aquelas graves discriminações, desigualdades e injustiças que formam um dos grandes escândalos do nosso tempo.

À nossa deverá unir-se, como elemento precioso e eficaz para entrar no coração de Deus, a oferta espontânea dos próprios sofrimentos, em união a Cristo para o bem dos irmãos. Por último, desejo recordar a importância que, para as finalidades da cooperação, têm as *Obras Missionárias Pontifícias*. No próximo Dia Mundial todos são convidados a reflectir sobre o papel que elas desempenham no meio da Comunidade eclesial inteira, como instrumentos idóneos para a animação e sensibilização missionária do Povo de Deus (cfr. Decr. *Ad Gentes*, n. 38).

Aos Missionários e a todos aqueles que, em diversas formas e diversos modos, gastam as suas energias na difusão do Evangelho, com profunda e vivíssima gratidão concedo a confortadora Bênção Apostólica.

Do Vaticano, a 25 de Maio, Solenidade do Pentecostes, do ano de 1980, segundo do nosso Pontificado.

MENSAGEM DO PAPA JOÃO PAULO II PARA O DIA MUNDIAL DAS MISSÕES DE 1981

Caros Irmãos e Irmãs em Cristo

O Dia Missionário Mundial é acontecimento importante na vida da Igreja. Pode mesmo dizer-se que a sua importância cresce sem cessar.

Talvez nunca como hoje a missão confiada à Igreja pelo Seu Fundador, "Ide, pois, ensinai todas as nações" (*Mt* 28, 19; cf. *Mc* 16, 15), tenha assumido tal amplitude e urgência. Mais que nunca a Igreja deve fazer próprias as palavras do Apóstolo: "Ai de mim, se não evangelizar!" (*1 Cor* 9, 16).

1. Por uma Igreja missionária

O Dia Missionário Mundial é a ocasião por excelência para uma tomada de consciência geral do dever missionário e para recordar a todos os membros da Igreja, qualquer que seja a sua função e o seu posto, que estão responsabilizados neste dever. Todos devem meditar os textos vigorosos do Concílio Vaticano II, em que se afirma que a Igreja inteira é missionária, que a obra de evangelização é o dever fundamental do Povo de Deus (*Ad Gentes*, 35) e que a cada discípulo de Cristo compete a sua parte na missão de difundir a fé (*Lumen Gentium*, 17). É necessário incessantemente retomar o ensinamento do Concílio, expresso em tantos documentos seus, aprofundado pelo Sínodo dos Bispos de 1974 e sintetizado pelo Papa Paulo VI na sua Exortação Apostólica *Evangelii nuntiandi* de 8 de Dezembro de 1975. Se uma vez mais vos convido a voltar a estes documentos, tantas vezes citados, é porque estou convencido da importância deles, que deve ser cada vez mais aprofundada.

O Dia Missionário Mundial é ocasião para cada um fazer nesta matéria um exame de consciência e expor ao Povo de Deus a doutrina da Igreja: de facto, está em jogo o futuro da evangelização do mundo. Se todos os cristãos estivessem persuadidos dos seus deveres missionários, as dificuldades seriam menos pesadas.

Neste sentido, é motivo de grande esperança ver multiplicarem-se no mundo pequenas comunidades cristãs, dinâmicas e abertas, que compreenderam a própria responsabilidade no anúncio do Evangelho, penhor de promoção de um mundo melhor.

Outro fenómeno, que nos alegra e pelo qual devemos dar graças ao Senhor, é o nascimento de um movimento missionário nas jovens Igrejas, que de evangelizadas se tornam evangelizadoras. Em muitos países de missão, o número de missionários que partem para levar a mensagem evangélica aos não-cristãos — seja noutras regiões do seu país, seja nos outros países, seja noutros continentes — aumenta de dia para dia. Em cada continente, encontram-se actualmente missionários provenientes de todos os países do mundo.

As jovens Igrejas, que por sua vez se tornaram missionárias, dão prova da sua maturidade na fé. Compreenderam que uma Igreja particular, que não seja missionária, não é plenamente católica. Com efeito, se é missionária a Igreja inteira, devem-no ser igualmente as Igrejas particulares: "Estas são formadas à imagem da Igreja universal. É nelas e a partir delas que existe a Igreja una e única" (*Lumen Gentium*, 23). Uma Igreja fechada em si mesma, sem abertura missionária, é Igreja incompleta ou está doente. O exemplo do despertar missionário nas Igrejas jovens pode recordar esta verdade também às Igrejas antigas, que, depois de terem exercido um esforço

admirável, parecem por vezes abandonar-se ao desânimo e à dúvida acerca do seu dever missionário.

2. O serviço missionário do Papa

Toca ao Papa recordar este dever missionário a todos os seus irmãos em Cristo. Como Pastor supremo de uma Igreja inteiramente missionária, ele deve ser o primeiro missionário, esforçando-se por imitar o exemplo de Cristo, "o primeiro e o maior evangelizador" (*Evangeli nuntiandi*, 7), e colocando-se sob a guia do Espírito Santo, "o Agente principal da evangelização" (*ibid.*, 75).

Desde o início do meu Pontificado meditei as palavras do *Concílio Vaticano II*, onde se diz que ao Sucessor de Pedro "foi confiada, de modo particular, a grande missão de propagar o nome cristão" (*Lumen Gentium*, 23; cf. *Evangeli nuntiandi*, 67). A exemplo do meu Predecessor Paulo VI, pus-me em viagens, para visitar numerosos países, entre os quais alguns em que Cristo quase não é conhecido ou o anúncio missionário do Evangelho está ainda incompleto. As minhas viagens à América Latina, à África e Ásia tiveram "finalidade eminentemente religiosa e missionária" como eu dizia antes de partir para a África. Quis anunciar eu mesmo o Evangelho, fazendo-me de alguns modo catequista itinerante, e animar todos os que estão ao seu serviço, quer provenham dos próprios países, quer provenham de outros para colocar-se ao serviço de uma Igreja local. A todos quis prestar homenagem e exprimir os meus sentimentos de gratidão em nome da Igreja universal. Estas viagens permitiram-se admirar a fé, as riquezas espirituais e a vitalidade das jovens Igrejas, partilhar das suas alegrias, das suas necessidades e dos seus sofrimentos, animá-las nos seus esforços para enraizar a fé cristã na cultura que lhes é própria. O contacto com estas massas humanas que ainda ignoram a Cristo convenceu-me, mais ainda que antes, da urgência do anúncio evangélico. O Mundo tem tanta necessidade de Cristo! E aqueles que estão nos postos avançados desta missão evangélica sabem-no melhor que qualquer outro. A colaboração de todas as Igrejas na evangelização do mundo não deve enfraquecer-se.

3. A função evangelizadora da família

Fazendo apelo à colaboração de todos para a obra missionária, queria dirigir-me em primeiro lugar às famílias cristãs. O nosso tempo precisa que se torne a pôr em evidência a importância da família, da sua vitalidade e do seu equilíbrio. Isto é verdade no plano humano: a família, é célula de base da sociedade, o fundamento das suas qualidades profundas. Isto é verdade também para o Corpo místico de Cristo, que é a Igreja; e foi por isso que o Concílio deu à família o belo título de "Igreja doméstica" (*Lumen Gentium*, 11). A evangelização da família constitui, portanto, o objectivo principal da acção pastoral, e esta por sua vez não consegue plenamente a própria finalidade, se as famílias cristãs não se tornam, elas mesmas, evangelizadoras e missionárias: o aprofundamento da consciência espiritual pessoal leva cada um, pais e filhos, a que tenha o próprio papel a própria importância para a vida cristã de todos os outros membros da família.

Não há qualquer dúvida de que, no plano religioso como no plano humano, a acção da família depende dos pais, da consciência que têm das próprias responsabilidades e do valor cristão deles. É a eles, portanto, que desejaria especialmente dirigir-me. Com as suas palavras e com o testemunho da sua vida, conforme ensina a Exortação Apostólica *Catechesi tradendae*, os pais são os primeiros catequistas dos filhos (cf. n. 68). Nesta actividade, a oração deve ocupar o primeiro lugar, e ser-me-á permitido insistir neste ponto. A oração, de facto, apesar do belo renascimento verificado num ou noutro ponto, continua a ser difícil para muitos cristãos, que rezam pouco. Estes perguntam-se: para que serve a oração? é compatível com o nosso moderno sentimento da eficiência? não há porventura algo de mesquinho em responder com a oração às necessidades materiais e espirituais do mundo?

Diante destas dificuldades, saibamos mostrar incessantemente que a oração cristã é inseparável da nossa fé em Deus, Pai, Filho e Espírito Santo, da nossa fé no Seu amor e no Seu poder redentor, que está em actividade no mundo. Por isso a oração vale primeiro que tudo para nós: Senhor, "aumenta a nossa fé" (Lc 17, 6). Tem como finalidade a nossa conversão, isto é, como explicava já São Cipriano, a disponibilidade interior e exterior, a vontade de abrir-se à acção transformadora da Graça. "Dizendo: Santificado seja o Vosso nome..., nós pedimos insistentemente, pois fomos santificados com o baptismo, que perseveremos naquilo que começámos a ser... *Venha a nós o Vosso reino*: pedimos que o Reino de Deus se realize em nós no sentido em que imploramos seja o Seu nome santificado em nós... Acrescentamos depois: *Seja feita a Vossa vontade assim na terra como no céu*, para nós podermos fazer o que Deus quer... A vontade de Deus é o que Cristo fez e ensinou" (S. Cipriano, *De oratione dominica*). A verdade da oração implica a verdade da vida; a oração é ao mesmo tempo a causa e o resultado de um modo de viver, que se coloca à luz do Evangelho. Neste sentido, a oração dos pais, como a da comunidade cristã, será para os filhos uma iniciação na busca de Deus e em ouvir os seus convites. O testemunho de vida encontra então todo o seu valor. Supõe que os filhos aprendem na família, como consequência normal da oração, a olhar cristãmente para o mundo, segundo o Evangelho. Isto supõe também que eles na família aprendem concretamente que na vida há preocupações mais fundamentais que o dinheiro, as férias ou o divertimento. Então a educação ministrada aos filhos poderá abri-los ao dinamismo missionário como a uma dimensão integrante da vida cristã, porque os pais e os outros educadores estarão eles próprios impregnados de espírito missionário, inseparável do sentir da Igreja. Com o exemplo, mais ainda do que com as suas palavras, eles ensinarão aos próprios filhos a serem generosos para com os mais fracos, a partilharem a sua fé e os seus bens materiais com as crianças e os jovens que ignoram ainda a Cristo ou são as primeiras vítimas da pobreza e da ignorância. Então, os pais cristãos hão-de tornar-se capazes de considerar o surgir de uma vocação sacerdotal ou religiosa missionária como uma das mais belas provas da autenticidade da educação cristã por eles ministrada, e pedirão ao Senhor que chame algum dos seus filhos. A solicitude missionária manifesta-se assim como elemento essencial da santidade da família cristã. Como afirmava o meu venerado Predecessor João Paulo I: "Com a oração familiar, a *Igreja doméstica* torna-se realidade efectiva e leva à transformação do mundo. E todos os esforços dos pais para impregnar os filhos com o amor de Deus e para os manter com o exemplo da fé, constituem um apostolado entre os mais importantes do século XX" (*Alocução aos Bispos americanos em visita ad Limina*, a 21 de Setembro de 1978; AAS 70, 1978, p. 767).

Nesta ocasião, desejaria recomendar aos pais e a todos os educadores católicos uma obra importante, instituída há mais de um século (1843), para ajudá-los na educação missionária, dos próprios filhos, a qual põe à disposição destes os meios adequados. Quero referir-me à Pontificia Obra da Santa Infância, que tem por finalidade favorecer a difusão do espírito missionário entre as crianças.

4. As Obras Missionárias Pontificias ao serviço da missão universal

A organização da acção missionária durante o mês de Outubro, o mês das Missões, de que o Dia Mundial é o ponto culminante, está confiada às Obras Missionárias Pontificias, porque a instituição deste Dia é devida à iniciativa delas. Nestes últimos anos, as Obras Missionárias Pontificias foram erectas em todas as jovens Igrejas. Em toda a parte, têm elas como objectivo "imbuir católicos desde a infância, num sentido verdadeiramente universal e católico" (*Ad Gentes*, 38). Como é dito nos Estatutos, que aprovei no ano passado (26 de Junho de 1980), isto constitui o fim primário o principal delas. São a instituição destinada também a promover a cooperação missionária de cada Igreja particular, de cada Bispo, de cada paróquia, de cada comunidade, de

cada família e de cada pessoa. Sendo isto um dever para todos, pode-se pedir a cada um que principie por ajudar a acção das Obras Missionárias Pontifícias.

A solicitude missionária exprime-se em diversas maneiras. "Sendo a evangelização primeiro que tudo actividade do Espírito Santo, é necessário reservar o primeiro lugar para a oração e o sacrifício", como acabo de salientar e como os Estatutos dessas Obras com razão recordam. Além disso, é necessário um esforço comum e intenso para fazer surgir e levar à maturidade as vocações missionárias. Se o mundo tem mais que nunca necessidade de Cristo e do seu Evangelho, o número dos pregadores da Boa Nova deve crescer proporcionalmente.

A cooperação missionária tem também como finalidade sustentar materialmente a evangelização. Descuidar ou criticar este aspecto poderia ser subtil pretexto para nos dispensarmos de ser generosos. As necessidades financeiras das jovens Igrejas, que pertencem quase todas aos países do Terceiro Mundo, são ainda enormes, apesar dos seus esforços para chegarem a uma autonomia financeira. A elas é necessário um auxílio tanto para os Seminários, que asseguram a formação e a manutenção dos futuros sacerdotes, como para fazer viver os actuais colaboradores da missão ou para permitir a construção de Igrejas, Escolas. Dispensários ou Centros indispensáveis para a acção social. Para enfrentar estas necessidades quotidianas e essenciais, as jovens Igrejas devem poder contar com a ajuda regular e segura. É esta a razão pela qual faço apelo a todos, a fim de contribuírem para o fundo central das Pontifícias Obras Missionárias, que têm precisamente por finalidade assegurar-lhes este contributo regular. O exemplo dos cristãos nos países menos favorecidos, que, apesar da sua pobreza, oferecem o próprio óbolo, deve levar a que reflectam os dos países ricos, que muitas vezes não dão mais que uma partezinha do seu supérfluo.

É motivo de alegria verificar como, em muitos cristãos, vai sempre crescendo a solicitude pelas necessidades dos países e das Igrejas do Terceiro Mundo, como também se vão multiplicando sempre de modo mais notável as iniciativas particulares para vir em auxílio de pessoas ou de projectos em tais regiões. É isto o sinal de um sentido missionário e de um sentido de justiça que aumentaram. Apesar disto, convém atribuir lugar privilegiado às Pontifícias Obras Missionárias, pois sustentam o anúncio directo do Evangelho, que é o dever fundamental e próprio da Igreja. É precisamente neste anúncio que está o fundamento do verdadeiro desenvolvimento e da verdadeira libertação humana.

Ora, mediante os seus programas de auxílio universal, as Obras Missionárias Pontifícias tomam a seu cargo as necessidades de todas as jovens Igrejas, sem exclusão alguma. Esta universalidade é o seu carácter próprio. É esta a razão por que a solicitude dos operários apostólicos pelo próprio país, ou pelos projectos de que estão pessoalmente informados, não devem tornar-se exclusiva mas integrar-se no conjunto do esforço de evangelização ao serviço de todas as jovens Igrejas. Presentemente são os pastores destas Igrejas que levam o peso material da iniciativa missionária. Portanto, na cooperação missionária é necessário pensar em primeiro lugar nas jovens Igrejas, e mesmo em todas. Este modo de cooperação poderá ter talvez como consequência que se sintam as pessoas menos obrigadas para casos singulares mas vejam a necessidade de dar de maneira mais desinteressada. Este modo de dar pode assim revelar-se mais evangélico e mais eficaz.

Só um fundo de solidariedade central pode evitar o perigo de esquecer algumas Igrejas, sobretudo as mais pobres, ou certas necessidades essenciais delas. Só, mediante um programa de auxílio apropriado às várias necessidades, se pode evitar o inconveniente dos particularismos e, portanto, da discriminação em distribuir os subsídios. É precisamente o que procura o Conselho Superior das Obras Missionárias Pontifícias, composto de representantes de todas as Igrejas, o qual dispõe dos conselhos e das informações da Sagrada Congregação para a Evangelização dos Povos.

Por conseguinte, o mês de Outubro deve ser por toda a parte o mês da missão universal, mês do recíproco auxílio missionário sob a égide das Obras Missionárias Pontifícias. Por esta razão, os Bispos são convidados, segundo os novos Estatutos destas Obras, "a pedir aos responsáveis das obras católicas e aos fiéis que renunciem às colectas, com carácter particular, durante este período". Já no passado, diversos Bispos, seguindo o exemplo da Santa Sé, deram directivas a este propósito.

Por fim — tereis certamente a peito recordá-lo — a cooperação missionária não deve ser comprometida pela presente crise económica, sofrida por todos os países do mundo. Não se torne esta crise, para os cristãos dos países ricos, uma desculpa que leve a diminuir a própria generosidade. Não esqueçam estes que os países e as Igrejas do Terceiro Mundo são atingidos, mais ainda que eles, por esta crise.

Para concluir desejaria recordar-vos que a celebração do Congresso Eucarístico Internacional de Lourdes, no próximo mês de Julho, deveria estimular o zelo missionário da Igreja. A Eucaristia, que faz a Igreja e é "a fonte e convergência de toda a vida cristã" (Lumen Gentium, 11), é o sacramento que significa e realiza a unidade entre todos os membros da Igreja. A Eucaristia torna-os solidários uns dos outros, impele-os a repartir a sua fé, as suas riquezas espirituais, os seus sofrimentos e o seu pão material. Por isso, aqueles que participam da Eucaristia são convidados a participar também na missão de Cristo, a levar a Sua mensagem a todos os homens: a liturgia eucarística deve estar portanto no centro da celebração do Dia Mundial das Missões.

Oxalá o Senhor, que deu à Sua Igreja a ordem de reunir discípulos de todas as nações, manifeste também, mediante os nossos esforços, aquele poder que Lhe foi dado no céu e na terra (cf. *Mt* 28, 18-19)! A Bem-aventurada Virgem Maria, Padroeira das missões, nos ajude a corresponder à exortação de Cristo ressuscitado! A vós, caros Irmãos no Episcopado; a todos os missionários que se prodigalizam generosamente pela messe; a vós Comunidades diocesanas; e, em particular, àqueles que souberem compreender este apelo e a ele corresponder com magnanimidade inspirada pelo interior renascimento — envio de todo o coração a Bênção Apostólica.

Do Vaticano, 7 de Junho de 1981, terceiro do meu Pontificado.

MENSAGEM DO PAPA JOÃO PAULO II PARA O DIA MUNDIAL DAS MISSÕES DE 1982

Ao aproximar-se o Dia Missionário Mundial desejo, como todos os anos, dirigir a todos vós a minha mensagem pessoal, que sirva para uma comum reflexão sobre a dimensão missionária, que pertence à essência mesma da Igreja, Corpo Místico de Cristo e Povo de Deus, e também sobre o conseqüente esforço, que a todos nos responsabiliza, a fim de o Evangelho de Jesus ser anunciado e acolhido em todo o mundo.

Este ano a minha mensagem inspira-se num acontecimento particularmente significativo: o 25º aniversário da Encíclica *Fidei donum*, do meu *Predecessor Pio XII* (cf. AAS 49, 1957, 225-248). Iniciava-se com ela, no campo da pastoral missionária, uma importante transformação que depois recebeu do Concílio Vaticano II as directrizes, mediante as quais a Igreja, consciente da própria intrínseca natureza e missão e sempre orientada para o estudo dos sinais dos tempos, continua hoje o seu caminho no propósito de servir o homem e de o conduzir à salvação revelando-lhe "a insondável riqueza de Cristo" (*Ef3*, 8).

Tal importante Documento, embora concentrando a sua específica atenção sobre a África, continha claras directrizes, válidas para a actividade missionária da Igreja em todos os Continentes da terra, e o seu original contributo confluíu, como é sabido, especialmente para o Decreto Conciliar *Ad Gentes*, ainda mais recentemente, para as "Normas directivas" *Postquam Apostoli* da Sagrada Congregação para o Clero (cf. AAS 72, 1980, 343-364).

I - Os Bispos, responsáveis da evangelização do mundo

A Encíclica *Fidei donum* acima de tudo recordava solenemente o princípio da co-responsabilidade dos Bispos na evangelização do mundo, em virtude de eles pertencerem ao Colégio Episcopal.

A eles, de facto, como sucessores dos Apóstolos, Cristo confiou e confia, antes que a qualquer outro, o mandato comum de proclamar e difundir a Boa Nova até às extremidades da terra. Eles, portanto, embora sejam pastores de uma determinada porção do rebanho, são e devem sentir-se de modo solidário, em união com o Vigário de Cristo, responsáveis do caminho e do dever missionário da Igreja inteira; mostrar-se-ão, portanto, principalmente solícitos por "aquelas regiões da terra onde a Palavra de Deus não foi ainda anunciada e por aquelas em que, devido ao reduzido número de sacerdotes, os fiéis estão em perigo de abandonar os preceitos da vida cristã, e até de perder a própria fé" (Decr. *Christus Dominus*, 6).

Este princípio basilar, fortemente aprofundado e desenvolvido pelo Concílio (cf. *Lumen Gentium*, 23-24; *Ad Gentes*, 38), desejo hoje salientar uma vez mais, tanto para dar realce à sua actualidade, como para exortar todos os meus Venerados Irmãos no Episcopado a tomarem cada vez mais consciência desta sua altíssima responsabilidade, recordando-lhes que "foram consagrados não só para uma diocese, mas para a salvação de todo o mundo" (*Ad Gentes*, 38).

Tal princípio tornar-se-á ainda mais claro tendo presentes as mútuas e estreitas relações entre as Igrejas particulares e a Igreja universal. Se, de facto, em cada Igreja particular que tem no seu Bispo o centro e o fundamento, "está presente e operante a Igreja una, santa, católica e apostólica de Cristo" (*Christus Dominus*, 11), disto se conclui que ela, no seu ambiente concreto, deve promover toda a actividade que é comum à Igreja universal (cf. *Postquam Apostoli*, 13-14: l.c., pp. 352-354).

Cada diocese, por isso, é chamada a tomar sempre mais consciência desta dimensão universal, isto é, a descobrir de novo ou renovar a própria natureza missionária, expandindo "o âmbito da caridade até às extremidades da terra, e tendo pelos que estão longe igual solicitude que pelos seus próprios membros" (*Ad Gentes*, 37).

Cada Bispo, por conseguinte, como chefe e guia da Igreja local, deverá empenhar neste sentido as suas energias, isto é, deverá esforçar-se o mais possível por imprimir vigoroso impulso missionário na sua diocese; a ele em primeiro lugar compete criar nos fiéis uma mentalidade católica no sentido pleno da palavra, aberta às necessidades da Igreja universal, sensibilizando o Povo de Deus no imprescindível dever de cooperação nas suas várias formas; promover as oportunas iniciativas de apoio e de ajuda espiritual e material às missões, revigorando as estruturas já existentes ou estabelecendo novas; favorecer de modo muito especial as vocações sacerdotais e religiosas, ajudando ao mesmo tempo os sacerdotes a adquirirem consciência da dimensão tipicamente apostólica do ministério sacerdotal (cf. *Ad Gentes*, 38).

II - A falta de apóstolos: primordial urgência da missão

Forma concreta de cooperação, a que os Bispos poderão recorrer para realizar esta sua co-responsabilidade na obra de evangelização, é o envio de sacerdotes diocesanos para a missão, pois uma das urgências mais vivas de muitas Igrejas é hoje precisamente a preocupante falta de apóstolos e de servidores do Evangelho.

É esta a grande novidade, a que a *Fidei donum* ligou o seu nome. Uma novidade que fez superar a dimensão territorial do serviço presbiteral, para o destinar a toda a Igreja, como sublinha o Concílio: "O dom espiritual que os sacerdotes receberam na sua ordenação não os prepara para uma restrita e determinada missão, mas para a amplíssima e universal missão de salvação 'até os confins da terra' (*Act*1,8). Com efeito, todo o ministério sacerdotal participa da própria amplitude universal da missão confiada por Cristo aos Apóstolos" (*Presbyterorum Ordinis*, 10).

Dado que um dos mais graves obstáculos para a difusão da mensagem de Cristo é precisamente a falta de "trabalhadores da vinha do Senhor", desejaria aproveitar esta ocasião para exortar todos os Bispos, no seu trabalho de auxílio e promoção das obras de evangelização, a enviarem generosamente os próprios sacerdotes para aquelas regiões que têm urgente necessidade, mesmo que as suas dioceses não disponham de clero em abundância. "Não se pretende — recordava Pio XII ao citar São Paulo — que os outros tenham alívio e fiquéis vós em apuros, mas que haja igualdade (*2 Cor*8, 13). As dioceses que sofrem a escassez de clero não recusem ouvir as suplicantes instâncias provenientes das missões que pedem ajuda. O óbolo da viúva, segundo a palavra do Senhor, seja o exemplo a ser seguido: se uma diocese pobre socorre uma outra pobre, não ficará por isso empobrecida, pois não se pode nunca vencer o Senhor em generosidade" (*Fidei donum*: l.c., p. 244; cf. também *Postquam Apostoli*, n. 10: l.c., p. 350).

Mas, além dos sacerdotes, a *Fidei donum* chamava directamente em causa também os leigos, cujo serviço missionário ao lado dos sacerdotes e religiosos se apresenta hoje mais do que nunca precioso e indispensável (cf. *Ad Gentes*, 41). Isto criou os pressupostos para a experiência daquele típico fenómeno do nosso tempo que desejo vivamente recomendar, como é o *voluntariado cristão internacional* (cf. *Discurso à Federação dos Organismos Cristãos de Serviço Internacional Voluntário*, 31 de Janeiro de 1981: *Insegnamenti di Giovanni Paolo II*, IV, 1, 1981, PP-196-199).

III - Desenvolvimento da consciência missionária das Igrejas locais

A introdução destas formas de cooperação, bem como o vigoroso apelo ao princípio da co-responsabilidade do Colégio Episcopal na evangelização do mundo, tiveram o indiscutível mérito de dar início à renovação missionária da Igreja para a qual serviu de base a afirmação de longo

alcance feita por Pio XII, segundo a qual "a vida da Igreja no seu aspecto visível", mais que desenvolver preferivelmente a sua força — como no passado — "nos países da antiga Europa de onde se expandia... para aquela que se podia chamar a periferia do mundo", configura-se agora, nos dias de hoje, como "intercâmbio de vida e de energia entre todos os membros do Corpo Místico" (*Fidei donum*: l.c., p. 235).

Adquiriu-se, acima de tudo, sempre de modo mais profundo a ideia base, depois amplamente desenvolvida e afirmada pelo Concílio, do imprescindível dever para cada uma das Igrejas locais de se empenhar directamente, segundo as próprias possibilidades, na obra de evangelização; e determinou-se, por conseguinte, um inegável aprofundamento da consciência missionária das Igrejas particulares, tendo estas sido solicitadas a superar a mentalidade e a prática de "delegação", que em grande parte caracterizara a atitude delas para com o dever missionário. !

Assim, foi verificado quanto a estas Igrejas um decisivo impulso a tornarem-se sempre mais *sujeitos primeiros de missionariedade* (cf. *Ad Gentes*, 20), *sentindo a actividade missionária como sua* (cf. *ibid.*, 36-37), como pude pessoalmente constatar nas minhas viagens na África, América Latina e Ásia.

O realce, além disso, dado a este papel de "sujeito de missionariedade", estimulou as Igrejas particulares a colocarem-se, em relação às Igrejas irmãs espalhadas no mundo, naquela "*comunhão-cooperação*" que é "tão necessária para prosseguir a obra de evangelização" (*ibid.*, 38), e constitui uma das -realidades mais actuais da missão, num intercâmbio de valores e experiências, que permite a cada uma das Igrejas beneficiar dos dons, que o Espírito do Senhor vai semeando por toda a parte (cf. *ibid.*, 20).

Nada de se fechar em si mesmo, portanto, por parte das Igrejas particulares, nenhum isolacionismo ou recuo egoísta no âmbito exclusivo e limitado dos próprios problemas; pois, de outro modo, o impulso vital perderia o seu vigor levando inevitavelmente a um pernicioso empobrecimento de toda a vida espiritual (cf. *Evangelii nuntiandi*, 64; *Postquam Apostoli*, 14: l.c., p. 353).

IV - A cooperação missionária, recíproco intercâmbio de energias e experiências

Eis, então, que se delineia o novo conceito de cooperação, não entendido já "em sentido único", como ajuda às Igrejas mais jovens fornecidas pelas Igrejas de antiga fundação, mas antes como recíproco e fecundo intercâmbio de energias e de bens, no âmbito de uma fraterna comunhão de Igrejas irmãs, superando o dualismo "Igrejas ricas" - "Igrejas pobres", como se existissem duas categorias distintas: Igrejas que "dão" e Igrejas que somente "recebem". Na realidade existe uma verdadeira reciprocidade enquanto a pobreza de uma Igreja, que recebe auxílio, torna mais rica a Igreja, que se priva ao dar.

A missão torna-se deste modo não apenas generoso auxílio de Igrejas "ricas" a Igrejas "pobres", *mas a graça para cada uma dessas Igrejas, meio de renovação, lei fundamental de vida* (cf. *Ad Gentes*, 37; *Postquam Apostoli*, 14-15; l.c., pp. 353 s.).

Todavia ó preciso salientar que o apelo, dirigido às Igrejas particulares para o envio de sacerdotes e de leigos, não quis significar uma superação das formas e forças tradicionais de cooperação missionária, que continuam a levar o peso maior da evangelização. Foi uma novidade, que não se colocou em substituição ou alternativa, mas em complementariedade, como riqueza nova, suscitada pelo Espírito, ao lado das forças tradicionais.

Após vinte e cinco anos destas experiências, que alcançaram notável consistência e solidez, começam todavia a verificar-se alguns sinais de cansaço, devidos por uma parte à diminuição das vocações e por outra à urgência de enfrentar a crise em que se debatem muitas comunidades cristãs de antiga tradição. Perante o fenómeno da descristianização, pode surgir a tentação de se

debruçarem sobre si mesmas, de se fecharem nos próprios problemas, de exaurirem o entusiasmo missionário no próprio âmbito.

É necessário por isso um vigoroso *impulso missionário*, arraigado na inspiração mais profunda que provém à Igreja directamente do divino Mestre (cf. *Evangelii nuntiandi*, 50), sugerido por confiante esperança e sustentado pelo comum empenho das Igrejas particulares e de todos os cristãos.

V - Função prioritária das Obras Missionárias Pontifícias

Na programação deste vigoroso impulso missionário, indispensável factor para a vida mesma e o crescimento da Igrejas locais e de toda a Igreja, desejo enfim recomendar o recurso àquele insubstituível instrumento da cooperação missionária tão vivamente lembrado pelos meus Predecessores, constituído pelas *Obras Missionárias Pontifícias*, às quais sempre e por toda a parte, como declara o *Ad Gentes* (n. 38), deve "ser reservado o primeiro lugar" e que mais do que nunca é oportuno sejam revigoradas e desenvolvidas em todas as dioceses.

O Dia Missionário Mundial faz-nos recordar, de modo especial, a *Pontifícia Obra da Propagação da Fé*, à qual se deve o mérito de ter proposto ao Papa Pio XI, em 1926, a feliz iniciativa de estabelecer o Dia anual em favor da actividade missionária da Igreja, e que tem o encargo de promover e organizar este mesmo Dia, com a cooperação das outras Obras Pontifícias e sob a direcção dos respectivos Bispos.

Seja também dado o devido impulso à *União Missionária do Clero* cujo encargo específico é animar e sensibilizar para as urgências do problema missionário — através da rede capilar dos sacerdotes, dos religiosos e das religiosas — todas as camadas do Povo de Deus.

Do justo desenvolvimento desta Associação dependerá em boa parte o grau de "missionariedade" da inteira Igreja local e, de modo especial, a sensibilidade missionária dos sacerdotes, aos quais a União em primeiro lugar se dirige; como também estes serão naturalmente estimulados — muna sempre mais viva e profunda tomada de consciência da apostolicidade intrínseca ao seu sacerdócio — a transpor, não apenas espiritual mas também materialmente, as extremidades da própria diocese, para prestar o seu serviço até nas Igrejas mais distantes da terra, de onde mais fortes se elevam os pedidos de ajuda.

Ao concluir esta mensagem, desejo exprimir todo o meu reconhecimento a quantos — Bispos, sacerdotes, religiosos, religiosas e leigos — muitas vezes à custa de incalculáveis fadigas e sacrifícios, despendem as suas melhores energias, a própria vida, nas "linhas de frente", e igualmente "na retaguarda", para difundir o anúncio de salvação até às extremidades do mundo, a fim de que o nome de 'Cristo Redentor' seja por todos conhecido e glorificado.

A todos vós, Venerados Irmãos e caríssimos Filhos e Filhas da Igreja, concedo de coração a minha paterna Bênção Apostólica, penhor de copiosos favores celestes e sinal da minha constante benevolência.

Do Vaticano, 30 de Maio, Solenidade do Pentecostes, do ano 1982, quarto de Pontificado.

MENSAGEM DO PAPA JOÃO PAULO II PARA O DIA MUNDIAL DAS MISSÕES DE 1983

*Veneráveis Irmãos
e Caríssimos Filhos e Filhas da Igreja!*

1. Este ano, o Dia Mundial das Missões adquire um relevo todo especial devido à celebração do Jubileu Extraordinário da Redenção. Ao proclamá-lo, recordei a exortação que dirigi ao mundo logo no início do meu Pontificado: "Abri as portas a Cristo!"; e, de facto, o Jubileu é um forte convite à conversão e à reconciliação, um apelo a tomar sempre maior consciência da graça do Baptismo, e a aderir generosamente ao Evangelho, que é anúncio de Redenção e de salvação para todos os homens.

Recordando, portanto, a todos os cristãos as riquezas trazidas ao mundo pela Redenção, o Jubileu adquire por isto mesmo um relevante significado missionário. Torna-se um renovado apelo à Evangelização daqueles milhões de pessoas, que após 1950 anos do Sacrifício redentor do Calvário, não são ainda cristãs e não podem, no sofrimento e na alegria, invocar o nome do Salvador, porque ainda não o conhecem.

Se queremos, pois, ser cristãos autênticos, não podemos não desejar que também estes irmãos tenham uma plena participação no maravilhoso dom da Redenção. Noutras palavras, a relação com Deus Pai e com Cristo Jesus, longe de ser apenas uma relação individual, é uma relação que envolve a humanidade inteira, e apresenta-se por isso inserida numa dimensão sem dúvida alguma missionária.

Cristo é Redentor de todos os homens, por todos morreu, por todos Se deu em resgate (cf. 2 Cor. 5, 15; 1 Tim. 2, 6; 1 Jo. 2,2) e chama cada um de nós, não só à reconciliação pessoal, mas também a ser instrumento de redenção para aqueles que ainda não estão redimidos: "Ide... ensinais todas as Nações" (Mt. 28, 19-20).

Sublime honra mas também solene imperativo que interpela a nossa consciência sobre o mandamento máximo da mensagem de Cristo: amai-vos uns aos outros, como Eu vos amei" (cf. Jo. 15, 12.17).

Porventura não é a Redenção a realização prática daquele plano de amor, do qual Cristo quis que fôssemos os continuadores? Tanto mais, por isso, poderemos dizer que amamos os irmãos, quanto mais tivermos trabalhado e agido para lhes comunicar a salvadora Palavra do próprio Cristo e os frutos da Redenção. Cada um faça próprias as palavras do Apóstolo: "O amor de Cristo nos constrange!" (2 Cor. 5, 14).

Como escrevi na Bula de Promulgação do Ano Jubilar, "o significado profundo e a beleza recôndita deste Ano que o Senhor nos concede celebrar, há-de ver-se na redescoberta e na prática vivida da economia sacramental da Igreja, através da qual chega a cada um dos fiéis e à comunidade a graça de Deus em Cristo. Por outro lado, há-de ficar claro que este tempo forte, durante o qual cada um dos cristãos é chamado a realizar mais profundamente a reconciliação com o Pai no Filho, só alcançará os seus objectivos se levar um empenho novo de cada um e de todos em prol da reconciliação não apenas entre os discípulos de Cristo, mas também entre todos os povos, e, ainda, ao serviço da paz entre todos os povos" (*Aperite portas Redemptori*, 3).

Entrar, pois, no espírito do Ano Jubilar, equivale a imergir-se no espírito missionário, a dirigir o coração não só para a profundidade da própria consciência, mas também para aqueles que são

irmãos nossos e têm direito de conhecer a Cristo e de usufruir as riquezas do seu Coração "dives in misericórdia".

Não existe maior serviço ao homem do que o serviço missionário

2. O Dia Mundial das Missões deste ano está portanto em plena sintonia com o conteúdo teológico e pastoral do Jubileu extraordinário. Repito, pois, com o coração cheio de solicitude: "Abri, antes, abri de par em par as portas a Cristo!". Vamos ao Salvador, levemo-l'O a todos os homens! Levemo-l'O com a atraente e persuasiva força do Espírito Santo, invocada e obtida com a oração missionária!

Levemo-l'O, unindo os nossos sofrimentos diários, mesmo os mais humildes e ocultos, ao grande sacrifício da Cruz, para os enriquecer e lhes dar um valor de redenção para os nossos irmãos.

Levemo-l'O, sustentando com a nossa solidariedade, com o nosso apreço e com a nossa múltipla ajuda aqueles que, generosos na mais completa dedicação, trabalham nas frentes avançadas do Reino de Deus em prol do anúncio do Evangelho.

Dirijo-me de modo especial aos jovens, que são a esperança da Igreja, a minha esperança.

Orientem o seu entusiasmo, a sua exuberância de energias e de sentimentos, o seu ardor e a sua audácia para a santa causa das missões. São Francisco Xavier, das longínquas índias onde anunciava a mensagem de salvação, porventura não pensava nos seus inúmeros companheiros da mesma idade, universitários de Paris, afirmando que, se conhecessem as imensas necessidades do mundo missionário, não hesitariam em unir-se a ele na conquista espiritual do mundo para Cristo?

Portanto, aos jovens digo: Não tenhais medo! Não temais abandonar-vos a Cristo e dedicar-Lhe a vossa vida, no generoso serviço ao mais elevado dos ideais, o missionário. Um empenho entusiasta, denso de actividade vos espera.

A cooperação, dever de todos os cristãos

3. De igual modo faço votos por que todos os fiéis se deixem envolver e dêem o próprio contributo pessoal ao grande movimento da "*cooperação missionária*", a qual encontra nas Obras Missionárias Pontifícias os instrumentos qualificados, mais adaptados e mais eficientes para promover espiritual e materialmente a acção dos pioneiros do Evangelho (cf. *Ad Gentes*, 38).

Mas, para que os fiéis possam tomar consciência mais plena da imprescindível necessidade da sua colaboração, é indispensável que sejam sensibilizados com referência ao problema daqueles a quem incumbe o importantíssimo dever da animação missionária, isto é, os sacerdotes e os religiosos.

A animação por parte dos guias do Povo de Deus é indispensável porque deles depende uma concreta tomada de consciência dos fiéis quanto ao problema da evangelização e, portanto, quanto ao seu empenho no sector da cooperação. Empenho tanto mais necessário e urgente se se considera que a actividade missionária, que compreende também a indispensável construção de igrejas, escolas, seminários, universidades, centros assistenciais, etc. para a promoção religiosa e humana de tantos irmãos, está bastante condicionada por muitas dificuldades de carácter económico.

E a que estruturas melhores do que as Obras Missionárias Pontifícias, antes por mim mencionadas, se poderá recorrer para realizar este programa de sensibilização capilar e para organizar a rede da caridade universal?

Estou informado que nestes últimos tempos estão a surgir em muitas Nações "centros de animação missionária". Recomendo vivamente estas iniciativas tão úteis para um aprofundamento

teológico, pastoral e espiritual da doutrina missionária. Eu mesmo terei a alegria de inaugurar a nova sede de um destes centros, o Centro Internacional de Animação Missionária (CIAM), localizado junto da Pontifícia Universidade Urbaniana, a mim tão cara.

Neste Dia Mundial das Missões, portanto, a Igreja, mãe e mestra, solicita pelo bem de todos, precisamente através das mencionadas Obras Pontifícias, estende a mão para recolher a ajuda dos homens de boa vontade.

Oferecer esta ajuda generosa é um dever, é uma honra, é uma alegria, porque significa contribuir para levar os inestimáveis benefícios da Redenção a quantos ainda não conhecem a "insondável riqueza de Cristo" (cf. *Ef.* 3, 8).

Também o novo Código de Direito Canónico, que dedica à actividade missionária uma inteira parte do Livro II (cânones 781-792), confirma de modo explícito a *obrigação de todos os fiéis colaborarem* — cada um segundo as suas possibilidades — na obra evangelizadora, conscientes da própria responsabilidade, que deriva da natureza intrinsecamente missionária da Igreja (cf. *Cân.* 781). Assim também, adquire um reconhecimento jurídico toda a cooperação missionária que, como se declara no cânone 791, deverá ser suscitada em todas as dioceses, segundo quatro directrizes fundamentais que são: a promoção das vocações missionárias; a devida assistência sacerdotal às iniciativas missionárias, sobretudo para o desenvolvimento das Obras Missionárias Pontifícias; a celebração do Dia Missionário; a colecta anual de auxílios económicos para as missões, que deve ser enviada à Santa Sé.

A partir do Ano Santo um convite à esperança

4. Faço votos sinceros por que as forças da Igreja, do Povo de Deus, nesta hora difícil que a humanidade está a viver, densa, sim, de ameaças, mas também portadora de esperanças, se mobilizem — haurindo deste Ano Santo da Redenção uma renovada intensidade espiritual — a fim de que o anúncio do Evangelho atinja de modo cada vez mais amplo e profundo as Nações e os Povos da terra.

Exprimo enfim toda a minha gratidão àqueles que — sacerdotes, religiosos, religiosas, leigos —, quer na primeira linha, quer nos vários campos da Igreja e com as mais diversas actividades, contribuem de modo eficaz para a expansão do Reino de Deus, concedendo de grande coração, a eles e aos que lhes são caros, a Bênção Apostólica, propiciadora de celestes favores.

Vaticano, 10 de Junho, Solenidade do Sacratíssimo Coração de Jesus, do ano de 1983, quinto de Pontificado.

MENSAGEM DO PAPA JOÃO PAULO II PARA O DIA MUNDIAL DAS MISSÕES DE 1984

Queridos irmãos e irmãs!

«O sangue dos mártires é a semente dos cristãos» (Tertuliano, *Apologeticus*, 50: PL 1, 534).

Durante minha recente viagem apostólica ao Extremo Oriente, tive a alegria de canonizar cento e três confessores da fé católica que, ao evangelizarem a Coreia com a proclamação da mensagem de Cristo, tiveram o privilégio de testemunhar, com o supremo sacrifício de suas vidas terrenas, a certeza da vida eterna no Senhor ressuscitado.

Essa circunstância me levou a fazer algumas reflexões que gostaria de compartilhar com todos os fiéis para o próximo Dia Mundial das Missões.

1. Valor redentor da cruz.

De fato, as *Epístolas* e os *Atos dos Apóstolos* confirmam que é uma graça especial poder sofrer "pro nomine Iesu". Lemos, por exemplo, como os apóstolos "se retiraram... regozijando-se por serem insultados por causa do nome de Jesus" (*Atos* 5:41), em perfeita consonância com o que o Redentor havia proclamado no Sermão da Montanha: "Bem-aventurados sois vós quando vos insultarem, vos perseguirem e, mentindo, disserem todo o mal contra vós por minha causa. Alegrai-vos e exultai..." (*Mateus* 5:11).

O próprio Cristo realizou sua obra redentora na humanidade sobretudo por meio de sua dolorosa paixão e do mais atroz martírio, mostrando também o caminho aos seus seguidores: "Se alguém quiser vir após mim, negue-se a si mesmo, tome a sua cruz e siga-me" (*Mt* 10,24). O amor, portanto, passa inevitavelmente pela cruz e nela se torna criador e fonte inesgotável de poder redentor. "Sabeis", escreve São Pedro, "que fostes redimidos da vã maneira de viver, herdada de vossos pais, não com coisas perecíveis como prata ou ouro, mas com o precioso sangue de Cristo, como de um cordeiro sem defeito e sem mácula" (*1 Pe* 1,18-19; cf. *2 Cor* 6,20).

Meditamos profundamente sobre este extraordinário mistério do amor divino durante o recente Ano Santo da Redenção. Milhões de fiéis meditaram sobre ele e o viveram no íntimo de seus corações, muitos dos quais acorreram a Roma para renovar sua profissão de fé junto aos túmulos dos apóstolos, que foram os primeiros a participar do martírio do Mestre. Esta fé encontra sua primeira confirmação aos pés da cruz, nas palavras do centurião e dos que guardavam Jesus: "Verdadeiramente este era o Filho de Deus" (*Mt* 27,54).

Desde aquele evento crucial na história da humanidade, os apóstolos e seus sucessores continuaram, ao longo dos séculos, a proclamar a morte e ressurreição de Cristo, nosso único Salvador: "Não há salvação em nenhum outro, pois não há nenhum outro nome debaixo do céu, dado entre os homens, pelo qual devamos ser salvos" (*Atos* 4:12). Mas foi de modo particular o testemunho de sofrimento extremo, oferecido tanto por Cristo quanto por seus seguidores, que abriu as mentes e os corações dos homens à conversão ao Evangelho: um testemunho de amor supremo; de fato, "ninguém tem maior amor do que este: dar a vida pelos seus amigos" (*João* 15:13).

E este é o testemunho de que multidões de mártires e confessores sofreram ao longo do tempo, tornando possível, com seu sacrifício e imolação, o surgimento e o florescimento das diversas Igrejas – como a coreana que mencionei no início – e fertilizando novas terras com seu sangue

para transformá-las em campos férteis do Evangelho; de fato, "se o grão de trigo, caindo na terra, não morrer, fica ele só; mas, se morrer, dá muito fruto" (Jo 12,24).

Esses heróis da fé compreenderam e puseram em prática o conceito fundamental — expresso por mim em minha carta sobre o significado cristão do sofrimento humano — de que, se Cristo realizou a redenção da humanidade por meio da cruz e sofreu em lugar do homem e pelo homem, todo homem "é chamado a participar desse sofrimento pelo qual todo sofrimento humano também foi redimido. Ao realizar a redenção por meio do sofrimento, Cristo elevou, ao mesmo tempo, o sofrimento humano ao nível da redenção. Portanto, todo homem, em seu sofrimento, pode também se tornar participante do sofrimento redentor de Cristo" (Ioannis Pauli PP. II , Salvifici Doloris , 19).

2. O sofrimento, um precioso instrumento de evangelização.

Parece-me que as implicações missionárias do que afirmei são claras. Portanto, nesta Mensagem para o Domingo Mundial das Missões de 1984, gostaria de exortar veementemente todos os fiéis a valorizarem o sofrimento em suas diversas formas, unindo-o ao sacrifício da cruz pela evangelização, isto é, pela redenção daqueles que ainda não conhecem a Cristo.

Ainda existem milhões de nossos irmãos e irmãs que não conhecem o Evangelho e não desfrutam dos imensos tesouros do coração do Redentor. Para eles, a dor é inexplicavelmente inexplicável; é o absurdo mais opressivo e inexplicável, que contrasta tragicamente com a aspiração do homem à felicidade plena.

Somente a cruz de Cristo lança luz sobre esse mistério; somente na cruz o homem pode encontrar uma resposta válida para a pergunta angustiante que surge da experiência da dor. Os santos compreenderam isso profundamente e aceitaram, e às vezes até desejaram ardentemente, estar associados à paixão do Senhor, fazendo suas as palavras do apóstolo: "Na minha carne completo o que falta às aflições de Cristo, em favor do seu corpo, que é a igreja" (*Colossenses* 1:24).

Convido, portanto, todos os fiéis que sofrem — e ninguém está isento de dor — a darem este significado apostólico e missionário ao seu sofrimento.

São Francisco Xavier, padroeiro das missões, em seu zelo como evangelizador, determinado a levar o nome de Jesus até os confins da terra, não hesitou em enfrentar todo tipo de dificuldade: fome, frio, naufrágio, perseguição, doença; somente a morte interrompeu sua jornada.

Santa Teresa do Menino Jesus, padroeira das missões, prisioneira de amor no Carmelo de Lisieux, ansiava por percorrer o mundo inteiro para plantar a cruz de Cristo em todos os lugares. "Eu gostaria", escreveu ela, "de ser missionária não apenas por alguns anos, mas gostaria de tê-la desde a criação do mundo e permanecer assim até o fim dos tempos" (Santa Teresa do Menino Jesus , *História de uma Alma* , Manuscrito B, f. 3r). E ela realizou a universalidade e a apostolicidade de seus desejos no sofrimento que pediu a Deus e na preciosa oferta de si mesma como vítima voluntária do amor misericordioso. Esse sofrimento atingiu seu ápice e, ao mesmo tempo, o mais alto grau de fecundidade apostólica no martírio do espírito, no tormento das trevas da fé, heroicamente oferecido para obter a luz da fé para tantos irmãos e irmãs ainda imersos nas trevas.

Ao apontar esses dois exemplos brilhantes, a Igreja nos convida não apenas a refletir sobre eles, mas também a imitá-los.

Podemos, portanto, colaborar ativamente na expansão do reino de Cristo e no desenvolvimento do seu corpo místico em três vertentes:

- aprender a dar ao nosso próprio sofrimento o seu propósito mais autêntico, que está enraizado no dinamismo da participação da Igreja na obra redentora de Cristo;
- convidando nossos irmãos que sofrem em espírito e corpo a compreenderem essa dimensão apostólica da dor e, conseqüentemente, a valorizarem suas provações, suas dores, em um sentido missionário;
- fazendo nossa, com caridade inesgotável, a dor que diariamente aflige tantos da humanidade, atormentados por doenças, fome, perseguição, privados de direitos fundamentais e inalienáveis, como a liberdade; uma humanidade sofredora, na qual devemos discernir a face de Cristo, "o homem das dores", e a quem devemos procurar aliviar da melhor maneira possível.

3. A valorização do sofrimento: um programa para as Obras Missionárias Pontifícias.

Este programa amplo e abrangente requer generosa disponibilidade de todos os fiéis. Desejo propô-lo a todos os cristãos, recordando mais uma vez que toda pessoa batizada é e deve ser, ainda que de maneiras diferentes e em graus variados, missionária (cf. *Ad Gentes*, 36; *Codex Iuris Canonici*, cân. 781).

Confio isso de modo especial às Obras Missionárias Pontifícias, que são o instrumento privilegiado do dinamismo missionário da Igreja e que, não só no Dia Mundial específico, mas ao longo de todo o ano, devem promover o espírito missionário, elemento não marginal, mas essencial à natureza do corpo místico.

A Propagação da Fé, a Sociedade de São Pedro Apóstolo para seminários e vocações sacerdotais e religiosas em terras de missão, a Sociedade da Sagrada Infância e a União Missionária de sacerdotes, religiosos e religiosas e institutos seculares são todos instrumentos, testados por décadas de experiência, para a promoção missionária em diversos setores.

Tenho plena consciência de que essas dignas instituições, além de angariarem fundos oferecidos pela generosidade dos fiéis — indispensáveis para a construção de igrejas, seminários, escolas, jardins de infância e hospitais — realizam um intenso trabalho missionário. A valorização do sofrimento para fins missionários, que eu gostaria de propor para a especial reflexão de todo o povo de Deus no Dia Mundial das Missões de 1984, constitui também uma das mais nobres expressões de seu apostolado, que tem atraído apoio imediato entre os doentes, os idosos, os abandonados, os marginalizados e até mesmo os encarcerados.

Mas é preciso fazer mais. De fato, há tanto sofrimento humano que ainda não encontrou seu propósito sublime e sua expressão apostólica, da qual possa fluir um bem imenso para o progresso da evangelização e a expansão do Corpo Místico de Cristo.

Esta é talvez a forma mais elevada de cooperação missionária, pois atinge a sua máxima eficácia precisamente na união dos sofrimentos dos homens com o sacrifício de Cristo no Calvário, incessantemente renovado nos altares.

Caríssimos irmãos e irmãs, que sofreis no corpo e na alma, saibam que a Igreja conta convosco, o Papa conta convosco, para que o nome de Jesus seja proclamado até aos confins da terra. Gostaria de recordar o que escrevi na minha carta sobre o significado cristão do sofrimento humano: "O Evangelho do sofrimento está constantemente a ser escrito e constantemente fala com as palavras deste estranho paradoxo: as fontes da força divina fluem precisamente no meio da fraqueza humana. Aqueles que participam nos sofrimentos de Cristo conservam nos seus próprios sofrimentos uma *partícula muito especial do tesouro infinito* da redenção do mundo, e podem partilhar este tesouro com os outros. Quanto mais a humanidade é ameaçada pelo pecado, quanto mais pesadas são as estruturas do pecado que o mundo de hoje carrega em si, maior é a eloquência que o próprio sofrimento humano possui. E a Igreja sente, tanto mais, a

necessidade de recorrer ao valor do sofrimento humano para a salvação do mundo” (João Paulo II, *Salvifici Doloris*, 27).

Que Maria, “Rainha dos Mártires” e “Rainha dos Apóstolos”, desperte em todos o desejo de se associar à paixão de Cristo, Redentor universal.

Neste domingo de Pentecostes, que deve ser vivido em espírito missionário por toda a Igreja, alegro-me em conceder a minha bênção apostólica especial àqueles que, direta ou indiretamente, dedicam as suas energias e os seus sofrimentos para comunicar a luz do Evangelho à humanidade.

Do Vaticano, 10 de Junho, Solenidade de Pentecostes, no sexto ano do meu Pontificado, 1984.

MENSAGEM DO PAPA JOÃO PAULO II PARA O DIA MUNDIAL DAS MISSÕES DE 1985

Queridos irmãos e irmãs!

Todos os anos, na Solenidade de Pentecostes, a Igreja revive com alegria indizível o início da sua própria existência e da sua obra de evangelização destinada a todos os povos da terra. Por isso, nesta data tão significativa, tenho o prazer de dirigir, como de costume, a minha mensagem para o Dia Mundial das Missões, que se celebrará em outubro próximo.

1. A Igreja nasceu sob o sopro do Espírito Santo no dia de Pentecostes.

Os apóstolos, fiéis ao mandamento de Cristo, estão reunidos no Cenáculo para orar e refletir, juntamente com Maria. Um sentimento de apreensão paira sobre esses homens privilegiados ao enfrentarem a missão que o Mestre lhes confiou: "Ide, portanto, e fazei discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo..." (Mt 28,19). Apreensão pelas recentes ameaças dos judeus, pela sua incapacidade de compreender muitas das palavras do Senhor e, sobretudo, pela experiência da sua própria inadequação e limitações no cumprimento da missão divina. Esses primeiros apóstolos, sem instrução e sem coragem, estão reunidos em torno daquela que consideram sua Mãe e a fonte de esperança e confiança.

E, subitamente, ocorre a "transformação", pelo poderoso sopro do Espírito Santo. Uma transformação radical da mente e do coração: os apóstolos sentem sua inteligência se abrir, são invadidos por um fervor irreprimível e dinâmico; são dominados por um único impulso: proclamar, comunicar aos outros o que contemplam sob uma nova e radiante luz. O Espírito recompõe neles, como num maravilhoso mosaico, cada palavra proferida por Cristo.

Assim nasceu a Igreja. Nasceu no dia de Pentecostes. "Nasceu — como recordei na minha homilia no final do 20º Congresso Eucarístico Nacional em Milão, a 22 de maio de 1983 — sob o poderoso sopro do Espírito Santo, que ordenou aos apóstolos que saíssem do Cenáculo e cumprissem a sua missão. Foram para o meio dos homens e partiram para o mundo para ensinar todas as nações."

2. A Igreja, uma comunidade em estado perpétuo de missão.

A Igreja, portanto, aparece, desde a sua fundação, como uma comunidade de discípulos, cuja razão de ser é a realização no tempo da própria missão de Cristo, a evangelização do mundo. É, portanto, uma comunidade em estado perpétuo de missão, uma comunidade missionária, cujos membros estão unidos num só corpo para serem enviados às nações; se dentro desta comunidade os papéis, as funções e os "carismas" são diversos (cf. 1 Cor 12,4-5), a vocação missionária é comum a todos (cf. "Lumen Gentium", 17; "Ad Gentes", 35-36): aos bispos, sacerdotes, religiosos e religiosas e leigos.

Todos, sem distinção, são chamados a cumprir a missão do Redentor, dentro de sua vocação, circunstâncias e possibilidades específicas. Todos devem se sentir comprometidos com o único mandato missionário: abrir espaço no mundo para a boa nova trazida por Cristo, para que se cumpra a profecia do salmista: "A sua voz ressoa por toda a terra, e a sua palavra até os confins do mundo" (Sl 19,5).

Não apenas aqueles que trabalham especificamente nos postos avançados da evangelização, os "missionários" propriamente ditos, devem se sentir comprometidos; mas também todo sacerdote

ou pessoa consagrada que, no âmbito de sua própria atividade, deve incutir nos fiéis um senso de dever missionário.

Os leigos também têm a árdua tarefa de evangelizar profundamente o tecido social e cultural em que vivem, tanto em países onde a proclamação da fé ainda não chegou, quanto em países onde o cristianismo precisa urgentemente ser revitalizado, para recuperar um poder de penetração novo e mais incisivo.

3. Os jovens, a esperança da evangelização.

Embora este compromisso seja, como já disse, comum a todos os membros da Igreja, diz respeito particularmente aos jovens, rapazes e moças. Por isso, neste Ano Internacional da Juventude, apelo à sua energia, à sua generosidade, à sua dedicação inteligente, que nunca falha quando se trata de apoiar uma causa justa.

Na perspectiva do terceiro milênio que se aproxima, e neste momento crucial da história da humanidade, quando uma sombria ameaça de destruição e aniquilação parece pesar sobre o nosso mundo, eu vos chamo, eu vos exorto, em nome de Cristo Senhor, a tornardes-vos arautos do Evangelho, a difundir com todas as vossas forças a palavra salvadora, a verdade de Deus; e a fazer isso tanto oferecendo com as vossas vidas um testemunho do reino escatológico da verdade e do amor, como trabalhando concretamente pela transformação, segundo o espírito do Evangelho, de toda a realidade temporal (cf. Carta aos Jovens, 31 de março de 1985, n. 9), vencendo a tentação do desânimo que leva ao afastamento e ao desapego.

Este não é o momento para temer, nem para delegar esta tarefa — difícil, sim, mas sublime — a outros. Cada um de vocês, como membro da Igreja, deve assumir a sua parte de responsabilidade. Cada um de vocês deve fazer com que aqueles que o rodeiam — na família, na escola, no mundo da cultura e no trabalho — compreendam que Cristo é o caminho, a verdade e a vida; que só Ele pode vencer o desespero e a alienação do indivíduo, dando a explicação da existência do homem, criatura instruída e de suprema dignidade, por ter sido criado à imagem e semelhança de Deus. A verdade salvadora deve ser proclamada e tornada conhecida a todos, pois é impossível permanecer indiferente aos milhões e milhões de pessoas que ainda não conhecem, ou conhecem pouco, os tesouros inestimáveis da redenção.

Dois mil anos se passaram desde o "euntes, docete" de Cristo. Pois bem, esse imperativo parece ter sofrido um revés em alguns lugares, enquanto em outros parece estar avançando muito lentamente. Portanto, eu vos convoco, jovens do mundo, e vos envio como Cristo enviou os apóstolos, com a força que vem da palavra do próprio Cristo: o futuro da Igreja depende de vós, a evangelização da terra nas próximas décadas depende de vós! Sejam Igreja! Rejuvenesçam e mantenham a Igreja jovem com a vossa presença entusiástica, infundindo-a em todo o lado com vitalidade e vigor profético.

Cristo precisa de você para proclamar a verdade, para levar a mensagem da salvação às ruas do mundo; ele precisa do seu coração generoso e disponível para manifestar o seu amor infinito e misericordioso a todos os homens.

Incentivem e sensibilizem seus pares e suas comunidades, e acendam a chama da fé em todos os lugares: só assim o demônio das drogas poderá ser vencido, só assim os flagelos da violência, do secularismo e do hedonismo, que turvam e desviam tanta energia juvenil preciosa, poderão ser definitivamente derrotados! Só assim as almas de tantos irmãos e irmãs de diferentes religiões estarão abertas a um diálogo frutífero e construtivo. E nesta empreitada estimulante, como os apóstolos desde o dia de Pentecostes, deixem-se sempre guiar docilmente pelo Espírito, "o principal agente da evangelização" (Evangelii Nuntiandi, 75), que sustenta, ilumina, consola e aperfeiçoa todas as coisas.

4. Cooperação missionária: um compromisso sério e urgente de todo o povo de Deus.

Todos os fiéis, porém, são fortemente exortados a refletir com muita atenção sobre as considerações acima expostas. De fato, todos os fiéis, todos os membros da Igreja, "missionários por natureza" (*Ad Gentes*, 2), são "enviados" e corresponsáveis pela propagação do Reino de Deus. Além disso, se examinarmos rapidamente as necessidades da atividade missionária e a situação alarmante de grande parte da humanidade ainda não alcançada pela proclamação do Evangelho, não podemos deixar de sentir, no fundo da nossa consciência, a natureza peremptória do mandamento de Cristo, não podemos deixar de perceber a gravidade do dever que incumbe a cada cristão de promover o progresso da evangelização. De fato, diz São Paulo: "Como crerão naquele em quem não ouviram? E como ouvirão, se não houver quem pregue? E como pregarão, se não forem enviados?" (Rm 10,14-15).

Como comunidade, como corpo místico de Cristo, a Igreja acompanha e apoia o compromisso missionário de seus membros, indicando as formas mais adequadas de cooperação por meio das quais o indivíduo pode dar sua contribuição.

Essas formas são muitas, os meios incontáveis; contudo, nesta ocasião do Dia Mundial das Missões, desejo recordar a importância específica de alguns desses meios, bem testados pela experiência, não exclusivos, mas privilegiados, por estarem intimamente ligados à Sé de Pedro: as Pontifícias Obras Missionárias.

5. As Obras Missionárias Pontifícias, instrumento privilegiado de cooperação.

As Obras Missionárias Pontifícias são, como constam dos seus Estatutos, "o instrumento oficial e principal de todas as Igrejas para a cooperação missionária". O Concílio reitera: "Devem ocupar o primeiro lugar, porque são o meio tanto de incutir nos católicos, desde a mais tenra idade, um espírito verdadeiramente universal e missionário, como de incentivar uma arrecadação adequada de subsídios em benefício de todas as missões e de acordo com as necessidades de cada uma" (*Ad Gentes*, 38). De facto, são instrumentos ativos, modernos e dinâmicos para apoiar, em todos os aspetos, a ação direta dos missionários na linha da frente e assegurar o apoio indispensável às populações confiadas aos seus cuidados pastorais.

As Obras Missionárias Pontifícias são instrumento da caridade do Povo de Deus, do milagre do amor fraterno que se renova a cada ano em benefício de muitos, embora, infelizmente, não possam alcançar a todos. Entre elas, a União Missionária de Sacerdotes e Religiosos é precisamente a das quatro Sociedades que mantém viva nos fiéis a consciência do dever da cooperação missionária, por meio dos líderes do Povo de Deus, devidamente formados e "educados" no espírito missionário intrínseco à sua vocação, através do constante trabalho de animação realizado por esta digna Sociedade.

Por isso, quero reiterar mais uma vez a todos os sacerdotes, religiosos e religiosas, membros de institutos seculares e a todos aqueles que têm a alegria de viver uma vida consagrada, que trabalhem não isoladamente, mas em estreita união, sob a bandeira do mesmo ideal e do mesmo compromisso compartilhado. A Pontifícia União Missionária oferece-lhes esta oportunidade, formando-os no espírito missionário, apoiando-os e ajudando-os em sua caminhada.

Confio que esta Mensagem, levada a todos os fiéis nas Igrejas locais, despertará em cada um o dever de apoiar as Obras Missionárias Pontifícias, que infelizmente ainda não são conhecidas e estabelecidas em todos os lugares. Ao apoiar as Obras Missionárias Pontifícias, cada cristão poderá sentir-se parte viva e vital da Igreja universal e penetrar no sentido mais autêntico da sua

catolicidade: de facto, as Obras Missionárias Pontifícias são o meio mais eficaz para que todos os cristãos, cooperando no esforço missionário da própria Igreja, sintam e sejam, em todos os sentidos, as “pedras vivas” (cf. 1 Pedro 2,5) que edificam o Corpo Místico.

Asseguremo-nos de que aqueles que em tantas partes do mundo agora nos estendem as mãos implorando ajuda, possam um dia dizer, com o apóstolo: "Agora tenho o suficiente e até mais; estou farto dos vossos dons... que são de aroma agradável, sacrifício aceitável e agradável a Deus" (Filipenses 4:18).

Que Maria Santíssima, Mãe de Cristo e Mãe da Igreja, vos auxilie neste generoso compromisso missionário!

A todos eu concedo a minha bênção apostólica, uma bênção de abundantes favores celestiais.

9 de Junho de 1984

MENSAGEM DO PAPA JOÃO PAULO II PARA O DIA MUNDIAL DAS MISSÕES DE 1986

Irmãos venerados e filhos muito queridos,

1. A Solenidade de Pentecostes, que, no âmbito das celebrações litúrgicas, tem a missão de reacender em todos os fiéis a consciência de que a Igreja deve proclamar a mensagem de Jesus em todo o mundo, torna-nos particularmente atentos, este ano, ao 60.º aniversário do Dia Mundial das Missões. Assim, o costume de dirigir a todo o Povo de Deus — precisamente por ocasião de Pentecostes — uma Mensagem especial para este “grande Dia da Catolicidade”, como tem sido chamado desde o seu início, revela-se particularmente significativo.

Hoje, quando a visão global das necessidades de todos e de cada Igreja se torna mais clara do que nunca, o compromisso de redescobrir a vocação fundamental da proclamação, do testemunho e do serviço ao Evangelho se torna ainda mais urgente. A necessidade de apoiar os missionários, sejam eles sacerdotes, religiosos e religiosas, jovens comprometidos com uma vida de consagração a Deus no mundo ou leigos voluntários que contribuem para o crescimento das Igrejas jovens, é sentida com maior intensidade. A todos eles, onde quer que estejam proclamando o mistério de Cristo, o único e verdadeiro Redentor da humanidade, estendo minhas saudações e minha sincera gratidão.

A importância catequética do Dia Mundial das Missões

2. O que revelam os sessenta anos de história do Dia Mundial das Missões? Na origem dessa história, encontramos a voz genuína de uma pequena parcela do povo de Deus que, por meio de sua participação na Pontifícia Sociedade para a Propagação da Fé, soube interpretar a missão universal da Igreja Católica, porque a Igreja, por sua própria natureza, entra em diferentes culturas locais sem jamais perder sua profunda identidade, ou seja, sendo o “sacramento universal da salvação” (cf. *“Lumen Gentium”*, 48; *“Ad Gentes”*, 1). E quando a sugestão para a instituição deste Dia chegou à Sé de Pedro, seu idealizador, Pio XI, de feliz memória, prontamente a acolheu, exclamando: “Esta é uma ideia que vem do céu”.

A iniciativa, confiada às Obras Missionárias Pontifícias, em particular à Sociedade para a Propagação da Fé, sempre teve como objetivo conscientizar o povo de Deus da necessidade de incentivar e apoiar as vocações missionárias e do dever de cooperar espiritual e materialmente na causa missionária da Igreja.

De fato, devemos dar graças ao Senhor porque tantos de seus filhos, tantas famílias cristãs, educadas na linguagem evangélica do amor altruísta, responderam aos objetivos do Dia Mundial das Missões com exemplos admiráveis de “caridade universal”, evidenciados pelos muitos sacrifícios e orações oferecidos pelos missionários e, frequentemente, pela participação direta em seus trabalhos apostólicos. Isso nos leva a considerar que o Dia Mundial das Missões pode e deve se tornar, na vida de cada Igreja, uma oportunidade para implementar programas catequéticos contínuos com um amplo foco missionário, de modo a apresentar a cada batizado, bem como a cada comunidade de fé cristã, uma proposta para uma vida “evangelizada e evangelizadora”.

O problema sempre presente na Igreja da expansão do Reino de Deus entre os povos não cristãos me confronta desde a inauguração do meu ministério apostólico como pastor universal da Igreja, que coincidiu — eu diria, providencialmente — naquele domingo, 22 de outubro de 1978,

com a celebração do Dia Mundial das Missões. Por essa razão, como já mencionei em muitas ocasiões, tornei-me, ano após ano, um "catequista itinerante" para alcançar os muitos povos que ainda não conhecem a Cristo; para compartilhar tanto as riquezas espirituais das jovens Igrejas, suas necessidades e sofrimentos, quanto seus esforços para garantir que a fé cristã crie raízes cada vez mais profundas em suas culturas; para encorajar todos aqueles que estão na vanguarda dessa imensa tarefa evangelística a serem sempre, com suas vidas, testemunhas credíveis, especialmente para os jovens, da mensagem do Evangelho que proclamamos.

A urgência de uma nova evangelização

3. Todos sabemos o quanto a experiência de um Pentecostes renovado, vivido graças ao Concílio Vaticano II, influenciou a história dos últimos vinte anos. De fato, neste evento extraordinário, a Igreja pôde obter uma consciência ainda mais clara de si mesma e de sua missão, engajada em um diálogo aberto com toda a família humana para fazer suas "as alegrias e esperanças, as tristezas e angústias dos homens deste tempo, especialmente dos pobres e dos que sofrem" (*Gaudium et Spes*, 1).

Contudo, se, por um lado, a Igreja empregou todos os seus recursos para consolidar a comunhão de Deus com a comunidade humana e a comunhão dos seres humanos entre si, através de uma catequese constante derivada do Concílio Vaticano II, por outro, deparou-se com o drama mais profundo do nosso tempo, que é "a ruptura entre o Evangelho e a cultura", como escreveu Paulo VI na exortação apostólica "*Evangelii Nuntiandi*" (n.º 20). Daí a necessidade cada vez mais premente de reconduzir a missão global da Igreja ao seu ato fundamental: a "evangelização", isto é, o anúncio aos povos que lhes permite descobrir quem é Jesus Cristo para nós.

Vinte anos depois do Concílio, o sopro de um novo Pentecostes permeia mais uma vez o Sínodo Extraordinário dos Bispos, que promovi para que as orientações e diretrizes do Concílio possam ser implementadas, com coerência e amor, por todos os membros do Povo de Deus.

Ao celebrar, avaliar e promover o evento conciliar, a Igreja, confrontada com o desafio de identificar as necessidades de toda a família humana, olha para o terceiro milênio, assumindo, com renovada energia, sua missão fundamental de "evangelizar", isto é, de oferecer a mensagem de fé, esperança e caridade que ela própria extrai de sua própria juventude, à luz de Cristo vivo, que é "o caminho, a verdade e a vida" para as pessoas do nosso tempo e de todos os tempos. Trata-se de uma evangelização contínua, cuja novidade reside no fato de que esta grave tarefa deve ser empreendida a partir de uma perspectiva universal, uma vez que os problemas e desafios que se colocavam há vinte anos nas Igrejas recém-fundadas hoje têm ressonância mundial. Eles impelem a Igreja e seus membros a se sentirem, em todos os lugares, em estado de missão.

A corresponsabilidade pelas missões, como sinal de colegialidade episcopal, que emergiu de forma proeminente do Concílio, deve hoje traduzir-se cada vez mais num sinal visível da "preocupação" que cada Bispo deve ter por todas as Igrejas (cf. "*Christus Dominus*", 8) e não apenas pela sua própria Igreja particular.

O surgimento de novos institutos missionários nas Igrejas jovens, evidenciando que mesmo das Igrejas mais necessitadas surge o dom de novos obreiros para a evangelização, deve impulsionar todas as Igrejas a doar e a se doar à Igreja universal, quer se encontrem em condições de abundância ou de pobreza de meios e forças apostólicas.

O aumento do envio de padres diocesanos, leigos e voluntários "*Fidei donum*" para missões no exterior, ao mesmo tempo que revela a consciência tipicamente missionária das comunidades eclesiais capazes de "ir além de si mesmas" para levar a mensagem de Cristo a outros lugares, deve convocar associações, movimentos e grupos eclesiais a fortalecerem seu testemunho de fé

para que possam redescobrir em sua missão o chamamento de Deus para fazer de todos os povos da terra um só povo de Deus.

Dessa mesma perspectiva, todas as realidades que compõem o tecido eclesial são vistas como envolvidas: a família, a infância, a juventude, o mundo escolar, o trabalho, a tecnologia, a ciência, a cultura, as comunicações e os meios de comunicação de massa. Pode-se, portanto, dizer que a Igreja, projetada para o terceiro milénio, é essencialmente uma Igreja missionária.

O precioso serviço das Obras Missionárias Pontifícias

4. A este respeito, o serviço prestado pelas Obras Missionárias Pontifícias, instituição da Igreja universal e de cada Igreja particular, revela-se precioso, porque são «instrumentos privilegiados do Colégio dos Bispos unidos ao Sucessor de Pedro e com ele responsáveis pelo Povo de Deus, que é inteiramente missionário». São as Obras que o Espírito do Senhor, há mais de um século e meio, tem progressivamente inspirado no interior do seu povo a tornar visível ao mundo esse compromisso particular com a caridade, solidário com toda a obra de evangelização no mundo. De facto, revelam-se «um meio privilegiado de comunicação entre as Igrejas particulares e entre cada uma delas e o Papa que, em nome de Cristo, preside à comunhão universal da caridade» (*Estatutos das Obras Missionárias Pontifícias*, I, nº. 6 e 5).

Ao longo da história da cooperação missionária, as Obras Missionárias Pontifícias construíram "pontes de solidariedade" que certamente não podem falhar, porque estão enraizadas na fé na ressurreição de Cristo, alimentadas pela Eucaristia. Dentro desta sólida e ampla estrutura, o laicado católico conseguiu escrever as mais belas páginas da sua vitalidade missionária. Uma figura emblemática permanece a de Paulina Jaricot, a inspiração por trás da obra da Propagação da Fé. No próximo ano, comemoraremos o 125º aniversário da sua jornada missionária; será também o ano em que se celebrará o Sínodo Geral dos Bispos, com um tema significativo para a data: "A Vocação e a Missão do Laicado na Igreja e no Mundo".

Votos finais

5. Vinte anos após o Concílio Vaticano II, a Igreja sente-se chamada a verificar a sua fidelidade ao grande legado que lhe foi deixado por esse concílio ecuménico, quando afirmou que o dever de fomentar as vocações "pertence a todas as comunidades cristãs". A este respeito, é reconfortante notar um crescente sentido de responsabilidade nas diversas comunidades. Sim, muito já foi feito, mas muito ainda há por fazer, porque o Concílio Vaticano II espera de todos, e em particular das famílias cristãs e das comunidades paroquiais, a "máxima contribuição" para o crescimento das vocações (*Optatam Totius*, 2).

Nesta ocasião, desejo expressar a esperança de que os leigos católicos — em sua totalidade e em comunhão ativa com os líderes do Povo de Deus — encontrem no serviço das Obras Missionárias Pontifícias aqueles valores iluminadores que provêm de uma salutar "escola de caridade universal".

Que a Santíssima Virgem Maria, fiel missionária de todos os tempos, ajude a todos vocês, veneráveis irmãos e caríssimos filhos, a compreender esta mensagem, a respondê-la com a consciência limpa, com a inteligência lúcida e com espírito de comunhão e solidariedade.

Ao renovar a expressão da minha gratidão àqueles na Igreja que foram marcados pela vocação especial para um serviço de evangelização "ad gentes", especialmente àqueles que se encontram em situações difíceis, para a proclamação do reino de Deus, concedo de coração a minha bênção.

MENSAGEM DO PAPA JOÃO PAULO II PARA O DIA MUNDIAL DAS MISSÕES DE 1987

Queridos irmãos e irmãs!

1. O Sínodo sobre a Missão dos Leigos

«Vocês são a geração eleita, o sacerdócio real, a nação santa, o povo exclusivo de Deus, para anunciar as grandezas daquele que os chamou das trevas para a sua maravilhosa luz» (*1 Pedro* 2:9).

Os leigos, que serão o foco da Assembleia Geral do Sínodo dos Bispos em outubro próximo, precisamente no mês em que a Igreja se dedica à oração, à reflexão e ao apoio às suas missões no mundo, são membros plenos deste povo privilegiado, descrito pelo Príncipe dos Apóstolos.

Diante dessa feliz coincidência, desejo dedicar esta mensagem àquela vasta e seleta porção do Povo de Deus, os fiéis leigos – homens e mulheres de todas as idades e condições – a fim de reavivar neles a consciência de serem membros de um povo que é, por natureza, missionário. A Igreja, de fato, “existe para evangelizar, isto é, para pregar e ensinar, para ser o canal da graça, para reconciliar os pecadores com Deus...”, como afirmei em 1982, recordando o Papa Paulo VI e citando suas próprias palavras (Pauli VI, *Evangelii Nuntiandi* , 14; cf. *Insegnamenti di Giovanni Paolo II* , V, 3 [1982] 569). Evangelização e missão, portanto, não são algo opcional, suplementar ou marginal: a Igreja nasceu missionária e evangelizar é para ela uma lei de vida (cf. *Ad Gentes* , 2-5).

2. A vocação baptismal como vocação missionária

Partindo dessa premissa essencial, surge uma questão: quem, em termos concretos, é responsável por assumir essa missão? O Concílio Vaticano II responde assim: “Todos os fiéis, como membros do Cristo vivo [...], são estritamente obrigados a cooperar na expansão e no crescimento do seu Corpo, para que este chegue o mais depressa possível à sua plenitude. Portanto, todos os filhos da Igreja devem ter uma viva consciência da sua responsabilidade para com o mundo” (*Ad Gentes* , 36). A evangelização não é reservada apenas à hierarquia, mas “todo discípulo de Cristo tem o dever de difundir a fé, segundo a sua própria responsabilidade” (*Lumen Gentium* , 17). E a raiz desse dever está no primeiro dos sacramentos da fé. Assim, todos os cristãos leigos, precisamente em virtude do batismo, são chamados pelo Senhor a um apostolado eficaz: “A vocação cristã é, por sua natureza, também uma vocação ao apostolado” (*Apostolicam Actuositatem* , 2). É uma vocação fundada na própria graça baptismal: incorporados em Cristo pelo batismo, os cristãos tornam-se participantes do ofício sacerdotal, profético e régio de Cristo. A Confirmação os fortalece com o poder do Espírito Santo, enquanto a Eucaristia comunica e alimenta neles aquela caridade para com Deus e os homens que é a alma de todo o apostolado (cf. *Lumen Gentium* , 33; *Apostolicam Actuositatem* , 3).

Daqui surge o convite que renovo a todos os leigos, para que, redescobrimo a sua dignidade original como discípulos do Senhor, possam aprofundar o seu sentido de responsabilidade apostólica e dar um contributo generoso para a obra de evangelização.

3. Um corpo unido e organizado

Mas se todos na Igreja são responsáveis pela missão, se todos são ao mesmo tempo seu "sujeito" e seu "receptor", isso não acontece da mesma maneira e com o mesmo título, mas de acordo com a especificidade de sua posição e função dentro da própria Igreja, bem como com o ministério e o carisma recebidos. Os dons de Deus são diversos, mas sempre abundantes, não exclusivos, mas complementares, todos voltados para a mesma comunhão e missão. E somos chamados a discerni-los e valorizá-los com sabedoria evangélica, de acordo com as necessidades objetivas e as emergências que possam surgir em nossos dias. Com a aproximação do Sínodo dos Bispos, encorajo de bom grado os leigos, especialmente os jovens, a reconhecerem a realidade desses dons divinos e a assumirem a responsabilidade pessoal pela tarefa de evangelização por meio da palavra, do testemunho e da sementeira daquela sabedoria e esperança que a humanidade tanto anseia, muitas vezes sem saber.

As vocações leigas, chamadas a dar uma contribuição específica à comunidade eclesial, ainda constituem uma expressão forte e significativa da dedicação missionária entre o Povo de Deus. Hoje, mais do que nunca, há uma necessidade crescente de pessoas que se dediquem inteiramente à atividade missionária: "De fato, aqueles que, dotados de aptidão natural e capazes por qualidade e talento, se sentem prontos para empreender a atividade missionária, sejam eles nativos ou estrangeiros, são dotados de uma vocação especial: estes são os sacerdotes, religiosos e leigos" (*Ad Gentes*, 23 e cf. 6). Sim, hoje a Igreja precisa de leigos maduros que sejam discípulos e testemunhas de Cristo, construtores de comunidades cristãs e transformadores do mundo segundo os valores do Evangelho.

A todos os leigos já envolvidos na obra missionária da Igreja, desejo expressar meus agradecimentos e encorajamento, confirmando a cada um deles em seu respectivo trabalho.

4. Os catequistas

A este respeito, gostaria, antes de mais nada, de recordar as merecedoras fileiras de catequistas — homens e mulheres — que dão um contributo insubstituível para a propagação da fé e são chamados a desempenhar uma tarefa da maior importância no nosso tempo (cf. *Ad Gentes*, 17; João Paulo II, *Catechesi Tradendae*, 66). Como podemos negar que, sem estes trabalhadores especializados em terras de missão, tantas Igrejas, hoje florescentes, não teriam sido construídas? Eles foram e são testemunhas diretas da fé, por vezes até os primeiros, por ordem cronológica, a proclamá-la, tornando-se assim colaboradores ativos na missão de estabelecer, desenvolver e fomentar a vida cristã. O seu serviço integra a estrutura de apoio da evangelização, pelo que a Igreja nunca poderá prescindir dele. Mais uma vez, espero que o seu número e a sua qualidade aumentem continuamente para esta obra tão necessária, confiante de que encontrarão sempre a benevolência e o apoio de que necessitam. Eles também, evidentemente, têm direito a um sustento adequado e, se não puderem ser amparados por suas comunidades, que são muito pobres, a solidariedade de outros cristãos terá que prover o necessário para eles.

5. Voluntariado secular

Recordo também outra forma de compromisso missionário leigo, na qual a Igreja, sobretudo hoje, se apoia fortemente: o voluntariado leigo. Trata-se de uma fórmula válida que contribui significativamente para a missão da Igreja, facilitando o seu caminho de evangelização: um serviço de cristãos leigos que se comprometem a oferecer vários anos das suas vidas para cooperar diretamente no crescimento dos países em desenvolvimento.

Assim, além do trabalho de promoção humana que realizam em conjunto com outras forças sociais, eles, como cristãos, procuram assegurar que seus irmãos e irmãs não careçam da plenitude do desenvolvimento religioso e moral que só se alcança quando alguém se abre

totalmente à graça de Deus. Movidos pela fé e pela caridade evangélica, tornam-se testemunhas de amor e serviço ao homem em sua totalidade, como ser corpóreo e espiritual.

Nesse sentido, espero também que, por ocasião do Sínodo, muitas Igrejas particulares redescubram essa forma de cooperação missionária e se sintam empenhadas em discernir e promover essas vocações leigas que muitos terão prazer em abraçar, dispostos a integrar-se ativamente em outras comunidades de irmãos.

Essas vocações devem sempre se basear em um compromisso equilibrado e harmonioso, jamais separando o desenvolvimento sociocultural da profissão da fé religiosa. Um serviço difícil e exigente requer escolhas prudentes, preparação adequada, competência profissional e, sobretudo, uma personalidade madura.

6. Abertura a outras formas de serviço

O Espírito, que guia a Igreja para toda a verdade (cf. *Jo* 16,13), unifica-a na comunhão e no ministério, enriquece-a com os seus dons, embeleza-a com os seus frutos, «distribuindo entre os fiéis de todas as classes, *graças especiais*, pelas quais os torna capazes e prontos para empreender *diversas obras e ofícios* » (*Lumen Gentium* , 12).

Agora, somos todos chamados a reconhecer e acolher estas graças especiais, que são também dispensadas entre os leigos, tendo em vista a sua esperada presença no campo missionário. As Igrejas jovens, em particular, são convidadas a abrir-se e a valorizar com confiança estas riquezas espirituais para os ofícios e obras que se revelem "úteis para a renovação e maior expansão da Igreja" (*Lumen Gentium* , 12).

É necessário, portanto, considerar e apoiar múltiplas formas de participação leiga na vida litúrgica das comunidades cristãs, em seus programas e conselhos pastorais, na prática da caridade e na presença cristã no mundo cultural, social e econômico.

Desejo também incentivar uma participação mais ampla e ativa das *mulheres leigas* na prestação dos serviços que o vasto campo missionário espera de sua generosidade e contribuição específica. Espera-se que essas mulheres leigas se dediquem tanto às atividades tradicionais (hospitais, escolas, assistência) quanto à evangelização direta, como a formação familiar, o diálogo com não crentes ou católicos não praticantes e a promoção da cultura católica, bem como uma presença constante na oração e na liturgia.

7. As Obras Missionárias Pontifícias

Neste dia de Pentecostes, a Igreja, confrontada com a urgência da sua missão, sente-se compelida a abrir-se com energia renovada ao poderoso sopro e ao amor vivificante do Espírito que santifica o Povo de Deus e o guia e adorna com virtudes, para que possa concretizar os carismas da identidade cristã.

Pretendo confiar um mandato especial às Obras Missionárias Pontifícias que, pela sua origem, constituição e finalidade, se caracterizam como instrumentos específicos do universalismo missionário, para que, através da sua ampla e dinâmica ação, mantenham viva a consciência missionária no Povo de Deus, especialmente entre os leigos, e ao mesmo tempo realcem a vocação particular daqueles que receberam esta missão.

Sua tarefa é inspirar o interesse e a participação de todos os fiéis, tanto espiritual quanto materialmente, nas missões, bem como incentivar as vocações missionárias entre os jovens. Num mundo assolado por perspectivas vazias e muitas incertezas, jamais nos cansemos de inspirar e promover os nobres ideais da missão entre os leigos, para que muitos respondam ao convite do Senhor: "Eis-me aqui, envia-me!" (*Is* 6,8).

8. A Mãe que nos precede na fé e na missão

Devo também recordar — e esta é outra feliz coincidência — a celebração do Ano Mariano. É natural, fácil e reconfortante para todos os filhos e filhas da Igreja olhar para aquela que esteve presente na missão da Igreja desde o princípio (cf. João Paulo II, *Redemptoris Mater*, 28). Se o percurso desta Igreja, agora no final do segundo milénio cristão, implica um renovado e generoso compromisso com a sua missão, será sempre necessário prosseguir com Maria.

Seguindo Cristo, a Igreja busca com fidelidade inabalável cumprir hoje a sua mesma missão na história da humanidade e dos povos: no âmbito dessa colaboração com a obra de seu Filho redentor, ela se reúne em torno de Maria, aguardando um novo Pentecostes (cf. At 1,14). Portanto, todos os cristãos devem olhar para Maria, que precede a Igreja na fé, para compreender e cumprir o sentido de sua própria missão: cooperar na obra de salvação realizada por Cristo até a sua conclusão definitiva no reino dos céus.

Com a minha bênção apostólica.

Do Vaticano, 7 de Junho, Solenidade de Pentecostes, no ano de 1987, nono do meu Pontificado.

MENSAGEM DO PAPA JOÃO PAULO II PARA O DIA MUNDIAL DAS MISSÕES DE 1988

1. Caros irmãos e irmãs,

Ao dirigir minha mensagem para o próximo Dia Mundial das Missões, enquanto o Ano Mariano que proclamei em preparação para o Jubileu do Ano 2000 se aproxima do fim, desejo convidar todos os membros do Povo de Deus a refletir sobre um aspecto particular da evangelização: a presença de Maria na missão universal da Igreja.

Esta missão consiste na proclamação da boa nova da salvação, que se obtém pela fé em Cristo, segundo o mandato que o próprio Senhor ressuscitado deu aos apóstolos: "Ide, portanto, e fazei discípulos de todas as nações" (Mt 28,19); "quem crer e for batizado será salvo; quem, porém, não crer será condenado" (Mc 16,16).

1. Maria, Estrela da Evangelização e Mãe de Todos os Povos

Maria, a Mãe de Jesus, foi a primeira a crer em seu Filho e foi proclamada bem-aventurada por sua fé (cf. *Lucas* 1,45). Sua vida foi uma jornada e uma peregrinação de fé em Cristo, na qual ela precedeu os discípulos e sempre precede a Igreja (cf. *Redemptoris Mater*, 6.26).

Portanto, onde quer que a Igreja realize atividade missionária entre os povos, Maria está presente: presente como Mãe que coopera na regeneração e formação dos fiéis (cf. *Lumen Gentium*, 63); presente como a "Estrela da Evangelização", como afirmou meu predecessor Paulo VI (cf. Paulo VI, *Evangelii Nuntiandi*, 82), para guiar e confortar os arautos do Evangelho e sustentar na fé as novas comunidades cristãs, levantadas pelo anúncio missionário com o poder da Palavra e a graça do Espírito Santo.

A presença e a influência da Mãe de Jesus sempre acompanharam a atividade missionária da Igreja. Os arautos do Evangelho, ao apresentarem o mistério de Cristo e as verdades da fé aos povos não cristãos, também ilustraram a pessoa e o papel de Maria, que, "por meio de sua íntima participação na história da salvação, une e ressoa, por assim dizer, as maiores verdades da fé" e "ao ser pregada e venerada, chama os fiéis ao seu Filho, ao seu sacrifício e ao amor do Pai" (*Lumen Gentium*, 65). E cada povo, acolhendo Maria como sua mãe, enriquece seu culto e devoção com novos títulos e expressões, respondendo às suas próprias necessidades e à sua alma religiosa. Muitas dessas comunidades cristãs, fruto da obra evangelizadora da Igreja, encontraram em seu amor filial pela Mãe de Jesus o auxílio e a consolação para perseverar na fé em tempos de provação e perseguição.

2. Maria, modelo de consagração à missão

A Igreja, em sua vocação e preocupação evangelizadora, inspira-se e toma como exemplo Maria, a primeira a ser evangelizada (cf. *Lc* 1,26-38) e a primeira evangelizadora (cf. *Lc* 1,39-56). Foi ela quem acolheu com fé a boa nova da salvação, transformando-a em anúncio, cântico e profecia. Foi ela quem deu a todos os homens a melhor orientação espiritual que jamais receberam: "Fazei tudo o que ele vos disser" (*Jo* 2,5). Na escola de Maria, a Igreja aprende a consagrar-se à missão.

A consciência de que mais de dois terços da humanidade desconhecem ou ainda não compartilham a fé em Cristo Redentor leva a Igreja a preparar sempre novas gerações de

apóstolos, a intensificar a oração e o compromisso, para que as vocações missionárias surjam em todas as comunidades cristãs.

Se é verdade, de fato, que, segundo o Concílio, a todos os discípulos de Cristo é confiada a difusão da fé segundo as suas próprias possibilidades, aqueles que estão especialmente comprometidos com isso são aqueles que o Senhor, pelo Espírito Santo, chama pela vocação missionária, levantando dentro da Igreja instituições que assumem, como dever específico, a tarefa do primeiro anúncio do Evangelho (cf. *Ad Gentes*, 23).

É motivo de consolo, esperança e gratidão ao Senhor que os serviços missionários das Igrejas particulares se multipliquem com o envio de sacerdotes diocesanos, os tão merecedores "*Fidei donum*", de leigos e voluntários, tanto para ajudar as Igrejas irmãs mais necessitadas quanto para levar o primeiro anúncio do Evangelho e a solidariedade da caridade entre os povos e grupos humanos não cristãos.

É particularmente gratificante constatar que, ao lado das Igrejas antigas, as Igrejas da África, da Ásia e da América Latina participam cada vez mais da missão universal. O envio de missionários "ad gentes" por essas comunidades eclesiais, ainda em desenvolvimento, demonstra o autêntico espírito católico e missionário que deve animar as novas Igrejas, "enviando missionários para pregar o Evangelho em todos os lugares, mesmo que sofram com a escassez de clérigos" (cf. *Ad Gentes*, 20).

Os arautos do Evangelho, muitas vezes ignorados, esquecidos ou perseguidos, que dedicam suas vidas aos postos avançados da missão da Igreja, encontram em Maria um modelo perfeito de dedicação e fidelidade, que "se consagrou totalmente como serva do Senhor à pessoa e à obra de seu Filho" (*Lumen Gentium*, 56). Portanto, por ocasião do Dia Mundial das Missões, tenho a alegria de prestar homenagem ao generoso e, por vezes, ainda hoje, heroico compromisso, até o martírio, dos missionários espalhados por todos os continentes. Dirijo a eles e a todas as famílias religiosas e seculares, homens e mulheres, dedicadas à missão como componente fundamental de sua consagração, uma saudação afetuosa e um sincero encorajamento em nome de toda a Igreja, exortando-os a não se deixarem desanimar pelas dificuldades de seu apostolado, a confiar em Maria e a seguir seus passos.

A todos vós, missionários, que trabalhais para estender a maternidade da Igreja através do nascimento e formação de novas comunidades cristãs, repito de todo o coração a exortação que fiz aos sacerdotes na minha carta por ocasião da Quinta-feira Santa deste Ano Mariano: "É necessário, portanto, que cada um de nós 'acolha Maria na sua própria casa', tal como o Apóstolo João a acolheu no Gólgota,... como mãe e mediadora desse 'grande mistério' (cf. *Ef* 5,32), ao qual todos desejamos servir com as nossas vidas" (*Epistula ad Presbyteros*, 4, 25 de março de 1988: *Insegnamenti di Giovanni Paolo II*, XI, 1, [1988] 727).

3. Como preparar um novo advento missionário com Maria

Ao nos prepararmos para celebrar o Jubileu do Ano 2000 e iniciar o terceiro milênio da fé cristã com a esperança e o compromisso de uma nova vinda, a Igreja pretende renovar e intensificar seu zelo missionário, para que o anúncio do Evangelho chegue com mais eficácia aos povos que ainda não o receberam ou abraçaram. A Maria, que preparou a primeira vinda do Senhor, confio esta esperança: que, por sua mediação materna, ela obtenha para todo o Povo de Deus uma consciência cada vez mais viva e ativa de sua responsabilidade pela vinda do Reino de Deus por meio da evangelização missionária.

Dirijo-me, antes de tudo, aos pastores das Igrejas particulares, aos sacerdotes que trabalham com eles e a todos os que se dedicam à atividade pastoral: pela palavra, pela catequese e pelo exemplo, eduquem os fiéis que vos foram confiados num verdadeiro espírito missionário, "naquele

sentido de responsabilidade que os compromete, como membros de Cristo, perante todos os homens" (*Ad Gentes*, 21). As comunidades cristãs, sob a vossa orientação, expressem a maturidade e a vitalidade da sua fé e da sua comunhão eclesial, abrindo-se à missão universal da Igreja pela oração, pela promoção das vocações missionárias, pela solidariedade e pela partilha dos bens espirituais e materiais com os mais pobres do mundo. Acima de tudo, as famílias devem estar conscientes do seu dever de dar "uma contribuição particular à causa missionária da Igreja, cultivando as vocações missionárias nos seus filhos e filhas" (*Familiaris Consortio*, 54).

Ao falar da atuação missionária das comunidades cristãs, é oportuno mencionar as Obras Missionárias Pontifícias, que se destacam na Igreja pela sua iniciativa e perseverança em promover a cooperação missionária com múltiplas e adequadas iniciativas de divulgação, informação e formação, num espírito verdadeiramente universal e missionário. Uma vez que supervisionam o vasto campo da caridade e da assistência material, convido a todos a contribuírem generosamente para a manutenção dos seminaristas, a formação dos leigos, especialmente dos catequistas, e a construção de igrejas, escolas, hospitais e obras sociais.

Mas a função primordial dessas obras é a animação missionária, começando pela primeira, a propagação da fé, que tem como principal tarefa a educação, a informação e a consciencialização missionária.

Todos se preocupam em promover vocações para a Igreja missionária. Esta tarefa, de fundamental importância para a eficácia da missão "*ad gentes*", é confiada em particular à Pontifícia Sociedade de São Pedro Apóstolo para as vocações sacerdotais e religiosas nas Igrejas jovens, e à Pontifícia União Missionária de Sacerdotes e Religiosos, que se dedica a formar no espírito missionário aqueles que servem como pastores, líderes e agentes pastorais na Igreja. A Pontifícia Sociedade da Sagrada Infância, por sua vez, dedica-se à educação e à animação missionária das crianças, desde a mais tenra idade.

Retomando a ideia inspiradora desta mensagem, não posso deixar de enfatizar mais uma vez que aqueles na Igreja que promovem e vivem a promoção missionária e vocacional encontram em Maria uma mãe e um modelo que inspira e apoia o seu compromisso. De fato, como enfatizei no início, ela pode ser justamente chamada de "a primeira missionária", porque foi a mãe de Jesus, enviado do Pai, o primeiro e maior evangelizador, e uniu-se e colaborou com a sua missão com afeto materno. Na escola desta mãe, todos os filhos e filhas da Igreja aprendem o espírito missionário que deve animar a sua vida cristã e o seu zelo apostólico.

Não posso concluir esta mensagem sem abrir meu coração especialmente a vocês, jovens, que são sinal da vitalidade e da grande esperança da Igreja. O futuro da missão e das vocações missionárias está ligado à generosidade de cada um em responder ao chamamento de Deus, ao seu convite para consagrar as suas vidas à proclamação do Evangelho. Que de Maria cada um de vós também aprenda a dizer o "sim" da adesão plena, alegre e fiel à vontade do Pai e ao seu plano de amor.

Que a Santíssima Virgem, a quem invocamos como Mãe da Igreja e de todos os povos, interceda junto a seu Filho para que um novo espírito de Pentecostes anime todos aqueles que receberam o dom inestimável da fé pelo Batismo. Que ela os torne cada vez mais conscientes de sua responsabilidade missionária, para que, por meio de sua perseverança e generosidade, o Evangelho seja proclamado a todos os povos e a fé em Cristo leve luz e salvação ao mundo inteiro.

A todos eu concedo cordialmente minha bênção apostólica, um desejo de abundantes graças celestiais.

Do Vaticano, 22 de Maio, Solenidade de Pentecostes, no ano de 1988, décimo do meu Pontificado.

MENSAGEM DO PAPA JOÃO PAULO II PARA O DIA MUNDIAL DAS MISSÕES DE 1989

Queridos irmãos e irmãs!

A missão da Igreja começou no Pentecostes. O anúncio do Senhor ressuscitado, feito pelos apóstolos à multidão de peregrinos reunida em Jerusalém, foi ouvido e acolhido na variedade de línguas e culturas que representavam, antecipando, de certa forma, a universalidade do novo Povo de Deus. É no espírito e na graça do Pentecostes, fonte sempre fecundo da vocação evangelizadora e missionária da Igreja, que dirijo esta mensagem a vocês por ocasião do Dia Mundial das Missões.

A celebração deste dia, dedicado à oração, à catequese e à coleta de ajuda para as missões, recorda a toda a Igreja o seu dever de ir ao mundo levar o anúncio do Evangelho. Que este aniversário traga a todo o Povo de Deus, pastores e fiéis, uma renovada efusão do Espírito Santo, que é o Espírito da missão, aquele que agora deve continuar a obra de salvação, enraizada no sacrifício da Cruz. Jesus a confiou à Igreja; mas “o Espírito Santo permanece o protagonista transcendente da realização desta obra no espírito humano e na história do mundo” (*Dominum et Vivificantem*, 42).

1. O clero indígena, esperança da Igreja missionária

Deus — recorda o Concílio Vaticano II (cf. *Lumen Gentium*, 9) — quis santificar e salvar os homens não individualmente e sem qualquer vínculo entre eles, mas fazendo deles um povo: o povo messiânico, liderado por Cristo e reunido na Igreja. A Igreja existe em comunidades locais, que são confiadas aos cuidados e à orientação de seus próprios pastores, que as governam, exercendo, segundo a sua parte de autoridade, o ofício de Cristo Pastor e Cabeça (cf. *Lumen Gentium*, 28). Sua autoridade e missão é proclamar o Evangelho, santificar e governar o Povo de Deus.

O anúncio do Evangelho, feito pelos apóstolos após o Pentecostes, deu vida a comunidades de pessoas batizadas, sobre as quais foram nomeados líderes que garantiam a unidade e a formação na fé de seus membros, a celebração da Eucaristia e a comunhão com os apóstolos e outras comunidades cristãs.

O que os apóstolos fizeram no início da difusão da Igreja pelo mundo continua hoje através da evangelização missionária: de facto, «para o estabelecimento da Igreja e o desenvolvimento da comunidade cristã, são necessários vários tipos de ministérios, inspirados nos próprios fiéis: entre estes incluem-se as tarefas dos sacerdotes, diáconos e catequistas» (*Ad Gentes*, 15).

Nesta mensagem, desejo sublinhar sobretudo a necessidade e o valor da presença do clero nativo nas jovens comunidades cristãs. Os acontecimentos da formação e do desenvolvimento do clero nativo marcam o percurso da evangelização missionária. Foram sobretudo os Romanos Pontífices, na sua responsabilidade como Pastores da Igreja universal, que se preocuparam em garantir que, juntamente com o envio de missionários, as comunidades nascentes dos países de missão fossem providas, o mais rapidamente possível, de sacerdotes e bispos locais. Isto foi promovido em particular pelos Papas deste século, a começar por Bento XV, que na «*Maximum illud*» (cuja publicação celebramos agora o sexagésimo aniversário) afirmou, entre outras coisas: «Quem preside à Missão deve dirigir a sua principal atenção para a boa formação do clero nativo,

sobre o qual se depositam sobretudo as melhores esperanças das novas Cristandades» (*Maximum illud*, 7).

O florescimento do clero nativo é um mérito dos próprios missionários que, com tenacidade paciente e perseverante, por vezes até ao martírio, trabalharam e sofreram para formar novas comunidades cristãs, procurando fazer brotar das famílias o precioso fruto das vocações para o sacerdócio, a vida religiosa e o serviço missionário. Estão agora felizes por trabalhar em comunhão e por se tornarem colaboradores dos sacerdotes e bispos locais, sabendo muito bem que «a causa comum do Reino de Deus associa estreitamente ambos os grupos de mensageiros evangélicos para uma colaboração sempre necessária e sem dúvida fecunda... e a sua coordenação harmoniosa é também, e deve ser, uma expressão exemplar de comunhão eclesial» (Paulo VI, «Nuntius scripto datus missionali rei provehendae missus, ob diem per totum catholicum orbem celebrandum id est 21 octobris, huius ispius anni», die 20 jul 1973: *Insegnamenti di Paolo VI*, XI [1973] 738).

O Concílio Vaticano II inaugurou uma nova era na sempre fascinante história da atividade missionária. Visto que a Igreja é missionária por natureza, e cada Igreja particular é chamada a refletir a imagem da Igreja universal, as novas Igrejas são também convidadas a "participar o mais cedo possível da missão universal da Igreja, enviando missionários para pregar o Evangelho em todo o mundo, mesmo que sofram com a escassez de clérigos. A comunhão com a Igreja universal só atingirá, em certo sentido, a sua perfeição quando elas também participarem ativamente no esforço missionário dirigido a outras nações" (*Ad Gentes*, 20). E este espírito missionário deve inspirar, sobretudo, os sacerdotes, colocando-se à disposição para iniciar a atividade missionária não só nas suas dioceses, mas também para além delas, se enviados pelo bispo.

2. A Obra de São Pedro Apóstolo: a serviço do clero local por cem anos

Este ano marca o centenário da fundação da Pontifícia Sociedade de São Pedro Apóstolo: assim como a Sociedade para a Propagação da Fé nasceu do coração ardente de Pauline Jaricot, também do amor e do sacrifício de outras duas mulheres, Stephanie e Jeanne Bigard, mãe e filha, surgiu esta outra iniciativa missionária fundamental. A faísca foi acesa por uma carta de Monsenhor Gousin, Bispo de Nagasaki, que em 1º de junho de 1889 escreveu aos Bigard, já seus benfeitores e colaboradores, informando que se via obrigado a negar a entrada no seminário a jovens que desejavam se tornar sacerdotes devido à falta dos meios necessários para sua formação. Os Bigard compreenderam naquela carta o chamamento da vontade de Deus, um chamamento que mudou radicalmente suas vidas. Tornaram-se, assim, incansáveis pedintes de ajuda em nome dos aspirantes ao sacerdócio, que batiam às portas dos seminários em números cada vez maiores nos países de missão. As duas generosas mulheres enfrentaram dificuldades de todos os tipos, mas não desistiram do seu compromisso; cumpriram-no fielmente até à morte, tendo a alegria de ver a Obra aprovada e abençoada pela Santa Sé.

Cem anos após a sua fundação, conserva intacto o seu valor na perspectiva do propósito que lhe deu origem: "Sensibilizar o povo cristão para o problema da formação do clero local nas Igrejas missionárias e convidá-lo a colaborar espiritual e materialmente na preparação dos candidatos ao sacerdócio" (*Estatutos das Obras Missionárias Pontifícias*, 15).

A obra de São Pedro Apóstolo, que eu quis lembrar e recomendar nesta mensagem, contribuiu grandemente para o desenvolvimento do clero local e continua a desempenhar um papel importante, através da assistência que oferece para que os seminários, as casas de formação e os centros de ensino superior nas Igrejas jovens possam acolher e preparar adequadamente as vocações nativas para os compromissos do apostolado.

Embora eu agradeça de coração àqueles que, com suas orações e ofertas, participam dos programas da Obra, convido a todos a louvar o Senhor pelas maravilhas que Ele realizou por meio de Stefania e Giovanna Bigard, que se consagraram à causa missionária com total dedicação. A Igreja, que – como escrevi na carta apostólica “*Mulieris Dignitatem*” – “dá graças por todas as manifestações do ‘gênio’ feminino que apareceram no curso da história” (31), não pode deixar de magnificar o Senhor ao considerar os frutos de evangelização e santidade que amadureceram da Obra iniciada pelas senhoras Bigard.

3. Todos os membros da Igreja devem comprometer-se a promover as vocações sacerdotais e missionárias e a proclamar o Evangelho.

A obra de São Pedro Apóstolo recorda o papel insubstituível reservado ao clero na missão de evangelização. As comunidades cristãs necessitam do seu serviço pastoral para as guiar na sua vida de fé e para as formar no espírito missionário.

O desafio mais importante que a missão universal coloca a toda a Igreja é o das vocações nas diversas expressões em que podem ser realizadas: isto é, na vida sacerdotal, religiosa e laica. “Para a evangelização do mundo, são necessários, antes de tudo, evangelizadores. Por isso, todos, a começar pelas famílias cristãs, devem sentir a responsabilidade de fomentar o surgimento e o amadurecimento de vocações especificamente missionárias, sejam elas sacerdotais, religiosas ou laicas, utilizando todos os meios adequados, sem jamais negligenciar o meio privilegiado da oração, segundo as palavras do próprio Senhor Jesus: ‘A colheita é grande, mas os trabalhadores são poucos! Rogai, pois, ao Senhor da colheita que envie trabalhadores para a sua colheita’ (Mt 9,37-38)” (*Christifideles Laici*, 35).

A situação atual — como mencionei na mesma carta apostólica sobre a vocação e a missão dos leigos — exige que, no que diz respeito ao dever de anunciar o Evangelho, cada discípulo do Senhor se sinta pessoalmente chamado: “Ai de mim se eu não anunciar o Evangelho!” (1 Cor 9,16). Os fiéis leigos são capacitados e comprometidos com esta tarefa pelos sacramentos da iniciação cristã e pelos dons do Espírito Santo (cf. *Christifideles Laici*, 33).

Do ponto de vista da participação dos leigos na missão universal da Igreja, não é motivo de alegria e esperança que duas das quatro Obras Missionárias Pontifícias, a saber, a Sociedade para a Propagação da Fé e a Sociedade de São Pedro Apóstolo, tenham sido fundadas por leigos, e precisamente por mulheres fervorosas pelo Reino de Deus?

4. O serviço permanente de animação e formação das Obras Missionárias Pontifícias

Embora tenha enfatizado o trabalho da Sociedade de São Pedro Apóstolo por ocasião do centenário de sua fundação, não posso concluir esta mensagem sem também recomendar as outras Sociedades Missionárias: a Propagação da Fé, a Sagrada Infância e a União Missionária de Sacerdotes e Religiosos, todas a serviço do Papa e de todas as Igrejas particulares.

Embora desenvolvam suas próprias atividades distintas, compartilham um propósito fundamental comum: inspirar e manter vivo no Povo de Deus – pastores e fiéis – um intenso espírito missionário, que se traduz em um compromisso com as vocações missionárias e com o auxílio a todas as missões no mundo, a fim de atender às suas crescentes demandas e necessidades, com a generosa contribuição de todos os cristãos.

Neste dia da caridade universal, o Papa torna-se a voz de todos os pobres do mundo; a voz acima de todas as dos missionários, que estendem a mão aos seus irmãos na fé e a todos os homens de boa vontade.

Os missionários dedicam-se a proclamar o Evangelho nos postos avançados da missão, que, mesmo em nossos dias, enfrenta dificuldades e provações e muitas vezes exige o supremo

testemunho do dom da própria vida. Portanto, em nome de toda a Igreja, ofereço-lhes palavras de afetuoso encorajamento, para que em seu apostolado se sintam acompanhados e amparados pela presença do Senhor ressuscitado, pelo poder do seu Espírito e pela solidariedade da comunidade de fiéis.

Que todos os discípulos do Senhor se lembrem de que a Bem-Aventurada Virgem Maria, Rainha dos Apóstolos e Mãe de todos os povos, é seu modelo e amparo em suas missões. A ela confio a missão da Igreja e de todos aqueles que dedicam suas vidas a proclamar o Reino e a estabelecer a Igreja no coração do mundo.

Aos missionários e seus colaboradores, e a todos os que participam de alguma forma na obra missionária da Igreja, concedo cordialmente a minha bênção apostólica, penhor das graças divinas e sinal do meu afeto e gratidão.

Do Vaticano, 14 de Maio, Solenidade de Pentecostes, no ano de 1989, décimo primeiro do meu Pontificado.

MENSAGEM DO PAPA JOÃO PAULO II PARA O DIA MUNDIAL DAS MISSÕES DE 1990

Queridos irmãos e irmãs!

Este ano, o Dia Mundial das Missões está sendo celebrado durante a Assembleia Geral do Sínodo dos Bispos, que aborda a formação de sacerdotes no mundo atual. A importância deste tema para a Igreja como um todo e para sua missão evangelizadora é evidente para todos. A Igreja existe para evangelizar: se esta é a sua tarefa específica, todos os seus membros devem estar plenamente conscientes da sua responsabilidade de difundir o Evangelho.

Em comunhão e sob a autoridade do sucessor de Pedro, a tarefa de proclamar o Evangelho cabe, antes de mais nada, ao colégio dos bispos, com os quais colaboram de modo eminente os sacerdotes que «exercem... o ofício de Cristo, pastor e cabeça, reúnem a família de Deus», enquanto «em sua sede tornam visível a Igreja universal» (*Lumen Gentium*, 28).

O dom espiritual da Sagrada Ordenação “prepara-os para uma vasta e universal missão de salvação ‘até os confins da terra’, visto que todo ministério sacerdotal participa da mesma amplitude universal da missão confiada por Cristo aos apóstolos” (*Presbyterorum Ordinis*, 10). Portanto, todos os sacerdotes “devem estar profundamente convictos de que suas vidas também foram consagradas ao serviço das missões” (*Ad Gentes*, 3): todo sacerdote é missionário por natureza e vocação. Como escrevi em 1979, em minha primeira carta para a Quinta-feira Santa, “a vocação pastoral dos sacerdotes é grande, e o Concílio ensina que ela é universal; dirige-se a toda a Igreja e, portanto, é também missionária”. Da mesma forma, no discurso que proferi em abril de 1989 aos membros da Congregação para a Evangelização dos Povos, depois de recordar que “todo sacerdote, à sua maneira, é um missionário para o mundo”, convidei todos os sacerdotes da Igreja a “colocarem-se concretamente à disposição do Espírito Santo e do bispo, para serem enviados a pregar o Evangelho para além das fronteiras do seu país”.

Nesta mensagem, desejo enfatizar outro aspecto da missão atual que diz respeito tanto às Igrejas jovens quanto às antigas: a evangelização dos não-cristãos presentes em uma diocese ou paróquia é o dever primordial do respectivo pároco. Portanto, os sacerdotes devem se comprometer pessoalmente e unir-se aos fiéis na pregação do Evangelho àqueles que ainda estão fora da comunidade eclesial.

A maioria dos sacerdotes vivencia sua dimensão missionária em uma Igreja específica, tanto cuidando das situações missionárias existentes quanto educando e incentivando suas comunidades a participarem da missão universal da Igreja. Educar os futuros sacerdotes no espírito missionário implica que o sacerdote deve se perceber e agir onde quer que esteja como um pároco do mundo, a serviço de toda a Igreja missionária. Ele é o animador natural e o principal responsável por despertar a consciência missionária entre os fiéis.

É mais uma vez o decreto *Ad Gentes* — gosto de recordá-lo no 25º aniversário de sua promulgação — que indica claramente aos sacerdotes o que devem fazer para inspirar nos fiéis o amor pelas missões: devem inspirar e manter entre os fiéis o mais vivo interesse pela evangelização do mundo; devem inculcar nas famílias cristãs a necessidade e a honra de cultivar vocações missionárias entre seus filhos e filhas; devem alimentar o fervor missionário nos jovens, para que surjam entre eles os futuros mensageiros do Evangelho; devem ensinar a todos a rezar

pelas missões e também pedir sua generosa contribuição de dinheiro e recursos, tornando-se quase mendigos pela salvação das almas.

Mas para ter coração e exercer um ministério pastoral tão amplo, é necessária uma sólida formação missionária, que o seminário deve proporcionar, antes de tudo, durante os anos de preparação dos futuros sacerdotes. É importante que a missiologia ocupe um lugar de destaque nos programas de estudo teológico. Assim formados, os sacerdotes poderão, por sua vez, educar as comunidades cristãs num autêntico compromisso missionário. É também desejável que eles, formando um presbitério único com o seu bispo, tenham a oportunidade de participar em encontros de reflexão missionária, conferências, retiros e dias espirituais centrados na missão.

Para além das iniciativas que os bispos podem empreender para a formação missionária permanente dos seus sacerdotes, não se deve esquecer que todos os cristãos têm à sua disposição vias válidas e comprovadas de atuação missionária, tanto através da Pontifícia União Missionária do Clero e dos Religiosos, como através das Pontifícias Obras Missionárias para a Propagação da Fé, de São Pedro Apóstolo e da Sagrada Infância. Cada uma destas possui o seu próprio âmbito de cooperação missionária e todas estão empenhadas em garantir a participação ativa dos fiéis nesta cooperação.

Em relação à Pontifícia União Missionária, fundada pelo Venerável Paolo Manna, eu, como meus predecessores, a recomendo veementemente mais uma vez como meio de testemunho e amor às missões. Por isso, desejo confirmar — e o próximo Sínodo dos Bispos me oferece essa oportunidade — o que o Papa Paulo VI, de venerável memória, escreveu em sua Carta Apostólica *Graves et Increscentes*, de setembro de 1976: "A União Missionária deve ser considerada a 'alma' das Obras Missionárias Pontifícias... habituando-as para que, por sua vez, sejam escolas de formação missionária, reconhecidas e apoiadas em suas iniciativas e objetivos."

O Dia Mundial das Missões deve ser um evento anual importante para todos, principalmente para as Obras Missionárias, instrumento escolhido pelo sucessor de Pedro e pelo corpo episcopal para a propagação do Evangelho.

Gostaria também de salientar que este Dia teve origem num pedido explícito da Pontifícia Sociedade para a Propagação da Fé, aceite pelo Papa Pio XI em 1926. É a esta Sociedade que se destinam as ofertas dos fiéis, reunidas nesse dia em todo o mundo, e é a partir dessas ofertas que as jovens Igrejas recebem um apoio substancial para as suas atividades: desde a formação de seminaristas à de catequistas, da construção de igrejas e seminários ao pão de cada dia dos missionários.

As necessidades a que os missionários devem responder são verdadeiramente numerosas e, por isso, a contribuição daqueles que podem ajudá-los deve ser generosa e constante. Como não acolher de bom grado e com alegria o seu apelo, que demonstra a força da juventude da Igreja? Entre as formas de solidariedade humana, a caridade missionária caracteriza-se pela sua energia encorajadora de esperança: a missão é o futuro da Igreja.

Envio esta mensagem na Solenidade de Pentecostes, quando a missão da Igreja começou com a descida do Espírito Santo sobre os Apóstolos. Esta atividade evangelizadora tem continuado por dois mil anos, alternando sucessos e dificuldades, aceitação e rejeição; mas o anúncio missionário é sempre feito com o poder do Espírito Santo, que é o protagonista da evangelização.

Nas visitas pastorais às igrejas jovens, que tenho realizado desde o início do meu ministério como pastor universal, testemunhei as maravilhas que a fé em Cristo e o poder do Espírito Santo operam nas comunidades nascidas da proclamação missionária, por vezes confirmada pelo testemunho do martírio. Nos países africanos que visitei em janeiro passado, essa vitalidade da fé cristã também me impressionou, juntamente com a situação de extrema pobreza em que se

encontravam. Creio, portanto, ser meu dever renovar o meu apelo aos países prósperos e às organizações internacionais, para que, com a sua generosa solidariedade, possam atender às crescentes necessidades desses países e de grande parte do continente africano.

A jornada missionária da Igreja, no limiar do seu terceiro milénio, está repleta de esperança, apesar das provações e tribulações já mencionadas. Considerando o "novo advento missionário" que aguarda a Igreja, é necessário confirmar e esclarecer as linhas fundamentais da atividade missionária e fomentar em todos um espírito apostólico mais consciente e intenso.

Exorto a todos a orarem fervorosamente ao Senhor da seara, para que Ele envie obreiros a proclamar a boa nova da salvação em Cristo. Mas estendo este convite especialmente aos jovens, para que se abram à vocação missionária de proclamar o Evangelho.

Minha reflexão final é de contemplação e oração a Maria Santíssima. A ela, Rainha das Missões, meu coração se eleva com esta sincera oração: ela que, nas bodas de Caná, solicitou e obteve o primeiro milagre de seu Filho; ela que esteve ao seu lado quando ele se ofereceu na cruz por nossa salvação; ela que, presente no Cenáculo com seus discípulos, aguardou em oração unida a efusão do Espírito; ela que acompanhou a heroica jornada dos missionários desde o início, inspira hoje e sempre todos os seus filhos e filhas a imitá-la em sua preocupação e solidariedade com os missionários de nosso tempo.

Em nome desta Mãe tão amada, envio a todos vós, irmãos e irmãs, a consoladora bênção apostólica.

Do Vaticano, 3 de Junho, Solenidade de Pentecostes, no ano de 1990, décimo segundo do meu Pontificado.

MENSAGEM DO PAPA JOÃO PAULO II PARA O DIA MUNDIAL DAS MISSÕES DE 1991

Queridos irmãos e irmãs!

“Deus é Amor”, diz-nos o apóstolo João: amor que chama e amor que envia. Sabemos, de fato, que da “fonte do amor”, que é Deus Pai, emanou a missão do Filho e a missão do Espírito Santo. E no próprio dia de Pentecostes — cuja solenidade abordo nesta *Mensagem para o Dia Mundial das Missões* — o Espírito foi dado aos Apóstolos. Graças à efusão do Espírito de amor, a Igreja apareceu oficialmente ao mundo e iniciou sua missão de anunciar e comunicar à humanidade a salvação que Deus oferece em seu Filho, chamando-a a participar de sua vida e a amar-se uns aos outros.

A missão de evangelizar o amor de Deus pela humanidade — por cada *homem* e mulher — e o amor da humanidade por Deus e uns pelos outros, confiada por Cristo à sua Igreja, está ainda tão longe de se completar que só pode ser considerada um mero começo. Essa constatação levou-me a dirigir um apelo especial a todos os membros da Igreja na Encíclica *Redemptoris Missio*, e agora apelo-lhes mais uma vez para que considerem esse apelo como um *chamamento renovado a uma missão renovada* e que o transformem em motivo para um compromisso pastoral mais ativo e uma catequese mais esclarecida.

1. Consagrada e enviada para a Missão

Todos nós, membros da Igreja, embora de maneiras diferentes, movidos pelo mesmo Espírito, somos consagrados para sermos enviados: em virtude do Batismo, a mesma missão da Igreja nos é confiada. Todos somos chamados e obrigados a evangelizar, e esta missão fundamental, que é a mesma para todos os cristãos, deve se tornar uma verdadeira preocupação diária e constante em nossas vidas.

Como é belo e inspirador recordar as comunidades dos primeiros cristãos, quando se abriram ao mundo, que pela primeira vez viram com novos olhos: o olhar daqueles que compreenderam que o amor de Deus deve traduzir-se em serviço para o bem dos seus irmãos e irmãs. A memória da sua experiência faz-me repetir o pensamento central da recente Encíclica: “A missão renova a Igreja, revigora a fé e a identidade cristã, dá novo entusiasmo e nova motivação. *A fé fortalece-se ao ser dada!*” Sim, a missão oferece-nos a extraordinária oportunidade de rejuvenescer e embelezar a Esposa de Cristo e, ao mesmo tempo, permite-nos experimentar uma fé que renova e fortalece a vida cristã, precisamente porque é dada.

Mas a fé que renova a vida e a missão que fortalece a fé não podem ser tesouros escondidos ou experiências exclusivas de cristãos isolados. Nada está mais distante da missão do que um cristão egocêntrico: se a sua fé é sólida, está destinada a crescer e deve estar aberta à missão.

A primeira área para o desenvolvimento da relação *fé-missão* é a *comunidade familiar*. Em um tempo em que tudo parece conspirar para desintegrar essa célula primária da sociedade, é necessário trabalhar para garantir que ela se torne, ou volte a ser, a principal comunidade de fé, não apenas em termos de aquisição, mas também de crescimento, de doação e, portanto, de missão. É tempo de pais e cônjuges abraçarem a tarefa essencial de sua condição e vocação: evangelizar seus filhos e uns aos outros, para que todos os membros da família possam verdadeiramente receber a Boa Nova em todas as circunstâncias — especialmente nas provações

do sofrimento, da doença e da velhice. Esta é uma forma insubstituível de educação para a missão e uma preparação natural para potenciais vocações missionárias, que quase sempre encontram seu berço na família.

Outra área igualmente importante é a *comunidade paroquial*, ou a *comunidade eclesial de base*, que, através do serviço dos seus pastores e líderes, deve oferecer aos fiéis o alimento da fé e procurar aqueles que estão distantes e estrangeiros, cumprindo assim a missão. Nenhuma comunidade cristã é fiel à sua tarefa se não for missionária: ou é *uma comunidade missionária*, ou nem sequer é *uma comunidade cristã*, sendo estas apenas duas dimensões da mesma realidade, tal como definida pelo Batismo e pelos outros Sacramentos. Hoje, além disso, quando a missão, entendida também no sentido específico da primeira proclamação do Evangelho aos não-cristãos, bate às portas das comunidades cristãs da antiga evangelização e se torna cada vez mais uma "missão entre nós", tal compromisso em cada comunidade é da maior urgência.

Outro motivo para ter esperança no atendimento às novas demandas da missão atual são os *movimentos e grupos eclesiais* que o Senhor está suscitando na Igreja para que seu serviço missionário seja mais generoso, oportuno e eficaz.

2. Como cooperar na atividade missionária da Igreja

Se todos os membros da Igreja são consagrados à missão, todos são corresponsáveis por levar Cristo ao mundo através de seu compromisso pessoal. A participação neste dever é chamada de "cooperação missionária" e está necessariamente enraizada na santidade de vida: somente se alguém estiver enxertado em Cristo, como ramos na videira, poderá produzir muitos frutos. O cristão, que vive sua fé e observa o mandamento do amor, amplia o alcance de sua obra para abranger todos os homens e mulheres através dessa *cooperação espiritual*, composta de oração, sacrifício e testemunho, que permitiu que Santa Teresa do Menino Jesus fosse proclamada copadroeira das missões, embora nunca tenha sido enviada em missão.

A oração deve acompanhar a jornada e o trabalho dos missionários, para que o anúncio da Palavra seja frutífero pela graça divina. O sacrifício, aceito na fé e sofrido com Cristo, tem valor salvífico. Se o sacrifício dos missionários deve ser compartilhado e sustentado pelo dos fiéis, então toda pessoa que sofre em espírito e corpo pode se tornar missionária, se for capaz de oferecer seus sofrimentos com Jesus ao Pai. O *testemunho da vida cristã* é uma pregação silenciosa, mas eficaz, da Palavra de Deus. As pessoas de hoje, que parecem indiferentes à busca do Absoluto, na verdade sentem a necessidade dele e são atraídas e impressionadas pelos santos que o revelam com suas vidas.

A cooperação espiritual na obra missionária deve visar, acima de tudo, à *promoção das vocações missionárias*. Por isso, dirijo-me mais uma vez aos jovens do nosso tempo, convidando-os a dizer "sim" se o Senhor os chamar a segui-Lo com uma *vocação missionária*.

Não existe escolha mais radical e corajosa do que esta: deixar tudo para se dedicar à salvação de nossos irmãos e irmãs que não receberam o dom inestimável da fé em Cristo.

O *Dia Mundial das Missões* une todos os filhos da Igreja não só em oração, mas também num compromisso de solidariedade e partilha de ajuda e bens materiais para a missão *ad gentes*. Este compromisso corresponde à realidade de necessidade vivida por tantas pessoas e populações em todo o mundo. São irmãos e irmãs que, necessitando de tudo, vivem sobretudo nos países identificados como Sul Global e que coincidem com as terras missionárias. Pastores e missionários, portanto, necessitam de recursos significativos, não só para a obra de evangelização — que é certamente primordial e igualmente dispendiosa — mas também para dar resposta às muitas necessidades materiais e morais através das obras de promoção humana que sempre acompanham cada missão.

Que a celebração do Domingo Mundial das Missões seja um estímulo providencial para pôr em movimento tanto as estruturas de caridade quanto o exercício efetivo da caridade por cada cristão e suas comunidades: "é um evento importante na vida da Igreja, porque ensina como dar: *na* celebração eucarística, isto é, como uma oferta a Deus, e *para* todas as missões do mundo."

3. A animação das Obras Missionárias Pontifícias

No trabalho de animação e cooperação missionária, que diz respeito a todos os filhos da Igreja, quero reafirmar a tarefa particular e a responsabilidade específica que cabem às Obras Missionárias Pontifícias, como também reiterarei na encíclica supracitada.

As quatro Sociedades — Propagação da Fé, São Pedro Apóstolo, Infância Missionária e União Missionária — compartilham o objetivo comum de fomentar o espírito missionário no Povo de Deus. Elas são a memória universal das Igrejas locais.

Em particular, gostaria de recordar a União Missionária, que celebra o seu 75.º aniversário. Ela tem o mérito de se empenhar continuamente em sensibilizar sacerdotes, religiosos e religiosas, e líderes de comunidades cristãs, para que o ideal missionário se traduza em formas adequadas de pastoral e catequese missionária.

As Sociedades Missionárias devem ser as primeiras a implementar o que já afirmei na Encíclica: "As Igrejas locais devem fazer da animação missionária um pilar fundamental da sua atividade pastoral ordinária nas paróquias, associações e grupos, especialmente os grupos de jovens". As Sociedades Missionárias devem ser as protagonistas deste importante mandato, na animação missionária, na formação e na organização de atividades de caridade para apoiar as missões.

Mas, após ter lembrado a função dessas Obras, bem como o compromisso contínuo com a missão, não posso concluir esta minha exortação sem dirigir aos Missionários — sacerdotes, religiosos e leigos em todo o mundo — uma palavra direta e afetuosa de agradecimento e encorajamento, para que perseverem com confiança em sua obra evangelizadora, mesmo quando a sua realização pode custar e custa os maiores sacrifícios, incluindo o da própria vida.

Queridos missionários, homens e mulheres! Meus pensamentos e afeto sempre os acompanham, juntamente com a gratidão de toda a Igreja. Vocês não são apenas a esperança viva da Igreja, como testemunhas e arquitetos de sua missão universal no próprio ato de seu cumprimento; mas também o sinal crível e visível daquele amor de Deus que nos chamou, consagrou e enviou a todos, mas que lhes confiou um mandato especial: o dom singular da vocação *ad gentes*. Vocês trazem Cristo ao mundo; e em seu nome, como seu Vigário, eu os abençoo e os guardo em meu coração. Juntamente com vocês, abençoo todos os que participam com amor e generosidade do seu apostolado de evangelização e da promoção integral da humanidade.

Que Maria, Rainha dos Apóstolos, guie e auxilie os passos de vós, missionários, e de todos os que, de alguma forma, cooperam na missão universal da Igreja.

Do Vaticano, 19 de Maio, Solenidade de Pentecostes, no ano de 1991, décimo terceiro ano do Pontificado de 1991.

MENSAGEM DO PAPA JOÃO PAULO II PARA O DIA MUNDIAL DAS MISSÕES DE 1992

Caros irmãos e irmãs!

1. O Dia Mundial das Missões, instituído por Pio XI a pedido da Sociedade para a Propagação da Fé em 1926, convida-nos todos os anos, no espírito de unidade e universalidade da Igreja, a uma renovada consciência da responsabilidade de cada pessoa na difusão da mensagem evangélica.

À medida que nos aproximamos do terceiro milénio da redenção, a missão universal torna-se ainda mais urgente. Não podemos permanecer indiferentes ao pensarmos nos milhões de pessoas que, como nós, foram redimidas pelo sangue de Cristo, mas vivem sem um conhecimento adequado do amor de Deus. Nenhum crente em Cristo, nenhuma instituição da Igreja, pode se furtar ao dever supremo de proclamar Cristo a todos os povos. Dois terços da humanidade ainda não conhecem Cristo; precisam d' Ele e de Sua mensagem de salvação.

Como a Igreja é missionária por natureza, a evangelização é um dever e um direito de cada membro (cf. *Lumen gentium*, 17; *Ad gentes*, 28, 35-38) . O Senhor nos chama a sair de nós mesmos e a partilhar com os outros os bens que possuímos, a começar pela nossa fé, que não pode ser considerada um privilégio privado, mas sim um dom a ser partilhado com aqueles que ainda não a receberam. A própria fé, aliás, beneficia-se deste compromisso, pois se fortalece quando é dada.

2. No Dia Mundial das Missões, todas as Igrejas, das mais jovens às mais antigas, das que desfrutam de liberdade às que sofrem perseguição, das que têm recursos suficientes às que enfrentam dificuldades, sentem a necessidade de olhar além de si mesmas para se tornarem corresponsáveis pela missão *ad gentes*.

Portanto, respondendo ao convite do "Dia", cada um de nós deve comprometer-se a participar na missão universal da Igreja, antes de mais nada através da cooperação espiritual, acompanhando e apoiando com a oração as iniciativas dos missionários. O próprio Jesus falou da "necessidade de orar sempre" (Lc 18, 1) e testemunhou-a com o sacrifício da sua própria vida. Como discípulos de Cristo, também nós oferecemos as nossas vidas a Deus, por Cristo, o primeiro Missionário.

Para isso, as orações e os sacrifícios dos doentes, que através do seu sofrimento estão intimamente ligados à Paixão de Cristo, assumem um grande valor. Todos aqueles que se dedicam ao cuidado pastoral destas pessoas não devem deixar de as instruir e encorajar a oferecer os seus sofrimentos em união com Cristo Crucificado pela salvação do mundo. (cf. *Redemptoris missio*, 78)

Nosso espírito de sacrifício deve ser expresso de forma concreta e visível. Para alguns, isso pode consistir em responder generosamente à sua vocação missionária, "partindo" para levar a mensagem do Evangelho aonde quer que o Espírito os conduza.

Essa "partida" encontra sua referência ideal no envio missionário dos Apóstolos: "Mas recebereis poder quando o Espírito Santo vier sobre vós, e sereis minhas testemunhas tanto em Jerusalém como em toda a Judeia e Samaria e até aos confins da terra." (Act 1, 8)

3. No contexto do quinto centenário da evangelização da América, recordamos os missionários que, partindo da Europa, levaram o Evangelho aos povos daquelas terras. Celebramos este

aniversário com humildade e verdade, agradecendo a Deus pelos benefícios espirituais concedidos a esses povos antigos e nobres.

Hoje vemos com alegria que os missionários vêm não só das Igrejas da antiga evangelização, mas também das Igrejas da África, da Ásia e da América Latina, onde muitos se dedicam ao anúncio inicial do Evangelho. Em diversos países missionários, o trabalho dos catequistas locais continua, valioso e indispensável. Movidos por um forte espírito missionário, eles se tornam incansáveis promotores da fé e da esperança.

Embora nem todos sejam chamados com uma vocação específica para a missão "ad gentes", todos, porém, devem cultivar seu espírito missionário e seu compromisso em si mesmos e em suas comunidades eclesiais. Bispos e sacerdotes, em particular, devem sentir-se os principais responsáveis pela missão universal e formar os fiéis no entusiasmo e na cooperação para as missões. Mas é sobretudo na vida familiar que os leigos desenvolvem o amor pela vocação missionária, (*Ad gentes*, 41) visto que a família cristã, como "Igreja doméstica", é um lugar privilegiado para a evangelização missionária.

4. Para que o Domingo das Missões assuma o significado e o valor da plena solidariedade com as missões, ele deve ser cuidadosamente preparado e vivido com fervor. A celebração da Eucaristia é o momento central para ilustrar o problema missionário e encorajar o envolvimento responsável de cada batizado, de cada família cristã e de cada instituição eclesial. Mas outras oportunidades para sensibilizar para a missão não devem ser negligenciadas. Convido os responsáveis por isso a inspirar e organizar iniciativas que contribuam para o sucesso deste "Dia". Juntamente com a informação para desenvolver a consciência missionária de cada batizado, devemos promover a arrecadação de fundos. Este objetivo é parte importante do compromisso da Igreja. Assim também foi a missão e o ministério de Jesus e dos Doze, que foram auxiliados por pessoas generosas. (cf. *Lc 8, 3*)

As necessidades materiais das missões são muitas e aumentam a cada dia. Os sacrifícios financeiros dos fiéis "são indispensáveis para a edificação da Igreja e o testemunho da caridade". (*Redemptoris missio*, 81) A obra da Propagação da Fé, a este respeito, provê para a missão universal e, com o seu fundo central de solidariedade, assegura que se evite a discriminação na distribuição de auxílios às Igrejas, especialmente às mais pobres. Há quase 70 anos, o Dia Mundial das Missões constitui a mais importante mobilização eclesial para o aumento da cooperação espiritual e material. A este respeito, considero oportuno recordar as sábias indicações dos meus veneráveis Predecessores, os Papas Pio XI e João XXIII, com as quais determinaram que todas as ofertas recolhidas no Dia Mundial das Missões fossem destinadas às necessidades das missões *ad gentes*.

5. Caros irmãos e irmãs! Na medida em que apoiamos a atividade missionária da Igreja, somos fiéis à sua identidade. São Paulo recomenda a Timóteo que "pregue a Palavra, seja persistente a tempo e fora de tempo". (2 *Tm 4, 2*) A mensagem de Paulo dirige-se a nós hoje. Todos podem, e de fato devem, comprometer-se com a edificação da Igreja e com o crescimento e amadurecimento dos seus membros na profissão e no testemunho da fé, porque "a missão renova a Igreja, revigora a fé e a identidade cristã e dá novo entusiasmo e nova motivação" (*Redemptoris missio*, 2).

Em antecipação ao Jubileu da Encarnação no ano 2000, vislumbro o alvorecer de uma nova era missionária. Ao lado de fatores negativos, o mundo atual também demonstra sinais da crescente reorientação da humanidade em direção aos ideais do Evangelho. Entre eles, destacam-se a rejeição da violência e da guerra; o respeito pela pessoa humana e seus direitos; e o anseio por liberdade, justiça e fraternidade.

«A esperança cristã sustenta-nos no nosso profundo compromisso com a nova evangelização e com a missão universal, fazendo-nos rezar como Jesus nos ensinou: «Venha o teu reino, seja feita a tua vontade, assim na terra como no céu(Mt 6, 10)» (*Redemptoris missio*, 86). Razões para grande esperança são a multiplicação das vocações missionárias, especialmente nas Igrejas jovens, e a ajuda fraterna que as Igrejas se dão umas às outras através do intercâmbio de sacerdotes, segundo o espírito da Encíclica *Fidei donum*.

6. Desejo concluir esta Mensagem com uma saudação afetuosa aos obreiros do Evangelho, que estão espalhados por todo o mundo. Basta observar o número de missionários mortos a cada ano para compreender o forte espírito de sacrifício que anima esses homens e mulheres consagrados à causa do Evangelho. Que o espírito que animou e impulsionou Paulo, o Apóstolo dos Gentios, guie e proteja todos os que testemunham de Jesus por meio de suas palavras e do exemplo de suas vidas.

Expresso também a minha gratidão àqueles que apoiam os esforços missionários da Igreja com oração, sacrifício e solidariedade. Que encontrem em Maria, a Mulher do "sim" incondicional a Deus, o modelo e a inspiração para um generoso compromisso apostólico.

Com esses desejos em meu coração, concedo minha bênção a todos como penhor de graças divinas.

Do Vaticano, 7 de Junho de 1992, Solenidade de Pentecostes.

MENSAGEM DO PAPA JOÃO PAULO II PARA O DIA MUNDIAL DAS MISSÕES DE 1993

Queridos irmãos e irmãs!

1. “Eu vim para que tenham vida e a tenham em abundância” (*João 10,10*).

Com essas palavras, Jesus expressa o significado e o propósito de sua missão no mundo. A Igreja, ao longo de seus dois mil anos de história, sempre acolheu essa mensagem e difundiu a cultura da vida por todo o mundo. Guiada por Cristo e sustentada pelo Espírito, ainda hoje ela continua a proclamar o Evangelho da vida.

Esta “boa nova” ressoará com força em Denver, durante o encontro mundial da juventude por ocasião da Oitava Jornada Mundial da Juventude. É uma proclamação de salvação identificada com o Reino de Deus e dirigida a todos os crentes. Como enfatizei na Encíclica *Redemptoris Missio*, o Evangelho “não é um conceito, uma doutrina ou um programa sujeito a livre desenvolvimento, mas é antes de tudo uma pessoa, que tem o rosto e o nome de Jesus de Nazaré, a imagem do Deus invisível” (*Redemptoris Missio*, 18). De fato, aquele que disse: “Eu sou a vida” (*Jo 14,6*) pode satisfazer plenamente a insaciável necessidade de vida do coração humano e, em virtude do batismo, enxertar a existência humana na do próprio Deus.

2. Educar no Evangelho da vida: esta é a grande tarefa da família e da própria comunidade cristã para com os jovens, a começar pela primeira infância. Esta intuição fundamental inspirou o Bispo de Nancy, Charles Forbin-Janson, a fundar a Sociedade da Sagrada Infância em 1843, instituição que celebra este ano o seu 150.º aniversário. O serviço eclesial que esta Sociedade, posteriormente elevada à categoria de Pontifícia, realiza em todos os continentes, revela-se cada vez mais precioso e providencial. Contribui para dar um novo impulso à atividade missionária das crianças em benefício dos seus pares. Defende o direito das crianças de crescerem na sua dignidade como seres humanos e crentes, ajudando-as sobretudo a realizar o seu desejo de conhecer, amar e servir a Deus. A colaboração dos jovens na evangelização é mais necessária do que nunca: a Igreja deposita grandes esperanças na sua capacidade de transformar o mundo.

3. Por ocasião do Dia Mundial das Missões, convido os fiéis de todo o mundo, especialmente pais, educadores, catequistas e religiosos e religiosas, a se dedicarem à formação missionária das crianças, reconhecendo que a educação no espírito missionário começa desde a tenra idade. Se bem orientadas no seio da família, da escola e da paróquia, as crianças podem se tornar missionárias para seus pares, e não apenas para si mesmas. Com sinceridade e generosidade, podem atrair seus jovens amigos para a fé e despertar nos adultos o anseio por uma fé mais ardente e alegre. Sua formação missionária deve, portanto, ser nutrida pela oração, fonte indispensável de energia para o crescimento no conhecimento de Deus e na consciência eclesial; deve ser sustentada pela partilha generosa, inclusive material, nas dificuldades enfrentadas pelas crianças menos favorecidas. É nesse espírito que a coleta de ofertas por ocasião do Domingo das Missões deste ano terá como objetivo, entre outras coisas, amparar a parcela de crianças do mundo que vive em condições sub-humanas, buscando restituir-lhes a alegre possibilidade de progredir na fé evangélica.

Estou convencido de que o duplo compromisso com a evangelização e a promoção humana, para o qual também as crianças devem ser sensibilizadas, dará origem a novas vocações para a vida

sacerdotal e religiosa, porque, como observei na encíclica *Redemptoris missio*, já mencionada, “a fé se fortalece ao ser doada” (*Redemptoris missio*, 2). A promoção e o fomento das vocações missionárias são, portanto, uma tarefa oportuna e urgente. De fato, o número daqueles a quem a Igreja deve levar a mensagem da salvação aumenta constantemente, e “o anúncio do Evangelho requer arautos, a colheita precisa de trabalhadores, a missão é realizada sobretudo por homens e mulheres consagrados para a vida à obra do Evangelho, prontos para ir a todo o mundo levar a salvação” (*Redemptoris Missio*, 79).

4. Nesta ocasião singular, gostaria de expressar, mais uma vez, de coração, a gratidão de toda a Igreja aos missionários, religiosos e leigos. Eles trabalham com empenho e entusiasmo, por vezes até mesmo à custa da própria vida, na linha de frente da evangelização e do serviço à humanidade. O seu testemunho, muitas vezes heroico, demonstra uma profunda fidelidade a Cristo e ao seu Evangelho; constitui um exemplo, um símbolo e um desafio salutar para os cristãos; é um convite a todos para darem pleno sentido à vida através de uma fé vivida.

Os missionários dedicam toda a sua energia física e espiritual à propagação do Evangelho da esperança. Por meio deles, Cristo, Redentor da humanidade, repete à humanidade: “Eu vim para que tenham vida e a tenham em abundância”. É apropriado, portanto, que neste Dia Mundial das Missões, os católicos se unam em torno deles e demonstrem, com solidariedade concreta, sua compaixão e cooperação. As necessidades associadas à evangelização e ao progresso humano são graves e urgentes. Eu mesmo pude constatar isso durante minhas viagens missionárias a diversos continentes. Há necessidade de apoio espiritual e solidariedade concreta, incluindo ajuda material. Que os corações e as mãos dos fiéis, especialmente daqueles com maiores recursos econômicos, estejam abertos a contribuir generosamente para o “Fundo de Solidariedade”, por meio do qual a Sociedade para a Propagação da Fé busca atender às necessidades dos missionários. Entre as necessidades mais prementes estão, certamente, a construção de igrejas e capelas onde os fiéis possam se reunir para a celebração da Eucaristia; o apoio e a formação de candidatos ao sacerdócio e catequistas; a publicação em línguas locais de textos religiosos para a educação na fé, como a Bíblia, catecismos nacionais e livros litúrgicos.

Que as comunidades cristãs se superem em generosidade, imitando o exemplo dos primeiros cristãos, que eram “um só coração e uma só alma, e ninguém considerava unicamente sua coisa alguma do que possuía, mas tudo lhe era comum” (*Actos* 4,32). Ao darem com amor, experimentaram que “há mais alegria em dar do que em receber” (*Actos* 20,35). Da partilha brota uma fonte de comunhão renovada e caridade profética para a Igreja.

5. O modelo deste amor a Deus e aos nossos irmãos e irmãs é Maria, Mãe de Cristo e dos fiéis. A ela confio todos os que se dedicam a cumprir o mandato missionário de seu Filho: os missionários, homens e mulheres, para que ela apoie a sua atividade apostólica e os seus sacrifícios; os seus colaboradores e benfeitores, para que se sintam cada vez mais encorajados a partilhar os seus bens espirituais e materiais com aqueles que deles carecem.

Tenho a alegria de enviar a todos a minha Bênção Apostólica, que, neste 150º aniversário da Obra da Sagrada Infância, pretende acolher com particular alegria e afeto as crianças, especialmente aquelas em condições difíceis devido à doença, à pobreza e ao abandono.

Do Vaticano, 18 de Junho - Solenidade do Sagrado Coração de Jesus - do ano de 1993, décimo quinto do meu Pontificado.

MENSAGEM DO PAPA JOÃO PAULO II PARA O DIA MUNDIAL DAS MISSÕES DE 1994

**"Quem faz a vontade de meu Pai que está nos céus,
esse é meu irmão, minha irmã e minha mãe" (Mt 12,50).**

Caros irmãos e irmãs!

1. A Igreja, enviada a todo o mundo para proclamar o Evangelho de Cristo, dedicou o ano de 1994 à família, orando com ela e por ela, e refletindo sobre as questões que a afetam. Nesta mensagem anual para o Dia Mundial das Missões, desejo abordar este tema, consciente da estreita relação entre a missão da Igreja e a família.

O próprio Cristo escolheu a família humana como cenário para a sua encarnação e para a preparação da missão que lhe foi confiada pelo Pai celeste. Fundou também uma nova família, a Igreja, como extensão da sua obra universal de salvação. Igreja e família, portanto, no contexto da missão de Cristo, manifestam laços mútuos e propósitos convergentes. Se cada cristão é corresponsável pela atividade missionária, que constitui a Família eclesial à qual, pela graça de Deus, todos pertencemos (cf. João Paulo II, *Redemptoris Missio*, 77), a família cristã, que se assenta num sacramento específico, deve sentir-se ainda mais impelida pelas aspirações missionárias.

2. O amor de Cristo que consagra a aliança matrimonial é também o fogo sempre ardente que impulsiona a evangelização. Cada membro da família, em harmonia com o Coração do Redentor, é convidado a comprometer-se com todos os homens e mulheres do mundo, demonstrando "preocupação tanto com os que estão longe como com os que estão perto" (*ibid.*, 77).

É esse amor que impulsiona os missionários a proclamarem a Boa Nova "aos gentios" com zelo e perseverança e a testemunharem-na através da doação de si mesmos, por vezes até ao supremo sinal do martírio. O único propósito do missionário é proclamar o Evangelho para construir uma comunidade que seja extensão da família de Jesus Cristo e "fermento" para o crescimento do Reino de Deus e a promoção dos mais elevados valores humanos (cf. *ibid.*, 34). Trabalhando para Cristo e com Cristo, ele trabalha pela justiça, pela paz e pelo desenvolvimento que não são ideológicos, mas reais, contribuindo assim para a construção da civilização do amor.

3. O Concílio Vaticano II desejou fortemente reafirmar o conceito — caro à tradição dos Padres da Igreja — segundo o qual a família cristã, constituída pela graça sacramental, reflete o mistério da Igreja na dimensão doméstica (cf. *Lumen Gentium*, 11). A Santíssima Trindade habita na família fiel, que, em virtude do Espírito, participa da preocupação da Igreja com a missão, contribuindo para a animação e a cooperação missionária.

É importante destacar que os dois santos padroeiros das missões, como tantos outros trabalhadores do Evangelho, desfrutaram de um ambiente familiar verdadeiramente cristão em sua infância. São Francisco Xavier refletiu em sua vida missionária a generosidade, a lealdade e o profundo espírito religioso que experimentara em sua família, especialmente ao lado de sua mãe. Santa Teresa do Menino Jesus, por sua vez, observa com simplicidade característica: "Ao longo de toda a minha vida, o bom Deus quis me cercar de amor: minhas primeiras lembranças estão repletas dos mais ternos carinhos e sorrisos!" (Santa Teresa do Menino Jesus, *História de uma Alma*, Manuscrito A, f. 4v).

A família participa da vida e da missão da Igreja por meio de uma tríplice ação evangelizadora: dentro de si mesma, na comunidade a que pertence e na Igreja universal. O sacramento do matrimônio, de fato, "constitui os esposos e pais cristãos como testemunhas de Cristo 'até os confins da terra', verdadeiros 'missionários' do amor e da vida" (João Paulo II, *Familiaris Consortio* , 54).

4. A família é missionária antes de tudo por meio da oração e do sacrifício. Como toda oração cristã, a oração em família também deve incluir uma dimensão missionária para ser eficaz na evangelização. Por essa razão, os missionários, de acordo com a lógica evangélica, sentem a necessidade de solicitar constantemente orações e sacrifícios como um auxílio valioso para sua obra evangelizadora.

Orar com espírito missionário envolve vários aspectos, sendo o principal deles a contemplação da ação de Deus, que nos salva por meio de Jesus Cristo. A oração torna-se, assim, uma sincera ação de graças pela evangelização que já nos alcançou e continua a se espalhar pelo mundo; ao mesmo tempo, torna-se uma invocação ao Senhor para que nos faça instrumentos dóceis da sua vontade, concedendo-nos os meios morais e materiais indispensáveis para a construção do seu Reino.

Um complemento inseparável da oração é o sacrifício, que se torna tanto mais eficaz quanto mais generoso for. De valor inestimável é o sofrimento dos inocentes, dos enfermos, dos doentes, daqueles que suportam a opressão e a violência — aqueles que estão unidos de modo especial, no caminho da Cruz, a Jesus, Redentor de cada homem e de toda a humanidade.

5. Opiniões e eventos, problemas e conflitos, sucessos e fracassos de todo o mundo, graças ao poder de persuasão das redes sociais, exercem uma influência significativa sobre as famílias. Os pais, portanto, desempenham um papel específico quando, ao discutirem notícias, informações e opiniões com seus filhos, reflectem de forma madura sobre o que os media trazem para seus lares e se comprometem com gestos concretos.

A família, dessa forma, corresponde também à verdadeira função da comunicação social, que consiste em promover a comunhão e o desenvolvimento da família humana (cf. Pontifícios Conselhos para a Comunicação Social, *Communio et Progressio* ; Pontifícios Conselhos para os Leigos, *Aetatis Novae* , 6-11). Tal objetivo não pode deixar de ser partilhado por todo apóstolo do Evangelho, que o persegue, à luz da fé, na perspectiva da civilização do amor.

Mas trabalhar no delicado e complexo campo dos meios de comunicação de massa exige investimentos significativos em recursos humanos e financeiros. Agradeço àqueles que contribuem generosamente para que, em meio às inúmeras mensagens transmitidas pelo planeta, a voz suave, porém firme, daqueles que proclamam Cristo, salvação e esperança para todos, não se perca.

6. A maior expressão de generosidade é a doação total de si mesmo. Por ocasião do Dia Mundial das Missões, não posso deixar de me dirigir aos jovens de um modo especial. Queridos! O Senhor vos deu um coração aberto a amplos horizontes: não tenham medo de dedicar a vossa vida inteiramente ao serviço de Cristo e do seu Evangelho! Ouçam-no como Ele repete hoje também: «A colheita é grande, mas os trabalhadores são poucos» (Lc 10,2).

Dirijo-me também a vocês, pais. Que seus corações jamais lhes falte fé e disposição quando o Senhor desejar abençoá-los chamando um filho ou filha para o serviço missionário. Que vocês saibam dar graças! De fato, assegurem-se de que essa vocação seja preparada por meio da oração em família, por meio de uma educação rica em energia e entusiasmo, por meio do exemplo diário de cuidado com o próximo, por meio da participação nas atividades paroquiais e diocesanas, por meio do compromisso com associações e trabalho voluntário.

A família, que cultiva um espírito missionário em seu estilo de vida e educação, prepara o terreno para a semente da vocação divina e, ao mesmo tempo, fortalece os laços emocionais e as virtudes cristãs de seus membros.

7. Que Maria Santíssima, Mãe da Igreja, e São José, seu esposo, invocados com confiança por todas as famílias cristãs, obtenham que em cada comunidade doméstica o espírito missionário se desenvolva ao longo deste ano, para que toda a humanidade se torne "em Cristo, a família dos filhos de Deus" (*Gaudium et spes* , 92).

Com essa esperança, invoco os missionários espalhados pelo mundo, bem como cada família cristã, especialmente aquelas comprometidas com a proclamação do Evangelho, os dons do Espírito Santo, e como penhor dos quais concedo a todos a Bênção Apostólica.

Do Vaticano, 22 de Maio, Solenidade de Pentecostes, no ano de 1994, décimo sexto do meu Pontificado.

MENSAGEM DO PAPA JOÃO PAULO II PARA O DIA MUNDIAL DAS MISSÕES DE 1995

Caros irmãos e irmãs!

1. «A Igreja recebeu o Evangelho como proclamação e fonte de alegria e salvação. Recebeu-o como dom de Jesus, enviado pelo Pai “para anunciar a boa nova aos pobres” (Lc 4,18). Recebeu-o por meio dos Apóstolos, que Ele enviou a todo o mundo (cf. Mc 16,15; Mt 28,19-20). Nascida desta ação evangelizadora, a Igreja ouve ressoar diariamente em seu interior a advertência do Apóstolo: “Ai de mim se eu não anunciar o Evangelho!” (1 Cor 9,16)» (Carta Encíclica *Evangelium Vitae*, 78).

Dom do Pai à humanidade e extensão da missão do Filho, a Igreja sabe que existe para levar a boa nova do Evangelho até os confins da terra, até que a cena deste mundo passe (cf. Mt 28,19-20).

O mandato missionário, portanto, é sempre válido e oportuno, comprometendo os cristãos a testemunharem com alegria as Boas Novas aos que estão perto e aos que estão longe, disponibilizando suas energias, seus recursos e até mesmo suas vidas.

A missão passa pela cruz e pela doação de si mesmo: como o Ressuscitado, aquele que a recebe é chamado a mostrar aos seus irmãos os sinais do amor para vencer a sua incredulidade e os seus medos.

"Mas receberão poder quando o Espírito Santo vier sobre vocês; e serão minhas testemunhas tanto em Jerusalém como em toda a Judeia e Samaria e até aos confins da terra" (Actos 1,8). Ao aceitar com alegria o chamamento para cooperar na missão da salvação, todo cristão sabe que pode contar com a presença de Jesus e a força do Espírito Santo. Essa certeza fortalece o seu serviço evangélico e o impulsiona a ser ousado e cheio de esperança, apesar das dificuldades, dos perigos, da indiferença e das derrotas.

O Dia Mundial das Missões é uma oportunidade para implorar ao Senhor uma paixão cada vez maior pela evangelização: este é o primeiro e maior serviço que os cristãos podem prestar às mulheres e aos homens do nosso tempo, marcado pelo ódio, pela violência, pela injustiça e, sobretudo, pela perda do verdadeiro sentido da vida. De fato, nada nos ajuda a enfrentar o conflito entre a morte e a vida em que estamos imersos como a fé no Filho de Deus, que se fez homem e veio ao nosso encontro para que "tenham vida e a tenham em abundância" (Jo 10,10). É a fé no Ressuscitado, que venceu a morte; é a fé no sangue de Cristo, cuja voz é mais eloquente do que a de Abel, que dá esperança e restaura a humanidade à sua verdadeira essência.

2. Tenha coragem, não tenha medo, proclame que Jesus é o Senhor: "Não há salvação em nenhum outro nome" (Actos 4,12) !

Que o Dia Mundial das Missões encontre toda a Igreja pronta para proclamar a Verdade e o Amor de Deus, especialmente aos homens e mulheres que ainda não foram alcançados pelas Boas Novas de Jesus Cristo!

Com grande afeto e gratidão, dirijo-me primeiramente a vocês, queridos missionários, e, em particular, àqueles que sofrem pelo nome de Jesus.

Diga a todos que "abrir-nos ao amor de Cristo é a verdadeira libertação. Nele, somente nele, somos libertos de toda alienação e confusão, da escravidão ao poder do pecado e da morte"

(Carta Encíclica *Redemptoris Missio*, 11). Ele é o caminho e a verdade, a ressurreição e a vida (cf. Jo 14,6; 11,25), Ele é a "Palavra da vida" (cf. Jo 1,1)!

Proclamai Cristo com a Palavra, proclamai-o com gestos concretos de solidariedade, tornai visível o seu amor pela humanidade, colocando-vos, com a Igreja e na Igreja, sempre "na linha de frente destas fronteiras da caridade", onde "tantos dos seus filhos e filhas, especialmente religiosos e religiosas, em formas antigas e sempre novas, consagraram e continuam a consagrar as suas vidas a Deus, entregando-as por amor aos mais fracos e necessitados do próximo" (Carta Encíclica *Evangelium vitae*, 27).

A vossa vocação especial *ad gentes* e *ad vitam* conserva toda a sua validade: representa o paradigma do compromisso missionário de toda a Igreja, que sempre necessita de doações radicais e totais, de impulsos novos e ousados. Consagrastes as vossas vidas a Deus para dar testemunho do Ressuscitado entre os povos: não vos intimideis com dúvidas, dificuldades, rejeições, perseguições; revivendo a graça do vosso carisma específico, prossegui sem hesitação no caminho que empreendestes com tanta fé e generosidade (cf. Carta Encíclica *Redemptoris missio*, 66).

3. Dirijo a mesma exortação às Igrejas de fundação antiga e recente, e aos seus Pastores, "consagrados não apenas para uma única diocese, mas para a salvação do mundo inteiro" (AG, 38), frequentemente desafiados pela falta de vocações e recursos. Dirijo-me em particular às comunidades cristãs em situação de minoria.

Ouvindo novamente as palavras do Mestre: "Não tenham medo, pequeno rebanho, pois foi do agrado do Pai dar-lhes o Reino" (Lc 12,32), deixem que a alegria da fé no único Redentor brilhe, dê razão à esperança que os anima e testemunhem o amor que em Jesus Cristo os renovou intimamente.

Para ser arquiteta da nova evangelização, toda comunidade cristã deve abraçar a lógica da dádiva e da generosidade, que encontra na missão *ad gentes* não apenas uma oportunidade de amparar aqueles que têm necessidades espirituais e materiais, mas sobretudo uma extraordinária oportunidade de crescimento rumo à maturidade na fé.

4. A corajosa proclamação do Evangelho é confiada de modo especial a vocês, jovens. Em Manila, lembrei-lhes que o Senhor "exigirá muitas coisas de vocês; pedirá o maior empenho de todo o seu ser na proclamação do Evangelho e no serviço ao seu povo. Mas não tenham medo! Os seus pedidos são também a medida do seu amor por cada um de vocês" (*Homília na eucaristia dos delegados do Fórum Internacional da Juventude*, 13 de Janeiro de 1995, n. 4). Não se deixem entristecer e empobrecer por se fecharem em si mesmos; abram as suas mentes e os seus corações aos horizontes infinitos da missão. Não tenham medo! Se o Senhor os chamar a deixar a sua terra e ir para outros povos, outras culturas, outras comunidades eclesiais, aceitem generosamente o seu convite. E gostaria de repetir-lhes mais uma vez: "Venham comigo para o Terceiro Milénio para salvar o mundo" (cf. *ibidem*).

Às famílias, aos sacerdotes, aos religiosos e religiosas e a todos os fiéis em Cristo. Repito: Tenham sempre a ousadia de proclamar o Senhor Jesus. Cada fiel é chamado a cooperar na difusão do Evangelho e a viver o espírito e as ações da missão na doação livre de si aos nossos irmãos e irmãs. Como recordei na Encíclica *Evangelium vitae*, somos um povo de mensageiros e sabemos que "em nosso caminho somos guiados e sustentados pela lei do amor: é o amor cuja fonte e modelo é o Filho de Deus feito homem, que, morrendo, deu vida ao mundo" (*Evangelium vitae*, 79).

5. Caros irmãos e irmãs! Que o Dia Mundial das Missões seja uma grande oportunidade para todos os cristãos testarem seu amor por Cristo e pelo próximo. Que seja também uma ocasião

apropriada para reconhecer que ninguém deve negligenciar a oração, o sacrifício e a assistência concreta às missões, postos avançados da civilização do amor. O Espírito do Senhor anima e leva à perfeição cada projeto missionário.

Ao mesmo tempo que encorajo e abençoo aqueles que se dedicam ativamente à ação missionária, penso em particular nos dirigentes da Pontifícia Sociedade para a Propagação da Fé, à qual foi confiada a animação deste Dia, e naqueles que estão envolvidos nas outras Pontifícias Obras Missionárias Pontifícias, estruturas de formação indispensáveis para a cooperação e preciosos instrumentos para ajudar todos os missionários de forma equitativa e atenta.

Que Maria, Rainha da evangelização, ampare e guie a preciosa obra dos obreiros do Evangelho e dê aos cristãos alegria e entusiasmo sempre renovados para proclamar Jesus Cristo com suas palavras e suas vidas.

A todos, como consolo em suas respectivas tarefas de serviço ao Evangelho, envio uma bênção apostólica especial.

Do Vaticano, 11 de Junho, Solenidade da Santíssima Trindade, no ano de 1995, décimo sétimo do meu Pontificado.

MENSAGEM DO PAPA JOÃO PAULO II PARA O DIA MUNDIAL DAS MISSÕES DE 1996

1. "Mas recebereis poder quando o Espírito Santo vier sobre vós; e sereis minhas testemunhas tanto em Jerusalém como em toda a Judeia e Samaria e até aos confins da terra" (*Actos* 1,8).

Caros irmãos e irmãs, no limiar do terceiro milénio, o Senhor Jesus repete com particular força a toda a Igreja as mesmas palavras que dirigiu aos Apóstolos antes da Ascensão; palavras que sintetizam a essência da vocação cristã. Quem é, de fato, o cristão? Um homem "conquistado" por Cristo (*Filipenses* 3,12) e, portanto, desejoso de torná-lo conhecido e amado em toda parte, "até os confins da terra". A fé nos impele a ser missionários, suas testemunhas. Se isso não acontece, significa que nossa fé ainda é incompleta, parcial, imatura.

Por ocasião do Dia Mundial das Missões, exorto cada um de vocês a se deixarem ser pessoalmente questionados pelo Senhor diante dos desafios apostólicos do nosso tempo.

2. "A missão é uma questão de fé; é a medida exata da nossa fé em Cristo e no seu amor por nós" (*Redemptoris missio*, 11). Fé e missão caminham juntas: quanto mais forte e profunda a primeira, maior a necessidade de comunicá-la, partilhá-la e testemunhá-la. Se, pelo contrário, ela enfraquece, o impulso missionário define e a capacidade de testemunho perde o vigor. Isto sempre aconteceu na história da Igreja: a perda de vitalidade do ímpeto missionário sempre foi sintoma de uma crise de fé. Não acontece isto porque nos falta a profunda convicção de que "a fé se fortalece ao ser partilhada" (*Redemptoris missio*, 2), que precisamente ao anunciar e testemunhar Cristo podemos redescobrir o entusiasmo e o caminho para uma vida mais evangélica? Podemos dizer que a missão é o "antídoto" mais seguro para a crise de fé. Através do compromisso missionário, cada membro do Povo de Deus fortalece a sua própria identidade, compreendendo plenamente que não se pode ser um cristão autêntico sem ser testemunha.

3. Incorporado à Igreja pelo Batismo, todo cristão é chamado a ser missionário e testemunha. Este é o mandamento explícito do Senhor. E o Espírito Santo envia cada batizado para proclamar e testemunhar de Cristo a todos os povos: um dever, portanto, e um privilégio, visto que é um convite a cooperar com Deus para a salvação de cada indivíduo e de toda a humanidade. De fato, nos foi dada "a graça de anunciar aos gentios as insondáveis riquezas de Cristo" (*Ef* 3,8).

Assim como o Espírito transformou a essência dos primeiros discípulos em apóstolos corajosos do Senhor e arautos iluminados de Sua Palavra, Ele continua a preparar testemunhas do Evangelho em nossos dias.

4. O Dia Mundial das Missões recorda a todos este dever e esta "graça", de comunicar aos homens não "uma mera sabedoria humana, quase uma ciência do bem viver" (*Redemptoris missio*, 11), mas a experiência jubilosa de uma "Presença viva", que deve resplandecer em cada batizado, suscitando nos outros – como salientou o meu venerado predecessor Paulo VI – "questões irresistíveis: por que sou assim? por que vivem assim?" (*Evangelii nuntiandi*, 21). A missão é, portanto, "testemunho e irradiação" (*Redemptoris missio*, 26). Se, de facto, formos verdadeiramente dóceis à ação do Espírito, conseguiremos reproduzir e irradiar exteriormente o Mistério do amor que habita em nós (cf. *Jo* 14,23). Somos as suas testemunhas. Testemunhas de uma fé luminosa e integral, de uma caridade ativa, paciente e bondosa (cf. *1 Cor* 13,4), de serviço às muitas formas de pobreza do homem contemporâneo. Testemunhas da esperança que não decepciona e da profunda comunhão que reflete a vida do Deus Trino, da obediência e da cruz: em suma, testemunhas de santidade, "homens das Bem-aventuranças", chamados a se tornarem

perfeitos como o Pai celeste é perfeito (cf. *Mt* 5,48). Tal é a identidade do testemunho cristão, uma “cópia”, um “sinal” e um “reflexo vivo” de Jesus.

De um Povo de Deus tão comprometido, certamente surgirão inúmeras vocações missionárias: jovens capazes de sacrificar suas vidas por Cristo (cf. *Mc* 8,35) na fascinante aventura da missão às nações. Quantas vezes, durante minhas viagens apostólicas, vi a colheita dourada (cf. *Jo* 4,35) e ouvi dizer que faltam missionários, sacerdotes, irmãos, freiras e pessoas consagradas ao Evangelho! O Dia Mundial das Missões só tem sentido se estimular a oração pelas vocações missionárias nas paróquias e famílias cristãs e criar um ambiente propício ao seu amadurecimento.

5. A identidade do testemunho cristão caracteriza-se pela presença inalienável e definidora da Cruz. Sem ela, não pode existir testemunho autêntico. A Cruz é, de fato, condição indispensável para todos os que decidem firmemente seguir o Senhor: “Se alguém quiser vir após mim, negue-se a si mesmo, tome cada dia a sua cruz e siga-me” (*Lc* 9,23). Todas as testemunhas de Deus e de Cristo, a começar pelos Apóstolos, sofrem perseguição por causa dEle: “Perseguiram-me e também vos perseguirão” (*Jo* 15,20). Este é um legado que Jesus deixou aos seus seguidores e que cada um deve acolher e vivenciar na sua própria vida. O Gólgota é a passagem obrigatória para a Ressurreição.

De fato, a “Cruz” é a imitação de Cristo no testemunho fiel e no trabalho diário paciente e perseverante. A “Cruz” é nadar contra a corrente, dirigindo as próprias escolhas de acordo com os mandamentos de Deus, apesar da incompreensão, da impopularidade e da marginalização. A “Cruz” é também a denúncia profética da injustiça, das liberdades espezinhadas, dos direitos violados; é ter que viver onde a Igreja é mais oprimida, impedida e perseguida. Como não voltar nossos pensamentos, neste momento, para aqueles de nossos irmãos e irmãs e comunidades inteiras que, em tantas partes do mundo, oferecem o esplêndido testemunho de uma vida cristã inteiramente dedicada a Cristo e à Igreja, apesar da hostilidade e da perseguição externas? A cada ano, testemunhamos o testemunho heroico de novos “mártires” que derramam seu sangue para permanecerem fiéis ao Senhor. A Igreja se curva diante de seu sacrifício e se reúne em oração e amor fraterno em torno dos fiéis que sofrem violência, exortando-os a não desanimarem, a não temerem. Cristo está convosco, caríssimos e amados irmãos!

6. As Obras Missionárias Pontifícias desempenham um papel importante na acção missionária, tendo a tarefa de incutir o espírito missionário da fé nas Igrejas locais e nos fiéis. O seu papel é crucial para o crescimento das dioceses, paróquias e famílias cristãs.

Cristo pergunta aos batizados hoje: “Sois vós minhas testemunhas?” E cada um de nós é convidado a se perguntar sinceramente: “Ofereço ao mundo o testemunho que o Senhor me pede? Vivo uma fé forte, serena e alegre, ou apresento a imagem de uma existência cristã lânguida, distorcida por concessões e adaptações convenientes?”

As Obras Missionárias Pontifícias pretendem, acertadamente, colocar-se ao serviço do testemunho missionário, insistindo, no seu trabalho de sensibilização, na primazia da santidade. Como escrevi na *Redemptoris missio*, «o verdadeiro missionário é o santo. [...] Só todo missionário o é autenticamente se se compromete com o caminho da santidade [...] É necessário despertar um novo ardor pela santidade entre os missionários e em toda a comunidade cristã, especialmente entre aqueles que são os colaboradores mais próximos dos missionários» (*Redemptoris missio*, 90).

7. Quanto mais eficaz for essa evangelização, mais a família dos fiéis assumirá perante o mundo a aparência e o papel de uma autêntica comunidade de testemunhas da missão *ad gentes*, e cada fiel poderá obter uma renovada consciência da sua obrigação de abrir o coração àqueles que, nas

missões, muitas vezes vivem em situações de extrema pobreza material e espiritual. Dessa consciência certamente surgirá um compromisso de atender às necessidades dos nossos irmãos e irmãs mais pobres. Assim, a consciência missionária crescerá, aberta à universalidade da Igreja. Isso levará à participação ativa no esforço da nova evangelização, que caracteriza estes anos de preparação imediata para o Grande Jubileu do Ano 2000.

“Com a aproximação do Terceiro Milénio da Redenção, Deus prepara uma grande primavera cristã, cujo início já se vislumbra” (*Redemptoris Missio*, 86). Com esta certeza, renovo o convite “a viver mais profundamente o mistério de Cristo, colaborando com gratidão na obra da salvação” (*Redemptoris missio*, 92). Invocando a proteção de Maria, Estrela da Evangelização, particularmente sobre os missionários, homens e mulheres, bem como sobre todos os que, de diversas maneiras, dedicam suas energias ao serviço da Missão, concedo cordialmente a cada um a minha Bênção Apostólica.

Do Vaticano, 28 de Maio de 1996

MENSAGEM DO PAPA JOÃO PAULO II PARA O DIA MISSIONÁRIO MUNDIAL DE 1997

«O Espírito do Senhor está sobre Mim...?Enviou-Me a anunciar a Boa Nova aos pobres» (Lc 4, 18); «Tenho de anunciar também a Boa Nova do Reino de Deus às outras cidades, pois para isso é que fui enviado» (Lc 4, 43).

1. Caríssimos Irmãos e Irmãs!

O Dia Missionário Mundial constitui uma celebração importante na vida da Igreja. Pode-se dizer que o seu relevo aumenta, na medida em que nos aproximamos do limiar do ano 2000. A Igreja, consciente como é de que, fora de Cristo, «não há debaixo do céu qualquer outro nome dado aos homens que nos possa salvar» (Act 4, 12), faz próprias, hoje mais que nunca, as palavras do Apóstolo: «Ai de mim se não evangelizar!» (1 Cor 9, 16).

Creio portanto que é oportuno, nesta perspectiva, chamar a atenção para alguns pontos fundamentais da Boa Nova, que a Igreja é chamada a proclamar e a levar aos povos no novo Milénio.

2. Jesus Cristo, o enviado do Pai, o primeiro Missionário, é o único Salvador do mundo. Ele é o Caminho, a Verdade e a Vida: como o era ontem, assim o é hoje e o será amanhã, até ao fim dos tempos, quando todas as coisas serão n'Ele recapituladas para sempre. A salvação que Jesus trouxe penetra nas profundezas mais íntimas da pessoa, libertando-a do domínio do Maligno, do pecado e da morte eterna. Em sentido positivo, a salvação é advento da «vida nova» em Cristo. Ela é dom gratuito de Deus que solicita a livre adesão do homem: com efeito, é conquistada dia após dia «à custa de um esforço cruciante » (cf. Exort. Apost. *Evangelii nuntiandi*, 10). É necessária, portanto, a nossa pessoal e incansável colaboração, mediante o consentimento dócil da vontade ao projecto de Deus. É assim que se chega ao porto seguro e definitivo, que Cristo nos obteve com a Cruz. Não há libertação alternativa, graças à qual chegar à posse da verdadeira paz e da alegria, que só pode derivar do encontro com o Deus-Verdade: «Conhecereis a verdade e a verdade libertarvos- á» (Jo 8, 32).

Eis, em síntese, o «alegre anúncio» que Cristo foi enviado a trazer aos «pobres », aos prisioneiros das inúmeras escravidões deste mundo, aos «aflitos» de todos os tempos e latitudes, a todos os homens, pois a salvação é dirigida a cada homem e cada homem sobre a face da terra tem o direito de a conhecer: disto depende o seu destino eterno. «Todo o que invocar o nome do Senhor será salvo» (Rm 10, 13), recorda São Paulo.

3. Nenhum homem, porém, jamais poderá invocar Jesus, crer n'Ele, se antes não tiver ouvido falar d'Ele, isto é, se antes esse nome não lhe for anunciado (cf. Rm 10, 14-15). Daqui o mandato supremo do Mestre aos Seus, antes do retorno ao Pai: «Ide... ensinai» (Mt 28, 19); «Anunciai... Quem acreditar e for baptizado será salvo» (Mc 16, 16). Daqui a recomendação por Ele confiada à Igreja, enviada a prolongar no tempo a Sua obra, como «sacramento universal» da salvação (*Lumen gentium*, 48) e «canal do dom da graça» (Exort. Apost. *Evangelii nuntiandi*, 14) para a humanidade inteira.

Disto deriva «o privilégio» e ao mesmo tempo «a gravíssima obrigação» (cf. *Mensagem para o Dia Mundial das Missões de 1996*) que, precisamente em virtude da fé recebida, compete a todos aqueles que na Igreja são incorporados: «privilégio », «graça» e «obrigação» de participar no

esforço global da evangelização. Diante de muitos que, embora amados pelo Pai (cf. Enc. *Redemptoris missio*, 3), ainda não foram alcançados pela Boa Nova da salvação, o cristão não pode deixar de advertir na própria consciência a emoção sentida pelo apóstolo Paulo, manifestado no «ai de mim se não evangelizar!» (1 Cor 9, 16). Com efeito, de alguma maneira cada um é pessoalmente responsável, diante de Deus, da «falta de fé» de milhões de homens.

4. A vastidão do empreendimento e a constatação da adequação das próprias forças podem, por vezes, induzir ao desânimo, mas não nos devemos deixar atemorizar: não estamos sozinhos. O Senhor mesmo nos assegurou: «Estarei sempre convosco até ao fim do mundo» (Mt 28, 20); «Não vos deixarei órfãos» (Jo 14, 18); «Enviar-vos-ei o Consolador» (Jo 16, 7).

Sirva-nos de conforto, especialmente nos momentos de obscuridade e de prova, saber que, por mais louváveis e indispensáveis que sejam os esforços do homem, a missão é sempre, em primeiro lugar, obra de Deus, obra do Espírito Santo, o Consolador, que é o seu indiscutível «protagonista» (cf. Enc. *Redemptoris missio*, 21). Ela realiza-se no Espírito, é «envio no Espírito» (*ibid.*, 22). Com efeito, é graças à acção do Espírito que o Evangelho «toma corpo nas consciências e nos corações humanos e se expande na história» (*Dominum et vivificantem*, 42).

Todo o cristão, precisamente pela «unção» recebida no Baptismo e na Confirmação pode, melhor, deve aplicar a si mesmo as palavras do Senhor, crendo firmemente que também sobre ele «está» o Espírito Santo, o Qual o envia a proclamar a Boa Nova e coopera com o Seu apoio em todas as iniciativas de apostolado.

5. Resposta exemplar à chamada universal à responsabilidade na obra missionária foi dada, no seu tempo, por Santa Teresa do Menino Jesus, cujo centenário da morte comemoramos este ano. A vicissitude e o ensinamento de Teresa põem em evidência o vínculo muito estreito que existe entre missão e contemplação. Com efeito, não pode haver missão sem uma intensa vida de oração e de profunda comunhão com o Senhor e com o Seu sacrifício na Cruz.

Estar sentado aos pés do Mestre (cf. Lc 10, 39) constitui, sem dúvida, o início de qualquer actividade autenticamente apostólica. Mas se este é o ponto de partida, há depois todo um caminho a percorrer, que tem as suas etapas obrigatórias no sacrifício e na cruz. O encontro com Cristo «vivo» é também encontro com Cristo «sedento», com aquele Cristo que, pregado na Cruz, clama através dos séculos a Sua «sede» ardente de almas a salvar (cf. Jo 19, 28).

E para saciar a sede de Deus-Amor, e ao mesmo tempo a nossa sede, não há outro meio senão amar e deixar-se amar. Amar, assimilando profundamente o ardente desejo de Cristo «que todos os homens se salvem» (1 Tm 2, 4); deixar-se amar, permitindo-Lhe que Se sirva de nós segundo «as suas vias que não são as nossas vias» (cf. Is 55, 8), para fazer com que todos os homens, debaixo de qualquer céu possam, por sua vez, conhecê-Lo e alcançar a salvação.

6. Certamente, nem todos são chamados a partir para as missões: «Somos missionários, sobretudo por aquilo que se é... e não por aquilo que se faz» (Enc. *Redemptoris missio*, 23). Não é determinante o «onde», mas o «como». Podemos ser apóstolos autênticos, e de modo mais fecundo, também em casa, no lugar de trabalho, num leito de hospital, na clausura de um convento...: o que conta é que o coração arda daquela caridade divina que — sozinha — pode transformar em luz, fogo e nova vida para todo o Corpo Místico, até aos confins da terra, não só os sofrimentos físicos e morais, mas também a própria fadiga do dia-a-dia.

7. Caríssimos Irmãos e Irmãs, desejo de coração que, no limiar do novo Milénio, a Igreja inteira experimente um novo impulso de empenho missionário. Cada baptizado faça seu e procure viver do melhor modo, segundo a sua situação pessoal, o programa da santa Padroeira das missões: «No coração da Igreja, minha mãe, serei o amor... assim, serei tudo!».

Maria, Mãe e Rainha dos Apóstolos que, presente no Cenáculo com os discípulos, esperou em oração a efusão do Espírito e acompanhou desde o início o caminho heroico dos missionários, inspire hoje os crentes a imitarem a sua solidariedade e a sua amorosa preocupação no vasto campo da acção missionária.

Com estes sentimentos, enquanto encorajo todas as iniciativas de cooperação missionária no mundo, de coração a todos abençoo.

Vaticano, 18 de Maio de 1997, Solenidade de Pentecostes.

MENSAGEM DO PAPA JOÃO PAULO II PARA O DIA MUNDIAL DAS MISSÕES DE 1998

(18 de Outubro de 1998)

«Ideis receber uma força, a do Espírito Santo, que descera sobre vós, e sereis Minhas testemunhas em Jerusalém, por toda a Judeia e Samaria, e até aos confins do mundo»
(Act 1, 8).

1. O Dia Missionário Mundial deste ano, dedicado ao Espírito Santo, o segundo de imediata preparação para o Grande Jubileu do Ano 2000, não pode ter senão n'Ele o seu ponto de referência. Com efeito, o Espírito é o protagonista de toda a missão eclesial, cuja «obra brilha esplendorosamente na missão *ad gentes*, como se vê na Igreja primitiva» (Enc. *Redemptoris missio*, 21).

Certamente não é possível compreender a acção do Espírito na Igreja e no mundo com análises estatísticas ou com outros subsídios das ciências humanas, porque ela se situa num outro plano, que é o da graça, percebido pela fé. Trata-se duma acção muitas vezes escondida, misteriosa, mas seguramente eficaz. O Espírito Santo não perdeu a força propulsora que tinha na época da Igreja nascente; hoje actua como nos tempos de Jesus e dos Apóstolos. As maravilhas por Ele realizadas, referidas nos *Actos dos Apóstolos*, repetem-se nos nossos dias, mas com frequência permanecem desconhecidas, uma vez que em muitas partes do mundo a humanidade vive já em culturas secularizadas, que interpretam a realidade como se Deus não existisse.

O Dia Missionário Mundial vem então chamar de novo e oportunamente a nossa atenção para as maravilhosas iniciativas do Espírito Santo, para que a fé se revigore em nós e haja, graças precisamente à acção do Espírito, um grande despertar missionário na Igreja. Não é, com efeito, o revigoreamento da fé e do testemunho dos cristãos o objectivo prioritário do Jubileu?

2. A consciência de que o Espírito age no coração dos crentes e intervém nos eventos da história convida ao optimismo da esperança. O *primeiro grande sinal* dessa acção, que gostaria de propor à comum reflexão, é paradoxalmente a própria crise que permeia o mundo moderno: um fenómeno complexo que na sua negatividade muitas vezes suscita, por reacção, prementes invocações ao Espírito vivificante, manifestando o arrebatador desejo da Boa Nova de Cristo Salvador, presente nos corações humanos.

Como não recordar, quanto a isto, a sapiente leitura do mundo contemporâneo feita pelo Concílio Ecuménico Vaticano II, na Constituição pastoral *Gaudium et spes* (cf. nn. 4-10)? Nestas últimas décadas, aprofundou-se a crise da época ali analisada: o vazio de ideais e de valores muitas vezes se alargou; esmoreceu o sentido da Verdade e cresceu o relativismo moral; não raro parece que prevalece uma ética individualista, utilitária, sem pontos de referência firmes; de muitas partes ressalta-se como o homem moderno, quando rejeita Deus, descobre que é menos homem, repleto de temores e de tensões, fechado em si mesmo, insatisfeito e egoísta.

As consequências práticas são bem visíveis: o modelo consumista, embora seja tão criticado, domina cada vez mais; as preocupações pelos inúmeros problemas materiais, muitas vezes legítimas, correm o perigo de absorver a tal ponto, que as relações humanas se tornam arrefecidas, difíceis. As pessoas descobrem-se áridas, agressivas, incapazes de sorrir, de saudar, de dizer «obrigado», de se interessar pelos problemas do outro. Por uma complexa série de

factores económicos, sociais e culturais, as sociedades mais evoluídas registram uma preocupante «esterilidade», que é ao mesmo tempo espiritual e demográfica.

Mas precisamente destas situações, que levam as pessoas ao limite do desespero, brota com frequência o impulso a invocar Aquele que «é Senhor e dá a vida», porque o homem não pode viver sem sentido e sem esperança.

3. O *segundo grande sinal* da presença do Espírito é o renascimento do sentido religioso entre os povos. Trata-se de um movimento não isento de ambiguidade, que demonstra todavia de modo inequívoco a insuficiência teórica e prática de filosofias e ideologias ateias, dos materialismos que reduzem o horizonte do homem às coisas da terra. O homem não basta a si mesmo. É já convicção difundida de que o domínio da natureza e do cosmos, as ciências e as técnicas mais sofisticadas não bastam ao homem, porque não são capazes de lhe despertar o sentido último da realidade: são simples instrumentos, não fins para a vida do homem e para o caminho da humanidade.

Ao lado do despertar religioso, é importante fazer observar «a afirmação, cada vez mais frequente entre os povos, daqueles valores evangélicos que Jesus encarnou na Sua vida: paz, justiça, fraternidade, dedicação aos mais pequenos» (Enc. *Redemptoris missio*, 3). Se considerarmos a história dos dois últimos séculos, damos-nos conta de que aumentaram nos povos a consciência do valor da pessoa humana e dos direitos do homem e da mulher, a aspiração universal à paz, o desejo de superar as fronteiras e as divisões raciais, a tendência ao encontro entre povos e culturas, a tolerância em relação a quem é considerado diferente, o empenho em acções de solidariedade e de voluntariado, a rejeição do autoritarismo político, com a consolidação da democracia e a aspiração a uma justiça internacional mais equitativa no campo económico.

Como não ver em tudo isto a acção da Providência divina, que orienta a humanidade e a história rumo a condições de vida mais dignas para todos? Não podemos, portanto, ser pessimistas. A fé em Deus convida, antes, ao optimismo, àquele optimismo que brota da mensagem evangélica: «Se se olha superficialmente o mundo moderno, fica-se impressionado pela abundância de factos negativos, podendo-se ser levado ao pessimismo. Mas este sentimento é injustificado: nós temos fé em Deus... Deus está a preparar uma grande primavera cristã, cuja aurora já se entrevê» (Enc. *Redemptoris missio*, 86).

4. O *Espírito está presente na Igreja e orienta-a na missão aos povos*. É consolador pensar que não nós, mas Ele mesmo é o protagonista da missão. Isto dá serenidade, alegria, esperança e coragem. Não são os resultados que devem preocupar o missionário, porque esses estão nas mãos de Deus: ele deve empenhar-se com todos os seus recursos, deixando que o Senhor actue em profundidade. O Espírito, além disso, alarga a perspectiva da missão eclesial aos confins do mundo inteiro. Cada ano, a isto nos chama o Dia Missionário Mundial, ressaltando a exigência de jamais circunscrever os horizontes da evangelização, mas de os ter sempre abertos às dimensões da humanidade inteira.

Até mesmo o facto de na Igreja, nascida da cruz de Cristo, ainda hoje haver *perseguição e martírio*, torna-se um forte sinal de esperança para a missão. Como não recordar, a respeito disso, que missionários e simples fiéis continuam a dar a vida pelo nome de Jesus? Também a história destes últimos anos demonstra que a perseguição suscita novos cristãos e que o sofrimento, enfrentado por Cristo e pelo Evangelho, é indispensável para o desenvolvimento do Reino de Deus. Desejo, além disso, recordar e agradecer às inúmeras pessoas que, no silêncio do seu serviço quotidiano, oferecem a Deus as suas orações e sofrimentos pelas missões e pelos missionários.

5. Nas Igrejas jovens, depois, a presença do Espírito revela-se com um outro sinal muito forte: *as jovens comunidades cristãs são entusiastas da fé e os seus membros, sobretudo os jovens, tornam-se-lhe propagadores convictos*. O panorama que, quanto a isto, está diante dos nossos olhos é consolador. Fiéis recém-convertidos, ou até mesmo ainda catecúmenos, sentem forte o sopro do Espírito e, entusiastas da própria fé, tornam-se missionários no seu ambiente.

A sua acção apostólica projecta-se também para o exterior. Na América Latina, por exemplo, afirmaram-se o princípio e a praxe da «missão aos povos», sobretudo depois das duas últimas Conferências do CELAM, em Puebla (1979) e em Santo Domingo (1992). Celebraram-se cinco Congressos missionários latino-americanos e os Bispos proclamam com orgulho que, embora ainda tenham extrema necessidade de pessoal apostólico, podem contar com alguns milhares de sacerdotes, religiosas e voluntários leigos em missão, sobretudo na África.

Nesse Continente, depois, o envio do pessoal apostólico de uma nação para outra é uma praxe particular, que se está a afirmar como ajuda recíproca entre as Igrejas, à qual se une também a disponibilidade à missão no estrangeiro.

A Assembleia Especial do Sínodo dos Bispos para a Ásia, celebrada na primavera deste ano em Roma, pôs em evidência a missionariedade das Igrejas asiáticas, nas quais surgiram diversos Institutos missionários de clero secular: na Índia, nas Filipinas, na Coreia, na Tailândia, no Vietnã e no Japão. Sacerdotes e religiosas asiáticos trabalham na África, na Oceânia, nos países do Médio Oriente e na América Latina.

6. Diante do florescimento de iniciativas apostólicas em todos os ângulos da terra, não é difícil notar que o Espírito se manifesta na diversidade dos carismas, os quais enriquecem e fazem crescer a Igreja universal. O apóstolo Paulo, na primeira *Carta aos Coríntios*, fala longamente dos carismas distribuídos para fazer a Igreja crescer (cf. capp. 12-14). O «tempo do Espírito» que estamos a viver orienta-nos sempre mais para uma variedade de expressões, um pluralismo de métodos e de formas, nos quais se manifestam a riqueza e a vivacidade da Igreja. Eis a importância das missões e das jovens Comunidades eclesiais, que já favoreceram de maneira silenciosa, segundo o estilo do Espírito Santo, uma benéfica renovação na sua vida. Sem dúvida, o terceiro milénio delineia-se como um renovado apelo à missão universal e, ao mesmo tempo, à inculturação do Evangelho da parte das várias Igrejas locais.

7. Eu escrevia na Encíclica *Redemptoris missio*: «Na História da Igreja, com efeito, o impulso missionário sempre foi um sinal de vitalidade, tal como a sua diminuição constitui um sinal de crise de fé... A missão renova a Igreja, revigora a sua fé e identidade, dá-lhe novo entusiasmo e novas motivações» (n. 2).

Convido, portanto, a reafirmar, contra todo o pessimismo, a fé na acção do Espírito, que chama todos os crentes à santidade e ao empenho missionário. Acabámos de celebrar o 175º aniversário da Obra da Propagação da Fé, fundada em Lião em 1822 por uma jovem leiga, Paulina Jaricot, de quem está em curso a causa de canonização. Com feliz intuição, esta iniciativa favoreceu na Igreja o crescimento de alguns valores fundamentais, hoje difundidos pelas Obras Missionárias Pontifícias: o valor da própria missão, capaz de regenerar na Igreja a vitalidade da fé, que se incrementa quando há o empenho em comunicá-la aos outros: «É dando a fé que ela se fortalece» (*Redemptoris missio*, 2); o valor da universalidade do empenho missionário, uma vez que todos, sem excepção, são chamados a colaborar com generosidade na missão da Igreja; a oração, a oferta dos próprios sofrimentos e o testemunho de vida como elementos primários para a missão, ao alcance de todos os filhos e filhas de Deus.

Recordo, por fim, o valor da vocação missionária *ad vitam*: se a Igreja inteira é missionária em virtude da sua própria natureza, os missionários e as missionárias *ad vitam* são o seu paradigma.

Aproveito, portanto, esta ocasião para renovar o meu apelo a todos aqueles, especialmente os jovens, que estão empenhados na Igreja: «A missão... está ainda bem longe do seu pleno cumprimento», eu ressaltava na Redemptoris missio (n. 1), e por esta razão é preciso escutar a voz de Cristo, que ainda hoje chama: «Vinde após Mim e Eu farei com que vos torneis pescadores de homens» (cf. *Mt* 4, 19). Não tenhais medo! Abri as portas do vosso coração e da vossa vida a Cristo! Deixai-vos envolver na missão do anúncio do Reino de Deus: para isto o Senhor «foi enviado» (cf. *Lc* 4, 43), e transmitiu a mesma missão aos Seus discípulos de todos os tempos. Deus, que não Se deixa vencer em generosidade, dar-vos-á o cêntuplo e a vida eterna (cf. *Mt* 19, 29).

Enquanto confio a Maria, modelo de missionariedade e Mãe da Igreja missionária, todos aqueles que, *ad gentes* ou no próprio território, em qualquer estado de vida, cooperam no anúncio do Evangelho, de coração envio a cada um a Bênção Apostólica.

Vaticano, 31 de Maio de 1998, Solenidade do Pentecostes.

MENSAGEM DO PAPA JOÃO PAULO II PARA O DIA MUNDIAL DAS MISSÕES DE 1999

1. O Dia Mundial das Missões constitui, cada ano para a Igreja, uma preciosa ocasião para refletir sobre sua natureza missionária. Recordando sempre o mandato de Cristo: "Ide, pois, e fazei discípulos a todas as gentes, batizando-as em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo" (*Mt* 28,19), a Igreja está consciente do mandato de anunciar aos homens e mulheres, em todo o tempo e lugar, o amor do Pai que, em Jesus Cristo, reúne seus filhos dispersos (cf. *Jo* 11,52).

Neste último ano do século que nos prepara ao Grande Jubileu do ano 2000, é muito forte o convite para voltar o olhar e o coração para o Pai e conhecê-lo "como Ele é, e como o Filho no-lo revelou" (*Catecismo da Igreja Católica* - CIC, 2779). Rezando nesta ótica, o "Pai nosso", oração que o mesmo Mestre Divino nos ensinou, podemos compreender facilmente qual é a fonte da missão apostólica da Igreja e quais as motivações fundamentais que a tornam missionária "até os confins da terra".

Pai nosso que estais no céu

2. A Igreja é missionária porque anuncia, incansavelmente, que Deus é Pai, cheio de amor para com todos os homens e mulheres. Toda pessoa humana e todo povo busca, embora inconscientemente, o rosto misterioso de Deus, porém, somente o Filho unigênito, que está no seio do Pai, no-lo revelou plenamente (cf. *Jo* 1,18). Deus é "Pai de nosso Senhor Jesus Cristo", e "quer que todos os homens se salvem e cheguem ao conhecimento da verdade" (*1Tm* 2,4). Todos os que acolhem a sua graça descobrem com grande surpresa serem filhos do único Pai e se sentem devedores de todos pelo anúncio da salvação.

No mundo contemporâneo, porém, muitos ainda não conhecem o Deus de Jesus Cristo como Criador e Pai. Alguns, às vezes também por culpa dos cristãos, têm optado pela indiferença e ateísmo; outros, cultivando uma vaga religiosidade, construíram-se um Deus segundo sua própria imagem e semelhança; outros o consideram um ser totalmente inacessível.

É tarefa dos cristãos proclamar e testemunhar que, mesmo "habitando em luz inacessível" (*1Tm* 6,16), o Pai celeste em seu Filho, encarnado no seio da Virgem Maria, morto e ressuscitado, tornou-se próximo de cada pessoa e a torna capaz de "responder-lhe, de conhecê-lo e de amá-lo" (cf. *CIC*, 52).

Santificado seja o vosso nome

3. A consciência de que o encontro com Deus promove e eleva a dignidade da pessoa humana, leva-nos a rezar assim: "Santificado seja o vosso nome", isto é: "Faça-se luminoso em nós o conhecimento de ti, para que possamos conhecer a amplidão dos teus benefícios, a extensão das tuas promessas, a sublimidade de tua majestade e a profundidade de teus juízos" (*São Francisco, Fontes Franciscanas*, 268).

Rezamos que Deus seja santificado nos seus filhos adotivos, como também nos muitos que ainda não foram atingidos pela sua revelação, conscientes de que por meio da santidade Ele salva toda a criação.

Para que o nome de Deus seja santificado entre as Nações, a Igreja trabalha para inserir a humanidade e a criação no desígnio que o Criador, "em sua benevolência, se propôs de antemão", "para serem santos e imaculados em sua presença no amor" (cf. *Ef* 1,9.4).

Venha a nós o vosso Reino, seja feita a vossa vontade

4. Invocamos com estas palavras a chegada do Reino de Deus e o retorno glorioso de Cristo. Este desejo, porém, não nos separa da missão cotidiana no mundo; pelo contrário, nos compromete ainda mais. A vinda do Reino, agora, é obra do Espírito Santo, que o Senhor enviou "para perfeição a sua obra no mundo e cumprir toda santificação" (*Missal Romano*, Oração Eucarística IV).

Na cultura moderna difunde-se a expectativa de uma nova era de paz e bem-estar, de solidariedade e respeito aos direitos humanos e de amor universal. Iluminada pelo Espírito, a Igreja anuncia que este Reino de justiça, de paz e de amor, já proclamado no Evangelho, se realiza misteriosamente ao longo dos séculos graças às pessoas, famílias e comunidades que optam por viver, de modo radical, os ensinamentos de Cristo, segundo o espírito das Bem-aventuranças. Através do seu empenho, a mesma sociedade é estimulada a comprometer-se com níveis de maior justiça e solidariedade.

A Igreja proclama, também, que a vontade do Pai é "que todos se salvem e cheguem ao conhecimento da verdade" (*1Tm 2,4*) mediante a adesão a Cristo, cujo mandamento, "que resume todos os demais e nos manifesta toda sua vontade, é que nos amemos uns aos outros como ele nos amou" (*Jo 13,14*).

Jesus nos convida a rezar e nos ensina que para entrar no Reino dos céus não basta dizer "Senhor, Senhor", mas fazer "a vontade de seu Pai que está no céu" (*Mt 7,21*).

Dai-nos, hoje, o pão nosso de cada dia

5. Em nosso tempo é muito forte a consciência de que todos têm direito ao "pão de cada dia", isto é, o necessário para viver. Sente-se, igualmente, a exigência de uma indispensável igualdade e de uma solidariedade que una entre si todas as pessoas. Não obstante, muitos ainda não vivem sua dignidade de pessoa humana.

Basta pensar nos ambientes de miséria e de analfabetismo existentes em alguns Continentes, na falta de moradias e na não assistência de saúde e de trabalho, nas opressões políticas e nas guerras que destroem povos em numerosas regiões da terra.

Qual é o compromisso dos cristãos frente a esses cenários dramáticos? Que relação tem a fé no Deus vivo e verdadeiro com a solução dos problemas que atormentam a humanidade? Como escrevi na *Redemptoris Missio*, "o progresso de um povo, porém, não depende primeiramente do dinheiro, nem dos auxílios materiais, nem das estruturas técnicas, mas, sobretudo, da formação das consciências, do amadurecimento das mentalidades e dos costumes. A pessoa humana é que é o protagonista do desenvolvimento, não o dinheiro ou a técnica. A Igreja educa as consciências, revelando aos povos aquele Deus que procuram sem o conhecer, a grandeza do homem criado à imagem de Deus e por ele amado, a igualdade de todos os homens, enquanto filhos de Deus" (*Redemptoris missio*, 58). Anunciando que todos são filhos do mesmo Pai e, por conseguinte, irmãos, a Igreja oferece sua contribuição para a construção de um mundo marcado pela fraternidade autêntica.

A comunidade cristã está chamada a cooperar no desenvolvimento da paz com obras de promoção humana, com instituições de educação e de formação a serviço dos jovens, com a constante denúncia das opressões e injustiças de todo tipo. A missão específica da Igreja é, sem dúvida, o anúncio do Evangelho, a formação cristã de cada pessoa, das famílias, das comunidades, sendo ela consciente de que sua missão "não é agir diretamente no plano económico, técnico, político ou contribuir materialmente no progresso, mas consiste,

essencialmente, em oferecer aos povos não um "ter mais", e sim um "ser mais", despertando as consciências para o Evangelho.

O progresso humano autêntico deve firmar suas raízes sobre uma evangelização cada vez mais profunda" (ibid,n. 58).

Perdoai-nos as nossas ofensas

6. O pecado está presente na história da humanidade desde o início. Foi quebrado o vínculo original da criatura com Deus, com graves consequências para sua vida e para a dos demais. E hoje, como não sublinhar que as múltiplas expressões do mal e do pecado encontrem com frequência um aliado nos meios de comunicação social? Não é verdade que "para muitos o principal instrumento informativo e formativo, de orientação e inspiração aos comportamentos individuais, familiares e sociais" (*Redemptoris Missio*, 37/c), são, precisamente, os diversos meios de comunicação?

A actividade missionária não pode deixar de levar às pessoas e povos o jubiloso anúncio da bondade misericordiosa de Deus. O Pai que está no céu, como demonstra claramente a parábola do filho pródigo, é bondoso e perdoa o pecador arrependido, esquece a culpa e restitui serenidade e paz. Eis aqui o autêntico rosto de Deus, Pai cheio de amor, que dá força para vencer o mal com o bem e torna capaz de trocar seu amor de colaborar para a redenção do mundo.

Como nós perdoamos a quem nos têm ofendido

7. A Igreja é chamada, com sua missão, a trazer presente a confortante realidade da paternidade divina não somente com palavras, mas sobretudo com a santidade dos missionários e missionárias e do povo de Deus. "O renovado impulso para a missão ad gentes - escrevi na *Redemptoris Missio* - exige missionários santos. Não basta renovar os métodos pastorais, nem organizar e coordenar melhor as forças eclesiais, nem explorar com maior perspicácia os fundamentos bíblicos e teológicos da fé: é necessário suscitar um novo 'ardor de santidade' entre os missionários e em toda a comunidade cristã" (*Redemptoris missio*, 90).

Frente às terríveis e múltiplas consequências de pecado, a vida cristã oferece sinais de perdão e de amor. Somente quem em sua vida já experimentou o amor de Deus é capaz de amar aos demais de maneira generosa e transparente. O perdão é uma privilegiada expressão da caridade divina, dada como dom gratuito a quem o pede com insistência.

Não nos deixeis cair em tentação, mas livrai-nos do mal

8. Com estas últimas petições, no "Pai nosso", pedimos a Deus que não permita entrarmos no caminho do pecado e que nos livre do mal, que provém Satanás, que quer destruir o desígnio de Deus e a obra da salvação por Ele realizada em Cristo.

Conscientes de sermos chamados a levar o anúncio da salvação a um mundo dominado pelo pecado e pelo Maligno, somos convocados a dirigir-nos a Deus, pedindo-lhe que a vitória sobre o Príncipe do mundo (cf. Jo14,30), conquistada uma vez para sempre, por Cristo, seja experiência quotidiana em nossa vida.

Em contextos sociais fortemente dominados pela lógica do poder e da violência, a missão da Igreja é testemunhar o amor de Deus e a força do Evangelho, que vencem o ódio e a violência, o egoísmo e a indiferença. O Espírito de Pentecostes renova o povo cristão, resgatado pelo sangue de Cristo. Este pequeno rebanho é enviado por toda a parte, pobre de meios humanos, porém, livre de condicionamentos, qual fermento de uma nova humanidade.

Conclusões finais

9. Queridos irmãos e irmãs, o Dia Mundial das Missões oferece a cada um a oportunidade de evidenciar melhor esta comum vocação missionária, que impulsiona os discípulos(as) de Cristo a tornarem-se apóstolos de seu Evangelho de reconciliação e de paz. A missão da salvação é universal: para todos, para cada homem e mulher. É compromisso de todo o povo de Deus, de todos os fiéis. A missionariedade deve, portanto, constituir a paixão de cada cristão; paixão pela salvação do mundo e ardente compromisso para implantar o Reino do Pai.

Para que isto se verifique é necessário uma oração incessante que alimente o desejo de anunciar e testemunhar Cristo a todas as pessoas. É necessário o oferecimento do próprio sofrimento, em união com o do Salvador.

Necessita-se, assim mesmo, empenho pessoal para sustentar os organismos de cooperação missionária. Entre estes, exorto para ter particular consideração às Pontifícias Obras Missionárias, que têm a responsabilidade de pedir orações para as missões, promover sua causa e procurar os meios para sua ação evangelizadora. Elas trabalham em estreita colaboração com a Congregação para a Evangelização dos Povos, que coordena o esforço missionário em unidade de objetivos com as Igrejas particulares e com as várias Instituições missionárias presentes em todas as comunidades eclesiais.

No próximo dia 24 de outubro, celebramos o último Dia Mundial das Missões do milênio. Nele, a obra evangelizadora da Igreja tem produzido frutos verdadeiramente extraordinários. Damos graças ao Senhor pelo imenso bem realizado pelas missões e, olhando para o futuro, esperamos com confiança o alvorecer de um novo dia.

Todos os que trabalham nos postos de vanguarda da Igreja são como vigias nas muralhas da Cidade de Deus, a quem pedimos: "Guarda, que resta da noite?" (*Is* 21,11), recebendo a resposta: "Eis a voz dos teus guardas; ei-los que levantam a voz, juntos lançam gritos de alegria, porque com seus próprios olhos vêem a Yahweh que volta a Sião" (*Is* 52,8). Seu testemunho generoso em cada canto da terra anuncia que, "ao aproximar-se o terceiro milênio da Redenção, Deus está preparando uma grande primavera cristã, cuja aurora já se vislumbra" (*Redemptoris Missio*, 86).

Maria, a "Estrela da Manhã", nos ajude a repetir com ardor sempre novo o "sim" ao desígnio de salvação do Pai, para que todos os povos e todas as línguas possam ver sua glória (cf. *Is* 66,18).

Com tais votos, envio de coração, aos missionários(as) e a todos os que promovem a causa missionária uma especial Bênção Apostólica.

Vaticano, 23 de Maio de 1999, Solenidade de Pentecostes.

MENSAGEM DO PAPA JOÃO PAULO II PARA O DIA MUNDIAL DAS MISSÕES DE 2000

(22 de Outubro de 2000)

Queridos Irmãos e Irmãs

1. A comemoração anual do *Dia Mundial das Missões*, que será celebrado no dia 22 de Outubro de 2000, impele-nos a tomar renovada consciência da dimensão missionária da Igreja e recorda-nos a urgência da missão *ad gentes*, que "compete a todos os cristãos, a todas as dioceses e paróquias, instituições e associações eclesiais" (Carta Encíclica *Redemptoris missio*, 2).

Neste ano, o Dia enriquece-se de significado à luz do Grande Jubileu, ano de graça, celebração da salvação que Deus, no seu amor misericordioso, oferece à humanidade inteira. Recordar os 2000 anos do nascimento de Jesus quer dizer celebrar também o nascimento da missão: Cristo é o primeiro e o maior missionário do Pai. Surgida com a encarnação do Verbo, a missão continua no tempo através do anúncio e do testemunho eclesial. O Jubileu é tempo favorável, para que a Igreja inteira se empenhe, graças ao Espírito, num novo impulso missionário.

Dirijo, portanto, um especial e premente apelo a todos os baptizados para que, com humilde coragem, respondendo ao chamamento do Senhor e às necessidades dos homens e mulheres da nossa época, se façam arautos do Evangelho. Penso nos Bispos, sacerdotes, religiosos, religiosas e leigos; penso nos catequistas e outros agentes pastorais que, a diversos níveis, fazem da missão *ad gentes* a razão da própria existência, perseverando apesar das grandes dificuldades. A Igreja é grata à dedicação daqueles que muitas vezes, "semeiam entre lágrimas..." (cf. Sl 126, 6). Sabemos que o seu esforço e os seus sofrimentos não serão perdidos, mas antes constituem o fermento que fará germinar no coração de outros apóstolos o anseio de se dedicarem à nobre causa do Evangelho. Em nome da Igreja agradeço-lhes e encorajo-os a perseverar na sua generosidade. Deus recompensá-los-á de maneira abundante.

2. Penso também em tantos que poderiam iniciar ou aprofundar o seu empenho no anúncio do Evangelho da Vida. De modo diverso, todos são convidados a continuar na Igreja a missão de Jesus. É este um título de glória: o enviado está associado de modo singular à pessoa de Cristo para realizar, como afirma o divino Mestre, as suas mesmas obras: "Aquele que acredita em mim, fará também as obras que Eu faço; e fará obras maiores do que estas, porque Eu vou para o Meu Pai" (Jo 14, 12). Todos são chamados a colaborar, partindo da própria situação de vida. Neste tempo de graça e de misericórdia, sinto de modo especial que é preciso empenhar todas as forças eclesiais em prol da nova evangelização e para a missão "*ad gentes*". Nenhum crente, nenhuma instituição da Igreja pode subtrair-se ao supremo dever de anunciar Cristo a todos os povos (cf. Carta Enc. *Redemptoris missio*, 3). Ninguém pode sentir-se dispensado de oferecer a sua colaboração ao desenvolvimento da missão de Cristo, que continua na Igreja. Antes, o convite de Jesus é mais actual do que nunca: "Ide vós também para a minha vinha" (Mt 20, 7).

3. Como não dedicar aqui uma recordação especial, repleta de afecto e de comunhão profunda, a inúmeros missionários, mártires da fé que, como Cristo, deram a sua vida derramando o próprio sangue? Foram inumeráveis também no século XX, no qual "a Igreja se tornou novamente Igreja de mártires" (Carta Apostólica *Tertio millennio adveniente*, 37). Sim, o mistério da Cruz está sempre presente na vida cristã. Eu escrevia na Encíclica *Redemptoris missio*: "Como sempre, na história cristã os "mártires", isto é, as testemunhas, são numerosos e indispensáveis no caminho do Evangelho..." (n. 45). Vêm à mente as palavras de Paulo aos Filipenses: "Porque a vós é dado

por Cristo, não somente que creais n'Ele, mas ainda que por Ele padeçais..." (*Fil* 1, 29). O próprio Apóstolo encoraja Timóteo, seu discípulo, a sofrer com valentia, juntamente com ele pelo Evangelho, ajudado pela força de Deus (cf. *1 Tm* 1, 8). A inteira missão da Igreja e, de modo especial, a missão *ad gentes*, tem necessidade de apóstolos dispostos a perseverar até ao fim, fiéis à missão recebida, seguindo a mesma estrada percorrida por Cristo, "o caminho da pobreza, da obediência, do serviço e da imolação própria até à morte..." (Decreto *Ad gentes*, 5). Possam as testemunhas da fé, das quais fizemos memória, ser modelo e estímulo para todos os cristãos, de maneira que o anúncio de Cristo seja percebido como tarefa própria de todo o cristão.

4. Neste esforço, o cristão não está sozinho. É verdade que não há proporção entre as forças humanas e a grandeza da missão. A experiência mais comum e mais autêntica é não se sentir digno dessa tarefa. Mas é também verdade que "a nossa capacidade vem de Deus. É Ele que nos tornou capazes de ser ministros de uma nova aliança" (*2 Cor* 3, 5b-6a). O Senhor não abandona aquele a quem chama para o seu serviço. "Foi-Me dado todo o poder no céu e na terra. Ide, pois, ensinais todas as nações... Eu estarei sempre convosco, até ao fim do mundo" (*Mt* 28, 18-20). A presença contínua do Senhor na sua Igreja, especialmente na Palavra e nos Sacramentos, é garantia para a eficácia da sua missão. Ela realiza-se hoje através de homens e mulheres que experimentaram a salvação na própria fragilidade e debilidade e a testemunham aos irmãos, na consciência de que todos nós somos chamados à mesma plenitude de vida.

5. Como eu dizia antes, também a perspectiva do grande Jubileu, que estamos a celebrar, nos induz a um maior empenho missionário *ad gentes*. Dois mil anos após o início da missão, são vastas as áreas geográficas, culturais, humanas e sociais em que Cristo e o seu Evangelho ainda não penetraram. Como não ouvir o apelo que emerge desta situação?

Quem conheceu a alegria do encontro com Cristo não a pode conservar fechada dentro de si, deve irradiá-la. É preciso ir ao encontro daquela invocação não expressa do Evangelho que se levanta de todas as partes do mundo, como certa vez chegou ao apóstolo Paulo durante a sua segunda viagem: "Passa à Macedónia e vem ajudar-nos!" (*Act* 16, 9). A evangelização é uma "ajuda" oferecida ao homem, uma vez que o Filho de Deus se fez carne para tornar possível ao homem aquilo que, somente com as suas forças, ele não poderia conseguir: "a amizade de Deus, a sua graça, a vida sobrenatural, a única onde podem achar solução as aspirações mais profundas do coração humano... Ao anunciar Jesus de Nazaré, verdadeiro Deus e perfeito Homem, a Igreja oferece a todo o ser humano a perspectiva de ser "divinizado" e, dessa forma, tornar-se mais homem. Este é o único caminho pelo qual o mundo pode descobrir a sublime vocação a que é chamado, e realizá-la na salvação operada por Deus" (Bula *Incarnationis mysterium*, 2).

Além disso, devemos estar profundamente persuadidos do facto de que a evangelização constitui também um excelente serviço prestado à humanidade, uma vez que a dispõe a realizar o projecto de Deus, que deseja unir a Si todos os homens, fazendo deles um povo de irmãos libertados das injustiças e animados por sentimentos de autêntica solidariedade.

6. Desejo agora dirigir o olhar para os numerosos protagonistas da missão específica "*ad gentes*": os Bispos, em primeiro lugar, e os seus colaboradores, os sacerdotes, recordando ao mesmo tempo a obra dos Institutos missionários masculinos e femininos. Sinto o dever de dedicar uma palavra especial aos catequistas em terras de missão: são eles "que merecem, de modo muito especial, o título de "catequistas"... Igrejas agora florescentes não teriam sido edificadas sem eles" (Exortação Apostólica *Catechesi tradendae*, 66).

O Decreto conciliar sobre a actividade missionária fala deles como de "exército com tantos méritos na obra das missões entre pagãos... Eles, cheios do espírito apostólico, prestam com grandes trabalhos uma ajuda singular e absolutamente necessária à expansão da fé e da Igreja"

(Decreto *Ad gentes*, 17). Ao trabalharem com grande esforço e zelo missionário, eles constituem sem dúvida o apoio mais eficaz para os missionários em múltiplas tarefas. Não raro, devido à escassez dos ministros, é a eles que compete a responsabilidade de vastas áreas, onde acompanham as pequenas comunidades, desempenhando o papel de animadores na oração, na celebração litúrgica da Palavra de Deus, na explicação da doutrina e na organização da caridade.

Se o seu papel é tão importante, é ainda mais necessária a sua formação, isto é, uma sua "preparação doutrinal e pedagógica mais cuidada, a constante renovação espiritual e apostólica" (Carta Encíclica *Redemptoris missio*, 73). O trabalho deles é sempre necessário. Faço votos por que o empenho de toda a Igreja nesta tarefa seja sempre mais sentido. A formação dos catequistas, como de todo o pessoal missionário, é uma prioridade pastoral; representa por assim dizer um "investimento de pessoas", visto que só evangelizadores e formadores à altura da sua tarefa podem contribuir de modo eficaz para edificar a Igreja.

7. O campo é vasto e ainda há muito a fazer: é necessária a colaboração de todos. Ninguém, com efeito, é tão pobre que não possa dar alguma coisa. Participa-se na missão, antes de tudo, com a oração, na liturgia ou no segredo do próprio quarto, com o sacrifício e a oferta a Deus dos próprios sofrimentos. Esta é a primeira colaboração que cada um pode oferecer. Depois, é importante não se subtrair ao contributo económico, que é vital para muitas Igrejas particulares. Como se sabe, tudo o que é recolhido neste Dia, sob a responsabilidade das Pontifícias Obras Missionárias, é destinado integralmente às necessidades da missão universal. Nesta circunstância, sinto o dever de manifestar viva gratidão a esta benemérita Instituição eclesial que, desde há 74 anos, se preocupa em organizar este Dia e anima em sentido missionário o inteiro povo de Deus, ao recordar que das crianças aos adultos, dos Bispos aos presbíteros, dos religiosos aos fiéis leigos, todos são chamados a ser missionários na própria comunidade local, abrindo-se ao mesmo tempo às necessidades da Igreja universal. A animação e a cooperação missionária, promovida pelas Pontifícias Obras Missionárias, apresenta ao povo de Deus a missão como dom: dom de si e dom dos próprios bens materiais e espirituais, em benefício da Igreja inteira (cf. Carta Encíclica *Redemptoris missio*, 81).

Neste ano, depois, o Dia realizar-se-á com particular solenidade em Roma, com a celebração do Congresso Missionário Mundial, que reunirá membros das Pontifícias Obras Missionárias provenientes de todas as partes da terra, em representação das Igrejas locais de todos os continentes, como sinal da universalidade da mensagem de salvação de Jesus. Eu mesmo, se Deus quiser, terei a alegria de presidir a esta significativa celebração.

8. Caros Irmãos e Irmãs, possam estas minhas palavras servir de encorajamento para todos aqueles que têm a peito a actividade missionária. Ao celebrar o Jubileu do Ano Santo 2000, "toda a Igreja está ainda mais empenhada num novo advento missionário. Temos de alimentar em nós a ânsia apostólica de transmitir aos outros a luz e a alegria da fé e, para este ideal, devemos educar todo o Povo de Deus" (Carta Encíclica *Redemptoris missio*, 86). O Espírito de Deus é a nossa força! Ele, que manifestou o seu poder na missão de Jesus, enviado a "anunciar a Boa Nova aos pobres... e a proclamar um ano de graça do Senhor" (Lc 4, 18), foi derramado no coração de todos os crentes (cf. *Rm* 5, 5), para nos dispor a sermos testemunhas das obras do Senhor.

A Virgem Santa, Mãe de Cristo e Mãe dos crentes, mulher plenamente dócil ao Espírito Santo, nos ajude a repetir em todas as circunstâncias o seu *Fiat* ao desígnio de salvação de Deus, ao serviço da nova evangelização.

Com estes sentimentos, a todos vós, que vos empenhais sem reservas na grande missão *ad gentes*, e às vossas comunidades envio de todo o coração uma especial Bênção Apostólica.

MENSAGEM DO PAPA JOÃO PAULO II PARA O DIA MUNDIAL DAS MISSÕES DE 2001

«*Misericordias Domini in aeternum cantabo*» (Sl 89 [88], 2).

Queridos Irmãos e Irmãs!

1. Celebramos com profunda alegria o Grande Jubileu da salvação, tempo de graça para toda a Igreja. A misericórdia divina, que cada fiel pôde experimentar, estimula-nos a «fazer-nos ao largo», recordando com gratidão o passado, vivendo com paixão o presente e abrindo-nos com confiança ao futuro, na convicção de que «Jesus Cristo é o mesmo, ontem, hoje e sempre» (*Hb* 13, 8) (cf. Carta Apostólica *Novo millennio ineunte*, 1). Este estímulo para o futuro, iluminado pela esperança, deve ser a base do agir de toda a Igreja no novo milénio. Esta é a mensagem que desejo dirigir a cada fiel por ocasião do *Dia Missionário Mundial*, que se celebrará no próximo dia 21 de Outubro.

2. Sim, chegou o tempo de olhar para o futuro, mantendo o olhar fixo no rosto de Jesus (cf. *Hb* 12, 2). O Espírito chama-nos a «lançar-nos para o futuro que nos espera» (*Novo millennio ineunte*, 3), a testemunhar e a confessar Cristo, agradecendo «as maravilhas» que Deus fez por nós: «*Misericordias Domini in aeternum cantabo*» (Sl 89 [88], 2)» (*ibid.*, 2). Por ocasião do Dia Missionário Mundial do ano passado, desejei recordar como o empenho missionário brota da fervorosa contemplação de Jesus. O cristão que contemplou Jesus Cristo não pode deixar de se sentir arrebatado pelo seu fulgor (cf. *Vita consecrata*, 14) e de se empenhar por testemunhar a sua fé em Cristo, único Salvador do homem. A contemplação do rosto do Senhor suscita nos discípulos a «contemplação» também dos rostos dos homens e das mulheres de hoje: de facto, o Senhor identifica-se «com os seus irmãos mais pequeninos» (cf. *Mt* 25, 40.45).

A contemplação de Jesus, «o primeiro e o maior evangelizador» (*Evangelii nuntiandi*, 7), transforma-nos em evangelizadores. Faz com que tomemos consciência da sua vontade de dar a vida eterna àqueles que o Pai lhe confiou (cf. *Jo* 17, 2). Deus quer que «todos os homens se salvem e conheçam a verdade» (1 *Tm* 2, 4), e Jesus sabia que a vontade do Pai sobre Ele era que anunciasse o Reino de Deus também às outras cidades: «para isso é que fui enviado» (*Lc* 4, 43).

Depois, o fruto da contemplação dos «irmãos mais pequeninos» é descobrir que cada homem, mesmo se o faz de maneira que para nós é misteriosa, procura Deus, porque por Ele foi criado e é amado. Assim o descobriram os primeiros discípulos: «Todos Te procuram» (*Mc* 1, 37). E os «gregos», em nome das gerações vindouras, exclamaram: «queríamos ver a Jesus» (*Jo* 12, 21). Sim, Cristo é a luz verdadeira que ilumina todos os homens que vêm a este mundo (cf. *Jo* 1, 9); todos os homens o procuram «andando às apalpadelas» (*Act* 17, 27), impelidos por uma atracção interior da qual nem sequer ele conhece bem a origem. Ela está escondida no coração de Deus, onde pulsa uma vontade salvífica universal. Dela Deus nos faz testemunhas e arautos. Para esta finalidade nos invade, como num novo Pentecostes, com o fogo do seu Espírito, com o seu amor e com a sua presença: «E eu estarei sempre convosco, até ao fim do mundo» (*Mt* 28, 20).

3. Por conseguinte, fruto do Grande Jubileu é também a atitude que o Senhor pede a cada cristão, isto é, a de olhar em frente com fé e esperança. O Senhor honra-nos ao pôr em nós a sua confiança e chama-nos ao ministério sendo misericordioso connosco (cf. 1 *Tm* 1, 12.13). Não é

uma chamada que se destina só a alguns, mas a todos, cada um no próprio estado de vida. Na Carta apostólica *Novo millennio ineunte* escrevi a este propósito: «Esta paixão não deixará de suscitar na Igreja uma nova missionariedade, que não poderá ser delegada a um grupo de "especialistas", mas deverá corresponsabilizar todos os membros do povo de Deus. Quem verdadeiramente encontrou Cristo, não pode guardá-Lo para si; tem de O anunciar. É preciso um novo ímpeto apostólico, vivido como compromisso diário das comunidades e grupos cristãos... Cristo há-de ser proposto a todos com confiança. Seja feita a proposta aos adultos, às famílias, aos jovens, às crianças, sem nunca esconder as exigências mais radicais da mensagem evangélica, mas adaptando-a, a nível de sensibilidade e linguagem, à situação de cada um, segundo o exemplo de Paulo que afirma: "Fiz-me tudo para todos, para salvar alguns a todo o custo" (1 Cor 9, 22)» (*Novo millennio ineunte*, 40).

De maneira especial, a chamada à missão adquire uma singular urgência, se olharmos para aquela porção da humanidade que ainda não conhece ou não reconhece Cristo. Sim, queridos Irmãos e Irmãs, a missão ad gentes hoje é mais válida do que nunca. Conservo impresso no coração o rosto da humanidade que pude contemplar durante as minhas peregrinações: é o rosto de Cristo reflectido no dos pobres e dos que sofrem; o rosto de Cristo que brilha em todos os que vivem como «ovelhas sem pastor» (Mc 6, 34). Cada homem e cada mulher têm o pleno direito a que lhes sejam ensinadas «muitas coisas» (*ibid.*).

Perante a evidência da própria fragilidade e insuficiência, a tentação humana, mesmo do apóstolo, é despedir o povo. Ao contrário, é precisamente naquele momento que, pondo-se a contemplar o rosto do Amado, é preciso que cada um volte a escutar as palavras de Jesus: «Não é preciso que eles vão; dai-lhes vós mesmos de comer» (cf. Mt 14, 16; Mc 6, 37). Desta forma, experimenta-se ao mesmo tempo a debilidade humana e a graça do Senhor. Conscientes da perene fragilidade que nos marca profundamente, sentimos a necessidade de dar graças a Deus por tudo o que Ele realizou para nós e por tudo o que, na sua graça, realizará.

4. Como deixar de recordar, nesta circunstância, todos os missionários e missionárias, sacerdotes, religiosas e leigos, que fizeram da missão *ad gentes* e *ad vitam* a razão da própria existência? Eles, com a sua vida, proclamam «sem fim as maravilhas do Senhor» (Sl 89). Não poucas vezes, este «sem fim» chegou até ao derramamento do sangue: quantas foram as «testemunhas da fé» no século passado! Foi também graças à sua generosa doação que o Reino de Deus se pôde dilatar. Dirigimos-lhes o nosso pensamento agradecido, acompanhado pela oração. O seu exemplo serve de estímulo e de apoio para todos os fiéis, que podem haurir coragem ao verem-se «cercados de uma nuvem de testemunhas» (Hb 12, 1), que com a sua vida e as suas palavras fizeram e ainda fazem ecoar o Evangelho em todos os continentes.

Sim, caríssimos Irmãos e Irmãs, não podemos calar aquilo que vimos e ouvimos (cf. Act 4, 20). Vimos a obra do Espírito e a glória de Deus manifestar-se na debilidade (cf. 2 Cor 12; 1 Cor 1). Também hoje, muitos homens e mulheres, com a sua dedicação e com o seu sacrifício, são para nós manifestação eloquente do amor de Deus. Deles recebemos a fé e sentimo-nos estimulados a ser, por nossa vez, anunciadores e testemunhas do Mistério.

5. A missão é «anúncio jubiloso de um dom, que se destina a todos e, por conseguinte, há-de ser proposto a todos com maior respeito da liberdade de cada um: o dom da revelação do Deus-Amor, que "amou de tal modo o mundo que lhe deu o seu Filho único" (Jo 3, 16)... A Igreja, portanto, não pode subtrair-se à actividade missionária junto dos povos, e permanece tarefa prioritária da *missio ad gentes* o anúncio de que é em Cristo, "Caminho, Verdade e Vida" (Jo 14, 6), que os homens encontram a salvação» (*Novo millennio ineunte*, 56). É um convite para todos, é um apelo urgente ao qual deve ser dada uma resposta imediata e generosa. É preciso ir! É necessário pôr-se a caminho sem hesitações, como Maria, a Mãe de Jesus; como os pastores que despertaram ao

primeiro anúncio do Anjo; como Madalena quando viu o Ressuscitado. «Ao princípio deste novo século, o nosso passo tem de fazer-se mais lesto para percorrer as estradas do mundo... Cristo ressuscitado marca encontro connosco no Cenáculo, onde, na tarde do «primeiro dia depois do sábado» (Jo 20, 19), apareceu aos seus "soprando" sobre eles o dom vivificante do Espírito e iniciando-os na grande aventura da evangelização» (*ibid.*, 58).

6. Queridos Irmãos e Irmãs! A missão exige oração e empenho concreto. São muitas as necessidades que a minuciosa difusão do Evangelho requer.

Celebra-se este ano o 75º aniversário da instituição do *Dia Missionário* por parte do Papa Pio XI, que aceitou o pedido da Pontifícia Obra da Propagação da Fé para «estabelecer "um dia de oração e de propaganda para as missões" a ser celebrado no mesmo dia em todas as dioceses, paróquias e nos institutos do mundo católico... e para solicitar o óbolo para as missões» (Sagrada Congregação dos Ritos, Instituição do *Dia missionário mundial*, 14 de Abril de 1926: AAS 19 [1927], pág. 23 s.). Desde então, o Dia missionário constitui uma ocasião especial para recordar a todo o Povo de Deus a permanente validade do mandato missionário, visto que «a missão compete a todos os cristãos, a todas as dioceses e paróquias, instituições e associações eclesiais» (Carta encíclica *Redemptoris missio*, 2). É ao mesmo tempo uma ocasião oportuna para recordar que «as missões não solicitam apenas uma ajuda, mas uma partilha do anúncio e da caridade para todos os pobres. Tudo o que recebemos de Deus – tanto a vida como os bens materiais – não é nosso» (*ibid.*, 81). Este Dia é importante na vida da Igreja, «porque ensina como se deve dar o contributo: na celebração eucarística, ou seja, como oferta a Deus, e para todas as missões do mundo» (*ibid.*). Por conseguinte, que este aniversário seja uma ocasião propícia para reflectir acerca da necessidade de um maior esforço comum para promover o espírito missionário e para obter as ajudas materiais necessárias das quais os missionários precisam.

7. Na homilia de conclusão do Grande Jubileu, no dia 6 de Janeiro de 2001, eu disse: «É necessário partir de Cristo, com o impulso do Pentecostes, com entusiasmo renovado. Partir d'Ele, inicialmente no compromisso quotidiano da santidade, colocando-se em atitude de oração e à escuta da sua palavra. Depois, partir d'Ele para testemunhar o Amor! (n. 8).

Portanto:

Parte de Cristo, tu, que encontraste misericórdia.

Parte de Cristo, tu, que perdoaste e aceitaste o perdão.

Parte de Cristo, tu, que conheces a dor e o sofrimento.

Parte de Cristo, tu, que és tentado pela tibieza: o ano de graça é um tempo sem limites.

Parte de Cristo, tu, Igreja do novo milénio. Canta e caminha!

(cf. *Ritos de conclusão na Santa Missa na Epifania do Senhor de 2001*).

Maria, Mãe da Igreja, Estrela da Evangelização, nos acompanhe neste caminho, como permaneceu ao lado dos discípulos no dia de Pentecostes. Dirijamo-nos a ela confiantes para que, por sua intercessão, o Senhor nos conceda o dom da perseverança na tarefa missionária, que diz respeito a toda a Comunidade eclesial.

Com estes sentimentos abençoo-vos a todos.

Vaticano, 3 de Junho de 2001, Solenidade de Pentecostes.

MENSAGEM DO PAPA JOÃO PAULO II PARA O DIA MUNDIAL DAS MISSÕES DE 2002

Caríssimos Irmãos e Irmãs

1. A missão evangelizadora da Igreja é essencialmente o anúncio do amor, da misericórdia e do perdão de Deus, revelados aos homens através da vida, morte e ressurreição de Jesus Cristo, nosso Senhor. É a proclamação da Boa Nova que Deus nos ama e deseja que todos estejamos unidos no seu amor misericordioso, perdando-nos e pedindo-nos que perdoemos também nós até as ofensas mais graves. Eis a Palavra da reconciliação, que nos foi confiada porque, como afirma São Paulo, "era Deus que reconciliava Consigo o mundo, em Cristo, não lhe levando mais em conta os pecados dos homens e pondo nos nossos lábios a mensagem da reconciliação" (2 Cor 5, 19). Estas palavras são o eco e a chamada ao anseio supremo do coração de Cristo na Cruz: "Perdoa-lhes, ó Pai, porque não sabem o que fazem" (Lc 23, 34).

Eis, por conseguinte, uma síntese dos conteúdos fundamentais do *Dia Missionário Mundial*, que celebraremos no domingo, 20 de Outubro próximo. dedicado ao tema estimulante: "A missão é Anúncio de Perdão". Trata-se de um acontecimento que se repete todos os anos, mas que não perde, na sucessão do tempo, o seu significado e a sua importância, porque a missão constitui a nossa resposta ao supremo mandamento de Jesus: "Ide, pois, ensinai todas as nações... ensinando-as a cumprir tudo quanto vos tenho mandado" (Mt 28, 19).

2. No início do terceiro milénio cristão impõe-se com maior urgência o dever da missão, porque, como já recordei na Encíclica *Redemptoris missio*, "o número daqueles que ignoram Cristo e não fazem parte da Igreja está em contínuo aumento; mais ainda: quase duplicou, desde o final do Concílio. A favor desta imensa humanidade, amada pelo Pai a ponto de lhe enviar o seu Filho, é evidente a urgência da missão" (n. 3).

Com o grande apóstolo e evangelizador São Paulo, nós queremos repetir: "Porque, se anuncio o Evangelho, não tenho de que me gloriar pois que me é imposta essa obrigação... é um cargo que me está confiado" (1 Cor 9, 16-17). Só o amor de Deus, capaz de irmanar os homens de qualquer raça e cultura, poderá fazer desaparecer as dolorosas divisões, os contrastes ideológicos, as desigualdades económicas e os violentos vexames que ainda oprimem a humanidade.

Conhecemos bem as horríveis guerras e revoluções que ensanguentaram o século que terminou há pouco, e os conflitos que, infelizmente, continuam a afligir o mundo de modo quase endémico. Não passa despercebido, ao mesmo tempo, o anseio de tantos homens e mulheres que, apesar de viverem numa grande pobreza espiritual e material, sentem uma grande sede de Deus e do seu amor misericordioso. O convite do Senhor para anunciar a Boa Nova continua a ser hoje válido; aliás, torna-se cada vez mais urgente.

3. Na Carta apostólica *Novo millennio ineunte* realcei a importância da contemplação do rosto sofrido e glorioso de Cristo. O centro da mensagem cristã é o anúncio do mistério pascal de Cristo crucificado e ressuscitado. O rosto sofrido do Crucificado "trouxe-nos até ao aspecto mais paradoxal do seu mistério, que se manifesta na hora extrema, a hora da Cruz" (n. 25). Na Cruz, Deus revelou-nos todo o seu amor. É a Cruz a chave que dá livre acesso a "uma sabedoria que não é deste mundo, nem dos príncipes do século", mas à "sabedoria de Deus, envolta em mistério" (1 Cor 2, 6.7).

A Cruz, na qual já resplandece o rosto glorioso do Ressuscitado, introduz-nos na plenitude da vida cristã e na perfeição do amor, porque revela a vontade de Deus de partilhar com os homens a sua vida, o seu amor e a sua santidade. A partir deste mistério, a Igreja, recordando-se das palavras

do Senhor: "Sede perfeitos, como é perfeito o Vosso Pai celeste" (cf. *Mt* 5, 48), compreende cada vez melhor que a sua missão não teria sentido se não levasse à plenitude da existência cristã, isto é, à perfeição do amor e da santidade. Com a contemplação da Cruz aprendemos a viver na humildade e no perdão, na paz e na comunhão. Foi esta a experiência de São Paulo, que escreveu aos Efésios: "Recomendo-vos, pois, eu mesmo, prisioneiro no Senhor, que andeis duma maneira digna do chamamento que recebestes com toda a humildade e mansidão, com paciência, suportando-vos uns aos outros com caridade, solícitos em conservar a unidade de espírito mediante o vínculo da paz" (*Ef* 4, 1-3). E aos Colossenses acrescentava: "Pois, como eleitos de Deus, santos e amados, revesti-vos, de entranhas de misericórdia, de benignidade, humildade, mansidão e longanimidade, suportando-vos uns aos outros, perdando-vos mutuamente, se algum tiver razão de queixa contra o outro. Como o Senhor vos perdoou, assim deveis perdoar também vós. Mas acima de tudo, revesti-vos da caridade que é o vínculo da perfeição. Resida nos vossos corações a paz de Cristo, para a qual fostes chamados, a fim de formar um só corpo" (*Col* 3, 12-15).

4. Caríssimos Irmãos e Irmãs, o brado de Jesus na cruz (cf. *Mt* 27, 46) não manifesta a angústia de um desesperado, mas é a oração do Filho que oferece a sua vida ao Pai para a salvação de todos.

Da Cruz, Jesus indica as condições para poder praticar o perdão. Ao ódio, com que os seus perseguidores o tinham pregado na Cruz, responde rezando por eles. Não só lhes perdoa, mas continua a amá-los, a desejar o seu bem e, por isso, intercede por eles. A sua morte torna-se verdadeira e própria realização do Amor.

Face ao grande mistério da Cruz não podemos deixar de nos prostrar em adoração: "Para transmitir ao homem o rosto do Pai, Jesus não teve apenas de assumir o rosto do homem, mas de tomar inclusivamente o "rosto" do pecado. Aquele que não havia conhecido pecado, Deus o fez pecado por nós para que nos tornássemos n'Ele justiça de Deus (2 *Cor* 5, 21)" (*Novo millennio ineunte*, 25). Do perdão total de Cristo também para os seus perseguidores tem início para todos a nova justiça do Reino de Deus.

Durante a Última Ceia o Redentor dissera aos Apóstolos: "Um novo mandamento vos dou: que vos ameis uns aos outros; assim como Eu vos amei, vós também vos deveis amar uns aos outros. É por isto que todos saberão que sois Meus discípulos" (*Jo* 13, 34-35).

5. Cristo ressuscitado dá aos seus discípulos a paz. A Igreja, fiel ao mandamento do seu Senhor, continua a proclamar e a difundir a paz. Mediante a evangelização, os crentes ajudam os homens e reconhecerem-se como irmãos e, como peregrinos na terra, mesmo se por caminhos diferentes, todos se encaminham para a Pátria comum que Deus, por veredas que só Ele conhece, não deixa de nos indicar. A via-mestra da missão é o diálogo sincero (cf. *Ad gentes*, 7; *Nostra aetate*, 2); o diálogo que "não nasce de táticas ou de interesses" (*Redemptoris missio*, 56), e nem sequer é fim em si mesmo. O diálogo, aliás, que deixa falar o próximo com estima e compreensão, afirmando os princípios em que se crê e anunciando com amor as verdades mais profundas da fé, que são alegria, esperança e sentido da existência. No fundo, o diálogo é a realização de um impulso espiritual, que "tende à purificação e conversão interior que, se for realizada na docilidade ao Espírito, será espiritualmente frutuosa" (ibid., 56). O empenho por um diálogo atento e respeitador é uma *conditio sine qua non* para um autêntico testemunho do amor salvífico de Deus.

Este diálogo está profundamente relacionado com a vontade de perdão, porque todo aquele que perdoa abre o seu coração ao próximo e torna-se capaz de amar, de compreender o irmão e de entrar em sintonia com ele. Por outro lado, a prática do perdão, a exemplo de Jesus, desafia e abre os corações, cura as feridas do pecado e da divisão e gera uma verdadeira comunhão.

6. Com a celebração do Dia Mundial das Missões, é oferecida a todos a oportunidade para se confrontar com as exigências do amor infinito de Deus. Amor que pede fé; amor que convida a depor toda a própria confiança n'Ele. "Sem fé, é impossível agradar a Deus, porque é necessário que aquele que se aproxima de Deus creia que Ele existe e que é remunerador daqueles que O procuram (*Hb* 11, 6).

Nesta celebração anual, somos convidados a rezar assiduamente pelas missões e a colaborar com todos os meios nas actividades que a Igreja desempenha em todo o mundo para construir o Reino de Deus, "Reino eterno e universal: reino de verdade e de vida, reino de santidade e de graça, reino de justiça, de amor e de paz" (*Prefácio na Festa de Cristo, Rei do universo*). Somos chamados, antes de mais, a testemunhar com a vida a nossa adesão total a Cristo e ao seu Evangelho.

Sim, nunca nos devemos envergonhar do Evangelho e nunca devemos ter medo de nos proclamarmos cristãos, silenciando a própria fé. Ao contrário, é necessário continuar a falar, alargar os espaços do anúncio da salvação, porque Jesus prometeu permanecer sempre e de qualquer forma presente entre os seus discípulos.

O Dia Mundial das Missões, verdadeira e própria festa da missão, ajuda-nos assim a descobrir melhor o valor da nossa vocação pessoal e comunitária. Também nos estimula a ir em ajuda dos "irmãos mais pequeninos" (cf. *Mt* 25, 40) através dos missionários espalhados em todas as partes do mundo. Eis a tarefa das Pontifícias Obras Missionárias, que desde sempre servem a Missão da Igreja, fazendo com que ela reparta para os mais pequenos o pão da Palavra e continue a levar-lhes o dom do amor inexaurível, que brota do próprio coração do Salvador.

Caríssimos Irmãos e Irmãs! Confiamos este nosso empenho pelo anúncio do Evangelho, assim como toda a actividade evangelizadora da Igreja, a Maria Santíssima, Rainha das Missões. Que ela nos acompanhe no nosso caminho de descoberta, de anúncio e de testemunho do Amor de Deus, que perdoa e que dá a paz ao homem.

Com estes sentimentos, envio de coração a todos os missionários e missionárias espalhados pelo mundo, a quantos os acompanham com a oração e com a ajuda fraterna, às comunidades cristãs de antiga ou de nova fundação, a Bênção apostólica, como penhor da constante protecção do Senhor.

Vaticano, 19 de Maio de 2002, Solenidade do Pentecostes.

MENSAGEM DO PAPA JOÃO PAULO II PARA O DIA MUNDIAL DAS MISSÕES DE 2003

Caríssimos Irmãos e Irmãs

1. Desde o início, quis colocar o meu pontificado sob o sinal de uma especial protecção de Maria. Muitas vezes, por isso, convidei toda a comunidade dos crentes a reviver a experiência do Cenáculo, onde os discípulos *"unidos pelo mesmo sentimento, se entregavam assiduamente à oração... com Maria, Mãe de Jesus"* (Act 1, 14). Na primeira Encíclica *Redemptor hominis*, já escrevia que só num clima de fervorosa oração é possível "receber o Espírito Santo que desce sobre nós e, deste modo, tornar-nos testemunhas de Cristo até as extremidades da terra, como aqueles que saíram do Cenáculo de Jerusalém no dia do Pentecostes" (n. 22).

A Igreja toma cada vez mais consciência de ser mãe, como Maria. Ela é "o berço dizia na Bula *Incarnationis mysterium*, na ocasião do Grande Jubileu do Ano 2000 onde Maria depõe Jesus e O confia à adoração e contemplação de todos os povos" (n. 11). Ela deseja continuar sobre este caminho espiritual e missionário, sempre acompanhada pela Virgem Santíssima, Estrela da nova evangelização, aurora luminosa e guia segura do nosso caminho (cf. *Novo millennio ineunte*, 58).

Maria e a missão da Igreja no Ano do Rosário

2. Em Outubro passado, entrando no vigésimo quinto ano do meu ministério petrino, como num prolongamento espiritual do Ano jubilar, proclamei um Ano especial dedicado à redescoberta da oração do Rosário, tão querida à tradição cristã; um ano a viver sob o olhar d'Aquela que, segundo o oculto desígnio divino, com o seu *"sim"* tornou possível a salvação da humanidade e do céu continua a proteger quantos acorrem a Ela, especialmente nos momentos difíceis da existência.

É meu desejo que o *Ano do Rosário* constitua para os crentes de cada continente uma ocasião propícia para aprofundar o sentido da vocação cristã. Na escola da Virgem e seguindo o seu exemplo, cada comunidade poderá fazer emergir a dimensão *"contemplativa"* e *"missionária"* que lhe é própria.

O Dia Missionário Mundial, que coincide com o fim deste particular ano mariano, se for bem preparado, poderá imprimir um impulso mais generoso a este compromisso da Comunidade eclesial. O recurso confiante a Maria, com a recitação quotidiana do Rosário e a meditação dos mistérios da vida de Cristo, sublinharão que a missão da Igreja deve ser, antes de mais, sustentada pela oração.

A atitude de "escuta" que a recitação do Rosário sugere, aproxima os fiéis de Maria, que "conservava estas coisas meditando-as no seu coração" (Lc 2, 19). A meditação que acompanha a Palavra de Deus torna-se um treino para viver "em comunhão viva com Jesus poderíamos dizer através do Coração de sua Mãe" (*Rosarium Virginis Mariae*, 2).

Igreja mais contemplativa: o Rosto de Cristo contemplado

3. *Cum Maria contemplemur Christi vultum!* Voltam-me muitas à mente estas palavras: contemplar o "rosto" de Cristo, com Maria. Quando falamos do "rosto" de Cristo referimo-nos às suas aparências humanas, em que refulge a glória eterna do Filho unigénito do Pai (cf. Jo 1, 14): "A glória da Divindade reluz no rosto de Cristo" (*Ibid.*, n. 21). Contemplar o rosto de Cristo leva a um conhecimento profundo e envolvente do seu mistério. Contemplar Jesus com os olhos da fé leva a penetrar no mistério de Deus-Trindade. Jesus diz: *"Quem me viu, viu o Pai"* (Jo 14, 9). Com o

Rosário embrenhamo-nos neste itinerário místico "na companhia e na escola de sua Mãe Santíssima" (*Rosarium Virginis Mariae*, 3). Assim, Maria, ela própria, se faz nossa mestra e guia. Sob a acção do Espírito Santo, ajuda-nos a adquirir esta "serena audácia" que torna capazes de transmitir aos outros a experiência de Jesus e a esperança que anima os crentes (cf. *Redemptoris missio*, 24).

Olhemos sempre para Maria, modelo insuperável! No seu espírito encontram um eco extraordinário todas as palavras do Evangelho. Maria é a "memória" contemplativa da Igreja, que vive no desejo de se unir mais profundamente ao seu Esposo para se reflectir ainda mais na nossa sociedade. Perante os grandes problemas, diante da dor inocente, das injustiças praticadas com arrogância insolente, como reagir? Na doce escola de Maria, que é nossa Mãe, os crentes aprendem a reconhecer no aparente "silêncio de Deus" a Palavra que ressoa no silêncio para a nossa salvação.

Igreja mais santa: o Rosto de Cristo imitado e amado

4. Todos os crentes são chamados, graças ao Baptismo, à santidade. O Concílio Vaticano II, na Constituição dogmática *Lumen gentium*, sublinha que a vocação universal à santidade consiste no chamamento de todos à perfeição da caridade.

Santidade e missão são aspectos imprescindíveis da vocação de cada baptizado. O compromisso de se tornarem mais santos está estreitamente ligado ao de espalhar a mensagem da salvação. "Todo o fiel recordava eu na *Redemptoris missio* é chamado à santidade e à missão" (n. 90). Contemplando os mistérios do Rosário, o crente é encorajado a seguir a Cristo e a partilhar a sua vida até poder dizer com São Paulo: "*Já não sou eu que vivo, é Cristo que vive em mim*" (Gl 2, 20).

Se todos os mistérios do Rosário constituem uma significativa escola de santidade e de evangelização, os *mistérios da luz* põem em evidência aspectos singulares da nossa "sequela" evangélica. O Baptismo de Jesus no Jordão recorda que todo o baptizado é escolhido para se tornar, em Cristo, "filho no Filho" (Ef 1, 5; cf. *Gaudium et spes*, 22). Nas bodas de Caná, Maria convida à escuta obediente da Palavra do Senhor: "*Fazei o que Ele vos disser*" (Jo 2, 5). O anúncio do Reino e o convite à conversão são uma ordem clara para todos, para empreenderem o caminho da santidade. Na Transfiguração de Jesus, o baptizado experimenta a alegria que o espera. Meditando a instituição da Eucaristia, volta repetidamente ao cenáculo, onde o Mestre divino deixou aos seus discípulos o tesouro mais precioso: ele mesmo no Sacramento do altar.

São as palavras que a Virgem pronuncia em Caná que constituem, de certo modo, o fundo mariano de todos os mistérios da luz. O anúncio do Reino já próximo, a chamada à conversão e à misericórdia, a Transfiguração no Tabor e a instituição da Eucaristia encontram, de facto, no coração de Maria um eco singular. Maria mantém os olhos fixos sobre Cristo, faz um tesouro de cada uma das suas palavras e indica-nos a todos nós o modo de sermos autênticos discípulos do seu Filho.

Igreja mais missionária: o Rosto de Cristo anunciado

5. Em época alguma, a Igreja teve tantas possibilidades de anunciar Jesus como hoje, graças ao desenvolvimento dos meios de comunicação. Precisamente por isto, a Igreja é hoje chamada a fazer transparecer o Rosto do seu Esposo com uma santidade mais refulgente. Neste esforço, não fácil, sabe que é ajudada por Maria. Dela "aprende" a ser "virgem", totalmente dedicada ao seu Esposo, Jesus Cristo, e "mãe" de muitos filhos que gera para a vida imortal.

Sob o olhar vigilante da Mãe, a Comunidade eclesial cresce como uma família reavivada pela efusão poderosa do Espírito e, pronta para acolher o desafio da nova evangelização, contempla o

rosto misericordioso de Jesus nos irmãos, especialmente nos pobres e necessitados, nos que vivem longe da fé e do Evangelho. Em particular, a Igreja não tem medo de gritar ao mundo que Cristo é "o Caminho, a Verdade e a Vida" (Jo 14, 6); não tem medo de anunciar com alegria que "a boa nova tem o seu centro, antes, o seu mesmo conteúdo, na pessoa de Cristo, o Verbo feito carne, único salvador do mundo" (*Rosarium Virginis Mariae*, 20).

É urgente preparar evangelizadores competentes e santos; é necessário que não enfraqueça o fervor nos apóstolos, especialmente para a missão *ad gentes*. O Rosário, quando plenamente descoberto e valorizado, oferece um auxílio espiritual e pedagógico ordinário muito fecundo para formar o Povo de Deus para trabalhar no vasto campo da acção apostólica.

Uma recomendação específica

6. O dever da animação missionária deve continuar a ser um compromisso sério e coerente de todo o baptizado e de cada Comunidade eclesial. Uma função mais específica e peculiar compete, certamente, às Pontifícias Obras Missionárias, a quem já agradeço tudo o que generosamente estão a fazer.

A todos quero sugerir que intensifiquem a recitação do santo Rosário, a nível pessoal e comunitário, para obter do Senhor aquelas graças de que a Igreja e a humanidade têm particular necessidade. Por isso, convido a todos: crianças e adultos, jovens e anciãos, famílias, paróquias e comunidades religiosas.

Entre as muitas intenções, não quero esquecer a da paz. A guerra e a injustiça têm o seu início no coração "dividido". "Quem assimila o mistério de Cristo e o Rosário faz isso mesmo aprende o segredo da paz e dele faz um projecto de vida" (*Rosarium Virginis Mariae*, 40). Se o Rosário marcar o ritmo da nossa existência, poderá tornar-se um instrumento privilegiado para construir a paz nos corações dos homens, nas famílias e entre os povos. Com Maria tudo podemos obter do Filho, Jesus. Ajudados por Maria, não hesitaremos em dedicar-nos com generosidade à difusão do anúncio evangélico até aos extremos confins da terra.

Com estes sentimentos, é de coração que vos abençoo a todos.

Vaticano, 12 de Janeiro de 2003, Festa do Baptismo do Senhor.

MENSAGEM DO PAPA JOÃO PAULO II PARA O DIA MUNDIAL DAS MISSÕES DE 2004

"Eucaristia e Missão"

Caríssimos Irmãos e Irmãs!

1. O compromisso missionário da Igreja constitui, também neste início do terceiro milênio, uma urgência que já em outras ocasiões quis recordar. A missão, como fiz observar na Encíclica *Redemptoris missio*, ainda está muito longe da sua realização e, por isso mesmo, devemos empenhar-nos com todas as forças no seu serviço (cf. n. 1). Todo o povo de Deus, em cada momento da sua peregrinação na história, é chamado a partilhar a "sede" do Redentor (cf. *Jo* 19,28). Os Santos sempre advertiram fortemente sobre esta sede de almas para salvar: Baste pensar, por exemplo, em Santa Teresa de Lisieux, padroeira das missões, e em Mons. Comboni, grande apóstolo da África, o qual tive a alegria de recentemente elevar à glória dos altares.

Os desafios sociais e religiosos que a humanidade enfrenta em nossos tempos estimulam os fiéis a renovarem-se no fervor missionário. Sim! É necessário relançar com coragem a missão "*ad gentes*", partindo do anúncio de Cristo, Redentor de toda criatura humana. O Congresso Eucarístico Internacional, que será celebrado em Guadalajara no México no próximo mês de outubro, mês missionário, será uma ocasião extraordinária para esta tomada conjunta de consciência missionária em torno da Mesa do Corpo e do Sangue de Cristo. Reunida em redor do altar, a Igreja compreende melhor a sua origem e o seu mandado missionário "*Eucaristia e Missão*", como bem realça o tema da Jornada Missionária Mundial deste ano, formam um binômio inseparável. À reflexão sobre a ligação existente entre o mistério eucarístico e mistério da Igreja, une-se este ano uma eloquente referência à Virgem Santa, graças à celebração do 150º aniversário da definição da Imaculada Conceição (1854-2004). Contemplamos a Eucaristia com os olhos de Maria. Contando com a intercessão da Virgem, a Igreja oferece Cristo, pão da salvação, a todos os povos, para que o reconheçam e o aceitam como único Salvador.

2. Retornando idealmente ao Cenáculo, ano passado, exatamente na Quinta-Feira Santa, firmei a Encíclica *Ecclesia de Eucharistia*, da qual gostaria de agora retomar algumas passagens que possam ajudar-nos, caríssimos Irmãos e Irmãs, a viver com espírito eucarístico a próxima Jornada Missionária Mundial.

"A Eucaristia edifica a Igreja e a Igreja faz a Eucaristia" (n. 26): assim escrevo, observando como a missão da Igreja coloca-se em continuidade com a de Cristo (cf. *Jo* 20,21), e da comunhão com o seu Corpo e com o seu Sangue extrai vigor espiritual. A finalidade da Eucaristia é exatamente "a comunhão dos homens com Cristo e Nele com o Pai e com o Espírito Santo" (*Ecclesia de Eucharistia*, 22). Quando participa-se do Sacrifício eucarístico, percebe-se com mais profundidade a universalidade da redenção e, conseqüentemente, a urgência da missão da Igreja, cujo programa "centraliza-se, em última análise, no próprio Cristo, que deve ser conhecido, amado, imitado, para se viver Nele a vida trinitária, e transformar com Ele a história até a sua realização na Jerusalém celeste" (*ibid.*, 60).

Ao redor de Cristo eucarístico, a Igreja cresce como povo, templo e família de Deus: una, santa, católica e apostólica. Ao mesmo tempo, compreende melhor o seu caráter de sacramento universal de salvação e de realidade visível hierarquicamente estruturada. Certamente "não se edifica nenhuma comunidade cristã, se ela não tiver por raiz e centro a celebração da Santíssima

Eucaristia" (*Ibid.*, 33; cf. *Presbyterorum Ordinis*, 6). Ao final de cada santa Missa, quando o celebrante despede a assembleia com as palavras "*Ite, Missa est*", todos devem sentir-se enviados como "missionários da Eucaristia" para difundir em qualquer ambiente o grande dom recebido. Quem, de fato, encontra Cristo na Eucaristia, não pode deixar de proclamar com a vida o amor misericordioso do Redentor.

3. Para viver da Eucaristia é preciso, além disso, consumir tempo em adoração diante do Santíssimo Sacramento, experiência que eu mesmo faço todos os dias tirando daí força, consolação e sustento (cf. *Ecclesia de Eucharistia*, 25). A Eucaristia, ressalta o Concílio Vaticano II, "é fonte e ápice de toda a vida cristã" (*Lumen Gentium*, 11), "fonte e ápice de toda a evangelização" (*Presbyterorum Ordinis*, 5).

O pão e o vinho, fruto do trabalho do homem, transformados pela força do Espírito Santo no corpo e no sangue de Cristo, tornam-se o penhor de "um novo céu e uma nova terra" (*Ap* 21,1), que a Igreja anuncia na sua missão quotidiana. No Cristo, que adoramos presente no mistério eucarístico, o Pai disse a palavra definitiva sobre o homem e sobre a sua história.

Poderia a Igreja realizar a própria vocação sem cultivar uma constante relação com a Eucaristia, sem nutrir-se deste alimento que santifica, sem fundamentar-se sobre este alicerce indispensável a sua ação missionária? Para evangelizar o mundo, necessita-se de apóstolos "peritos" na celebração, adoração e contemplação da Eucaristia.

4. Na Eucaristia, revivemos o mistério da Redenção culminante no sacrifício do Senhor, como é enfatizado pelas palavras da consagração: "o meu corpo que será entregue por vós... [o] meu sangue que será derramado por vós" (*Lc* 22,19-20). Cristo morreu por todos; é para todos o dom da salvação, que a Eucaristia torna presente sacramentalmente no curso da história: "*Fazei isto em memória de mim*" (*Lc* 22,19). Este mandato é confiado aos ministros ordenados mediante o sacramento da Ordem. Para este banquete e sacrifício são convidados todos os homens, para poder assim participar da mesma vida de Cristo: "*Quem come a minha carne e bebe o meu sangue permanece em mim e eu nele. Assim como o Pai, que vive, enviou-me e eu vivo pelo Pai, também aquele que comer de mim viverá por mim*" (*Jo* 6,56-57). Nutridos Dele, os fiéis compreendem que o compromisso missionário consiste no ser uma "*oblação agradável, santificada pelo Espírito Santo*" (*Rm* 15,16), para formarem sempre mais "*um só coração e uma só alma*" (*At* 4,32) e tornarem-se testemunhas do seu amor até os confins da terra.

A Igreja, Povo de Deus a caminho ao longo dos séculos, renovando a cada dia o Sacrifício do altar, espera o retorno glorioso de Cristo. É o que proclama, após a consagração, a assembleia eucarística reunida em torno ao altar. Com fé sempre renovada, ela reafirma o desejo do encontro final com Aquele que virá para realizar o seu plano de salvação universal.

O Espírito Santo, com a sua ação invisível mas eficaz, guia o povo cristão neste seu itinerário espiritual quotidiano que conhece inevitáveis momentos de dificuldade e experimenta o mistério da Cruz. A Eucaristia é o conforto e o penhor da vitória definitiva para quem luta contra o mal e o pecado; é o "pão da vida" que sustenta todos aqueles que, por sua vez, fazem-se "pão partido" para os irmãos, pagando por vezes até mesmo com o martírio a sua fidelidade ao Evangelho.

5. Este ano, como lembrei, ocorre o 150°. aniversário da proclamação do dogma da Imaculada Conceição. Maria foi "redimida de um modo mais sublime em vista dos méritos de seu Filho" (*Lumen gentium*, 53). Fazia notar na Carta encíclica *Ecclesia de Eucharistia*: "Contemplando-a, conhecemos a força transformadora que a Eucaristia possui. Nela vemos o mundo renovado no amor" (n. 62).

Maria, "o primeiro sacrário da história" (*ibid.*, n. 55), indica-nos e oferece-nos Cristo, nosso Caminho Verdade e Vida (cf. *Jo* 14,6). Se "Igreja e Eucaristia são um binómio inseparável, o mesmo diga-se do binómio Maria e Eucaristia" (*Ecclesia de Eucharistia*, 57).

Faço votos que a feliz coincidência do Congresso Eucarístico Internacional, com o 150.º aniversário da definição da Imaculada, ofereça aos fiéis, às paróquias e aos Institutos missionários a oportunidade de refortalecer-se no ardor missionário, para que se mantenha viva em cada comunidade "uma verdadeira fome da Eucaristia" (*ibid.*, n. 33).

A ocasião é ademais propícia para recordar o contributo que as beneméritas Pontifícias Obras Missionárias oferecem à ação apostólica da Igreja. Estas me são muito caras e agradeço-lhes, em nome de todos, pelo precioso serviço que prestam à nova evangelização e à evangelização *ad gentes*. Convido a mantê-las espiritual e materialmente, para que também graças a sua contribuição o anúncio evangélico possa chegar a todos os povos da terra.

Com tais sentimentos, invocando a maternal intercessão de Maria, "Mulher eucarística", de coração abençoo-vos todos.

Da Cidade do Vaticano, 19 de Abril de 2004.

MENSAGEM DO PAPA JOÃO PAULO II PARA O DIA MUNDIAL DAS MISSÕES DE 2005

«Missão: Pão partido para a vida do mundo»

A título de documentação, dá-se a conhecer que a 22 de Fevereiro, festa da Cátedra de São Pedro, o Papa João Paulo II assinou a anual Mensagem para o Dia Missionário Mundial, estabelecendo que fosse publicada em 15 de Abril de 2005 a fim de permitir que os episcopados a difundam em tempo útil para uma adequada preparação da celebração de Outubro.

Caríssimos Irmãos e Irmãs

1. O *Dia Missionário Mundial*, no corrente ano dedicado à Eucaristia, ajuda-nos a compreender melhor o sentido «eucarístico» da nossa existência, revivendo o clima do Cenáculo, quando Jesus, na vigília da sua paixão, se ofereceu a si mesmo ao mundo: «*Na noite em que era entregue, tomou o pão e, tendo dado graças, partiu-o e disse: "Isto é o meu corpo, que é para vós; fazei isto em memória de mim"*» (1 Cor 11, 23-24).

Na recente Carta Apostólica Mane nobiscum Domine, convidei a contemplar Jesus, «pão partido» para a humanidade inteira. Seguindo o seu exemplo, também nós devemos dar a vida pelos irmãos, especialmente pelos mais necessitados. A Eucaristia contém em si «o sinal da universalidade» e, de modo sacramental, prefigura aquilo que há-de acontecer, «quando os que participam da natureza humana, regenerados em Cristo pelo Espírito Santo, contemplando unanimemente a glória de Deus, puderem dizer: "Pai nosso"» (Ad gentes, 7). De tal forma, enquanto faz compreender plenamente o sentido da missão, a Eucaristia impele cada indivíduo crente, e de maneira especial os missionários, a ser «pão partido para a vida do mundo».

A humanidade tem necessidade de Cristo, «pão partido»

2. Na nossa época, a sociedade humana parece envolvida por trevas densas, enquanto é abalada por acontecimentos dramáticos e confundida por calamidades naturais catastróficas. Contudo, assim como fez «*na noite em que era entregue*» (1 Cor 11, 23), também hoje Jesus «*parte o pão*» (cf. Mt 26, 26) por nós e, nas Celebrações eucarísticas, oferece-se a si mesmo sob o sinal sacramental do seu amor por todos. Por isso, desejei recordar que «a Eucaristia não é expressão de comunhão apenas na vida da Igreja; é também *projecto de solidariedade* em prol da humanidade inteira» (Mane nobiscum Domine, 27); é «pão do céu» que, dando a vida eterna (cf. Jo 6, 33), abre o coração dos homens a uma grande esperança.

O próprio Redentor, que à vista da multidão necessitada sentiu compaixão, «*pois ela estava cansada e abatida, como ovelhas sem pastor*» (Mt 9, 36), presente na Eucaristia, continua ao longo dos séculos a manifestar compaixão pela humanidade pobre e sofredora.

E é em seu nome que os agentes no campo da pastoral e os missionários percorrem caminhos inexplorados, para levar o «pão» da salvação a todos. Eles são animados pela consciência de que, unidos a Cristo, «centro não só da história da Igreja, mas também da história da humanidade (cf. Ef 1, 10; Cl 1, 15-20)» (Mane nobiscum Domine, 6), é possível satisfazer as expectativas mais íntimas do coração humano. Somente Jesus pode saciar a fome de amor e a sede de justiça dos homens; somente Ele torna possível a cada pessoa a participação na vida eterna: «*Eu sou o pão vivo, o que desceu do Céu: se alguém comer deste pão, viverá eternamente*» (Jo 6, 51).

Juntamente com Cristo, a Igreja faz-se «pão partido»

3. Quando celebra a Eucaristia, de modo especial no domingo, dia do Senhor, a Comunidade eclesial experimenta à luz da fé o valor do encontro com Cristo crucificado e adquire cada vez mais consciência de que o Sacrifício eucarístico é «por muitos» (*Mt 26, 28*). Se nos alimentamos do Corpo e do Sangue do Senhor crucificado e ressuscitado, não podemos conservar este «dom» somente para nós. Pelo contrário, é necessário difundi-lo. O amor apaixonado por Cristo leva ao anúncio corajoso de Cristo; anúncio que, com o martírio, se torna oferta suprema de amor a Deus e aos irmãos. A Eucaristia leva a uma acção evangelizadora generosa e a um compromisso efectivo na edificação de uma sociedade mais equitativa e fraterna.

Formulo votos cordiais, a fim de que o Ano da Eucaristia estimule todas as comunidades cristãs a ir ao encontro, «com operosidade fraterna [...] das muitas pobreza do nosso mundo» (*Mane nobiscum Domine, 28*). E isto porque «do amor mútuo e, em particular, da solicitude por quem passa necessidade, seremos reconhecidos como verdadeiros discípulos de Cristo (cf. *Jo 13, 35; Mt 25, 31-46*). Com base neste critério, será comprovada a autenticidade das nossas celebrações eucarísticas» (*Mane nobiscum Domine, 28*).

Os missionários, «pão partido» para a vida do mundo

4. Também hoje Cristo ordena aos seus discípulos: «*Dai-lhes vós mesmos de comer*» (*Mt 14, 16*). Em seu nome, os missionários partem rumo a muitas partes do mundo, para anunciar e dar testemunho do Evangelho. Com a sua acção, eles fazem ressoar as palavras do Redentor: «*Eu sou o pão da vida. Quem vem a mim, não mais terá fome, e quem crê em mim jamais terá sede*» (*Jo 6, 35*); eles mesmos tornam-se «pão partido» para os irmãos, chegando por vezes até ao sacrifício da vida.

Quantos mártires missionários, neste nosso tempo! O seu exemplo leve numerosos jovens a percorrer o caminho da fidelidade heroica a Cristo! A Igreja tem necessidade de homens e de mulheres que estejam dispostos a consagrar-se totalmente à grande causa do Evangelho.

O *Dia Mundial das Missões* constitui uma circunstância oportuna para tomar consciência da necessidade urgente de participar na missão evangelizadora, em que se encontram comprometidas as Comunidades locais e os numerosos Organismos eclesiais e, de modo particular, as *Obras Missionárias Pontifícias* e os *Institutos Missionários*. Trata-se de uma missão que, além da oração e do sacrifício, espera também um apoio material concreto. Uma vez mais, aproveito o ensejo para frisar o serviço prestado pelas *Obras Missionárias Pontifícias* e convido todos a assisti-las com uma cooperação espiritual e material generosa.

A Virgem, Mãe de Deus, nos ajude a reviver a experiência do Cenáculo, para que as nossas Comunidades eclesiais se tornem autenticamente «católicas»; ou seja, Comunidades em que a «espiritualidade missionária», que é «comunhão íntima com Cristo» (*Redemptoris missio, 88*), se põe em íntima relação com a «espiritualidade eucarística», que tem como modelo Maria, «mulher "eucarística"» (*Ecclesia de Eucharistia, 53*); Comunidades que permanecem abertas à voz do Espírito e às necessidades da humanidade; e Comunidades onde os fiéis, e especialmente os missionários, não hesitam em fazer-se «pão partido para a vida do mundo».

Concedo-vos a todos a minha Bênção!

Vaticano, 22 de Fevereiro de 2005, Festa da Cátedra de São Pedro.

BENTO XVI (2005-2012)

MENSAGEM DO PAPA BENTO XVI PARA O DIA MUNDIAL DAS MISSÕES DE 2006

(22 de Outubro de 2006)

"A caridade, alma da missão"

Amados irmãos e irmãs,

1. O Dia Mundial das Missões, que celebraremos no Domingo, dia 22 do próximo mês de Outubro, oferece a oportunidade para reflectir este ano sobre o tema: "A caridade, alma da missão". Se não for orientada pela caridade, isto é, se não brotar de um profundo acto de amor divino, a missão corre o risco de se reduzir a uma mera actividade filantrópica e social. Com efeito, o amor que Deus nutre por cada pessoa constitui o coração da experiência e do anúncio do Evangelho e, por sua vez, quantos o acolhem tornam-se suas testemunhas. O amor de Deus, que dá vida ao mundo, é o amor que nos foi concedido em Jesus, Palavra de salvação, ícone perfeito da misericórdia do Pai celeste. Então, a mensagem salvífica poderia ser oportunamente resumida com as palavras do Evangelista João: "E o amor de Deus manifestou-se desta forma no meio de nós: Deus enviou ao mundo o seu Filho unigénito para que, por Ele, tivéssemos a vida" (1 Jo 4, 9). O mandamento de difundir o anúncio deste amor foi confiado por Jesus aos Apóstolos depois da sua ressurreição, e os Apóstolos, interiormente transformados no dia do Pentecostes pelo poder do Espírito Santo, começaram a dar testemunho do Senhor morto e ressuscitado. A partir de então, a Igreja continua esta mesma missão, que constitui para todos os fiéis um compromisso irrenunciável e permanente.

2. Por conseguinte, cada comunidade cristã é chamada a fazer conhecer Deus, que é Amor. Foi sobre este mistério da nossa fé que desejei deter-me para reflectir na Encíclica "[Deus caritas est](#)". Com o seu amor, Deus permeia toda a criação e a história humana. Nas origens, o homem saiu das mãos do Criador como fruto de uma iniciativa de amor. Depois, o pecado ofuscou nele a marca divina. Enganados pelo maligno, os progenitores Adão e Eva faltaram ao relacionamento de confiança com o seu Senhor, cedendo à tentação do maligno, que neles infundiu a suspeita de que Ele era um rival e queria limitar a sua liberdade. Assim, ao amor divino gratuito eles preferiram-se a si mesmos, persuadidos de que desde modo confirmavam o seu livre arbítrio. Consequentemente, terminaram por perder a felicidade original e experimentaram a amargura da tristeza do pecado e da morte. Mas Deus não os abandonou e prometeu-lhes, bem como aos seus descendentes, a salvação, pre-anunciando o envio do seu Filho unigénito, Jesus, que teria revelado na plenitude dos tempos o seu amor de Pai, um amor capaz de resgatar toda a criatura humana da escravidão do mal e da morte. Por conseguinte, em Cristo foi-nos comunicada a vida imortal, a própria vida da Trindade. Graças a Cristo, Bom Pastor que não abandona a ovelha perdida, aos homens de todos os tempos é conferida a possibilidade de entrar em comunhão com Deus, Pai misericordioso, pronto a acolher novamente em casa o filho pródigo. Um sinal surpreendente deste amor é a Cruz. Na morte de Cristo na cruz escrevi na Encíclica "[Deus caritas est](#)" cumpre-se aquele virar-se de Deus contra si próprio, com o qual Ele se entrega para levantar o homem e para o salvar o amor na sua forma mais radical [...] É lá que esta verdade pode ser

contemplada. E começando de lá, pretende-se agora definir em que consiste o amor. A partir daquele olhar, o cristão encontra o caminho do seu viver e do seu amar" (n. 12).

3. Na vigília da sua Paixão, Jesus deixou como testamento aos discípulos, reunidos no Cenáculo para celebrar a Páscoa, o "novo mandamento do amor *mandatum novum*": "É isto que vos mando: que vos ameis uns aos outros" (*Jo* 15, 17). O amor fraterno que o Senhor pede aos seus "amigos" tem a sua fonte no amor paterno de Deus. O Apóstolo João observa: "Quem ama nasceu de Deus e chega ao conhecimento de Deus" (*1 Jo* 4, 7). Portanto, para amar segundo Deus é necessário viver nele e dele: Deus é a primeira "casa" do homem, e somente quem nele habita arde com o fogo da caridade divina, capaz de "incendiar" o mundo. Não é talvez esta a missão da Igreja de todos os tempos? Então, não é difícil compreender que a autêntica solicitude missionária, compromisso primordial da Comunidade eclesial, está vinculada à fidelidade ao amor divino, e isto vale para cada um dos cristãos, para cada comunidade local, para as Igrejas particulares e para todo o Povo de Deus. Precisamente da consciência desta missão conjunta nasce a generosa disponibilidade dos discípulos de Cristo, para realizar obras de promoção humana e espiritual que dão testemunho, como escrevia o amado João Paulo II na Encíclica *Redemptoris missio*, "da alma de toda a actividade missionária: o amor, que é e permanece o verdadeiro motor da missão, constituindo também "o único critério pelo qual tudo deve ser feito ou deixado de fazer, mudado ou mantido. É o princípio que deve dirigir cada acção, e o fim para o qual deve tender. Agindo na perspectiva da caridade ou inspirado pela caridade, nada é impróprio e tudo é bom"" (n. 60). Deste modo, ser missionário quer dizer amar a Deus com todo o próprio ser a ponto de entregar, se for necessário, a vida por Ele. Quantos sacerdotes, religiosos, religiosas e leigos, também nesta nossa época, deram o supremo testemunho do seu amor com o martírio! Ser missionário significa debruçar-se, como o bom Samaritano, sobre as adversidades de todos, de forma especial dos mais pobres e necessitados, porque quem ama com o Coração de Cristo não busca o seu próprio interesse, mas unicamente a glória do Pai e o bem do próximo. Aqui está o segredo da fecundidade apostólica da acção missionária, que ultrapassa as fronteiras e as culturas, alcança os povos e se espalha até aos extremos confins do mundo.

4. Estimados irmãos e irmãs, que o Dia Mundial das Missões constitua uma ocasião útil para compreender cada vez melhor que o testemunho do amor, alma da missão, diz respeito a todos. Com efeito, servir o Evangelho não deve considerar-se uma aventura solitária, mas um compromisso compartilhado por todas as comunidades. Ao lado daqueles que se encontram na linha de vanguarda nas fronteiras da evangelização e aqui penso com reconhecimento nos missionários e nas missionárias muitos outros, crianças, jovens e adultos, com a sua oração e a sua cooperação, contribuem de várias maneiras para a propagação do Reino de Deus na terra. Formulo bons votos a fim de que esta partilha aumente cada vez mais, graças à contribuição de todos. Aproveito de bom grado esta circunstância para manifestar o meu agradecimento à Congregação para a Evangelização dos Povos e às Obras Missionárias Pontifícias(O.M.P.) que, com dedicação, coordenam os esforços envidados em todas as regiões do mundo, em favor da acção de quantos se encontram na primeira linha nas fronteiras missionárias. A Virgem Maria, que com a sua presença aos pés da Cruz e a sua oração no Cenáculo, colaborou activamente nos primórdios da missão eclesial, sustente a sua acção e ajude os crentes em Cristo a serem cada vez mais capazes do amor verdadeiro, para que num mundo espiritualmente sequioso se tornem nascente de água viva. Formulo de coração estes votos, enquanto concedo a todos a minha Bênção.

Vaticano, 29 de Abril de 2006.

MENSAGEM DO PAPA BENTO XVI PARA O DIA MUNDIAL DAS MISSÕES DE 2007

"Todas as Igrejas para o mundo inteiro"

Queridos irmãos e irmãs!

Por ocasião do próximo Dia Missionário Mundial gostaria de convidar todo o povo de Deus Pastores, sacerdotes, religiosos, religiosas e leigos para uma reflexão comum sobre a urgência e a importância que reveste, também neste nosso tempo, a acção missionária da Igreja. De facto, não cessam de ecoar, como chamada universal e apelo urgente, as palavras com as quais Jesus Cristo, crucificado e ressuscitado antes de subir ao Céu, confiou aos Apóstolos o mandamento missionário: "Ide, pois, ensinai todas as nações, baptizando-as em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo ensinando-as a cumprir tudo quanto vos tenho mandado". E acrescentou: "Eu estarei sempre convosco, até ao fim do mundo" (Mt 28, 19-20). Na empenhativa obra de evangelização ampara-nos e acompanha-nos a certeza de que Ele, o dono da messe, está connosco e guia incessantemente o seu povo. É Cristo a fonte inexaurível da missão da Igreja. Este ano, além disso, um ulterior motivo nos estimula a um renovado compromisso missionário: de facto celebra-se o 50º aniversário da Encíclica do Servo de Deus Pio XII *Fidei donum*, com a qual foi promovida e encorajada a cooperação entre as Igrejas para a missão *ad gentes*.

"Todas as Igrejas para o mundo inteiro": é este o tema escolhido para o próximo Dia Missionário Mundial. Ele convida as Igrejas locais de cada Continente a uma partilhada consciência sobre a urgente necessidade de relançar a acção missionária perante os numerosos e graves desafios do nosso tempo. Certamente são diferentes as condições em que vive a humanidade, e nestes decénios foi realizado um grande esforço para a difusão do Evangelho, especialmente a partir do Concílio Vaticano II. Contudo, permanece ainda muito a fazer para responder ao apelo missionário que o Senhor nunca se cansa de fazer a cada baptizado. Ele continua a convidar, em primeiro lugar, as Igrejas chamadas de antiga tradição, que no passado forneceram às missões, além dos meios materiais, também um número consistente de sacerdotes, religiosos, religiosas e leigos, dando vida a uma eficaz cooperação entre comunidades cristãs. Desta cooperação surgiram abundantes frutos apostólicos quer para as jovens Igrejas em terras de missão, quer para as realidades eclesiais de onde provinham os missionários. Perante o progredir da cultura secularizada, que por vezes parece invadir cada vez mais as sociedades ocidentais, considerando além disso a crise da família, a diminuição das vocações e o progressivo envelhecimento do clero, estas Igrejas correm o risco de se fecharem em si mesmas, de olhar com pouca esperança para o futuro e de diminuir o seu esforço missionário. Mas é precisamente este o momento de se abrir com confiança à Providência de Deus, que jamais abandona o seu povo e que, com o poder do Espírito Santo, o guia para o cumprimento do seu desígnio eterno de salvação.

O Bom Pastor convida a dedicar-se generosamente à *missio ad gentes* também as Igrejas de recente evangelização. Mesmo encontrando não poucas dificuldades e obstáculos no seu desenvolvimento, estas comunidades estão em crescimento constante. Algumas felizmente abundam de sacerdotes e de pessoas consagradas, não poucos dos quais, mesmo sendo tantas as necessidades *in loco*, são contudo enviados para desempenhar o seu ministério pastoral e o seu serviço apostólico noutras partes, também nas terras de antiga evangelização. Assiste-se desta forma a um providencial "intercâmbio de dons", que redundará em benefício para todo o corpo

místico de Cristo. Desejo fervorosamente que a cooperação missionária se intensifique, valorizando as potencialidades e os carismas de cada um. Além disso, espero que o Dia Missionário Mundial contribua para tornar cada vez mais conscientes todas as comunidades cristãs e cada baptizado que a chamada de Cristo é universal para propagar o seu Reino até aos extremos confins do planeta. "A Igreja é por sua natureza missionária escreve João Paulo II na Encíclica *Redemptoris missio* porque o mandato de Cristo não é algo contingente e exterior, mas atinge o próprio coração da Igreja. Segue-se daí que a Igreja toda e cada uma das Igrejas são enviadas aos não-cristãos. Mesmo as Igrejas jovens... devem participar quanto antes e de facto na missão universal da Igreja, enviando também elas, por todo o mundo, missionários a pregar o Evangelho, mesmo se sofrem escassez de clero" (*Redemptoris missio*, 61).

Cinquenta anos do histórico apelo do meu predecessor Pio XII com a Encíclica *Fidei donum* para uma cooperação entre as Igrejas ao serviço da missão, gostaria de recordar que o anúncio do Evangelho continua a revestir as características da actualidade e da urgência. Na mencionada Encíclica *Redemptoris missio*, o Papa João Paulo II, por seu lado, reconhecia que "a missão da Igreja é mais vasta que a "comunhão entre as Igrejas"; ela deve estar orientada também e sobretudo no sentido da missionariedade específica" (*Redemptoris missio*, 65). O compromisso missionário permanece portanto, como foi várias vezes recordado, o primeiro serviço que a Igreja deve à humanidade de hoje, para orientar e evangelizar as transformações culturais, sociais e éticas; para oferecer a salvação de Cristo ao homem do nosso tempo, em tantas partes do mundo humilhado e oprimido por causa de pobreza endémicas, de violência e de negação sistemática dos direitos humanos.

A esta missão universal a Igreja não se pode subtrair; ela constitui para a Igreja uma força constrangedora. Tendo Cristo confiado em primeiro lugar a Pedro e aos Apóstolos o mandato missionário, ela compete hoje antes de tudo ao Sucessor de Pedro, que a Providência divina escolheu como fundamento visível da unidade da Igreja, e aos Bispos directamente responsáveis da evangelização quer como membros do Colégio episcopal, quer como Pastores das Igrejas particulares (cf. *Redemptoris missio*, 63). Portanto, dirijo-me aos Pastores de todas as Igrejas colocados pelo Senhor como guias do seu único rebanho, para que partilhem a preocupação do anúncio e da difusão do Evangelho. Foi precisamente esta preocupação que estimulou, há cinquenta anos, o Servo de Deus Pio XII a tornar a cooperação missionária mais correspondente às exigências dos tempos. Especialmente perante as perspectivas da evangelização ele pediu às comunidades de antiga evangelização que enviassem sacerdotes em apoio das Igrejas de recente formação. Deu assim vida a um novo "sujeito missionário" que, desde as primeiras palavras da Encíclica, tirou precisamente o nome de "*Fidei donum*". Em relação a isto escreveu: "Considerando por um lado as multidões sem conta de filhos nossos que, sobretudo nos Países de antiga tradição cristã, participam do bem da fé, e por outro a multidão ainda mais numerosa dos que ainda aguardam a mensagem da salvação, sentimos o ardente desejo de vos exortar, Veneráveis Irmãos, a amparar com o vosso zelo a causa santa da expansão da Igreja no mundo". E acrescentou: "Queira Deus que após o nosso apelo o espírito missionário penetre mais profundamente no coração de todos os sacerdotes e, através do seu ministério, inflame todos os fiéis" (AAS XLIX 1957, 226).

Demos graças ao Senhor pelos frutos abundantes obtidos por esta cooperação missionária em África e noutras regiões da terra. Multidões de sacerdotes, depois de terem deixado as comunidades de origem, dedicaram as suas energias apostólicas ao serviço de comunidades acabadas de surgir, em zonas de pobreza e em vias de desenvolvimento. Entre eles encontram-se não poucos mártires que, ao testemunho da palavra e à dedicação apostólica, uniram o sacrifício da vida. Também não podemos esquecer os numerosos religiosos, religiosas e leigos voluntários que, juntamente com os presbíteros, se prodigalizaram para difundir o Evangelho até aos

extremos confins do mundo. O Dia Missionário Mundial seja ocasião para recordar na oração estes nossos irmãos e irmãs na fé e quantos continuam a prodigalizar-se no vasto campo missionário. Peçamos a Deus que o seu exemplo suscite em toda a parte novas vocações e uma renovada consciência missionária no povo cristão. De facto, cada comunidade cristã nasce missionária, e é precisamente com base na coragem de evangelizar que se mede o amor dos crentes para com o Senhor. Poderíamos dizer que, para cada um dos fiéis, não se trata simplesmente de colaborar na actividade de evangelização, mas de se sentir eles mesmos protagonistas e co-responsáveis da missão da Igreja. Esta co-responsabilidade exige que cresça a comunhão entre as comunidades e se incremente a ajuda recíproca no que diz respeito quer ao pessoal (sacerdotes, religiosos, religiosas e leigos voluntários) quer ao uso dos meios hoje necessários para evangelizar.

Queridos irmãos e irmãs, o mandato missionário confiado por Cristo aos Apóstolos diz respeito verdadeiramente a todos nós. O Dia Missionário Mundial seja portanto ocasião propícia para tomar mais profunda consciência e para elaborar juntos itinerários espirituais e formativos apropriados que favoreçam a cooperação entre as Igrejas e a preparação de novos missionários para a difusão do Evangelho neste nosso tempo. Contudo não esqueçamos que o primeiro e prioritário contributo, que somos chamados a oferecer à acção missionária da Igreja, é a oração.

"A messe é grande, mas os trabalhadores são poucos diz o Senhor. Pedi, portanto, ao dono da messe para que mande trabalhadores para a sua messe" (Lc 10, 2). "Em primeiro lugar escrevia há cinquenta anos o Papa Pio XII de veneranda memória rezai pois, Veneráveis Irmãos, rezai mais. Recordai-vos das imensas necessidades espirituais de tantos povos ainda tão distantes da verdadeira fé ou privados de socorros para perseverar nela" (AAS, cit. p. 240). E exortava a multiplicar as Missas celebradas pelas Missões, observando que "isso responde ao desejo do Senhor, que ama a sua Igreja e a quer extensa e florescente em todos os ângulos da terra" (*Ibid.*, p. 239).

Queridos irmãos e irmãs, renovo também eu este convite sempre muito actual. Propague-se em todas as comunidades a coral invocação ao "Pai nosso que está no céu", para que venha o seu reino à terra. Faço apelo sobretudo às crianças e aos jovens, sempre prontos para generosos impulsos missionários. Dirijo-me aos doentes e aos sofredores, recordando o valor da sua misteriosa e indispensável colaboração na obra da salvação. Peço às pessoas consagradas e especialmente aos mosteiros de clausura que intensifiquem a sua oração pelas missões. Graças ao compromisso de cada crente, alargue-se em toda a Igreja a rede espiritual da oração em favor da evangelização. A Virgem Maria, que acompanhou com solicitude materna o caminho da Igreja nascente, guie os nossos passos também nesta nossa época e nos obtenha um novo Pentecostes de amor. Em particular, torne-nos conscientes de que todos somos missionários, isto é, enviados pelo Senhor a ser suas testemunhas em todos os momentos da nossa existência. Aos sacerdotes "*Fidei donum*", aos religiosos, às religiosas, aos leigos voluntários comprometidos nas fronteiras da evangelização, assim como a quantos de vários modos se dedicam ao anúncio do Evangelho garanto uma recordação na minha oração, e concedo com afecto a todos a Bênção Apostólica.

Vaticano, 27 de Maio de 2007, Solenidade de Pentecostes.

MENSAGEM DO PAPA BENTO XVI PARA O DIA MUNDIAL DAS MISSÕES DE 2008

"Servos e apóstolos de Jesus Cristo"

Queridos irmãos e irmãs

Por ocasião do Dia Missionário Mundial, gostaria de vos convidar a reflectir acerca da urgência que subsiste em anunciar o Evangelho inclusivamente nesta nossa época. O mandato missionário continua a constituir uma prioridade absoluta para todos os baptizados, chamados a ser "*servos e apóstolos de Jesus Cristo*" neste início de milénio. O meu venerado Predecessor, o Servo de Deus Paulo VI, já afirmava na Exortação Apostólica *Evangelii nuntiandi*, que "evangelizar constitui, de facto, a graça e a vocação própria da Igreja, a sua mais profunda identidade" (*Evangelii nuntiandi*, 14). Como modelo deste compromisso apostólico, apraz-me indicar particularmente São Paulo, o Apóstolo das nações, uma vez que no corrente ano celebramos um Jubileu especial a ele dedicado. Trata-se do Ano Paulino, que nos oferece a oportunidade de familiarizar com este insigne Apóstolo, que recebeu a vocação de proclamar o Evangelho aos gentios, em conformidade com quanto o Senhor lhe tinha prenunciado: "Vai! É para longe, é para junto dos pagãos que Eu te hei-de enviar" (*Act* 22, 21). Como deixar de aproveitar a oportunidade oferecida por este Jubileu especial às Igrejas locais, às comunidades cristãs e a cada um dos fiéis separadamente, para propagar até aos extremos confins do mundo "o anúncio do Evangelho, força de Deus para a salvação de todo aquele que acredita" (cf. *Rm* 1, 16)?

1. A humanidade tem necessidade de libertação

A humanidade tem necessidade de ser libertada e redimida. A própria criação afirma São Paulo sofre e nutre a esperança de entrar na liberdade dos filhos de Deus (cf. *Rm* 8, 19-22). Estas palavras são verdadeiras também no mundo de hoje. A criação sofre. A humanidade sofre e espera a verdadeira liberdade, aguarda um mundo diferente, melhor; espera a "redenção". E, em última análise, sabe que este novo mundo esperado supõe um homem novo, supõe "filhos de Deus". Vejamos mais de perto a situação do mundo de hoje. Se, por um lado, o panorama internacional apresenta perspectivas de um desenvolvimento económico e social promissor, por outro, chama a nossa atenção para algumas graves preocupações no que diz respeito ao próprio porvir do homem. Em não poucos casos, a violência caracteriza os relacionamentos entre os indivíduos e os povos; a pobreza oprime milhões de habitantes; as discriminações e às vezes até as perseguições por motivos raciais, culturais e religiosos impelem numerosas pessoas a escapar dos seus países para procurar refúgio e salvaguarda alhures; quando não tem como finalidade a dignidade e o bem do homem, quando não tem em vista um desenvolvimento solidário, o progresso tecnológico perde a sua potencialidade de factor de esperança e, ao contrário, corre o risco de agravar os desequilíbrios e as injustiças já existentes. Além disso, há uma ameaça constante no que se refere à relação homem-meio ambiente, devido ao uso indiscriminado dos recursos, com repercussões sobre a própria saúde física e mental do ser humano. Depois, o futuro do homem é posto em risco pelos atentados contra a sua vida, atentados estes que adquirem várias formas e modalidades.

Diante deste cenário, "sentimos o peso da inquietação, agitados entre a esperança e a angústia" (Constituição *Gaudium et spes*, 4) e, preocupados, interrogamo-nos: o que será da humanidade e da criação? Existe esperança para o futuro, ou melhor, há um futuro para a humanidade? E como será este futuro? A resposta a estas interrogações provém-nos do Evangelho. Cristo é o nosso futuro e, como escrevi na Carta Encíclica *Spe salvi*, o seu Evangelho é a comunicação que

"transforma a vida", incute a esperança, abre de par em par as portas obscuras do tempo e ilumina o porvir da humanidade e do universo (cf. n. 2). São Paulo compreendeu bem que somente em Cristo a humanidade pode encontrar a redenção e a esperança. Por isso, sentia impelente e urgente a missão de "anunciar a promessa da vida em Jesus Cristo" (2 *Tm* 1, 1), "nossa esperança" (1 *Tm* 1, 1), a fim de que todos os povos possam participar na mesma herança e tornar-se partícipes da promessa por meio do Evangelho (cf. *Ef* 3, 6). Ele estava consciente de que, desprovida de Cristo, a humanidade permanece "sem esperança e sem Deus no mundo (*Ef* 2, 12) sem esperança porque sem Deus" (*Spe salvi*, 3). Com efeito, "quem não conhece Deus, mesmo podendo ter muitas esperanças, no fundo está sem esperança, sem a grande esperança que sustenta toda a vida (cf. *Ef* 2, 12)" (*Ibid.*, n. 27).

2. A Missão é uma questão de amor

Por conseguinte, anunciar Cristo e a sua mensagem salvífica constitui um dever premente para todos. "Ai de mim afirmava São Paulo se eu não anunciar o Evangelho!" (1 *Cor* 9, 16). No caminho de Damasco, ele tinha experimentado e compreendido que a redenção e a missão são obra de Deus e do seu amor. O amor de Cristo levou-o a percorrer os caminhos do Império Romano como arauto, apóstolo, anunciador e mestre do Evangelho, do qual se proclamava "embaixador aprisionado" (*Ef* 6, 20). A caridade divina tornou-o "tudo para todos, a fim de salvar alguns a qualquer custo" (1 *Cor* 9, 22). Considerando a experiência de São Paulo, compreendemos que a actividade missionária é a resposta ao amor com que Deus nos ama. O seu amor redime-nos e impele-nos rumo à *missio ad gentes*; é a energia espiritual capaz de fazer crescer na família humana a harmonia, a justiça, a comunhão entre as pessoas, as raças e os povos, à qual todos aspiram (cf. Carta Encíclica *Deus caritas est*, 12). Portanto é Deus, que é amor, quem conduz a Igreja rumo às fronteiras da humanidade e quem chama os evangelizadores a beberem "da fonte primeira e originária que é Jesus Cristo, de cujo Coração trespassado brota o amor de Deus" (*Deus caritas est*, 7). Somente deste manancial se podem haurir a atenção, a ternura, a compaixão, o acolhimento, a disponibilidade e o interesse pelos problemas das pessoas, assim como aquelas outras virtudes necessárias para que os mensageiros do Evangelho deixem tudo e se dediquem completa e incondicionalmente a difundir no mundo o perfume da caridade de Cristo.

3. Evangelizar sempre

Enquanto a primeira evangelização em não poucas regiões do mundo permanece necessária e urgente, a escassez de clero e a falta de vocações afligem hoje várias Dioceses e Institutos de vida consagrada. É importante reiterar que, mesmo na presença de dificuldades crescentes, o mandato de Cristo de evangelizar todos os povos permanece uma prioridade. Nenhuma razão pode justificar uma sua diminuição ou uma sua interrupção, dado que "a tarefa de evangelizar todos os homens constitui a missão essencial da Igreja" (Paulo VI, Exortação Apostólica *Evangelii nuntiandi*, 14). Esta missão "ainda está no começo e devemos empenhar-nos com todas as forças no seu serviço" (João Paulo II, Carta Encíclica *Redemptoris missio*, 1). Como deixar de pensar aqui no Macedónio que, tendo aparecido em sonho a Paulo, clamava: "Vem à Macedónia e ajuda-nos"? Hoje são inúmeros aqueles que esperam o anúncio do Evangelho, aqueles que se sentem sequiosos de esperança e de amor. Quantos se deixam interpelar profundamente por este pedido de ajuda que se eleva da humanidade, abandonam tudo por Cristo e transmitem aos homens a fé e o amor por Ele! (cf. *Spe salvi*, 8).

4. "Ai de mim se eu não anunciar o Evangelho!" (1 *Cor* 9, 16)

Caros irmãos e irmãs, "*duc in altum*"! Façamo-nos ao largo no vasto mar do mundo e, aceitando o convite de Jesus, lancemos as redes sem temor, confiantes na sua ajuda constante. São Paulo recorda-nos que anunciar o Evangelho não é um título de glória (cf. 1 *Cor* 9, 16), mas uma tarefa e

uma alegria. Estimados irmãos Bispos, seguindo o exemplo de Paulo, cada um se sinta "prisioneiro de Cristo em favor dos pagãos" (*Ef* 3, 1), consciente de que nas dificuldades e nas provações pode contar com a força que dele nos provém. O Bispo é consagrado não apenas para a sua diocese, mas para a salvação do mundo inteiro (cf. Carta Encíclica *Redemptoris missio*, 63). Como o Apóstolo Paulo, ele é chamado a ir ao encontro daqueles que estão distantes, dos que ainda não conhecem Cristo, ou que ainda não experimentaram o seu amor libertador; o seu compromisso consiste em tornar missionária toda a comunidade diocesana, contribuindo de bom grado, em conformidade com as possibilidades, para destinar presbíteros e leigos a outras Igrejas, para o serviço da evangelização. Assim, a *missio ad gentes* torna-se o princípio unificador e convergente de toda a sua actividade pastoral e caritativa.

Vós, queridos presbíteros, primeiros colaboradores dos Bispos, sede pastores generosos e evangelizadores entusiastas! Não poucos de vós, ao longo destas décadas, partiram para os territórios de missão, a seguir à Carta Encíclica *Fidei donum*, cujo 50º aniversário há pouco comemorámos, e com a qual o meu venerado Predecessor o Servo de Deus Pio XII deu impulso à cooperação entre as Igrejas. Formulo votos a fim de que não defina esta tensão missionária nas Igrejas locais, apesar da escassez de clero que aflige não poucas delas.

E vós, amados religiosos e religiosas, caracterizados por vocação por uma forte conotação missionária, levai o anúncio do Evangelho a todos, especialmente aos que estão distantes, mediante um testemunho coerente de Cristo e um seguimento radical do seu Evangelho.

Todos vós, prezados fiéis leigos que trabalhais nos diversos âmbitos da sociedade, sois chamados a participar na difusão do Evangelho de maneira cada vez mais relevante. Assim, abre-se diante de vós um areópago complexo e multifacetado a ser evangelizado: o mundo. Dai testemunho com a vossa própria vida, do facto de que os cristãos "pertencem a uma sociedade nova, rumo à qual caminham e que, na sua peregrinação, é antecipada" (*Spe salvi*, 4).

5. Conclusão

Caros irmãos e irmãs, a celebração do *Dia Missionário Mundial* encoraje todos vós a tomar uma renovada consciência da urgente necessidade de anunciar o Evangelho. Não posso deixar de relevar com profundo apreço a contribuição das Pontifícias Obras Missionárias para a acção evangelizadora da Igreja. Agradeço-lhes o apoio que oferecem a todas as Comunidades, de maneira especial às mais jovens. Elas constituem um válido instrumento para animar e formar missionariamente o Povo de Deus e alimentam a comunhão de pessoas e de bens entre os vários membros do Corpo místico de Cristo. A colecta, que no Dia Missionário Mundial se realiza em todas as paróquias, seja um sinal de comunhão e de solicitude recíproca entre as Igrejas. Enfim, que no povo cristão se intensifique cada vez mais a oração, meio espiritual indispensável para difundir no meio de todos os povos a luz de Cristo, "a luz por antonomásia" que resplandece sobre "as trevas da história" (*Spe salvi*, 49). Enquanto confio ao Senhor a obra apostólica dos missionários, das Igrejas espalhadas pelo mundo e dos fiéis comprometidos em várias actividades missionárias, invocando a intercessão do Apóstolo Paulo e de Maria Santíssima, "Arca da Aliança viva", Estrela da evangelização e da esperança, concedo a todos a Bênção apostólica.

Vaticano, 11 de Maio de 2008.

MENSAGEM DO PAPA BENTO XVI PARA O DIA MUNDIAL DAS MISSÕES DE 2009

"As nações caminharão à sua luz" (Ap 21, 24)

Neste domingo dedicado às missões, me dirijo sobretudo a vós, Irmãos no ministério episcopal e sacerdotal, e também aos irmãos e irmãs do Povo de Deus, a fim de vos exortar a reavivar em si a consciência do mandato missionário de Cristo para que "todos os povos se tornem seus discípulos" (Mt 28,19), seguindo as pegadas de São Paulo, o Apóstolo dos Gentios.

"As nações caminharão à sua luz" (Ap 21, 24). O objetivo da missão da Igreja é iluminar com a luz do Evangelho todos os povos em seu caminhar na história rumo a Deus, pois Nele encontramos a sua plena realização. Devemos sentir o anseio e a paixão de iluminar todos os povos, com a luz de Cristo, que resplandece no rosto da Igreja, para que todos se reúnam na única família humana, sob a amável paternidade de Deus.

É nesta perspectiva que os discípulos de Cristo espalhados pelo mundo trabalham, se dedicam, gemem sob o peso dos sofrimentos e doam a vida. Reitero com veemência o que muitas vezes foi dito pelos meus Predecessores: a Igreja não age para ampliar o seu poder ou reforçar o seu domínio, mas para levar a todos Cristo, salvação do mundo. Pedimos somente de nos colocar a serviço da humanidade, sobretudo da daquela sofredora e marginalizada, porque acreditamos que "o compromisso de anunciar o Evangelho aos homens de nosso tempo... é sem dúvida alguma um serviço prestado à comunidade cristã, mas também a toda a humanidade" (*Evangelii nuntiandi*, 1), que "apesar de conhecer realizações maravilhosas, parece ter perdido o sentido último das coisas e de sua própria existência" (*Redemptoris missio*, 2).

1. Todos os Povos são chamados à salvação

Na verdade, a humanidade inteira tem a vocação radical de voltar à sua origem, que é Deus, somente no Qual ela encontrará a sua plenitude por meio da restauração de todas as coisas em Cristo. A dispersão, a multiplicidade, o conflito, a inimizade serão pacificadas e reconciliadas através do sangue da Cruz e reconduzidas à unidade.

O novo início já começou com a ressurreição e a exaltação de Cristo, que atrai a si todas as coisas, as renova, as tornam participantes da eterna glória de Deus. O futuro da nova criação brilha já em nosso mundo e acende, mesmo se em meio a contradições e sofrimentos, a nossa esperança por uma vida nova. A missão da Igreja é "contagiar" de esperança todos os povos. Por isto, Cristo chama, justifica, santifica e envia os seus discípulos para anunciar o Reino de Deus, a fim de que todas as nações se tornem Povo de Deus. É somente nesta missão que se compreende e se confirma o verdadeiro caminho histórico da humanidade. A missão universal deve se tornar uma constante fundamental na vida da Igreja. Anunciar o Evangelho deve ser para nós, como já dizia o apóstolo Paulo, um compromisso impreterível e primário.

2. Igreja peregrina

A Igreja Universal, sem confin e sem fronteiras, se sente responsável por anunciar o Evangelho a todos os povos (cfr. *Evangelii nuntiandi*, 53). Ela, germe de esperança por vocação, deve continuar o serviço de Cristo no mundo. A sua missão e o seu serviço não se limitam às necessidades materiais ou mesmo espirituais que se exaurem no âmbito da existência temporal, mas na salvação transcendente que se realiza no Reino de Deus. (cfr. *Evangelii nuntiandi*, 27). Este Reino, mesmo sendo em sua essência escatológico e não deste mundo (cfr. Jo 18,36), está

também *neste* mundo e em sua história é força de justiça, paz, verdadeira liberdade e respeito pela dignidade de todo ser humano. A Igreja mira em transformar o mundo com a proclamação do Evangelho do amor, "que ilumina incessantemente um mundo às escuras e nos dá a coragem de viver e agir e... deste modo, fazer entrar a luz de Deus no mundo" (*Deus caritas est*, 39). Esta é a missão e o serviço que, também com esta Mensagem, chamo a participar todos os membros e instituições da Igreja.

3. *Missio ad gentes*

A missão da Igreja é chamar todos os povos à salvação realizada por Deus em seu Filho encarnado. É necessário, portanto, renovar o compromisso de anunciar o Evangelho, fermento de liberdade e progresso, fraternidade, união e paz (cfr. *Ad gentes*, 8). Desejo "novamente confirmar que a tarefa de evangelizar todos os homens constitui a missão essencial da Igreja" (*Evangelii nuntiandi*, 14), tarefa e missão que as vastas e profundas mudanças da sociedade atual tornam ainda mais urgentes. Está em questão a salvação eterna das pessoas, o fim e a plenitude da história humana e do universo. Animados e inspirados pelo Apóstolo dos Gentios, devemos estar conscientes de que Deus tem um povo numeroso em todas as cidades percorridas também pelos apóstolos de hoje (cfr. *At* 18, 10). De fato, "a promessa é em favor de todos aqueles que estão longe, todos aqueles que o Senhor nosso Deus chamar" (*At* 2,39).

Toda a Igreja deve se empenhar na *missio ad gentes*, enquanto a soberania salvífica de Cristo não está plenamente realizada: "Agora, porém, ainda não vemos que tudo lhe esteja submisso" (*Hb* 2,8).

4. *Chamados a evangelizar também por meio do martírio*

Neste dia dedicado às missões, recordo na oração aqueles que fizeram de suas vidas uma exclusiva consagração ao trabalho de evangelização. Menciono em particular as Igrejas locais, os missionários e missionárias que testemunham e propagam o Reino de Deus em situações de perseguição, com formas de opressão que vão desde a discriminação social até a prisão, a tortura e a morte. Não são poucos aqueles que atualmente são levados à morte por causa de seu "Nome". É ainda de grande atualidade o que escreveu o meu venerado Predecessor *Papa João Paulo II*: "A comemoração jubilar descerrou-nos um cenário surpreendente, mostrando o nosso tempo particularmente rico de testemunhas, que souberam, ora dum modo ora doutro, viver o Evangelho em situações de hostilidade e perseguição até darem muitas vezes a prova suprema do sangue" (*Novo millennio ineunte*, 41).

A participação na missão de Cristo, de fato, destaca também a vida dos anunciadores do Evangelho, aos quais é reservado o mesmo destino de seu Mestre. "Lembrem-vos do que eu disse: nenhum empregado é maior do que seu patrão. Se perseguiram a mim, vão perseguir a vós também" (*Jo* 15,20). A Igreja se coloca no mesmo caminho e passa por tudo aquilo que Cristo passou, porque não age baseando-se numa lógica humana ou com a força, mas seguindo o caminho da Cruz e se fazendo, em obediência filial ao Pai, testemunha e companheira de viagem desta humanidade.

Às Igrejas antigas como as de recente fundação, recordo que são colocadas pelo Senhor como sal da terra e luz do mundo, chamadas a irradiar Cristo, Luz do mundo, até os extremos confins da terra. A *missio ad gentes* deve ser a prioridade de seus planos pastorais.

Agradeço e encorajo as *Obras Missionárias Pontifícias* pelo indispensável trabalho a serviço da animação, formação missionária e ajuda económica às jovens Igrejas. Por meio destas instituições pontifícias, se realiza de forma admirável a comunhão entre as Igrejas, com a troca de dons, na solicitude recíproca e nos esforços missionários partilhados.

5. Conclusão

O impulso missionário sempre foi sinal de vitalidade de nossas Igrejas (cfr. Redemptoris missio, 2). É preciso, todavia, reafirmar que a evangelização é obra do Espírito, e que antes mesmo de ser ação, é testemunho e irradiação da luz de Cristo (cfr. Redemptoris missio, 26) através da Igreja local, que envia os seus missionários e missionárias para além de suas fronteiras. Rogo a todos os católicos para que peçam ao Espírito Santo que aumente na Igreja a paixão pela missão de proclamar o Reino de Deus e ajudar os missionários, as missionárias e as comunidades cristãs empenhadas nesta missão, muitas vezes em ambientes hostis de perseguição.

Ao mesmo tempo, convido todos a darem um sinal crível da comunhão entre as Igrejas, com uma ajuda econômica, especialmente neste período de crise que a humanidade está vivendo, a fim de colocar as jovens Igrejas em condições de iluminar as pessoas com o Evangelho da caridade.

Nos guie em nossa ação missionária a Virgem Maria, Estrela da Evangelização, que deu ao mundo Cristo, luz das nações, para que leve a salvação "até aos extremos da terra"(At 13,47).

A todos, a minha Bênção.

Cidade do Vaticano, 29 de Junho de 2009.

MENSAGEM DO PAPA BENTO XVI PARA O DIA MUNDIAL DAS MISSÕES DE 2010

A construção da comunhão eclesial é a chave da missão

Prezados irmãos e irmãs!

Com a celebração do Dia Missionário Mundial, o mês de Outubro oferece às Comunidades diocesanas e paroquiais, aos Institutos de Vida Consagrada, aos Movimentos Eclesiais, a todo o Povo de Deus, a ocasião para renovar o compromisso de anunciar o Evangelho e dar às actividades pastorais um ímpeto missionário mais amplo. Este encontro anual convida-nos a viver intensamente os percursos litúrgicos e catequéticos, caritativos e culturais, mediante os quais Jesus Cristo nos convoca à mesa da sua Palavra e da Eucaristia, para saborear o dom da sua Presença, formar-nos na sua escola e viver cada vez mais conscientemente unidos a Ele, Mestre e Senhor. É Ele mesmo quem nos diz: "Aquele que me ama será amado por meu Pai: Eu amá-lo-ei e manifestar-me-ei a ele" (Jo 14, 21). Só a partir deste encontro com o Amor de Deus, que muda a existência, podemos viver em comunhão com Ele e entre nós, e oferecer aos irmãos um testemunho credível, explicando a razão da nossa esperança (cf. 1 Pd 3, 15). Uma fé adulta, capaz de se confiar totalmente a Deus com atitude filial, alimentada pela oração, pela meditação da Palavra de Deus e pelo estudo das verdades da fé, é uma condição para poder promover um novo humanismo, fundamentado no Evangelho de Jesus.

Além disso, em Outubro, em muitos países retomam-se as várias actividades eclesiais depois da pausa de Verão, e a Igreja convida-nos a aprender de Maria, mediante a oração do Santo Rosário, a contemplar o desígnio de amor do Pai sobre a humanidade, para a amar como Ele a ama. Não é porventura este o sentido da missão?

Com efeito, o Pai chama-nos a ser filhos amados no seu Filho, o Amado, e a reconhecer-nos todos irmãos naquele que é Dom de Salvação para a humanidade dividida pela discórdia e pelo pecado, e Revelador do verdadeiro Rosto daquele Deus que "amou de tal modo o mundo, que lhe deu o seu Filho único, para que todo o que nele crer não pereça, mas tenha a vida eterna" (Jo 3, 16).

"Queremos ver Jesus" (Jo 12, 21), é o pedido que, no Evangelho de João, alguns gregos que chegaram a Jerusalém para a peregrinação pascal, dirigem ao Apóstolo Filipe. Ele ressoa também no nosso coração neste mês de Outubro, que nos recorda como o compromisso do anúncio evangélico compete a toda a Igreja, "missionária por sua própria natureza" (*Ad gentes*, 2), convidando-nos a tornarmo-nos promotores da novidade de vida, feita de relacionamentos autênticos, em comunidades fundadas no Evangelho. Numa sociedade multiétnica que experimenta cada vez mais formas preocupantes de solidão e de indiferença, os cristãos devem aprender a oferecer sinais de esperança e a tornar-se irmãos universais, cultivando os grandes ideais que transformam a história e, sem falsas ilusões nem medos inúteis, comprometer-se para fazer com que o planeta seja a casa de todos os povos.

Como os peregrinos gregos de há dois mil anos, também os homens do nosso tempo, talvez nem sempre conscientemente, pedem aos crentes não só que "falem" de Jesus, mas que "façam ver" Jesus, façam resplandecer o Rosto do Redentor em cada ângulo da terra diante das gerações do novo milénio e sobretudo diante dos jovens de cada continente, destinatários privilegiados e agentes do anúncio evangélico. Eles devem sentir que os cristãos levam a Palavra de Cristo porque Ele é a Verdade, porque n'Ele encontraram o sentido, a verdade para a sua vida.

Estas considerações remetem para o mandamento missionário que todos os baptizados e a Igreja inteira receberam, mas que não se pode realizar de maneira credível sem uma profunda conversão pessoal, comunitária e pastoral. De facto, a consciência da chamada a anunciar o Evangelho estimula não só cada fiel individualmente, mas todas as Comunidades diocesanas e paroquiais a uma renovação integral e a abrir-se cada vez mais à cooperação missionária entre as Igrejas, para promover o anúncio do Evangelho no coração de cada pessoa, de cada povo, cultura, raça, nacionalidade, em todas as latitudes. Esta consciência alimenta-se através da obra de Sacerdotes *Fidei Donum*, de Consagrados, de Catequistas, de Leigos missionários, numa busca constante de promover a comunhão eclesial, de modo que também o fenómeno da "interculturalidade" possa integrar-se num modelo de unidade, no qual o Evangelho seja fermento de liberdade e de progresso, fonte de fraternidade, de humildade e de paz (cf. *Ad gentes*, 8). De facto, a Igreja "é em Cristo como que sacramento, ou seja, sinal e instrumento da união íntima com Deus e da unidade de todo o género humano" (*Lumen gentium*, 1).

A comunhão eclesial nasce do encontro com o Filho de Deus, Jesus Cristo que, no anúncio da Igreja, alcança os homens e cria comunhão com Ele próprio e por conseguinte, com o Pai e com o Espírito Santo (cf. *1 Jo* 1, 3). Cristo estabelece a nova relação entre o homem e Deus. "É Ele quem nos revela "que Deus é caridade" (*1 Jo* 4, 8) e, ao mesmo tempo, nos ensina que a lei fundamental da perfeição humana e, portanto, da transformação do mundo, é o mandamento novo do amor. Assim, aos que crêem no amor divino dá-lhes a certeza de que abrir o caminho do amor a todos os homens e instaurar a fraternidade universal não são coisas vãs" (*Gaudium et spes*, 38).

A Igreja torna-se "comunhão" a partir da Eucaristia, na qual Cristo, presente no pão e no vinho, com o seu sacrifício de amor edifica a Igreja como seu corpo, unindo-nos ao Deus uno e trino e entre nós (cf. *1 Cor* 10, 16ss). Na Exortação apostólica *Sacramentum caritatis* escrevi: "não podemos reservar para nós o amor que celebramos neste sacramento: por sua natureza, pede para ser comunicado a todos. Aquilo de que o mundo tem necessidade é do amor de Deus, é de encontrar Cristo e acreditar n'Ele" (n. 84). Por esta razão a Eucaristia não é só fonte e ápice da vida da Igreja, mas também da sua missão: "Uma Igreja autenticamente eucarística é uma Igreja missionária" (*Ibid.*), capaz de levar todos à comunhão com Deus, anunciando com convicção: "o que vimos e ouvimos, isso vos anunciamos, para que também vós tenhais comunhão connosco" (*1 Jo* 1, 3).

Caríssimos, neste Dia Missionário Mundial no qual o olhar do coração se dilata sobre os imensos espaços da missão, sintamo-nos todos protagonistas do compromisso da Igreja de anunciar o Evangelho. O estímulo missionário foi sempre sinal de vitalidade para as nossas Igrejas (cf. Carta enc. *Redemptoris missio*, 2) e a sua cooperação é testemunho singular de unidade, de fraternidade e de solidariedade, que nos torna críveis anunciadores do Amor que salva!

Por conseguinte, renovo a todos o convite à oração e, não obstante as dificuldades económicas, ao compromisso da ajuda fraterna e concreta em apoio das jovens Igrejas. Este gesto de amor e de partilha, que o serviço precioso das Obras Missionárias Pontifícias, à qual manifesto a minha gratidão, providenciará à distribuição, apoiará a formação de sacerdotes, seminaristas e catequistas nas terras de missão mais distantes e encorajará as jovens comunidades eclesiais.

Na conclusão da mensagem anual para o Dia Mundial das Missões, desejo expressar, com particular afecto, o meu reconhecimento aos missionários e às missionárias, que testemunham nos lugares mais distantes e difíceis, muitas vezes com a vida, o advento do Reino de Deus. A eles, que representam as vanguardas do anúncio do Evangelho, vai a amizade, a proximidade e o apoio de cada crente. "Deus (que) ama quem doa com alegria" (*2 Cor* 9, 7) os encha de fervor espiritual e de alegria profunda.

Como o "sim" de Maria, cada resposta generosa da Comunidade eclesial ao convite divino ao amor dos irmãos suscitará uma nova maternidade apostólica e eclesial (cf. *Gl* 4, 4.19.26), que deixando-se surpreender pelo mistério de Deus amor, o qual "ao chegar a plenitude dos tempos, enviou o Seu Filho, nascido de mulher" (*Gl* 4, 4), dará confiança e audácia a novos apóstolos. Esta resposta tornará todos os crentes capazes de ser "jubilosos na esperança" (*Rm* 12, 12) ao realizar o projecto de Deus, que deseja "que todo o género humano constitua um só Povo de Deus, se congregue num só Corpo de Cristo, e se edifique num só templo do Espírito Santo" (*Ad gentes*, 7).

Vaticano, 6 de Fevereiro de 2010.

MENSAGEM DO PAPA BENTO XVI PARA O DIA MUNDIAL DAS MISSÕES DE 2011

«Assim como o Pai me enviou, também Eu vos envio a vós» (Jo 20, 21)

Por ocasião do Jubileu do Ano 2000, o Venerável João Paulo II, no início de um novo milénio da era cristã, afirmou com força a necessidade de renovar o empenho de levar a todos o anúncio do Evangelho «com o mesmo entusiasmo dos cristãos da primeira hora» (Carta ap. Novo millennio ineunte, 58). É o serviço mais precioso que a Igreja pode prestar à humanidade e a cada pessoa que está em busca das razões profundas para viver em plenitude a própria existência. Por isso, o mesmo convite ressoa todos os anos na celebração do Dia Missionário Mundial. Com efeito, o anúncio incessante do Evangelho vivifica também a Igreja, o seu fervor, o seu espírito apostólico, renova os seus métodos pastorais a fim de que sejam cada vez mais apropriados às novas situações — inclusive as que exigem uma nova evangelização — e animados pelo impulso missionário: «A missão renova a Igreja, revigora a sua fé e identidade cristãs, dá-lhe novo entusiasmo e novas motivações. É dando a fé que ela se fortalece! A nova evangelização dos povos cristãos também encontrará inspiração e apoio, no empenho pela missão universal» (João Paulo II, Enc. Redemptoris missio, 2).

Ide e anunciai

Este objectivo reaviva-se continuamente através da celebração da liturgia, em especial da Eucaristia, que se conclui sempre evocando o mandato de Jesus ressuscitado aos Apóstolos: «Ide...» (*Mt* 28, 19). A liturgia é sempre uma chamada «do mundo» e um novo início «no mundo» para testemunhar o que se experimentou: o poder salvífico da Palavra de Deus, o poder salvífico do Mistério pascal de Cristo. Todos aqueles que encontraram o Senhor ressuscitado sentiram a necessidade de O anunciar aos outros, como fizeram os dois discípulos de Emaús. Eles, depois de ter reconhecido o Senhor ao partir o pão, «partiram imediatamente, voltaram para Jerusalém e encontraram reunidos os onze» e contaram o que lhes tinha acontecido pelo caminho (*Lc* 24, 33-35). O Papa João Paulo II exortava a estarmos «vigilantes e prontos para reconhecer o seu rosto e correr a levar aos nossos irmãos o grande anúncio: “Vimos o Senhor”!» (Carta ap. Novo millennio ineunte, 59).

A todos

Todos os povos são destinatários do anúncio do Evangelho. A Igreja «por sua natureza é missionária, visto que, segundo o desígnio de Deus Pai, tem a sua origem na missão do Filho e na missão do Espírito Santo» (Conc. Ecum. Vat. II, Decr. Ad gentes, 2). Esta é «a graça e a vocação própria da Igreja, a sua mais profunda identidade. Ela existe para evangelizar» (Paulo VI, Exort. ap. Evangelii nuntiandi, 14). Consequentemente, nunca pode fechar-se em si mesma. Enraíza-se em determinados lugares para ir além. A sua acção, em adesão à palavra de Cristo e sob a influência da sua graça e caridade, faz-se plena e actualmente presente a todos os homens e a todos os povos para os conduzir rumo à fé em Cristo (cf. Ad gentes, 5).

Esta tarefa não perdeu a sua urgência. Aliás, «a missão de Cristo Redentor, confiada à Igreja, ainda está bem longe do seu pleno cumprimento... uma visão de conjunto da humanidade mostra que tal missão ainda está no começo e que devemos empenhar-nos com todas as forças no seu serviço» (João Paulo II, Enc. Redemptoris missio, 1). Não podemos permanecer tranquilos com o

pensamento de que, depois de dois mil anos, ainda existam povos que não conhecem Cristo e ainda não ouviram a sua Mensagem de salvação.

Não só mas aumenta o número daqueles que, embora tendo recebido o anúncio do Evangelho, o esqueceram e abandonaram, já não se reconhecem na Igreja; e muitos âmbitos, inclusive em sociedades tradicionalmente cristãs, hoje são refratários a abrirem-se à palavra da fé. Está em acto uma mudança cultural, alimentada também pela globalização, de movimentos de pensamento e de relativismo imperante, uma mudança que leva a uma mentalidade e a um estilo de vida que prescindem da Mensagem evangélica, como se Deus não existisse e exaltam a busca do bem-estar, do lucro fácil, da carreira e do sucesso como finalidade da vida, inclusive em detrimento dos valores morais.

Co-responsabilidade de todos

A missão universal envolve todos, tudo e sempre. O Evangelho não é um bem exclusivo de quem o recebeu, mas é um dom a partilhar, uma boa notícia a comunicar. E este dom-empenho está confiado não só a algumas pessoas, mas a todos os baptizados, os quais são «raça eleita... nação santa, povo adquirido» (1 Pd 2, 9), para que proclame as suas obras maravilhosas.

Estão envolvidas também todas as suas actividades. A atenção e a cooperação na obra evangelizadora da Igreja no mundo não podem ser limitadas a alguns momentos ou ocasiões particulares, e nem devem ser consideradas como uma das tantas actividades pastorais: a dimensão missionária da Igreja é essencial e, portanto, deve estar sempre presente. É importante que tanto cada baptizado como as comunidades eclesiais se interessem pela missão não de modo esporádico e irregular, mas de maneira constante, como forma de vida cristã. O próprio Dia Missionário não é um momento isolado no decorrer do ano, mas uma ocasião preciosa para nos determos e reflectirmos se e como correspondemos à vocação missionária; uma resposta essencial para a vida da Igreja.

Evangelização global

A evangelização é um processo complexo e inclui vários elementos. Entre estes, uma atenção peculiar da parte da animação missionária sempre foi dada à solidariedade. Este é também um dos objectivos do Dia Missionário Mundial que, através das Pontifícias Obras Missionárias, solicita a ajuda para a realização das tarefas de evangelização nos territórios de missão. Trata-se de apoiar instituições necessárias para estabelecer e consolidar a Igreja mediante os catequistas, os seminários, os sacerdotes; e também de oferecer a própria contribuição para o melhoramento das condições de vida das pessoas em países nos quais são mais graves os fenómenos de pobreza, subalimentação sobretudo infantil, doenças, carência de serviços médicos e para a instrução. Isto também faz parte da missão da Igreja. Anunciando o Evangelho, ela toma a peito a vida humana em sentido pleno. Não é aceitável, afirmava o Servo de Deus Paulo VI, que na evangelização se descuidem os temas relativos à promoção humana, à justiça e à libertação de todas as formas de opressão, obviamente no respeito pela autonomia da esfera política. Não se interessar pelos problemas temporais da humanidade significaria «esquecer a lição que vem do Evangelho sobre o amor ao próximo que sofre e está em necessidade» (cf. Exort. ap. *Evangelii nuntiandi*, 31.34); não estaria em sintonia com o comportamento de Jesus, o qual «percorria as cidades e as aldeias, ensinando nas sinagogas, proclamando a Boa Nova do Reino e curando todas as enfermidades e doenças» (Mt 9, 35).

Assim, através da participação co-responsável na missão da Igreja, o cristão torna-se construtor da comunhão, da paz, da solidariedade que Cristo nos concedeu, e colabora para a realização do plano salvífico de Deus para toda a humanidade. Os desafios que ela encontra chamam os cristãos a caminhar juntamente com os outros, e a missão faz parte integrante deste caminho com

todos. Nela conservamos, embora em vasos de barro, a nossa vocação cristã, o tesouro inestimável do Evangelho, o testemunho vivo de Jesus morto e ressuscitado, encontrado e acreditado na Igreja.

Que o Dia Mundial das Missões reavive em cada um o desejo e a alegria de «ir» ao encontro da humanidade levando Cristo a todos. Em seu nome concedo-vos de coração a Bênção Apostólica, em particular àqueles que mais trabalham e sofrem pelo Evangelho.

Vaticano, 6 de Janeiro de 2011, Solenidade da Epifania do Senhor.

MENSAGEM DO PAPA BENTO XVI PARA O DIA MUNDIAL DAS MISSÕES DE 2012

«Chamados a fazer brilhar a Palavra da verdade» (Carta ap. *Porta fidei*, 6)

Queridos irmãos e irmãs!

Neste ano, a celebração do Dia Mundial das Missões reveste-se dum significado muito particular. A ocorrência do cinquentenário do início do Concílio Vaticano II, a abertura do Ano da Fé e o Sínodo dos Bispos cujo tema é a nova evangelização concorrem para reafirmar a vontade da Igreja se empenhar, com maior coragem e ardor, na *missio ad gentes*, para que o Evangelho chegue até aos últimos confins da terra.

Com a participação dos Bispos católicos vindos de todos os cantos da terra, o Concílio Ecuménico Vaticano II constituiu um sinal luminoso da universalidade da Igreja pelo número tão elevado de Padres conciliares que nele se congregou, pela primeira vez, provenientes da Ásia, da África, da América Latina e da Oceânia. Tratava-se de Bispos missionários e Bispos autóctones, Pastores de comunidades disseminadas entre populações não-cristãs, que trouxeram para a Assembleia conciliar a imagem duma Igreja presente em todos os continentes e se fizeram intérpretes das complexas realidades do então chamado «Terceiro Mundo». Enriquecidos com a experiência própria de Pastores de Igrejas jovens e em vias de formação, apaixonados pela difusão do Reino de Deus, eles contribuíram de maneira relevante para se reafirmar a necessidade e a urgência da evangelização *ad gentes* e, conseqüentemente, colocar no centro da eclesiologia a natureza missionária da Igreja.

Eclesiologia missionária

Hoje uma tal visão não esmoreceu; antes, tem conhecido uma fecunda reflexão teológica e pastoral e, ao mesmo tempo, repropõe-se com renovada urgência, porque aumentou o número daqueles que ainda não conhecem Cristo. «Os homens, à espera de Cristo, constituem ainda um número imenso», afirmava o Beato João Paulo II na Encíclica *Redemptoris missio* sobre a validade permanente do mandato missionário; e acrescentava: «Não podemos ficar tranquilos, ao pensar nos milhões de irmãos e irmãs nossas, também eles redimidos pelo sangue de Cristo, que ignoram ainda o amor de Deus» (n. 86). Por minha vez, ao proclamar o Ano da Fé, escrevi que Cristo «hoje, como outrora, envia-nos pelas estradas do mundo para proclamar o seu Evangelho a todos os povos da terra» (Carta ap. *Porta fidei*, 7). E esta proclamação – como referia o Servo de Deus Paulo VI, na Exortação apostólica *Evangelii nuntiandi* – «não é para a Igreja uma contribuição facultativa: é um dever que lhe incumbe, por mandato do Senhor Jesus, a fim de que os homens possam acreditar e ser salvos. Sim, esta mensagem é necessária; ela é única e não poderia ser substituída» (n. 5). Por conseguinte, temos necessidade de reaver o mesmo ímpeto apostólico das primeiras comunidades cristãs, que, apesar de pequenas e indefesas, foram capazes, com o anúncio e o testemunho, de difundir o Evangelho por todo o mundo conhecido de então.

Por isso não surpreende que tanto o Concílio Vaticano II como o Magistério sucessivo da Igreja insistam, de modo especial, sobre o mandato missionário que Cristo confiou aos seus discípulos e que deve ser empenho de todo o Povo de Deus: Bispos, sacerdotes, diáconos, religiosos, religiosas e leigos. O cuidado de anunciar o Evangelho em toda a terra compete, primariamente,

aos Bispos enquanto responsáveis directos da evangelização no mundo, quer como membros do Colégio Episcopal, quer como Pastores das Igrejas particulares. Efectivamente, eles «foram consagrados não apenas para uma diocese, mas para a salvação de todo o mundo» (João Paulo II, Carta enc. *Redemptoris missio*, 63), sendo o Bispo «um pregador da fé, que conduz a Cristo novos discípulos» (*Ad gentes*, 20) e «torna presentes e como que palpáveis o espírito e o ardor missionário do Povo de Deus, de maneira que toda a diocese se torna missionária» (*Ibid.*, 38).

A prioridade da evangelização

Assim, para um Pastor, o mandato de pregar o Evangelho não se esgota com a solicitude pela porção do Povo de Deus confiada aos seus cuidados pastorais, nem com o envio de qualquer sacerdote, leigo ou leiga *fidei donum*. O referido mandato deve envolver toda a actividade da Igreja particular, todos os seus sectores, em suma, todo o seu ser e operar: indicou-o claramente o Concílio Vaticano II, e o Magistério sucessivo reiterou-o com vigor. Isto exige que estilos de vida, planos pastorais e organização diocesana se adequem, constantemente, a esta dimensão fundamental de ser Igreja, sobretudo num mundo como o nosso em contínua transformação. E o mesmo vale para os Institutos de Vida Consagrada e as Sociedades de Vida Apostólica e também para os Movimentos eclesiais: todos os elementos que compõem o grande mosaico da Igreja devem sentir-se fortemente interpelados pelo mandato de pregar o Evangelho para que Cristo seja anunciado em toda a parte. Nós, Pastores, com os religiosos, as religiosas e todos os fiéis em Cristo, devemos seguir as pegadas do apóstolo Paulo, o qual, «prisioneiro de Cristo pelos gentios» (*Ef* 3, 1), trabalhou, sofreu e lutou para fazer chegar o Evangelho ao meio dos gentios (cf. *Col* 1, 24-29), sem poupar energias, tempo e meios para dar a conhecer a Mensagem de Cristo.

Também hoje a missão *ad gentes* deve ser o horizonte constante e o paradigma de toda a actividade eclesial, porque a própria identidade da Igreja é constituída pela fé no Mistério de Deus, que se revelou em Cristo para nos dar a salvação, e pela missão de O testemunhar e anunciar ao mundo até ao seu regresso. Como São Paulo, devemos ser solícitos pelos que estão longe, por quantos ainda não conhecem Cristo nem experimentaram a paternidade de Deus, conscientes de que «a cooperação se alarga hoje para novas formas, não só no âmbito da ajuda económica mas também no da participação directa» na evangelização (João Paulo II, Carta enc. *Redemptoris missio*, 82). A celebração do Ano da Fé e do Sínodo dos Bispos sobre a nova evangelização serão ocasiões propícias para um relançamento da cooperação missionária, sobretudo nesta segunda dimensão.

Fé e anúncio

O anseio de anunciar Cristo impele-nos também a ler a história para nela vislumbrarmos os problemas, aspirações e esperanças da humanidade que Cristo deve sanar, purificar e colmatar com a sua presença. De facto, a sua Mensagem é sempre actual, penetra no próprio coração da história e é capaz de dar resposta às inquietações mais profundas de cada homem. Por isso a Igreja, em todos os seus componentes, deve estar ciente de que «os horizontes imensos da missão eclesial e a complexidade da situação presente requerem hoje modalidades renovadas para se poder comunicar eficazmente a Palavra de Deus» (Bento XVI, Exort. ap. pós-sinodal *Verbum Domini*, 97). Isto exige, antes de mais, uma renovada adesão de fé pessoal e comunitária ao Evangelho de Jesus Cristo, «num momento de profunda mudança como este que a humanidade está a viver» (Carta ap. *Porta fidei*, 8).

Com efeito, um dos obstáculos ao ímpeto da evangelização é a crise de fé, patente não apenas no mundo ocidental mas também em grande parte da humanidade, que no entanto tem fome e sede de Deus e deve ser convidada e guiada para o pão da vida e a água viva, como a Samaritana que vai ao poço de Jacob e fala com Cristo. Como narra o Evangelista João, o caso

desta mulher é particularmente significativo (cf. *Jo* 4, 1-30): encontra Jesus, que começa por lhe pedir de beber mas depois fala-lhe duma água nova, capaz de apagar a sede para sempre. Inicialmente a mulher não entende, detém-se ao nível material, mas lentamente é guiada pelo Senhor fazendo um caminho de fé que a leva a reconhecê-Lo como o Messias. E a este propósito afirma Santo Agostinho: «Depois de ter acolhido no coração Cristo Senhor, que mais poderia fazer [aquela mulher] senão deixar ali o cântaro e correr a anunciar a boa nova?» (*In Ioannis Ev.*, 15, 30). O encontro com Cristo como Pessoa viva que sacia a sede do coração só pode levar ao desejo de partilhar com os outros a alegria desta presença e de a dar a conhecer para que todos a possam experimentar. É preciso reavivar o entusiasmo da comunicação da fé, para se promover uma nova evangelização das comunidades e dos países de antiga tradição cristã que estão a perder a referência a Deus, e deste modo voltarem a descobrir a alegria de crer. A preocupação de evangelizar não deve jamais ficar à margem da actividade eclesial e da vida pessoal do cristão, mas há-de caracterizá-la intensamente, cientes de sermos destinatários e ao mesmo tempo missionários do Evangelho. O ponto central do anúncio permanece sempre o mesmo: o *Kerigma* de Cristo morto e ressuscitado pela salvação do mundo, o *Kerigma* do amor absoluto e total de Deus por cada homem e cada mulher, cujo ponto culminante se situa no envio do Filho eterno e unigénito, o Senhor Jesus, que não desdenhou assumir a pobreza da nossa natureza humana, amando-a e resgatando-a do pecado e da morte por meio da oferta de Si mesmo na cruz.

A fé em Deus, neste desígnio de amor realizado em Cristo é, antes de mais, um dom e um mistério que se há-de acolher no coração e na vida e pelo qual se deve agradecer sempre ao Senhor. Mas a fé é um dom que nos foi concedido para ser partilhado; é um talento recebido para que dê fruto; é uma luz que não deve ficar escondida, mas iluminar toda a casa. É o dom mais importante que recebemos na nossa vida e que não podemos guardar para nós mesmos.

O anúncio faz-se caridade

«Ai de mim, se eu não evangelizar!»: dizia o apóstolo Paulo (*1 Cor* 9, 16). Esta frase ressoa, com força, aos ouvidos de cada cristão e de cada comunidade cristã em todos os Continentes. Mesmo nas Igrejas dos territórios de missão, Igrejas em grande parte jovens e frequentemente de recente fundação, já se tornou uma dimensão conatural a missionariedade, apesar de elas mesmas precisarem ainda de missionários. Muitos sacerdotes, religiosos e religiosas, de todas as partes do mundo, numerosos leigos e até mesmo famílias inteiras deixam os seus próprios países, as suas comunidades locais e vão para outras Igrejas testemunhar e anunciar o Nome de Cristo, no qual encontra a salvação a humanidade. Trata-se duma expressão de profunda comunhão, partilha e caridade entre as Igrejas, para que cada homem possa ouvir, pela primeira vez ou de novo, o anúncio que cura e aproximar-se dos Sacramentos, fonte da verdadeira vida.

Associadas com este sinal sublime da fé que se transforma em caridade, estão as Obras Missionárias Pontifícias, instrumento ao serviço da cooperação na missão universal da Igreja no mundo, que recordo e agradeço. Através da sua acção, o anúncio do Evangelho torna-se também intervenção a favor do próximo, justiça para com os mais pobres, possibilidade de instrução nas aldeias mais distantes, assistência médica em lugares remotos, emancipação da miséria, reabilitação de quem vive marginalizado, apoio ao desenvolvimento dos povos, superação das divisões étnicas, respeito pela vida em todas as suas fases.

Queridos irmãos e irmãs, invoco sobre a obra de evangelização *ad gentes*, e de modo particular sobre os seus obreiros, a efusão do Espírito Santo, para que a Graça de Deus a faça avançar mais decididamente na história do mundo. Apraz-me rezar assim com o Beato John Henry Newman: «Acompanhai, Senhor, os vossos missionários nas terras a evangelizar, colocai as

palavras certas nos seus lábios, tornai frutuosa a sua fadiga». Que a Virgem Maria, Mãe da Igreja e Estrela da Evangelização, acompanhe todos os missionários do Evangelho.

Vaticano, 6 de Janeiro – Solenidade da Epifania do Senhor – de 2012.

FRANCISCO (2013-2025)

MENSAGEM DO PAPA FRANCISCO PARA O DIA MUNDIAL DAS MISSÕES DE 2013

(20 de Outubro de 2013)

Queridos irmãos e irmãs,

Este ano, a celebração do Dia Mundial das Missões tem lugar próximo da conclusão do Ano da Fé, ocasião importante para revigorarmos a nossa amizade com o Senhor e o nosso caminho como Igreja que anuncia, com coragem, o Evangelho. Nesta perspectiva, gostaria de propor algumas reflexões.

1. A fé é um dom precioso de Deus, que abre a nossa mente para O podermos conhecer e amar. Ele quer entrar em relação connosco, para nos fazer participantes da sua própria vida e encher plenamente a nossa vida de significado, tornando-a melhor e mais bela. Deus nos ama! Mas a fé pede para ser acolhida, ou seja, pede a nossa resposta pessoal, a coragem de nos confiarmos a Deus e vivermos o seu amor, agradecidos pela sua infinita misericórdia. Trata-se de um dom que não está reservado a poucos, mas é oferecido a todos com generosidade: todos deveriam poder experimentar a alegria de se sentirem amados por Deus, a alegria da salvação. E é um dom que não se pode conservar exclusivamente para si mesmo, mas deve ser partilhado; se o quisermos conservar apenas para nós mesmos, tornamo-nos cristãos isolados, estéreis e combalidos. O anúncio do Evangelho é um dever que brota do próprio ser discípulo de Cristo e um compromisso constante que anima toda a vida da Igreja. «O ardor missionário é um sinal claro da maturidade de uma comunidade eclesial» (Bento XVI, Exort. ap. Verbum Domini, 95). Toda a comunidade é «adulta», quando professa a fé, celebra-a com alegria na liturgia, vive a caridade e anuncia sem cessar a Palavra de Deus, saindo do próprio recinto para levá-la até às «periferias», sobretudo a quem ainda não teve a oportunidade de conhecer Cristo. A solidez da nossa fé, a nível pessoal e comunitário, mede-se também pela capacidade de a comunicarmos a outros, de a espalharmos, de a vivermos na caridade, de a testemunharmos a quantos nos encontram e partilham connosco o caminho da vida.

2. Celebrado cinquenta anos depois do início do Concílio Vaticano II, este Ano da Fé serve de estímulo para a Igreja inteira adquirir uma renovada consciência da sua presença no mundo contemporâneo, da sua missão entre os povos e as nações. A missionariedade não é questão apenas de territórios geográficos, mas de povos, culturas e indivíduos, precisamente porque os «confins» da fé não atravessam apenas lugares e tradições humanas, mas o coração de cada homem e mulher. O Concílio Vaticano II pôs em evidência de modo especial como seja próprio de cada baptizado e de todas as comunidades cristãs o dever missionário, o dever de alargar os confins da fé: «Como o Povo de Deus vive em comunidades, sobretudo diocesanas e paroquiais, e é nelas que, de certo modo, se torna visível, pertence a estas dar também testemunho de Cristo perante as nações» (Decr. Ad gentes, 37). Por isso, cada comunidade é interpelada e convidada a assumir o mandato, confiado por Jesus aos Apóstolos, de ser suas «testemunhas em Jerusalém,

por toda a Judeia e Samaria e até aos confins do mundo» (Act 1, 8); e isso, não como um aspecto secundário da vida cristã, mas um aspecto essencial: todos somos enviados pelas estradas do mundo para caminhar com os irmãos, professando e testemunhando a nossa fé em Cristo e fazendo-nos arautos do seu Evangelho. Convido os bispos, os presbíteros, os conselhos presbiterais e pastorais, cada pessoa e grupo responsável na Igreja a porem em relevo a dimensão missionária nos programas pastorais e formativos, sentindo que o próprio compromisso apostólico não é completo, se não incluir o propósito de «dar também testemunho perante as nações», perante todos os povos. Mas a missionariedade não é apenas uma dimensão programática na vida cristã; é também uma dimensão paradigmática, que diz respeito a todos os aspectos da vida cristã.

3. Com frequência, os obstáculos à obra de evangelização encontram-se, não no exterior, mas dentro da própria comunidade eclesial. Às vezes, estão relaxados o fervor, a alegria, a coragem, a esperança de anunciar a todos a Mensagem de Cristo e ajudar os homens do nosso tempo a encontrá-Lo. Por vezes há ainda quem pense que levar a verdade do Evangelho seja uma violência à liberdade. A propósito, são iluminantes estas palavras de Paulo VI: «Seria certamente um erro impor qualquer coisa à consciência dos nossos irmãos. Mas propor a essa consciência a verdade evangélica e a salvação em Jesus Cristo, com absoluta clareza e com todo o respeito pelas opções livres que essa consciência fará (...), é uma homenagem a essa liberdade» (Exort. ap. *Evangelii nuntiandi*, 80). Devemos sempre ter a coragem e a alegria de propor, com respeito, o encontro com Cristo e de nos fazermos portadores do seu Evangelho; Jesus veio ao nosso meio para nos indicar o caminho da salvação e confiou, também a nós, a missão de a fazer conhecer a todos, até aos confins do mundo. Com frequência, vemos que a violência, a mentira, o erro é que são colocados em evidência e propostos. É urgente fazer resplandecer, no nosso tempo, a vida boa do Evangelho pelo anúncio e o testemunho, e isso dentro da Igreja. Porque, nesta perspectiva, é importante não esquecer jamais um princípio fundamental para todo o evangelizador: não se pode anunciar Cristo sem a Igreja. Evangelizar nunca é um acto isolado, individual, privado, mas sempre eclesial. Paulo VI escrevia que, «quando o mais obscuro dos pregadores, dos catequistas ou dos pastores, no rincão mais remoto, prega o Evangelho, reúne a sua pequena comunidade, ou administra um sacramento, mesmo sozinho, ele perfaz um acto de Igreja». Ele não age «por uma missão pessoal que se atribuisse a si próprio, ou por uma inspiração pessoal, mas em união com a missão da Igreja e em nome da mesma» (*ibid.*, 60). E isto dá força à missão e faz sentir a cada missionário e evangelizador que nunca está sozinho, mas é parte de um único Corpo animado pelo Espírito Santo.

4. Na nossa época, a difusa mobilidade e a facilidade de comunicação através dos novos mídias misturaram entre si os povos, os conhecimentos e as experiências. Por motivos de trabalho, há famílias inteiras que se deslocam de um continente para outro; os intercâmbios profissionais e culturais, assim como o turismo e fenómenos análogos impelem a um amplo movimento de pessoas. Às vezes, resulta difícil até mesmo para as comunidades paroquiais conhecer, de modo seguro e profundo, quem está de passagem ou quem vive estavelmente no território. Além disso, em áreas sempre mais amplas das regiões tradicionalmente cristãs, cresce o número daqueles que vivem alheios à fé, indiferentes à dimensão religiosa ou animados por outras crenças. Não raro, alguns baptizados fazem opções de vida que os afastam da fé, tornando-os assim carecidos de uma «nova evangelização». A tudo isso se junta o facto de que larga parte da humanidade ainda não foi atingida pela Boa Nova de Jesus Cristo. Ademais vivemos num momento de crise que atinge vários sectores da existência, e não apenas os da economia, das finanças, da segurança alimentar, do meio ambiente, mas também os do sentido profundo da vida e dos valores fundamentais que a animam. A própria convivência humana está marcada por tensões e conflitos, que provocam insegurança e dificultam o caminho para uma paz estável. Nesta complexa situação, onde o horizonte do presente e do futuro parecem atravessados por nuvens

ameaçadoras, torna-se ainda mais urgente levar corajosamente a todas as realidades o Evangelho de Cristo, que é anúncio de esperança, de reconciliação, de comunhão, anúncio da proximidade de Deus, da sua misericórdia, da sua salvação, anúncio de que a força de amor de Deus é capaz de vencer as trevas do mal e guiar pelo caminho do bem. O homem do nosso tempo necessita de uma luz segura que ilumine a sua estrada e que só o encontro com Cristo lhe pode dar. Com o nosso testemunho de amor, levemos a este mundo a esperança que nos dá a fé! A missionariedade da Igreja não é proselitismo, mas testemunho de vida que ilumina o caminho, que traz esperança e amor. A Igreja – repito mais uma vez – não é uma organização assistencial, uma empresa, uma ONG, mas uma comunidade de pessoas, animadas pela acção do Espírito Santo, que viveram e vivem a maravilha do encontro com Jesus Cristo e desejam partilhar esta experiência de profunda alegria, partilhar a Mensagem de salvação que o Senhor nos trouxe. É justamente o Espírito Santo que guia a Igreja neste caminho.

5. Gostaria de encorajar a todos para que se façam portadores da Boa Nova de Cristo e agradeço, de modo especial, aos missionários e às missionárias, aos presbíteros *fidei donum*, aos religiosos e às religiosas, aos fiéis leigos – cada vez mais numerosos – que, acolhendo a chamada do Senhor, deixaram a própria pátria para servir o Evangelho em terras e culturas diferentes. Mas queria também sublinhar como as próprias Igrejas jovens se estão empenhando generosamente no envio de missionários às Igrejas que se encontram em dificuldade – não raro Igrejas de antiga cristandade – levando assim o vigor e o entusiasmo com que elas mesmas vivem a fé que renova a vida e dá esperança. Viver com este fôlego universal, respondendo ao mandato de Jesus «ide, pois, fazei discípulos de todos os povos» (Mt 28, 19), é uma riqueza para cada Igreja particular, para cada comunidade; e dar missionários nunca é uma perda, mas um ganho. Faço apelo, a todos aqueles que sentem esta chamada, para que correspondam generosamente à voz do Espírito, segundo o próprio estado de vida, e não tenham medo de ser generosos com o Senhor. Convido também os bispos, as famílias religiosas, as comunidades e todas as agregações cristãs a apoiarem, com perspicácia e cuidadoso discernimento, a vocação missionária *ad gentes* e a ajudarem as Igrejas que precisam de sacerdotes, de religiosos e religiosas e de leigos para revigorar a comunidade cristã. E a mesma atenção deveria estar presente entre as Igrejas que fazem parte de uma Conferência Episcopal ou de uma Região: é importante que as Igrejas mais ricas de vocações ajudem, com generosidade, aquelas que padecem a sua escassez.

Ao mesmo tempo exorto os missionários e as missionárias, especialmente os presbíteros *fidei donum* e os leigos, a viverem com alegria o seu precioso serviço nas Igrejas aonde foram enviados e a levarem a sua alegria e esperança às Igrejas donde provêm, recordando como Paulo e Barnabé, no final da sua primeira viagem missionária, «contaram tudo o que Deus fizera com eles e como abrisa aos pagãos a porta da fé» (Act 14, 27). Eles podem assim tornar-se caminho para uma espécie de «restituição» da fé, levando o vigor das Igrejas jovens às Igrejas de antiga cristandade a fim de que estas reencontrem o entusiasmo e a alegria de partilhar a fé, numa permuta que é enriquecimento recíproco no caminho de seguimento do Senhor.

A solicitude por todas as Igrejas, que o Bispo de Roma partilha com os irmãos Bispos, encontra uma importante aplicação no empenho das Obras Missionárias Pontificias, cuja finalidade é animar e aprofundar a consciência missionária de cada baptizado e de cada comunidade, seja apelando à necessidade de uma formação missionária mais profunda de todo o Povo de Deus, seja alimentando a sensibilidade das comunidades cristãs para darem a sua ajuda a favor da difusão do Evangelho no mundo.

Por fim, o meu pensamento vai para os cristãos que, em várias partes do mundo, encontram dificuldade em professar abertamente a própria fé e ver reconhecido o direito a vivê-la dignamente. São nossos irmãos e irmãs, testemunhas corajosas – ainda mais numerosas do que os mártires nos primeiros séculos – que suportam com perseverança apostólica as várias formas

actuais de perseguição. Não poucos arriscam a própria vida para permanecer fiéis ao Evangelho de Cristo. Desejo assegurar que estou unido, pela oração, às pessoas, às famílias e às comunidades que sofrem violência e intolerância, e repito-lhes as palavras consoladoras de Jesus: «Tende confiança, Eu já venci o mundo» (Jo 16, 33).

Bento XVI exortava: «Que “a Palavra do Senhor avance e seja glorificada” (2 Ts 3, 1)! Possa este Ano da Fé tornar cada vez mais firme a relação com Cristo Senhor, dado que só n’Ele temos a certeza para olhar o futuro e a garantia dum amor autêntico e duradouro» (Carta ap. Porta fidei, 15). Tais são os meus votos para o Dia Mundial das Missões deste ano. Abençoo de todo o coração os missionários e as missionárias e todos aqueles que acompanham e apoiam este compromisso fundamental da Igreja para que o anúncio do Evangelho possa ressoar em todos os cantos da terra e nós, ministros do Evangelho e missionários, possamos experimentar «a suave e reconfortante alegria de evangelizar» (Paulo VI, Exort. ap. Evangelii nuntiandi, 80).

Vaticano, 19 de Maio - Solenidade de Pentecostes – de 2013.

MENSAGEM DO PAPA FRANCISCO PARA O DIA MUNDIAL DAS MISSÕES DE 2014

Queridos irmãos e irmãs!

Ainda hoje há tanta gente que não conhece Jesus Cristo. Por isso, continua a revestir-se de grande urgência a missão *ad gentes*, na qual são chamados a participar todos os membros da Igreja, pois esta é, por sua natureza, missionária: a Igreja nasceu «em saída». O Dia Mundial das Missões é um momento privilegiado para os fiéis dos vários Continentes se empenharem, com a oração e gestos concretos de solidariedade, no apoio às Igrejas jovens dos territórios de missão. Trata-se de uma ocorrência permeada de graça e alegria: de graça, porque o Espírito Santo, enviado pelo Pai, dá sabedoria e fortaleza a quantos são dóceis à sua acção; de alegria, porque Jesus Cristo, Filho do Pai, enviado a evangelizar o mundo, sustenta e acompanha a nossa obra missionária. E, justamente sobre a alegria de Jesus e dos discípulos missionários, quero propor um ícone bíblico que encontramos no Evangelho de Lucas (cf. Lc. 10, 21-23).

1. Narra o evangelista que o Senhor enviou, dois a dois, os setenta e dois discípulos a anunciar, nas cidades e aldeias, que o Reino de Deus estava próximo, preparando assim as pessoas para o encontro com Jesus. Cumprida esta missão de anúncio, os discípulos regressaram cheios de alegria: a alegria é um traço dominante desta primeira e inesquecível experiência missionária. O Mestre divino disse-lhes: «Não vos alegreis, porque os espíritos vos obedecem; alegrai-vos, antes, por estarem os vossos nomes escritos no Céu. Nesse mesmo instante, Jesus estremeceu de alegria sob a acção do Espírito Santo e disse: “Bendigo-te, ó Pai (...)”. Voltando-se, depois, para os discípulos, disse-lhes em particular: “Felizes os olhos que vêem o que estais a ver”» (Lc 10, 20-21.23).

As cenas apresentadas por Lucas são três: primeiro, Jesus falou aos discípulos, depois dirigiu-Se ao Pai, para voltar de novo a falar com eles. Jesus quer tornar os discípulos participantes da sua alegria, que era diferente e superior àquela que tinham acabado de experimentar.

2. Os discípulos estavam *cheios de alegria*, entusiasmados com o poder de libertar as pessoas dos demónios. Jesus, porém, recomendou-lhes que não se alegrassem tanto pelo poder recebido, como sobretudo pelo amor alcançado, ou seja, «por estarem os vossos nomes escritos no Céu» (Lc 10, 20). Com efeito, fora-lhes concedida a experiência do amor de Deus e também a possibilidade de o partilhar. E esta experiência dos discípulos é motivo de jubilosa gratidão para o coração de Jesus. Lucas viu este júbilo numa perspectiva de comunhão trinitária: «Jesus estremeceu de alegria sob a acção do Espírito Santo», dirigindo-Se ao Pai e bendizendo-O. Este momento de íntimo júbilo brota do amor profundo que Jesus sente como Filho por seu Pai, Senhor do Céu e da Terra, que escondeu estas coisas aos sábios e aos inteligentes e as revelou aos pequeninos (cf. Lc 10, 21). Deus escondeu e revelou, mas, nesta oração de louvor, é sobretudo a revelação que se põe em realce. Que foi que Deus revelou e escondeu? Os mistérios do seu Reino, a consolidação da soberania divina de Jesus e a vitória sobre satanás.

Deus escondeu tudo isto àqueles que se sentem demasiado cheios de si e pretendem saber já tudo. De certo modo, estão cegos pela própria presunção e não deixam espaço a Deus. Pode-se facilmente pensar em alguns contemporâneos de Jesus que Ele várias vezes advertiu, mas trata-se de um perigo que perdura sempre e tem a ver connosco também. Ao passo que os «pequeninos» são os humildes, os simples, os pobres, os marginalizados, os que não têm voz, os cansados e oprimidos, que Jesus declarou «felizes». Pode-se facilmente pensar em Maria, em

José, nos pescadores da Galileia e nos discípulos chamados ao longo da estrada durante a sua pregação.

3. «Sim, Pai, porque assim foi do teu agrado» (Lc 10, 21). Esta frase de Jesus deve ser entendida como referida à *sua exultação interior*, querendo «o teu agrado» significar o plano salvífico e benevolente do Pai para com os homens. No contexto desta bondade divina, Jesus exultou, porque o Pai decidiu amar os homens com o mesmo amor que tem pelo Filho. Além disso, Lucas faz-nos pensar numa exultação idêntica: a de Maria. «A minha alma glorifica o Senhor e o meu espírito se alegra em Deus, meu Salvador» (Lc 1, 46-47). Estamos perante a boa Notícia que conduz à salvação. Levando no seu ventre Jesus, o Evangelizador por excelência, Maria encontrou Isabel e exultou de alegria no Espírito Santo, cantando o *Magnificat*. Jesus, ao ver o bom êxito da missão dos seus discípulos e, conseqüentemente, a sua alegria, exultou no Espírito Santo e dirigiu-Se a seu Pai em oração. Em ambos os casos, trata-se de uma alegria pela salvação em acto, porque o amor com que o Pai ama o Filho chega até nós e, por obra do Espírito Santo, envolve-nos e faz-nos entrar na vida trinitária.

O Pai é a fonte da alegria. O Filho é a sua manifestação, e o Espírito Santo o animador. Imediatamente depois de ter louvado o Pai – como diz o evangelista Mateus – Jesus convida-nos: «Vinde a Mim, todos os que estais cansados e oprimidos, que Eu hei-de aliviar-vos. Tomai sobre vós o meu jugo e aprendei de Mim, porque sou manso e humilde de coração e encontrareis descanso para o vosso espírito. Pois o meu jugo é suave e o meu fardo é leve» (Mt 11, 28-30). «A alegria do Evangelho enche o coração e a vida inteira daqueles que se encontram com Jesus. Quantos se deixam salvar por Ele são libertados do pecado, da tristeza, do vazio interior, do isolamento. Com Jesus Cristo, renasce sem cessar a alegria» (Exort. ap. *Evangelii gaudium*, 1).

De tal encontro com Jesus, a Virgem Maria teve uma experiência totalmente singular e tornou-se «*causa nostrae laetitiae*». Os discípulos, por sua vez, receberam a chamada para estar com Jesus e ser enviados por Ele a evangelizar (cf. Mc 3, 14), e, feito isso, sentem-se repletos de alegria. Porque não entramos também nós nesta torrente de alegria?

4. «O grande risco do mundo actual, com a sua múltipla e avassaladora oferta de consumo, é uma tristeza individualista que brota do coração comodista e mesquinho, da busca desordenada de prazeres superficiais, da consciência isolada» (Exort. ap. *Evangelii gaudium*, 2). Por isso, a humanidade tem necessidade de alcançar a salvação trazida por Cristo. Os discípulos são aqueles que se deixam conquistar mais e mais pelo amor de Jesus e marcar pelo fogo da paixão pelo Reino de Deus, para serem portadores da alegria do Evangelho. Todos os discípulos do Senhor são chamados a alimentar a alegria da evangelização. Os bispos, como primeiros responsáveis do anúncio, têm o dever de incentivar a unidade da Igreja local à volta do compromisso missionário, tendo em conta que a alegria de comunicar Jesus Cristo se exprime tanto na preocupação de O anunciar nos lugares mais remotos como na saída constante para as periferias de seu próprio território, onde há mais gente pobre à espera.

Em muitas regiões, escasseiam as vocações ao sacerdócio e à vida consagrada. Com frequência, isso fica-se a dever à falta de um fervor apostólico contagioso nas comunidades, o que faz com as mesmas sejam pobres de entusiasmo e não suscitem fascínio. A alegria do Evangelho brota do encontro com Cristo e da partilha com os pobres. Por isso, encorajo as comunidades paroquiais, as associações e os grupos a viverem uma intensa vida fraterna, fundada no amor a Jesus e atenta às necessidades dos mais carecidos. Onde há alegria, fervor, ânsia de levar Cristo aos outros, surgem vocações genuínas, nomeadamente as vocações laicais à missão. Na realidade, aumentou a consciência da identidade e missão dos fiéis leigos na Igreja, bem como a noção de que eles são chamados a assumir um papel cada vez mais relevante na difusão do Evangelho.

Por isso, é importante uma adequada formação deles, tendo em vista uma acção apostólica eficaz.

5. «Deus ama quem dá com alegria» (2 Cor 9, 7). O Dia Mundial das Missões é também um momento propício para reavivar o desejo e o dever moral de participar jubilosamente na missão *ad gentes*. A contribuição monetária pessoal é sinal de uma oblação de si mesmo, primeiramente ao Senhor e depois aos irmãos, para que a própria oferta material se torne instrumento de evangelização de uma humanidade edificada no amor.

Queridos irmãos e irmãs, neste Dia Mundial das Missões, dirijo o meu pensamento a todas as Igrejas locais: Não nos deixemos roubar a alegria da evangelização! Convido-vos a mergulhar na alegria do Evangelho e a alimentar um amor capaz de iluminar a vossa vocação e missão. Exorto-vos a recordar, numa espécie de peregrinação interior, aquele «primeiro amor» com que o Senhor Jesus Cristo incendiou o coração de cada um; recordá-lo, não por um sentimento de nostalgia, mas para perseverar na alegria. O discípulo do Senhor persevera na alegria, quando está com Ele, quando faz a sua vontade, quando partilha a fé, a esperança e a caridade evangélica.

A Maria, modelo de uma evangelização humilde e jubilosa, elevemos a nossa oração, para que a Igreja se torne uma casa para muitos, uma mãe para todos os povos e possibilite o nascimento de um mundo novo.

Vaticano, 8 de Junho – Solenidade de Pentecostes – de 2014.

MENSAGEM DO PAPA FRANCISCO PARA O DIA MUNDIAL DAS MISSÕES DE 2015

Queridos irmãos e irmãs,

Neste ano de 2015, o Dia Mundial das Missões tem como pano de fundo o Ano da Vida Consagrada, que serve de estímulo para a sua oração e reflexão. Na verdade, entre a *vida consagrada* e a *missão* subsiste uma forte ligação, porque, se todo o baptizado é chamado a dar testemunho do Senhor Jesus, anunciando a fé que recebeu em dom, isto vale de modo particular para a pessoa consagrada. O seguimento de Jesus, que motivou a aparição da vida consagrada na Igreja, é reposta à chamada para se tomar a cruz e segui-Lo, imitar a sua dedicação ao Pai e os seus gestos de serviço e amor, perder a vida a fim de a reencontrar. E, dado que toda a vida de Cristo tem carácter missionário, os homens e mulheres que O seguem mais de perto assumem plenamente este mesmo carácter.

A dimensão missionária, que pertence à própria natureza da Igreja, é *intrínseca também a cada forma de vida consagrada*, e não pode ser transcurada sem deixar um vazio que desfigura o carisma. A missão não é proselitismo, nem mera estratégia; a missão faz parte da «gramática» da fé, é algo de imprescindível para quem se coloca à escuta da voz do Espírito, que sussurra «vem» e «vai». Quem segue Cristo não pode deixar de tornar-se missionário, e sabe que Jesus «caminha com ele, fala com ele, respira com ele, trabalha com ele. Sente Jesus vivo com ele, no meio da tarefa missionária» (Exort. ap. *Evangelii gaudium*, 266).

A missão é uma *paixão por Jesus Cristo* e, ao mesmo tempo, uma *paixão pelas pessoas*. Quando nos detemos em oração diante de Jesus crucificado, reconhecemos a grandeza do seu amor, que nos dignifica e sustenta e, simultaneamente, apercebemo-nos de que aquele amor, saído do seu coração trespassado, estende-se a todo o povo de Deus e à humanidade inteira; e, precisamente deste modo, sentimos também que Ele quer servir-Se de nós para chegar cada vez mais perto do seu povo amado (cf. *Ibid.*, 268) e de todos aqueles que O procuram de coração sincero. Na ordem de Jesus – «Ide» –, estão contidos os cenários e os desafios sempre novos da missão evangelizadora da Igreja. Nesta, todos são chamados a anunciar o Evangelho pelo testemunho da vida; e, de forma especial aos consagrados, é pedido para *ouvirem a voz do Espírito que os chama a partir para as grandes periferias da missão*, entre os povos onde ainda não chegou o Evangelho.

O cinquentenário do Decreto conciliar *Ad gentes* convida-nos a reler e meditar este documento que suscitou um *forte impulso missionário nos Institutos de Vida Consagrada*. Nas comunidades contemplativas, recobrou luz e eloquência a figura de Santa Teresa do Menino Jesus, padroeira das missões, como inspiradora da íntima ligação que há entre a vida contemplativa e a missão. Para muitas congregações religiosas de vida activa, a ânsia missionária surgida do *Concílio Vaticano II* concretizou-se numa extraordinária abertura à missão *ad gentes*, muitas vezes acompanhada pelo acolhimento de irmãos e irmãs provenientes das terras e culturas encontradas na evangelização, de modo que hoje pode-se falar de uma generalizada interculturalidade na vida consagrada. Por isso mesmo, é urgente repropor o ideal da missão com o seu centro em Jesus Cristo e a sua exigência na doação total de si mesmo ao anúncio do Evangelho. Nisto não se pode transigir: *quem acolhe, pela graça de Deus, a missão, é chamado a viver de missão*. Para tais pessoas, o anúncio de Cristo, nas múltiplas periferias do mundo, torna-se o modo de viver o seguimento d'Ele e a recompensa de tantas canseiras e privações. Qualquer tendência a desviar desta vocação, mesmo se corroborada por nobres motivações relacionadas com tantas

necessidades pastorais, eclesiais e humanitárias, não está de acordo com a chamada pessoal do Senhor ao serviço do Evangelho. Nos *Institutos Missionários*, os formadores são chamados tanto a apontar, clara e honestamente, esta perspectiva de vida e acção, como a discernir com autoridade autênticas vocações missionárias. Dirijo-me sobretudo aos *jovens*, que ainda são capazes de testemunhos corajosos e de empreendimentos generosos e às vezes contracorrente: *não deixeis que vos roubem o sonho duma verdadeira missão*, dum seguimento de Jesus que implique o dom total de si mesmo. No segredo da vossa consciência, interrogai-vos sobre a razão pela qual escolhestes a vida religiosa missionária e calculai a disponibilidade que tendes para a aceitar por aquilo que é: um dom de amor ao serviço do anúncio do Evangelho, nunca vos esquecendo de que o anúncio do Evangelho, antes de ser uma necessidade para quantos que não o conhecem, é uma carência para quem ama o Mestre.

Hoje, a missão enfrenta o desafio de respeitar a necessidade que todos os povos têm de *recomeçar das próprias raízes e salvaguardar os valores das respectivas culturas*. Trata-se de conhecer e respeitar outras tradições e sistemas filosóficos e reconhecer a cada povo e cultura o direito de fazer-se ajudar pela própria tradição na compreensão do mistério de Deus e no acolhimento do Evangelho de Jesus, que é luz para as culturas e força transformadora das mesmas.

Dentro desta dinâmica complexa, ponhamo-nos a questão: «Quem são os *destinatários privilegiados* do anúncio evangélico?» A resposta é clara; encontramos-a no próprio Evangelho: os pobres, os humildes e os doentes, aqueles que muitas vezes são desprezados e esquecidos, aqueles que não te podem retribuir (cf. *Lc 14, 13-14*). Uma evangelização dirigida preferencialmente a eles é sinal do Reino que Jesus veio trazer: «existe um vínculo indissolúvel entre a nossa fé e os pobres. Não os deixemos jamais sozinhos!» (Exort. ap. *Evangelii gaudium*, 48). Isto deve ser claro especialmente para as pessoas que abraçam a vida consagrada missionária: com o voto de pobreza, escolhem seguir Cristo nesta sua preferência, não ideologicamente, mas identificando-se como Ele com os pobres, vivendo como eles na precariedade da vida diária e na renúncia ao exercício de qualquer poder para se tornar irmãos e irmãs dos últimos, levando-lhes o testemunho da alegria do Evangelho e a expressão da caridade de Deus.

Para viver o testemunho cristão e os sinais do amor do Pai entre os humildes e os pobres, os consagrados são chamados a promover, no serviço da missão, *a presença dos fiéis leigos*. Como já afirmava o Concílio Ecuménico Vaticano II, «os leigos colaboram na obra de evangelização da Igreja e participam da sua missão salvífica, ao mesmo tempo como testemunhas e como instrumentos vivos» (*Ad gentes*, 41). É necessário que os consagrados missionários se abram, cada vez mais corajosamente, àqueles que estão dispostos a cooperar com eles, mesmo durante um tempo limitado numa experiência ao vivo. São irmãos e irmãs que desejam *partilhar a vocação missionária inscrita no Baptismo*. As casas e as estruturas das missões são lugares naturais para o seu acolhimento e apoio humano, espiritual e apostólico.

As *Instituições e as Obras Missionárias da Igreja* estão postas totalmente ao serviço daqueles que não conhecem o Evangelho de Jesus. Para realizar eficazmente este objectivo, aquelas precisam dos carismas e do compromisso missionário dos consagrados, mas também os consagrados precisam duma estrutura de serviço, expressão da solicitude do Bispo de Roma para garantir de tal modo a *koinonia* que a colaboração e a sinergia façam parte integrante do testemunho missionário. Jesus colocou a unidade dos discípulos como condição para que o mundo creia (cf. *Jo 17, 21*). A referida convergência não equivale a uma submissão jurídico-organizativa a organismos institucionais, nem a uma mortificação da fantasia do Espírito que suscita a diversidade, mas significa conferir maior eficácia à mensagem evangélica e promover aquela unidade de intentos que é fruto também do Espírito.

A Obra Missionária do Sucessor de Pedro tem um *horizonte apostólico universal*. Por isso, tem necessidade também dos *inúmeros carismas da vida consagrada*, para dirigir-se ao vasto horizonte da evangelização e ser capaz de assegurar uma presença adequada nas fronteiras e nos territórios alcançados.

Queridos irmãos e irmãs, a paixão do missionário é o Evangelho. São Paulo podia afirmar: «Ai de mim, se eu não evangelizar!» (1 Cor 9, 16). O Evangelho é fonte de alegria, liberdade e salvação para cada homem. Ciente deste dom, a Igreja não se cansa de anunciar, incessantemente, a todos «O que existia desde o princípio, O que ouvimos, O que vimos com os nossos olhos» (1 Jo 1, 1). A missão dos servidores da Palavra – bispos, sacerdotes, religiosos e leigos – é colocar a todos, sem excluir ninguém, em relação pessoal com Cristo. No campo imenso da actividade missionária da Igreja, cada baptizado é chamado a viver o melhor possível o seu compromisso, segundo a sua situação pessoal. Uma resposta generosa a esta vocação universal pode ser oferecida pelos consagrados e consagradas através duma vida intensa de oração e união com o Senhor e com o seu sacrifício redentor.

Ao mesmo tempo que confio a Maria, Mãe da Igreja e modelo de missionariedade, todos aqueles que, *ad gentes* ou no próprio território, em todos os estados de vida, cooperam no anúncio do Evangelho, de coração concedo a cada um a Bênção Apostólica.

Vaticano, 24 de Maio – Solenidade de Pentecostes – de 2015.

MENSAGEM DO PAPA FRANCISCO PARA O DIA MUNDIAL DAS MISSÕES DE 2016

Igreja missionária, testemunha de misericórdia

Queridos irmãos e irmãs!

O Jubileu Extraordinário da Misericórdia, que a Igreja está a viver, proporciona uma luz particular também ao Dia Mundial das Missões de 2016: convida-nos a olhar a missão *ad gentes* como uma grande, imensa obra de misericórdia quer espiritual quer material. Com efeito, neste Dia Mundial das Missões, todos somos convidados a «sair», como discípulos missionários, pondo cada um a render os seus talentos, a sua criatividade, a sua sabedoria e experiência para levar a mensagem da ternura e compaixão de Deus à família humana inteira. Em virtude do mandato missionário, a Igreja tem a peito quantos não conhecem o Evangelho, pois deseja que todos sejam salvos e cheguem a experimentar o amor do Senhor. Ela «tem a missão de anunciar a misericórdia de Deus, coração pulsante do Evangelho» (Bula *Misericordiae Vultus*, 12), e anunciá-la em todos os cantos da terra, até alcançar toda a mulher, homem, idoso, jovem e criança.

A misericórdia gera íntima alegria no coração do Pai, sempre que encontra cada criatura humana; desde o princípio, Ele dirige-Se amorosamente mesmo às mais vulneráveis, porque a sua grandeza e poder manifestam-se precisamente na capacidade de empatia com os mais pequenos, os descartados, os oprimidos (cf. *Dt* 4, 31; *Sal* 86, 15; 103, 8; 111, 4). É o Deus benigno, solícito, fiel; aproxima-Se de quem passa necessidade para estar perto de todos, sobretudo dos pobres; envolve-Se com ternura na realidade humana, tal como fariam um pai e uma mãe na vida dos seus filhos (cf. *Jr* 31, 20). É ao ventre materno que alude o termo utilizado na Bíblia hebraica para dizer misericórdia: trata-se, pois, do amor duma mãe pelos filhos; filhos que ela amará sempre, em todas as circunstâncias suceda o que suceder, porque são fruto do seu ventre. Este é um aspeto essencial também do amor que Deus nutre por todos os seus filhos, especialmente pelos membros do povo que gerou e deseja criar e educar: perante as suas fragilidades e infidelidades, o seu íntimo comove-se e estremece de compaixão (cf. *Os* 11, 8). Mas Ele é misericordioso para com todos, o seu amor é para todos os povos e a sua ternura estende-se sobre todas as criaturas (cf. *Sal* 144, 8-9).

A misericórdia encontra a sua manifestação mais alta e perfeita no Verbo encarnado. Ele revela o rosto do Pai, rico em misericórdia: «não somente fala dela e a explica com o uso de comparações e parábolas, mas sobretudo Ele próprio a encarna e a personifica» (João Paulo II, Enc. *Dives in misericordia*, 2). Aceitando e seguindo Jesus por meio do Evangelho e dos Sacramentos, com a ação do Espírito Santo, podemos tornar-nos misericordiosos como o nosso Pai celestial, aprendendo a amar como Ele nos ama e fazendo da nossa vida um dom gratuito, um sinal da sua bondade (cf. Bula *Misericordiae Vultus*, 3). A primeira comunidade que, no meio da humanidade, vive a misericórdia de Cristo é a Igreja: sempre sente sobre si o olhar d'Ele que a escolhe com amor misericordioso e, deste amor, ela deduz o estilo do seu mandato, vive dele e dá-o a conhecer aos povos num diálogo respeitoso por cada cultura e convicção religiosa.

Como nos primeiros tempos da experiência eclesial, há tantos homens e mulheres de todas as idades e condições que dão testemunho deste amor de misericórdia. Sinal eloquente do amor materno de Deus é uma considerável e crescente presença feminina no mundo missionário, ao lado da presença masculina. As mulheres, leigas ou consagradas – e hoje também numerosas

famílias –, realizam a sua vocação missionária nas mais variadas formas: desde o anúncio direto do Evangelho ao serviço socio-caritativo. Ao lado da obra evangelizadora e sacramental dos missionários, aparecem as mulheres e as famílias que entendem, de forma muitas vezes mais adequada, os problemas das pessoas e sabem enfrentá-los de modo oportuno e por vezes inédito: cuidando da vida, com uma acrescida atenção centrada mais nas pessoas do que nas estruturas e fazendo valer todos os recursos humanos e espirituais para construir harmonia, relacionamento, paz, solidariedade, diálogo, cooperação e fraternidade, tanto no setor das relações interpessoais como na área mais ampla da vida social e cultural e, de modo particular, no cuidado dos pobres.

Em muitos lugares, a evangelização parte da atividade educativa, à qual o trabalho missionário dedica esforço e tempo, como o vinhateiro misericordioso do Evangelho (cf. *Lc* 13, 7-9; *Jo* 15, 1), com paciência para esperar os frutos depois de anos de lenta formação; geram-se assim pessoas capazes de evangelizar e fazer chegar o Evangelho onde ninguém esperaria vê-lo realizado. A Igreja pode ser definida «mãe», mesmo para aqueles que poderão um dia chegar à fé em Cristo. Espero, pois, que o povo santo de Deus exerça o serviço materno da misericórdia, que tanto ajuda os povos que ainda não conhecem o Senhor a encontrá-Lo e a amá-Lo. Com efeito a fé é dom de Deus, e não fruto de proselitismo; mas cresce graças à fé e à caridade dos evangelizadores, que são testemunhas de Cristo. Quando os discípulos de Jesus percorrem as estradas do mundo, é-lhes pedido aquele amor sem medida que tende a aplicar a todos a mesma medida do Senhor; anunciamos o dom mais belo e maior que Ele nos ofereceu: a sua vida e o seu amor.

Cada povo e cultura tem direito de receber a mensagem de salvação, que é dom de Deus para todos. E a necessidade dela redobra ao considerarmos quantas injustiças, guerras, crises humanitárias aguardam, hoje, por uma solução. Os missionários sabem, por experiência, que o Evangelho do perdão e da misericórdia pode levar alegria e reconciliação, justiça e paz. O mandato do Evangelho – «Ide, pois, fazei discípulos de todos os povos, batizando-os em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, ensinando-os a cumprir tudo quanto vos tenho mandado» (*Mt* 28, 19-20) – não terminou, antes pelo contrário impele-nos a todos, nos cenários presentes e desafios atuais, a sentir-nos chamados para uma renovada «saída» missionária, como indiquei na Exortação Apostólica *Evangeli* *gaudium*: «cada cristão e cada comunidade há de discernir qual é o caminho que o Senhor lhe pede, mas todos somos convidados a aceitar esta chamada: sair da própria comodidade e ter a coragem de alcançar todas as periferias que precisam da luz do Evangelho» (n. 20).

Precisamente neste Ano Jubilar, celebra o seu nonagésimo aniversário o Dia Mundial das Missões, promovido pela Pontifícia Obra da Propagação da Fé e aprovado pelo Papa Pio XI em 1926. Por isso, considero oportuno recordar as sábias indicações dos meus Predecessores, estabelecendo que fossem destinadas a esta Opera todas as ofertas que cada diocese, paróquia, comunidade religiosa, associação e movimento, de todo o mundo, pudessem recolher para socorrer as comunidades cristãs necessitadas de ajuda e revigorar o anúncio do Evangelho até aos últimos confins da terra. Também nos nossos dias, não nos subtraímos a este gesto de comunhão eclesial missionário; não restringimos o coração às nossas preocupações particulares, mas alarguemo-lo aos horizontes da humanidade inteira.

Santa Maria, ícone sublime da humanidade redimida, modelo missionário para a Igreja, ensine a todos, homens, mulheres e famílias, a gerar e guardar por todo o lado a presença viva e misteriosa do Senhor Ressuscitado, que renova e enche de jubilosa misericórdia as relações entre as pessoas, as culturas e os povos.

MENSAGEM DO PAPA FRANCISCO PARA O DIA MUNDIAL DAS MISSÕES DE 2017

A missão no coração da fé cristã

Queridos irmãos e irmãs!

O Dia Mundial das Missões concentra-nos, também este ano, na pessoa de Jesus, «o primeiro e maior evangelizador» (Paulo VI, Exort. ap. *Evangelii nuntiandi*, 7), que incessantemente nos envia a anunciar o Evangelho do amor de Deus Pai, com a força do Espírito Santo. Este Dia convida-nos a refletir novamente sobre a *missão no coração da fé cristã*. De facto a Igreja é, por sua natureza, missionária; se assim não for, deixa de ser a Igreja de Cristo, não passando duma associação entre muitas outras, que rapidamente veria exaurir-se a sua finalidade e desapareceria. Por isso, somos convidados a interrogar-nos sobre algumas questões que tocam a própria identidade cristã e as nossas responsabilidades de crentes, num mundo baralhado com tantas quimeras, ferido por grandes frustrações e dilacerado por numerosas guerras fratricidas, que injustamente atingem sobretudo os inocentes. Qual é o *fundamento* da missão? Qual é o *coração* da missão? Quais são as *atitudes vitais* da missão?

A missão e o poder transformador do Evangelho de Cristo, Caminho, Verdade e Vida

1. A missão da Igreja, destinada a todos os homens de boa vontade, funda-se sobre o poder transformador do Evangelho. Este é uma Boa Nova portadora duma alegria contagiante, porque contém e oferece uma vida nova: a vida de Cristo ressuscitado, o qual, comunicando o seu Espírito vivificador, torna-Se para nós Caminho, Verdade e Vida (cf. Jo 14, 6). É *Caminho* que nos convida a segui-Lo com confiança e coragem. E, seguindo Jesus como nosso *Caminho*, fazemos experiência da sua *Verdade* e recebemos a sua *Vida*, que é plena comunhão com Deus Pai na força do Espírito Santo, liberta-nos de toda a forma de egoísmo e torna-se fonte de criatividade no amor.

2. Deus Pai quer esta transformação existencial dos seus filhos e filhas; uma transformação que se expressa como culto em espírito e verdade (cf. Jo 4, 23-24), ou seja, numa vida animada pelo Espírito Santo à imitação do Filho Jesus para glória de Deus Pai. «A glória de Deus é o homem vivo» (Ireneu, *Adversus haereses* IV, 20, 7). Assim, o anúncio do Evangelho torna-se palavra viva e eficaz que realiza o que proclama (cf. Is 55, 10-11), isto é, Jesus Cristo, que incessantemente Se faz carne em cada situação humana (cf. Jo 1, 14).

A missão e o kairós de Cristo

3. Por conseguinte, a missão da Igreja não é a propagação duma ideologia religiosa, nem mesmo a proposta duma ética sublime. No mundo, há muitos movimentos capazes de apresentar ideais elevados ou expressões éticas notáveis. Diversamente, através da missão da Igreja, é Jesus Cristo que continua a evangelizar e agir; e, por isso, aquela representa o *kairós*, o tempo propício da salvação na história. Por meio da proclamação do Evangelho, Jesus torna-Se sem cessar nosso contemporâneo, consentindo à pessoa que O acolhe com fé e amor experimentar a força transformadora do seu Espírito de Ressuscitado que fecunda o ser humano e a criação, como faz a chuva com a terra. «A sua ressurreição não é algo do passado; contém uma força de vida que penetrou o mundo. Onde parecia que tudo morreu, voltam a aparecer por todo o lado os rebentos da ressurreição. É uma força sem igual» (Exort. ap. *Evangelii gaudium*, 276).

4. Lembremo-nos sempre de que, «ao início do ser cristão, não há uma decisão ética ou uma grande ideia, mas o encontro com um acontecimento, com uma Pessoa que dá à vida um novo horizonte e, desta forma, o rumo decisivo» (Bento XVI, Carta. enc. *Deus caritas est*, 1). O Evangelho é uma Pessoa, que continuamente Se oferece e, a quem A acolhe com fé humilde e operosa, continuamente convida a partilhar a sua vida através duma participação efetiva no seu mistério pascal de morte e ressurreição. Assim, por meio do *Batismo*, o Evangelho torna-se fonte de vida nova, liberta do domínio do pecado, iluminada e transformada pelo Espírito Santo; através da *Confirmação*, torna-se unção fortalecedora que, graças ao mesmo Espírito, indica caminhos e estratégias novas de testemunho e proximidade; e, mediante a *Eucaristia*, torna-se alimento do homem novo, «remédio de imortalidade» (Inácio de Antioquia, *Epistula ad Ephesios*, 20, 2).

5. O mundo tem uma necessidade essencial do Evangelho de Jesus Cristo. Ele, através da Igreja, continua a sua missão de *Bom Samaritano*, curando as feridas sanguinolentas da humanidade, e a sua missão de *Bom Pastor*, buscando sem descanso quem se extraviou por veredas enviesadas e sem saída. E, graças a Deus, não faltam experiências significativas que testemunham a força transformadora do Evangelho. Penso no gesto daquele estudante «dinka» que, à custa da própria vida, protege um estudante da tribo «nuer» que ia ser assassinado. Penso naquela Celebração Eucarística em Kitgum, no norte do Uganda – então ensanguentado pelas atrocidades dum grupo de rebeldes –, quando um missionário levou as pessoas a repetirem as palavras de Jesus na cruz: «Meu Deus, meu Deus, porque Me abandonaste?» (Mc 15, 34), expressando o grito desesperado dos irmãos e irmãs do Senhor crucificado. Aquela Celebração foi fonte de grande consolação e de muita coragem para as pessoas. E podemos pensar em tantos testemunhos – testemunhos sem conta – de como o Evangelho ajuda a superar os fechamentos, os conflitos, o racismo, o tribalismo, promovendo por todo o lado a reconciliação, a fraternidade e a partilha entre todos.

A missão inspira uma espiritualidade de êxodo, peregrinação e exílio contínuos

6. A missão da Igreja é animada por uma espiritualidade de *êxodo contínuo*. Trata-se de «sair da própria comodidade e ter a coragem de alcançar todas as periferias que precisam da luz do Evangelho» (Francisco, Exort. ap. *Evangelii gaudium*, 20). A missão da Igreja encoraja a uma atitude de *peregrinação contínua* através dos vários desertos da vida, através das várias experiências de fome e sede de verdade e justiça. A missão da Igreja inspira uma experiência de *exílio contínuo*, para fazer sentir ao homem sedento de infinito a sua condição de exilado a caminho da pátria definitiva, pendente entre o «já» e o «ainda não» do Reino dos Céus.

7. A missão adverte a Igreja de que não é fim em si mesma, mas instrumento e mediação do Reino. Uma Igreja autorreferencial, que se compraza dos sucessos terrenos, não é a Igreja de Cristo, seu corpo crucificado e glorioso. Por isso mesmo, é preferível «uma Igreja acidentada, ferida e enlameada por ter saído pelas estradas, a uma Igreja enferma pelo fechamento e a comodidade de se agarrar às próprias seguranças» (*Ibid.*, 49).

Os jovens, esperança da missão

8. Os jovens são a esperança da missão. A pessoa de Jesus e a Boa Nova proclamada por Ele continuam a fascinar muitos jovens. Estes buscam percursos onde possam concretizar a coragem e os ímpetos do coração ao serviço da humanidade. «São muitos os jovens que se solidarizam contra os males do mundo, aderindo a várias formas de militância e voluntariado. (...) Como é bom que os jovens sejam “caminheiros da fé”, felizes por levarem Jesus Cristo a cada esquina, a cada praça, a cada canto da terra!» (*Ibid.*, 106). A próxima Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos, que terá lugar em 2018 sobre o tema «*Os jovens, a fé e o discernimento vocacional*», revela-se uma ocasião providencial para envolver os jovens na responsabilidade missionária comum, que precisa da sua rica imaginação e criatividade.

O serviço das Obras Missionárias Pontifícias

9. As Obras Missionárias Pontifícias são um instrumento precioso para suscitar em cada comunidade cristã o desejo de sair das próprias fronteiras e das próprias seguranças, fazendo-se ao largo a fim de anunciar o Evangelho a todos. Através duma espiritualidade missionária profunda vivida dia-a-dia e dum esforço constante de formação e animação missionária, envolvem-se adolescentes, jovens, adultos, famílias, sacerdotes, religiosos e religiosas, bispos para que, em cada um, cresça um coração missionário. Promovido pela Obra da Propagação da Fé, o Dia Mundial das Missões é a ocasião propícia para o coração missionário das comunidades cristãs participar, com a oração, com o testemunho da vida e com a comunhão dos bens, na resposta às graves e vastas necessidades da evangelização.

Fazer missão com Maria, Mãe da evangelização

10. Queridos irmãos e irmãs, façamos missão inspirando-nos em Maria, Mãe da evangelização. Movida pelo Espírito, Ela acolheu o Verbo da vida na profundidade da sua fé humilde. Que a Virgem nos ajude a dizer o nosso «sim» à urgência de fazer ressoar a Boa Nova de Jesus no nosso tempo; nos obtenha um novo ardor de ressuscitados para levar, a todos, o Evangelho da vida que vence a morte; interceda por nós, a fim de podermos ter uma santa ousadia de procurar novos caminhos para que chegue a todos o dom da salvação.

Vaticano, 4 de Junho – Solenidade de Pentecostes – de 2017.

MENSAGEM DO PAPA FRANCISCO PARA O DIA MUNDIAL DAS MISSÕES DE 2018

(21 de Outubro de 2018)

«Juntamente com os jovens, levemos o Evangelho a todos»

Queridos jovens, juntamente convosco desejo refletir sobre a missão que Jesus nos confiou. Apesar de me dirigir a vós, pretendo incluir todos os cristãos, que vivem na Igreja a aventura da sua existência como filhos de Deus. O que me impele a falar a todos, dialogando convosco, é a certeza de que a fé cristã permanece sempre jovem, quando se abre à missão que Cristo nos confia. «A missão revigora a fé» (Carta enc. *Redemptoris missio*, 2): escrevia São João Paulo II, um Papa que tanto amava os jovens e, a eles, muito se dedicou.

O Sínodo que celebraremos em Roma no próximo mês de outubro, mês missionário, dá-nos oportunidade de entender melhor, à luz da fé, aquilo que o Senhor Jesus vos quer dizer a vós, jovens, e, através de vós, às comunidades cristãs.

A vida é uma missão

Todo o homem e mulher é uma missão, e esta é a razão pela qual se encontra a viver na terra. Ser *atraídos* e ser *enviados* são os dois movimentos que o nosso coração, sobretudo quando é jovem em idade, sente como forças interiores do amor que prometem futuro e impelem a nossa existência para a frente. Ninguém, como os jovens, sente quanto irrompe a vida e atrai. Viver com alegria a própria responsabilidade pelo mundo é um grande desafio. Conheço bem as luzes e as sombras de ser jovem e, se penso na minha juventude e na minha família, recordo a intensidade da esperança por um futuro melhor. O facto de nos encontrarmos neste mundo sem ser por nossa decisão faz-nos intuir que há uma iniciativa que nos antecede e faz existir. Cada um de nós é chamado a refletir sobre esta realidade: «Eu sou uma missão nesta terra, e para isso estou neste mundo» (Papa Francisco, Exort. ap. *Evangelii gaudium*, 273).

Anunciamo-vos Jesus Cristo

A Igreja, ao anunciar aquilo que gratuitamente recebeu (cf. *Mt* 10, 8; *At* 3, 6), pode partilhar convosco, queridos jovens, o caminho e a verdade que conduzem ao sentido do viver nesta terra. Jesus Cristo, morto e ressuscitado por nós, oferece-Se à nossa liberdade e desafia-a a procurar, descobrir e anunciar este sentido verdadeiro e pleno. Queridos jovens, não tenhais medo de Cristo e da sua Igreja! Neles, está o tesouro que enche a vida de alegria. Digo-vos isto por experiência: graças à fé, encontrei o fundamento dos meus sonhos e a força para os realizar. Vi muitos sofrimentos, muita pobreza desfigurar o rosto de tantos irmãos e irmãs. E todavia, para quem está com Jesus, o mal é um desafio a amar cada vez mais. Muitos homens e mulheres, muitos jovens entregaram-se generosamente, às vezes até ao martírio, por amor do Evangelho ao serviço dos irmãos. A partir da cruz de Jesus, aprendemos a lógica divina da oferta de nós mesmos (cf. *1 Cor* 1, 17-25) como anúncio do Evangelho para a vida do mundo (cf. *Jo* 3, 16). Ser inflamados pelo amor de Cristo consome quem arde e faz crescer, ilumina e aquece a quem se ama (cf. *2 Cor* 5, 14). Na escola dos santos, que nos abrem para os vastos horizontes de Deus, convido-vos a perguntar a vós mesmos em cada circunstância: «Que faria Cristo no meu lugar?»

Transmitir a fé até aos últimos confins da terra

Pelo Batismo, também vós, jovens, sois membros vivos da Igreja e, juntos, temos a missão de levar o Evangelho a todos. Estais a desabrochar para a vida. Crescer na graça da fé, que nos foi transmitida pelos sacramentos da Igreja, integra-nos num fluxo de gerações de testemunhas, onde a sabedoria daqueles que têm experiência se torna testemunho e encorajamento para quem se abre ao futuro. E, por sua vez, a novidade dos jovens torna-se apoio e esperança para aqueles que estão próximo da meta do seu caminho. Na convivência das várias idades da vida, a missão da Igreja constrói pontes intergeracionais, nas quais a fé em Deus e o amor ao próximo constituem fatores de profunda união.

Por isso, esta transmissão da fé, coração da missão da Igreja, verifica-se através do «contágio» do amor, onde a alegria e o entusiasmo expressam o sentido reencontrado e a plenitude da vida. A propagação da fé por atração requer corações abertos, dilatados pelo amor. Ao amor, não se pode colocar limites: forte como a morte é o amor (cf. *Ct* 8, 6). E tal expansão gera o encontro, o testemunho, o anúncio; gera a partilha na caridade com todos aqueles que, longe da fé, se mostram indiferentes e, às vezes, impugnadores e contrários à mesma. Ambientes humanos, culturais e religiosos ainda alheios ao Evangelho de Jesus e à presença sacramental da Igreja constituem as periferias extremas, os «últimos confins da terra», aos quais, desde a Páscoa de Jesus, são enviados os seus discípulos missionários, na certeza de terem sempre com eles o seu Senhor (cf. *Mt* 28, 20; *At* 1, 8). Nisto consiste o que designamos por *missio ad gentes*. A periferia mais desolada da humanidade carente de Cristo é a indiferença à fé ou mesmo o ódio contra a plenitude divina da vida. Toda a pobreza material e espiritual, toda a discriminação de irmãos e irmãs é sempre consequência da recusa de Deus e do seu amor.

Hoje para vós, queridos jovens, os últimos confins da terra são muito relativos e sempre facilmente «navegáveis». O mundo digital, as redes sociais, que nos envolvem e entrecruzam, diluem fronteiras, cancelam margens e distâncias, reduzem as diferenças. Tudo parece estar ao alcance da mão: tudo tão próximo e imediato... E todavia, sem o dom que incluía as nossas vidas, poderemos ter miríades de contactos, mas nunca estaremos imersos numa verdadeira comunhão de vida. A missão até aos últimos confins da terra requer o dom de nós próprios na vocação que nos foi dada por Aquele que nos colocou nesta terra (cf. *Lc* 9, 23-25). Atrevo-me a dizer que, para um jovem que quer seguir Cristo, o essencial é a busca e a adesão à sua vocação.

Testemunhar o amor

Agradeço a todas as realidades eclesiais que vos permitem encontrar, pessoalmente, Cristo vivo na sua Igreja: as paróquias, as associações, os movimentos, as comunidades religiosas, as mais variadas expressões de serviço missionário. Muitos jovens encontram, no voluntariado missionário, uma forma para servir os «mais pequenos» (cf. *Mt* 25, 40), promovendo a dignidade humana e testemunhando a alegria de amar e ser cristão. Estas experiências eclesiais fazem com que a formação de cada um não seja apenas preparação para o seu bom-êxito profissional, mas desenvolva e cuide um dom do Senhor para melhor servir aos outros. Estas louváveis formas de serviço missionário temporâneo são um começo fecundo e, no discernimento vocacional, podem ajudar-vos a decidir pelo dom total de vós mesmos como missionários.

De corações jovens, nasceram as Obras Missionárias Pontifícias, para apoiar o anúncio do Evangelho a todos os povos, contribuindo para o crescimento humano e cultural de muitas populações sedentas de Verdade. As orações e as ajudas materiais, que generosamente são dadas e distribuídas através das OMPs, ajudam a Santa Sé a garantir que, quantos recebem ajuda para as suas necessidades, possam, por sua vez, ser capazes de dar testemunho no próprio ambiente. Ninguém é tão pobre que não possa dar o que tem e, ainda antes, o que é. Apraz-me repetir a exortação que dirigi aos jovens chilenos: «Nunca penses que não tens nada para dar, ou que não precisas de ninguém. Muita gente precisa de ti. Pensa nisso! Cada um de

vós pense nisto no seu coração: muita gente precisa de mim» (*Encontro com os jovens, Santiago – Santuário de Maipú*, 17/II/2018).

Queridos jovens, o próximo mês missionário de outubro, em que terá lugar o Sínodo a vós dedicado, será mais uma oportunidade para vos tornardes discípulos missionários cada vez mais apaixonados por Jesus e pela sua missão até aos últimos confins da terra. A Maria, Rainha dos Apóstolos, ao Santos Francisco Xavier e Teresa do Menino Jesus, ao Beato Paulo Manna, peço que intercedam por todos nós e sempre nos acompanhem.

Vaticano, 20 de Maio – Solenidade de Pentecostes – de 2018.

MENSAGEM DO PAPA FRANCISCO PARA O DIA MUNDIAL DAS MISSÕES DE 2019

(20 de Outubro de 2019)

Baptizados e enviados: a Igreja de Cristo em missão no mundo

Queridos irmãos e irmãs!

Pedi a toda a Igreja que vivesse um tempo extraordinário de missionariedade no mês de outubro de 2019, para comemorar o centenário da promulgação da Carta apostólica *Maximum illud*, do *Papa Bento XV* (30 de novembro de 1919). A clarividência profética da sua proposta apostólica confirmou-me como é importante, ainda hoje, renovar o compromisso missionário da Igreja, potenciar evangelicamente a sua missão de anunciar e levar ao mundo a salvação de Jesus Cristo, morto e ressuscitado.

O título desta mensagem – «*batizados e enviados: a Igreja de Cristo em missão no mundo*» – é o mesmo do Outubro Missionário. A celebração deste mês ajudar-nos-á, em primeiro lugar, a reencontrar o sentido missionário da nossa adesão de fé a Jesus Cristo, fé recebida como dom gratuito no Batismo. O ato, pelo qual somos feitos filhos de Deus, sempre é eclesial, nunca individual: da comunhão com Deus, Pai e Filho e Espírito Santo, nasce uma vida nova partilhada com muitos outros irmãos e irmãs. E esta vida divina não é um produto para vender – não fazemos proselitismo –, mas uma riqueza para dar, comunicar, anunciar: eis o sentido da missão. Recebemos gratuitamente este dom, e gratuitamente o partilhamos (cf. *Mt* 10, 8), sem excluir ninguém. Deus quer que todos os homens sejam salvos, chegando ao conhecimento da verdade e à experiência da sua misericórdia por meio da Igreja, sacramento universal da salvação (cf. *1 Tm* 2, 4; 3, 15; Conc. Ecum. Vat. II, Const. dogm. *Lumen gentium*, 48).

A Igreja está em missão no mundo: a fé em Jesus Cristo dá-nos a justa dimensão de todas as coisas, fazendo-nos ver o mundo com os olhos e o coração de Deus; a esperança abre-nos aos horizontes eternos da vida divina, de que verdadeiramente participamos; a caridade, que gozamos nos sacramentos e no amor fraterno, impele-nos até aos confins da terra (cf. *Miq* 5, 3; *Mt* 28, 19; *At* 1, 8; *Rm* 10, 18). Uma Igreja em saída até aos extremos confins requer constante e permanente conversão missionária. Quantos santos, quantas mulheres e homens de fé nos dão testemunho, mostrando como possível e praticável esta abertura ilimitada, esta saída misericordiosa ditada pelo impulso urgente do amor e da sua lógica intrínseca de dom, sacrifício e gratuidade (cf. *2 Cor* 5, 14-21)!

Sê homem de Deus, que anuncia Deus (cf. Carta ap. *Maximum illud*): este mandato toca-nos de perto. Eu sou sempre uma missão; tu és sempre uma missão; cada batizada e batizado é uma missão. Quem ama, põe-se em movimento, sente-se impelido para fora de si mesmo: é atraído e atrai; dá-se ao outro e tece relações que geram vida. Para o amor de Deus, ninguém é inútil nem insignificante. Cada um de nós é uma missão no mundo, porque fruto do amor de Deus. Ainda que meu pai e minha mãe traíssem o amor com a mentira, o ódio e a infidelidade, Deus nunca Se subtrai ao dom da vida e, desde sempre, deu como destino a cada um dos seus filhos a própria vida divina e eterna (cf. *Ef* 1, 3-6).

Esta vida é-nos comunicada no Batismo, que nos dá a fé em Jesus Cristo, vencedor do pecado e da morte, regenera à imagem e semelhança de Deus e insere no Corpo de Cristo, que é a Igreja.

Por conseguinte, neste sentido, o Batismo é verdadeiramente necessário para a salvação, pois garante-nos que somos filhos e filhas, sempre e em toda parte: jamais seremos órfãos, estrangeiros ou escravos na casa do Pai. Aquilo que, no cristão, é realidade sacramental – com a sua plenitude na Eucaristia –, permanece vocação e destino para todo o homem e mulher à espera de conversão e salvação. Com efeito, o Batismo é promessa realizada do dom divino, que torna o ser humano filho no Filho. Somos filhos dos nossos pais naturais, mas, no Batismo, é-nos dada a paternidade primordial e a verdadeira maternidade: não pode ter Deus como Pai quem não tem a Igreja como mãe (cf. São Cipriano, *A unidade da Igreja*, 4).

Assim, a nossa missão radica-se na paternidade de Deus e na maternidade da Igreja, porque é inerente ao Batismo o envio expresso por Jesus no mandato pascal: como o Pai Me enviou, também Eu vos envio a vós, cheios de Espírito Santo para a reconciliação do mundo (cf. *Jo* 20, 19-23; *Mt* 28, 16-20). Este envio incumbe ao cristão, para que a ninguém falte o anúncio da sua vocação a filho adotivo, a certeza da sua dignidade pessoal e do valor intrínseco de cada vida humana desde a concepção até à sua morte natural. O secularismo difuso, quando se torna rejeição positiva e cultural da paternidade ativa de Deus na nossa história, impede toda e qualquer fraternidade universal autêntica, que se manifesta no respeito mútuo pela vida de cada um. Sem o Deus de Jesus Cristo, toda a diferença fica reduzida a ameaça infernal, tornando impossível qualquer aceitação fraterna e unidade fecunda do género humano.

O destino universal da salvação, oferecida por Deus em Jesus Cristo, levou [Bento XV](#) a exigir a superação de todo o fechamento nacionalista e etnocêntrico, de toda a mistura do anúncio do Evangelho com os interesses económicos e militares das potências coloniais. Na sua Carta apostólica *Maximum illud*, o Papa lembrava que a universalidade divina da missão da Igreja exige o abandono duma pertença exclusivista à própria pátria e à própria etnia. A abertura da cultura e da comunidade à novidade salvífica de Jesus Cristo requer a superação de toda a indevida introversão étnica e eclesial. Também hoje, a Igreja continua a necessitar de homens e mulheres que, em virtude do seu Batismo, respondam generosamente à chamada para sair da sua própria casa, da sua família, da sua pátria, da sua própria língua, da sua Igreja local. São enviados aos gentios, ao mundo ainda não transfigurado pelos sacramentos de Jesus Cristo e da sua Igreja santa. Anunciando a Palavra de Deus, testemunhando o Evangelho e celebrando a vida do Espírito, chamam à conversão, batizam e oferecem a salvação cristã no respeito pela liberdade pessoal de cada um, em diálogo com as culturas e as religiões dos povos a quem são enviados. Assim a *missio ad gentes*, sempre necessária na Igreja, contribui de maneira fundamental para o processo permanente de conversão de todos os cristãos. A fé na Páscoa de Jesus, o envio eclesial batismal, a saída geográfica e cultural de si mesmo e da sua própria casa, a necessidade de salvação do pecado e a libertação do mal pessoal e social exigem a missão até aos últimos confins da terra.

A coincidência providencial do Mês Missionário Extraordinário com a celebração do [Sínodo Especial sobre as Igrejas na Amazónia](#) leva-me a assinalar como a missão, que nos foi confiada por Jesus com o dom do seu Espírito, ainda seja atual e necessária também para aquelas terras e seus habitantes. Um renovado Pentecostes abra de par em par as portas da Igreja, a fim de que nenhuma cultura permaneça fechada em si mesma e nenhum povo fique isolado, mas se abra à comunhão universal da fé. Que ninguém fique fechado em si mesmo, na autorreferencialidade da sua própria pertença étnica e religiosa. A Páscoa de Jesus rompe os limites estreitos de mundos, religiões e culturas, chamando-os a crescer no respeito pela dignidade do homem e da mulher, rumo a uma conversão cada vez mais plena à Verdade do Senhor Ressuscitado, que dá a verdadeira vida a todos.

A este respeito, recordo as palavras do [Papa Bento XVI](#) no início do nosso encontro de Bispos Latino-Americanos na Aparecida, Brasil, em 2007, palavras que desejo transcrever aqui e

subscrevê-las: «O que significou a aceitação da fé cristã para os povos da América Latina e do Caribe? Para eles, significou conhecer e acolher Cristo, o Deus desconhecido que os seus antepassados, sem o saber, buscavam nas suas ricas tradições religiosas. Cristo era o Salvador que esperavam silenciosamente. Significou também ter recebido, com as águas do Batismo, a vida divina que fez deles filhos de Deus por adoção; ter recebido, outrossim, o Espírito Santo que veio fecundar as suas culturas, purificando-as e desenvolvendo os numerosos germes e sementes que o Verbo encarnado tinha lançado nelas, orientando-as assim pelos caminhos do Evangelho. (...) O Verbo de Deus, fazendo-Se carne em Jesus Cristo, fez-Se também história e cultura. A utopia de voltar a dar vida às religiões pré-colombianas, separando-as de Cristo e da Igreja universal, não seria um progresso, mas uma regressão. Na realidade, seria uma involução para um momento histórico ancorado no passado» [*Discurso na Sessão Inaugural (13 de maio de 2007)*, 1: *Insegnamenti* III/1 (2007), 855-856].

A Maria, nossa Mãe, confiamos a missão da Igreja. Unida ao seu Filho, desde a encarnação, a Virgem colocou-se em movimento, deixando-se envolver-se totalmente pela missão de Jesus; missão que, ao pé da cruz, havia de se tornar também a sua missão: colaborar como Mãe da Igreja para gerar, no Espírito e na fé, novos filhos e filhas de Deus.

Gostaria de concluir com uma breve palavra sobre as Obras Missionárias Pontifícias, que a Carta apostólica *Maximum illud* já apresentava como instrumentos missionários. De facto, como uma rede global que apoia o Papa no seu compromisso missionário, prestam o seu serviço à universalidade eclesial mediante a oração, alma da missão, e a caridade dos cristãos espalhados pelo mundo inteiro. A oferta deles ajuda o Papa na evangelização das Igrejas particulares (Obra da Propagação da Fé), na formação do clero local (Obra de São Pedro Apóstolo), na educação duma consciência missionária das crianças de todo o mundo (Obra da Santa Infância) e na formação missionária da fé dos cristãos (União Missionária Pontifícia). Ao renovar o meu apoio a estas Obras, espero que o Mês Missionário Extraordinário de outubro de 2019 contribua para a renovação do seu serviço missionário ao meu ministério.

Aos missionários e às missionárias e a todos aqueles que de algum modo participam, em virtude do seu Baptismo, na missão da Igreja, de coração envio a minha bênção.

Vaticano, 9 de Junho – Solenidade de Pentecostes – de 2019.

MENSAGEM DO PAPA FRANCISCO PARA O DIA MUNDIAL DAS MISSÕES DE 2020

(18 de Outubro de 2020)

«Eis-me aqui, envia-me» (Is 6, 8)

Queridos irmãos e irmãs!

Desejo manifestar a minha gratidão a Deus pelo empenho com que, em outubro passado, foi vivido o Mês Missionário Extraordinário em toda a Igreja. Estou convencido de que isso contribuiu para estimular a conversão missionária em muitas comunidades pela senda indicada no tema «Batizados e enviados: a Igreja de Cristo em missão no mundo».

Neste ano, marcado pelas tribulações e desafios causados pela pandemia do covid-19, este caminho missionário de toda a Igreja continua à luz da palavra que encontramos na narração da vocação do profeta Isaías: «Eis-me aqui, envia-me» (Is 6, 8). É a resposta, sempre nova, à pergunta do Senhor: «Quem enviarei?» (*Ibid.*). Esta chamada provém do coração de Deus, da sua misericórdia, que interpela quer a Igreja quer a humanidade na crise mundial atual. À semelhança dos discípulos do Evangelho, fomos surpreendidos por uma tempestade inesperada e furibunda. Demo-nos conta de estar no mesmo barco, todos frágeis e desorientados mas, ao mesmo tempo, importantes e necessários: todos chamados a remar juntos, todos carecidos de mútuo encorajamento. E, neste barco, estamos todos. Tal como os discípulos que, falando a uma só voz, dizem angustiados “vamos perecer” (cf. *Mc* 4, 38), assim também nós nos apercebemos de que não podemos continuar estrada cada qual por conta própria, mas só o conseguiremos juntos» (Francisco, *Meditação na Praça de São Pedro*, 27/III/2020). Estamos verdadeiramente assustados, desorientados e temerosos. O sofrimento e a morte fazem-nos experimentar a nossa fragilidade humana; mas, ao mesmo tempo, todos nos reconhecemos participantes dum forte desejo de vida e de libertação do mal. Neste contexto, o chamamento à missão, o convite a sair de si mesmo por amor de Deus e do próximo aparece como oportunidade de partilha, serviço, intercessão. A missão que Deus confia a cada um faz passar do «eu» medroso e fechado ao «eu» resolutivo e renovado pelo dom de si.

No sacrifício da cruz, onde se realiza a missão de Jesus (cf. *Jo* 19, 28-30), Deus revela que o seu amor é por todos e cada um (cf. *Jo* 19, 26-27). E pede-nos a nossa disponibilidade pessoal para ser enviados, porque Ele é Amor em perene movimento de missão, sempre em saída de Si mesmo para dar vida. Por amor dos homens, Deus Pai enviou o Filho Jesus (cf. *Jo* 3, 16). Jesus é o Missionário do Pai: a sua Pessoa e a sua obra são, inteiramente, obediência à vontade do Pai (cf. *Jo* 4, 34; 6, 38; 8, 12-30; *Heb* 10, 5-10). Por sua vez, Jesus – crucificado e ressuscitado por nós –, no seu movimento de amor atrainos com o seu próprio Espírito, que anima a Igreja, torna-nos discípulos de Cristo e envia-nos em missão ao mundo e às nações.

«A missão, a “Igreja em saída” não é um programa, um intuito concretizável por um esforço de vontade. É Cristo que faz sair a Igreja de si mesma. Na missão de anunciar o Evangelho, move-se porque o Espírito te impele e conduz (Francisco, *Sem Ele nada podemos fazer*, 2019, 16-17). Deus é sempre o primeiro a amar-nos e, com este amor, vem ao nosso encontro e chama-nos. A nossa vocação pessoal provém do facto de sermos filhos e filhas de Deus na Igreja, sua família, irmãos e irmãs naquela caridade que Jesus nos testemunhou. Mas, todos têm uma dignidade humana fundada na vocação divina a ser filhos de Deus, a tornar-se, no sacramento do Batismo e na liberdade da fé, aquilo que são desde sempre no coração de Deus.

Já o facto de ter recebido gratuitamente a vida constitui um convite implícito para entrar na dinâmica do dom de si mesmo: uma semente que, nos batizados, ganhará forma madura como resposta de amor no matrimónio e na virgindade pelo Reino de Deus. A vida humana nasce do amor de Deus, cresce no amor e tende para o amor. Ninguém está excluído do amor de Deus e, no santo sacrifício de seu Filho Jesus na cruz, Deus venceu o pecado e a morte (cf. *Rom* 8, 31-39). Para Deus, o mal – incluindo o próprio pecado – torna-se um desafio para amar, e amar cada vez mais (cf. *Mt* 5, 38-48; *Lc* 23, 33-34). Por isso, no Mistério Pascal, a misericórdia divina cura a ferida primordial da humanidade e derrama-se sobre o universo inteiro. A Igreja, sacramento universal do amor de Deus pelo mundo, prolonga na história a missão de Jesus e envia-nos por toda a parte para que, através do nosso testemunho da fé e do anúncio do Evangelho, Deus continue a manifestar o seu amor e possa tocar e transformar corações, mentes, corpos, sociedades e culturas em todo o tempo e lugar.

A missão é resposta, livre e consciente, à chamada de Deus. Mas este chamamento só a podemos sentir, quando vivemos numa relação pessoal de amor com Jesus vivo na sua Igreja. Perguntemo-nos: estamos prontos a acolher a presença do Espírito Santo na nossa vida, a ouvir o chamamento à missão quer no caminho do matrimónio, quer no da virgindade consagrada ou do sacerdócio ordenado e, em todo o caso, na vida comum de todos os dias? Estamos dispostos a ser enviados para qualquer lugar a fim de testemunhar a nossa fé em Deus Pai misericordioso, proclamar o Evangelho da salvação de Jesus Cristo, partilhar a vida divina do Espírito Santo edificando a Igreja? Como Maria, a Mãe de Jesus, estamos prontos a permanecer sem reservas ao serviço da vontade de Deus (cf. *Lc* 1, 38)? Esta disponibilidade interior é muito importante para se conseguir responder a Deus: Eis-me aqui, Senhor, envia-me (cf. *Is* 6, 8). E isto respondido não em abstrato, mas no hoje da Igreja e da história.

A compreensão daquilo que Deus nos está a dizer nestes tempos de pandemia torna-se um desafio também para a missão da Igreja. Desafia-nos a doença, a tribulação, o medo, o isolamento. Interpela-nos a pobreza de quem morre sozinho, de quem está abandonado a si mesmo, de quem perde o emprego e o salário, de quem não tem abrigo e comida. Obrigados à distância física e a permanecer em casa, somos convidados a redescobrir que precisamos das relações sociais e também da relação comunitária com Deus. Longe de aumentar a desconfiança e a indiferença, esta condição deveria tornar-nos mais atentos à nossa maneira de nos relacionarmos com os outros. E a oração, na qual Deus toca e move o nosso coração, abre-nos às carências de amor, dignidade e liberdade dos nossos irmãos, bem como ao cuidado por toda a criação. A impossibilidade de nos reunirmos como Igreja para celebrar a Eucaristia fez-nos partilhar a condição de muitas comunidades cristãs que não podem celebrar a Missa todos os domingos. Neste contexto, é-nos dirigida novamente a pergunta de Deus – «quem enviarei?» – e aguarda, de nós, uma resposta generosa e convicta: «Eis-me aqui, envia-me» (*Is* 6, 8). Deus continua a procurar pessoas para enviar ao mundo e às nações, a fim de testemunhar o seu amor, a sua salvação do pecado e da morte, a sua libertação do mal (cf. *Mt* 9, 35-38; *Lc* 10, 1-11).

Celebrar o Dia Mundial das Missões significa também reiterar que a oração, a reflexão e a ajuda material das vossas ofertas são oportunidades para participar ativamente na missão de Jesus na sua Igreja. A caridade manifestada nas coletas das celebrações litúrgicas do terceiro domingo de outubro tem por objetivo sustentar o trabalho missionário, realizado em meu nome pelas Obras Missionárias Pontifícias, que acodem às necessidades espirituais e materiais dos povos e das Igrejas de todo o mundo para a salvação de todos.

A Santíssima Virgem Maria, Estrela da Evangelização e Consoladora dos Aflitos, discípula missionária do seu Filho Jesus, continue a amparar-nos e a interceder por nós.

Roma, em São João de Latrão, na Solenidade de Pentecostes, 31 de Maio de 2020.

MENSAGEM DO PAPA FRANCISCO PARA O DIA MUNDIAL DAS MISSÕES DE 2021

«Não podemos deixar de afirmar o que vimos e ouvimos» (At 4, 20)

Queridos irmãos e irmãs!

Quando experimentamos a força do amor de Deus, quando reconhecemos a sua presença de Pai na nossa vida pessoal e comunitária, não podemos deixar de anunciar e partilhar o *que vimos e ouvimos*. A relação de Jesus com os seus discípulos, a sua humanidade que nos é revelada no mistério da Encarnação, no seu Evangelho e na sua Páscoa mostram-nos até que ponto Deus ama a nossa humanidade e assume as nossas alegrias e sofrimentos, os nossos anseios e angústias (cf. Conc. Ecum. Vat II, Const. past. *Gaudium et spes*, 22). Tudo, em Cristo, nos lembra que o mundo em que vivemos e a sua necessidade de redenção não Lhe são estranhos e também nos chama a sentirmo-nos parte ativa desta missão: «Ide às saídas dos caminhos e convidai todos quantos encontrardes» (cf. Mt 22, 9). Ninguém é estranho, ninguém pode sentir-se estranho ou afastado deste amor de compaixão.

A experiência dos Apóstolos

A história da evangelização tem início com uma busca apaixonada do Senhor, que chama e quer estabelecer com cada pessoa, onde quer que esteja, um diálogo de amizade (cf. Jo 15, 12-17). Os Apóstolos são os primeiros que nos referem isso, lembrando inclusive a hora do dia em que O encontraram: «Eram as quatro da tarde» (Jo 1, 39). A amizade com o Senhor, vê-Lo curar os doentes, comer com os pecadores, alimentar os famintos, aproximar-Se dos excluídos, tocar os impuros, identificar-Se com os necessitados, fazer apelo às bem-aventuranças, ensinar de maneira nova e cheia de autoridade, deixa uma marca indelével, capaz de suscitar admiração e uma alegria expansiva e gratuita que não se pode conter. Como dizia o profeta Jeremias, esta experiência é o fogo ardente da sua presença ativa no nosso coração que nos impele à missão, mesmo que às vezes implique sacrifícios e incompreensões (cf. 20, 7-9). O amor está sempre em movimento e põe-nos em movimento, para partilhar o anúncio mais belo e promissor: «Encontramos o Messias» (Jo 1, 41).

Com Jesus, vimos, ouvimos e constatamos que as coisas podem mudar. Ele inaugurou – já para os dias de hoje – os tempos futuros, recordando-nos uma característica essencial do nosso ser humano, tantas vezes esquecida: «fomos criados para a plenitude, que só se alcança no amor» (Francisco, Carta enc. *Fratelli tutti*, 68). Tempos novos, que suscitam uma fé capaz de estimular iniciativas e plasmar comunidades a partir de homens e mulheres que aprendem a ocupar-se da fragilidade própria e dos outros (cf. *ibid.*, 67), promovendo a fraternidade e a amizade social. A comunidade eclesial mostra a sua beleza, sempre que se lembra, com gratidão, que o Senhor nos amou primeiro (cf. 1 Jo 4, 19). Esta «predileção amorosa do Senhor surpreende-nos e gera maravilha; esta, por sua natureza, não pode ser possuída nem imposta por nós. (...) Só assim pode florir o milagre da gratuidade, do dom gratuito de si mesmo. O próprio ardor missionário nunca se pode obter em consequência dum raciocínio ou dum cálculo. Colocar-se “em estado de missão” é um reflexo da gratidão» (Francisco, *Mensagem às Obras Missionárias Pontifícias*, 21 de maio de 2020).

E, no entanto, os tempos não eram fáceis; os primeiros cristãos começaram a sua vida de fé num ambiente hostil e árduo. Histórias de marginalização e prisão entrelaçavam-se com resistências internas e externas, que pareciam contradizer e até negar o que tinham visto e ouvido; mas isso, em vez de ser uma dificuldade ou um obstáculo que poderia levá-los a retrair-se ou fechar-se em si mesmos, impeliu-os a transformar cada incômodo, contrariedade e dificuldade em oportunidade para a missão. Os próprios limites e impedimentos tornaram-se um lugar privilegiado para ungir, tudo e todos, com o Espírito do Senhor. Nada e ninguém podia permanecer alheio ao anúncio libertador.

Possuímos o testemunho vivo de tudo isto nos *Atos dos Apóstolos*, livro que os discípulos missionários sempre têm à mão. É o livro que mostra como o perfume do Evangelho se difundiu à passagem deles, suscitando aquela alegria que só o Espírito nos pode dar. O livro dos Atos dos Apóstolos ensina-nos a viver as provações unindo-nos a Cristo, para maturar a «convicção de que Deus pode atuar em qualquer circunstância, mesmo no meio de aparentes fracassos», e a certeza de que «a pessoa que se oferece e entrega a Deus por amor, seguramente será fecunda (cf. Jo 15, 5)» (Francisco, Exort. ap. *Evangelii gaudium*, 279).

O mesmo se passa connosco: o momento histórico atual também não é fácil. A situação da pandemia evidenciou e aumentou o sofrimento, a solidão, a pobreza e as injustiças de que já tantos padeciam, e desmascarou as nossas falsas seguranças e as fragmentações e polarizações que nos dilaceram silenciosamente. Os mais frágeis e vulneráveis sentiram ainda mais a sua vulnerabilidade e fragilidade. Experimentamos o desânimo, a decepção, o cansaço; e até a amargura conformista, que tira a esperança, se apoderou do nosso olhar. Nós, porém, «não nos pregamos a nós mesmos, mas a Cristo Jesus, o Senhor, e nos consideramos vossos servos por amor de Jesus» (2 Cor 4, 5). Por isso ouvimos ressoar nas nossas comunidades e famílias a Palavra de vida que ecoa nos nossos corações dizendo: «Não está aqui; ressuscitou» (Lc 24, 6); uma Palavra de esperança, que desfaz qualquer determinismo e, a quantos se deixam tocar por ela, dá a liberdade e a audácia necessárias para se levantar e procurar, criativamente, todas as formas possíveis de viver a compaixão, «sacramental» da proximidade de Deus para connosco que não abandona ninguém na beira da estrada. Neste tempo de pandemia, perante a tentação de mascarar e justificar a indiferença e a apatia em nome dum sadio distanciamento social, é urgente a *missão da compaixão*, capaz de fazer da distância necessária um lugar de encontro, cuidado e promoção. «O que vimos e ouvimos» (At 4, 20), a misericórdia com que fomos tratados, transforma-se no ponto de referimento e credibilidade que nos permite recuperar e partilhar a paixão por criar «uma comunidade de pertença e solidariedade, à qual saibamos destinar tempo, esforço e bens» (Francisco, Carta enc. *Fratelli tutti*, 36). É a sua Palavra que diariamente nos redime e salva das desculpas que levam a fechar-nos no mais vil dos ceticismos: «Tanto faz; nada mudará!» Pois, à pergunta «para que hei de privar-me das minhas seguranças, comodidades e prazeres, se não vou ver qualquer resultado importante», a resposta é sempre a mesma: «Jesus Cristo triunfou sobre o pecado e a morte e possui todo o poder. Jesus Cristo vive verdadeiramente» (Francisco, Exort. ap. *Evangelii gaudium*, 275) e, também a nós, nos quer vivos, fraternos e capazes de acolher e partilhar esta esperança. No contexto atual, há urgente necessidade de missionários de esperança que, ungidos pelo Senhor, sejam capazes de lembrar profeticamente que ninguém se salva sozinho.

Como os apóstolos e os primeiros cristãos, também nós exclamamos com todas as nossas forças: «não podemos deixar de afirmar o que vimos e ouvimos» (At 4, 20). Tudo o que recebemos, tudo aquilo que o Senhor nos tem concedido, ofereceu-no-lo para o pormos a render doando-o gratuitamente aos outros. Como os apóstolos que viram, ouviram e tocaram a salvação de Jesus (cf. 1 Jo 1, 1-4), também nós, hoje, podemos tocar a carne sofredora e gloriosa de Cristo na história de cada dia e encontrar coragem para partilhar com todos um destino de esperança, esse

traço indubitável que provém de saber que estamos acompanhados pelo Senhor. Como cristãos, não podemos reservar o Senhor para nós mesmos: a missão evangelizadora da Igreja exprime a sua valência integral e pública na transformação do mundo e na salvaguarda da criação.

Um convite a cada um de nós

O tema do Dia Mundial das Missões deste ano – «não podemos deixar de afirmar o que vimos e ouvimos» (At 4, 20) – é um convite dirigido a cada um de nós para cuidar e dar a conhecer aquilo que tem no coração. Esta missão é, e sempre foi, a identidade da Igreja: «ela existe para evangelizar» (São Paulo VI, Exort. ap. *Evangelii nuntiandi*, 14). No isolamento pessoal ou fechando-se em pequenos grupos, a nossa vida de fé esmorece, perde profecia e capacidade de encanto e gratidão; por sua própria dinâmica, exige uma abertura crescente, capaz de alcançar e abraçar a todos. Atraídos pelo Senhor e a vida nova que oferecia, os primeiros cristãos, em vez de cederem à tentação de se fechar numa elite, foram ao encontro dos povos para testemunhar o que viram e ouviram: o Reino de Deus está próximo. Fizeram-no com a generosidade, gratidão e nobreza próprias das pessoas que semeiam, sabendo que outros comerão o fruto da sua dedicação e sacrifício. Por isso apraz-me pensar que «mesmo os mais frágeis, limitados e feridos podem [ser missionários] à sua maneira, porque sempre devemos permitir que o bem seja comunicado, embora coexista com muitas fragilidades» (Francisco, Exort. ap. pós-sinodal *Christus vivit*, 239).

No Dia Mundial das Missões que se celebra anualmente no penúltimo Domingo de Outubro, recordamos com gratidão todas as pessoas, cujo testemunho de vida nos ajuda a renovar o nosso compromisso batismal de ser apóstolos generosos e jubilosos do Evangelho. Lembramos especialmente aqueles que foram capazes de partir, deixar terra e família para que o Evangelho pudesse atingir sem demora e sem medo aqueles ângulos de aldeias e cidades onde tantas vidas estão sedentas de bênção.

Contemplar o seu testemunho missionário impele-nos a ser corajosos e a pedir, com insistência, «ao dono da messe que mande trabalhadores para a sua messe» (Lc 10, 2), cientes de que a vocação para a missão não é algo do passado nem uma recordação romântica de outrora. Hoje, Jesus precisa de corações que sejam capazes de viver a vocação como uma verdadeira história de amor, que os faça sair para as periferias do mundo e tornar-se mensageiros e instrumentos de compaixão. E este chamamento, fá-lo a todos nós, embora não da mesma forma. Lembremo-nos que existem periferias que estão perto de nós, no centro duma cidade ou na própria família. Há também um aspeto da abertura universal do amor que não é geográfico, mas existencial. Sempre, mas especialmente nestes tempos de pandemia, é importante aumentar a capacidade diária de alargar os nossos círculos, chegar àqueles que, espontaneamente, não sentiria como parte do «meu mundo de interesses», embora estejam perto de nós (cf. Francisco, Carta enc. *Fratelli tutti*, 97). Viver a missão é aventurar-se no cultivo dos mesmos sentimentos de Cristo Jesus e, com Ele, acreditar que a pessoa ao meu lado é também meu irmão, minha irmã. Que o seu amor de compaixão desperte também o nosso e, a todos, nos torne discípulos missionários.

Maria, a primeira discípula missionária, faça crescer em todos os batizados o desejo de ser sal e luz nas nossas terras (cf. Mt 5, 13-14).

Roma, em São João de Latrão, na Solenidade da Epifania do Senhor, 6 de Janeiro de 2021.

MENSAGEM DO PAPA FRANCISCO PARA O DIA MUNDIAL DAS MISSÕES DE 2022

(23 de Outubro de 2022)

«Sereis minhas testemunhas» (At 1, 8)

Queridos irmãos e irmãs!

Estas palavras encontram-se no último colóquio de Jesus ressuscitado com os seus discípulos, antes de subir ao Céu, como se descreve nos Atos dos Apóstolos: «Recebereis a força do Espírito Santo, que descerá sobre vós, e sereis minhas testemunhas em Jerusalém, por toda a Judeia e Samaria e até aos confins do mundo» (1, 8). E constituem também o tema do Dia Mundial das Missões de 2022, que, como sempre, nos ajuda a viver o facto de a Igreja ser, por sua natureza, missionária. Neste ano, o citado Dia proporciona-nos a ocasião de comemorar algumas efemérides relevantes para a vida e missão da Igreja: a fundação, há 400 anos, da Congregação de *Propaganda Fide* – hoje designada Congregação para a Evangelização dos Povos – e, há 200 anos, da «Obra da Propagação da Fé»; esta, juntamente com a Obra da Santa Infância e a Obra de São Pedro Apóstolo, há 100 anos foram reconhecidas como «Pontifícias».

Detenhamo-nos nestas três expressões-chave que resumem os três alicerces da vida e da missão dos discípulos: «Sereis minhas testemunhas», «até aos confins do mundo» e «recebereis a força do Espírito Santo».

1. «Sereis minhas testemunhas» – O chamamento de todos os cristãos a testemunhar Cristo

É o ponto central, o coração do ensinamento de Jesus aos discípulos em ordem à sua missão no mundo. Todos os discípulos serão testemunhas de Jesus, graças ao Espírito Santo que vão receber: será a graça a constituí-los como tais, por todo o lado aonde forem, onde quer que estejam. Tal como Cristo é o primeiro enviado, ou seja, missionário do Pai (cf. Jo 20, 21) e, enquanto tal, a sua «Testemunha fiel» (Ap 1, 5), assim também todo o cristão é chamado a ser missionário e testemunha de Cristo. E a Igreja, comunidade dos discípulos de Cristo, não tem outra missão senão a de evangelizar o mundo, dando testemunho de Cristo. A identidade da Igreja é evangelizar.

Uma releitura de conjunto mais aprofundada esclarece-nos alguns aspetos sempre atuais da missão confiada por Cristo aos discípulos: «Sereis minhas testemunhas». A forma plural destaca o *caráter comunitário-ecclesial* do chamamento missionário dos discípulos. Todo o batizado é chamado à missão na Igreja e por mandato da Igreja: por isso a missão realiza-se em conjunto, não individualmente: em comunhão com a comunidade ecclesial e não por iniciativa própria. E ainda que alguém, numa situação muito particular, leve avante a missão evangelizadora sozinho, realiza-a e deve realizá-la sempre em comunhão com a Igreja que o enviou. Como ensina São Paulo VI, na Exortação apostólica *Evangelii nuntiandi* (um documento de que muito gosto), «evangelizar não é, para quem quer que seja, um ato individual e isolado, mas profundamente ecclesial. Assim, quando o mais obscuro dos pregadores, dos catequistas ou dos pastores, no rincão mais remoto, prega o Evangelho, reúne a sua pequena comunidade ou administra um Sacramento, mesmo sozinho, ele perfaz um ato de Igreja e o seu gesto está certamente conexo, por relações institucionais, como também por vínculos invisíveis e por raízes recônditas da ordem da graça, à atividade evangelizadora de toda a Igreja» (n.º 60). Com efeito, não foi por acaso que o Senhor Jesus mandou os seus discípulos em missão dois a dois; o testemunho prestado pelos

cristãos a Cristo tem caráter sobretudo comunitário. Daí a importância essencial da presença duma comunidade, mesmo pequena, na realização da missão.

Em segundo lugar, é pedido aos discípulos para construírem a sua *vida pessoal em chave de missão*: são enviados por Jesus ao mundo não só para *fazer* a missão, mas também e sobretudo para *viver* a missão que lhes foi confiada; não só para *dar* testemunho, mas também e sobretudo para *ser* testemunhas de Cristo. Assim o diz, com palavras verdadeiramente comoventes, o apóstolo Paulo: «Trazemos sempre no nosso corpo a morte de Jesus, para que também a vida de Jesus seja manifesta no nosso corpo» (2 Cor 4, 10). A essência da missão é testemunhar Cristo, isto é, a sua vida, paixão, morte e ressurreição por amor do Pai e da humanidade. Não foi por acaso que os Apóstolos foram procurar o substituto de Judas entre aqueles que tinham sido, como eles, testemunhas da ressurreição (cf. At 1, 22). É Cristo, e Cristo ressuscitado, Aquele que devemos testemunhar e cuja vida devemos partilhar. Os missionários de Cristo não são enviados para comunicar-se a si mesmos, mostrar as suas qualidades e capacidades persuasivas ou os seus dotes de gestão. Em vez disso, têm a honra sublime de oferecer Cristo, por palavras e ações, anunciando a todos a Boa Nova da sua salvação com alegria e ousadia, como os primeiros apóstolos.

Por isso, em última análise, a verdadeira testemunha é o «mártir», aquele que dá a vida por Cristo, retribuindo o dom que Ele nos fez de Si mesmo. «A primeira motivação para evangelizar é o amor que recebemos de Jesus, aquela experiência de sermos salvos por Ele que nos impele a amá-Lo cada vez mais» (Francisco, Exort. ap. *Evangelii gaudium*, 264).

Enfim, a propósito do testemunho cristão, permanece sempre válida esta observação de São Paulo VI: «O homem contemporâneo escuta com melhor boa vontade as testemunhas do que os mestres (...) ou então, se escuta os mestres, é porque eles são testemunhas» (*Evangelii nuntiandi*, 41). Por conseguinte é fundamental, para a transmissão da fé, o testemunho de vida evangélica dos cristãos. Por outro lado, continua igualmente necessária a tarefa de anunciar a pessoa de Jesus e a sua mensagem. De facto, o mesmo Paulo VI continua mais adiante: «Sim! A pregação, a proclamação verbal duma mensagem, permanece sempre como algo indispensável. (...) A palavra continua a ser sempre atual, sobretudo quando ela for portadora da força divina. É por este motivo que permanece também com atualidade o axioma de São Paulo: “A fé vem da pregação” (Rom 10, 17). É a Palavra ouvida que leva a acreditar» (*Ibid.*, 42).

Por isso, na evangelização, caminham juntos o exemplo de vida cristã e o anúncio de Cristo. Um serve ao outro. São os dois pulmões com que deve respirar cada comunidade para ser missionária. Este testemunho completo, coerente e jubiloso de Cristo será seguramente a força de atração para o crescimento da Igreja também no terceiro milénio. Assim, exorto todos a retomarem a coragem, a ousadia, aquela *parresia* dos primeiros cristãos, para testemunhar Cristo, com palavras e obras, em todos os ambientes da vida.

2. «Até aos confins do mundo» – A atualidade perene duma missão de evangelização universal

Ao exortar os discípulos a serem as suas testemunhas, o Senhor ressuscitado anuncia aonde são enviados: «Em Jerusalém, por toda a Judeia e Samaria e até aos confins do mundo» (At 1, 8). Aqui emerge muito claramente o caráter universal da missão dos discípulos. Coloca-se em destaque o movimento geográfico «centrífugo», quase em círculos concêntricos, desde Jerusalém – considerada pela tradição judaica como centro do mundo – à Judeia e Samaria, e até aos extremos «confins do mundo». Não são enviados para fazer proselitismo, mas para anunciar; o cristão não faz proselitismo. Os Atos dos Apóstolos narram-nos este movimento missionário: o mesmo dá-nos uma imagem muito bela da Igreja «em saída» para cumprir a sua vocação de testemunhar Cristo Senhor, orientada pela Providência divina através das circunstâncias

concretas da vida. Com efeito, os primeiros cristãos foram perseguidos em Jerusalém e, por isso, dispersaram-se pela Judeia e a Samaria, testemunhando Cristo por toda a parte (cf. *At* 8, 1.4).

Algo semelhante acontece ainda no nosso tempo. Por causa de perseguições religiosas e situações de guerra e violência, muitos cristãos veem-se constrangidos a fugir da sua terra para outros países. Estamos agradecidos a estes irmãos e irmãs que não se fecham na tribulação, mas testemunham Cristo e o amor de Deus nos países que os acolhem. A isto mesmo os exortava São Paulo VI, ao considerar a «responsabilidade que se origina para os migrantes nos países que os recebem» (*Evangelii nuntiandi*, 21). Com efeito, experimentamos cada vez mais como a presença dos fiéis de várias nacionalidades enriquece o rosto das paróquias, tornando-as mais universais, mais católicas. Consequentemente, o cuidado pastoral dos migrantes é uma atividade missionária que não deve ser descurada, pois poderá ajudar também os fiéis locais a redescobrir a alegria da fé cristã que receberam.

A indicação «até aos confins do mundo» deverá interpelar os discípulos de Jesus de cada tempo, impelindo-os sempre a ir mais além dos lugares habituais para levar o testemunho d'Ele. Hoje, apesar de todas as facilidades resultantes dos progressos modernos, ainda existem áreas geográficas aonde não chegaram os missionários testemunhas de Cristo com a Boa Nova do seu amor. Por outro lado, não existe qualquer realidade humana que seja alheia à atenção dos discípulos de Cristo, na sua missão. A Igreja de Cristo sempre esteve, está e estará «em saída» rumo aos novos horizontes geográficos, sociais, existenciais, rumo aos lugares e situações humanos «de confim», para dar testemunho de Cristo e do seu amor a todos os homens e mulheres de cada povo, cultura, estado social. Neste sentido, a missão será sempre também *missio ad gentes*, como nos ensinou o Concílio Vaticano II (veja-se, por exemplo, o Decreto *Ad Gentes*, sobre a atividade missionária da Igreja, 07/XII/1965), porque a Igreja terá sempre de ir mais longe, mais além das próprias fronteiras, para testemunhar a todos o amor de Cristo. A propósito, quero lembrar e agradecer aos inúmeros missionários que gastaram a vida para «ir mais além», encarnando a caridade de Cristo por tantos irmãos e irmãs que encontraram.

3. «Recebereis a força do Espírito Santo – Deixar-se sempre fortalecer e guiar pelo Espírito

Ao anunciar aos discípulos a missão de serem suas testemunhas, Cristo ressuscitado prometeu também a graça para uma tão grande responsabilidade: «Recebereis a força do Espírito Santo e sereis minhas testemunhas» (*At* 1, 8). Com efeito, segundo a narração dos Atos, foi precisamente a seguir à descida do Espírito Santo sobre os discípulos de Jesus que teve lugar a primeira ação de testemunhar Cristo, morto e ressuscitado, com um anúncio querigmático: o chamado discurso missionário de São Pedro aos habitantes de Jerusalém. Assim começa a era da evangelização do mundo por parte dos discípulos de Jesus, que antes apareciam fracos, medrosos, fechados. O Espírito Santo fortaleceu-os, deu-lhes coragem e sabedoria para testemunhar Cristo diante de todos.

Como «ninguém pode dizer: “Jesus é Senhor” senão pelo Espírito Santo» (1 *Cor* 12, 3), também nenhum cristão poderá dar testemunho pleno e genuíno de Cristo Senhor sem a inspiração e a ajuda do Espírito. Por isso cada discípulo missionário de Cristo é chamado a reconhecer a importância fundamental da ação do Espírito, a viver com Ele no dia a dia e a receber constantemente força e inspiração d'Ele. Mais, precisamente quando nos sentirmos cansados, desmotivados, perdidos, lembremo-nos de recorrer ao Espírito Santo na oração (esta – permiti-me destacá-lo mais uma vez – tem um papel fundamental na vida missionária), para nos deixarmos restaurar e fortalecer por Ele, fonte divina inesgotável de novas energias e da alegria de partilhar com os outros a vida de Cristo. «Receber a alegria do Espírito é uma graça; e é a *única força* que podemos ter para pregar o Evangelho, confessar a fé no Senhor» (Francisco, *Mensagem às*

Obras Missionárias Pontifícias, 21/V/2020). Assim, o Espírito é o verdadeiro protagonista da missão: é Ele que dá a palavra certa no momento justo e sob a devida forma.

É à luz da ação do Espírito Santo que queremos ler também os aniversários missionários deste 2022. A instituição da Sacra Congregação de *Propaganda Fide*, em 1622, foi motivada pelo desejo de promover o mandato missionário nos novos territórios. Uma intuição providencial! A Congregação revelou-se crucial para tornar a missão evangelizadora da Igreja verdadeiramente tal, isto é, independente das ingerências dos poderes do mundo, a fim de constituir aquelas Igrejas locais que hoje mostram tanto vigor. Esperamos que, à semelhança dos últimos quatro séculos, a Congregação, com a luz e a força do Espírito, continue e intensifique o seu trabalho de coordenar, organizar e animar as atividades missionárias da Igreja.

O mesmo Espírito, que guia a Igreja universal, inspira também homens e mulheres simples para missões extraordinárias. E foi assim que uma jovem francesa, Pauline Jaricot, há exatamente 200 anos fundou a Associação para a Propagação da Fé; celebra-se a sua beatificação neste ano jubilar. Embora em condições precárias, ela acolheu a inspiração de Deus para pôr em movimento uma rede de oração e coleta para os missionários, de modo que os fiéis pudessem participar ativamente na missão «até aos confins do mundo». Desta ideia genial, nasceu o Dia Mundial das Missões, que celebramos todos os anos, e cuja coleta em todas as comunidades se destina ao Fundo universal com que o Papa sustenta a atividade missionária.

Neste contexto, recordo também o Bispo francês Charles de Forbin-Janson, que iniciou a Obra da Santa Infância para promover a missão entre as crianças sob o lema «As crianças evangelizam as crianças, as crianças rezam pelas crianças, as crianças ajudam as crianças de todo o mundo»; e lembro ainda a senhora Jeanne Bigard, que deu vida à Obra de São Pedro Apóstolo, para apoio dos seminaristas e sacerdotes em terras de missão. Estas três obras missionárias foram reconhecidas como «pontifícias», precisamente há cem anos. E foi também sob a inspiração e guia do Espírito Santo que o Beato Paolo Manna, nascido há 150 anos, fundou a atual Pontifícia União Missionária a fim de sensibilizar e animar para a missão os sacerdotes, os religiosos e as religiosas e todo o povo de Deus. Desta última Obra, fez parte o próprio Paulo VI, que lhe confirmou o reconhecimento pontifício. Menciono estas quatro Obras Missionárias Pontifícias pelos seus grandes méritos históricos e também para vos convidar a alegrar-vos com elas, neste ano especial, pelas atividades desenvolvidas em apoio da missão evangelizadora na Igreja universal e nas Igrejas locais. Espero que as Igrejas locais possam encontrar nestas Obras um instrumento seguro para alimentar o espírito missionário no Povo de Deus.

Queridos irmãos e irmãs, continuo a sonhar com uma Igreja toda missionária e uma nova estação da ação missionária das comunidades cristãs. E repito o desejo de Moisés para o povo de Deus em caminho: «Quem dera que todo o povo do Senhor profetizasse» (*Nm* 11, 29). Sim, oxalá todos nós sejamos na Igreja o que já somos em virtude do Batismo: profetas, testemunhas, missionários do Senhor! Com a força do Espírito Santo e até aos extremos confins da terra. Maria, Rainha das Missões, rogai por nós!

Roma, São João de Latrão, na Solenidade da Epifania do Senhor, 6 de Janeiro de 2022.

MENSAGEM DO PAPA FRANCISCO PARA O DIA MUNDIAL DAS MISSÕES DE 2023

(22 de Outubro de 2023)

Corações ardentes, pés ao caminho (cf. Lc 24, 13-15)

Queridos irmãos e irmãs!

Para o Dia Mundial das Missões deste ano escolhi um tema que se inspira na história dos discípulos de Emaús, narrada por Lucas no seu Evangelho (cf. Lc 24, 13-35): «Corações ardentes, pés ao caminho». Aqueles dois discípulos estavam confusos e desiludidos, mas o encontro com Cristo na Palavra e no Pão partido acendeu neles o entusiasmo para pôr os pés ao caminho rumo a Jerusalém e anunciar que o Senhor tinha verdadeiramente ressuscitado. Na narração evangélica, apreendemos a transformação dos discípulos a partir de algumas imagens sugestivas: *corações ardentes* pelas Escrituras explicadas por Jesus, *olhos abertos* para O reconhecer e, como ponto culminante, *pés ao caminho*. Meditando sobre estes três aspetos, que traçam o itinerário dos discípulos missionários, podemos renovar o nosso zelo pela evangelização no mundo de hoje.

1. Corações ardentes, «quando nos explicava as Escrituras». A Palavra de Deus ilumina e transforma o coração na missão.

No caminho de Jerusalém para Emaús, os corações dos dois discípulos estavam tristes – como transparecia dos seus rostos – por causa da morte de Jesus, em Quem haviam acreditado (cf. Lc 24, 17). Perante o fracasso do Mestre crucificado, a esperança de que fosse Ele o Messias, desmoronou-se neles (cf. Lc 24, 21).

E eis que, «enquanto conversavam e discutiam, aproximou-Se deles o próprio Jesus e pôs-Se com eles a caminho» (Lc 24, 15). Como no início da vocação dos discípulos, também agora, no momento da frustração, o Senhor toma a iniciativa de Se aproximar dos seus discípulos e caminhar a par deles. Na sua grande misericórdia, Ele nunca Se cansa de estar connosco, apesar dos nossos defeitos, dúvidas, fraquezas e não obstante a tristeza e o pessimismo nos reduzam a «homens sem inteligência e lentos de espírito» (Lc 24, 25), pessoas de pouca fé.

Hoje como então, o Senhor ressuscitado está próximo dos seus discípulos missionários e caminha a par deles, sobretudo quando se sentem frustrados, desanimados, temerosos perante o mistério da iniquidade que os rodeia e quer sufocá-los. Por isso, «não deixemos que nos roubem a esperança!» (Francisco, Exort. ap. *Evangelii gaudium*, 86). O Senhor é maior do que os nossos problemas, sobretudo quando os encontramos ao anunciar o Evangelho ao mundo, porque esta missão, afinal, é d'Ele e nós somos simplesmente os seus humildes colaboradores, «servos inúteis» (cf. Lc 17, 10).

Em Cristo, expresso a minha proximidade a todos os missionários e missionárias do mundo, especialmente àqueles que atravessam um momento difícil: caríssimos, o Senhor ressuscitado está sempre convosco e vê a vossa generosidade e os vossos sacrifícios em prol da missão evangelizadora em lugares distantes. Nem todos os dias da vida são cheios de sol, mas lembremo-nos sempre das palavras do Senhor Jesus aos seus amigos, antes da Paixão: «No mundo, tereis tribulações; mas tende confiança: Eu já venci o mundo!» (Jo 16, 33).

Depois de ouvir os dois discípulos no caminho de Emaús, Jesus ressuscitado, «começando por Moisés e seguindo por todos os profetas, explicou-lhes, em todas as Escrituras, tudo o que Lhe dizia respeito» (Lc 24, 27). E os corações dos discípulos inflamaram-se, como no fim haviam de confidenciar um ao outro: «Não nos ardia o coração, quando Ele nos falava pelo caminho e nos explicava as Escrituras?» (24, 32). Na realidade, Jesus é a Palavra viva, a única que pode fazer arder, iluminar e transformar o coração.

Assim compreendemos melhor a afirmação de São Jerónimo: «A ignorância das Escrituras é ignorância de Cristo» (*Commentarii in Isaiam*, Prologus). «Sem o Senhor que nos introduz na Sagrada Escritura, é impossível compreendê-la em profundidade; mas é verdade também o contrário, ou seja, que, sem a Sagrada Escritura, permanecem indecifráveis os acontecimentos da missão de Jesus e da sua Igreja no mundo» (Francisco, Carta ap. sob forma de Motu Proprio *Aperuit illis*, 1). Por isso, o conhecimento da Escritura é importante para a vida do cristão e, mais ainda, para o anúncio de Cristo e do seu Evangelho. Caso contrário, que iríamos transmitir aos outros senão as próprias ideias e projetos? E poderia alguma vez um coração frio fazer arder o dos outros?

Portanto, deixemo-nos sempre acompanhar pelo Senhor ressuscitado que nos explica o sentido das Escrituras. Deixemos que Ele faça arder o nosso coração, nos ilumine e transforme, para podermos anunciar ao mundo o seu mistério de salvação com a força e a sabedoria que vêm do seu Espírito.

2. Olhos que «se abriram e O reconheceram» ao partir o pão. Jesus na Eucaristia é ápice e fonte da missão.

Os corações ardentes pela Palavra de Deus impeliram os discípulos de Emaús a pedir ao misterioso Viandante que ficasse com eles ao cair da noite. E, encontrando-se ao redor da mesa, os seus olhos abriram-se e reconheceram-No, quando Ele partiu o pão. O elemento decisivo que abre os olhos dos discípulos é a sequência de ações efetuadas por Jesus: tomou o pão, pronunciou a bênção, partiu-o e deu-lho. São gestos comuns de qualquer chefe de família judia, mas, realizados por Jesus Cristo com a graça do Espírito Santo, renovam para os dois comensais o sinal da multiplicação dos pães e sobretudo da Eucaristia, o sacramento do Sacrifício da cruz. Mas, precisamente no momento em que reconhecem Jesus n'Aquele-que-partiu-o-pão, «Ele desapareceu da sua presença» (Lc 24, 31). Este facto faz compreender uma realidade essencial da nossa fé: Cristo que partiu o pão, torna-Se agora o Pão partido, partilhado com os discípulos e depois consumido por eles. Tornou-Se invisível, porque agora entrou dentro do coração dos discípulos para fazê-los arder ainda mais, impelindo-os a retomar sem demora o seu caminho para comunicar a todos a experiência única do encontro com o Ressuscitado! Assim, Cristo ressuscitado é Aquele-que-partiu-o-pão e, simultaneamente, o Pão-partido-para-nós. E, por conseguinte, cada discípulo missionário é chamado a tornar-se, como Jesus e n'Ele, graças à ação do Espírito Santo, aquele-que-partiu-o-pão e aquele-que-é-pão-partido para o mundo.

A propósito, é preciso ter presente que, se o simples repartir o pão material com os famintos em nome de Cristo já é um ato cristão missionário, quanto mais o será o repartir o Pão eucarístico, que é o próprio Cristo? Trata-se da ação missionária por excelência, porque a Eucaristia é fonte e ápice da vida e missão da Igreja.

Assim no-lo recordou o Papa Bento XVI: «Não podemos reservar para nós o amor que celebramos neste sacramento [da Eucaristia]: por sua natureza, pede para ser comunicado a todos. Aquilo de que o mundo tem necessidade é do amor de Deus, é de encontrar Cristo e acreditar n'Ele. Por isso, a Eucaristia é fonte e ápice não só da vida da Igreja, mas também da sua missão: uma Igreja autenticamente eucarística é uma Igreja missionária» (Exort. ap. pós-sinodal *Sacramentum caritatis*, 84).

Para dar fruto, devemos permanecer unidos a Ele (cf. *Jo* 15, 4-9). E esta união realiza-se através da oração quotidiana, particularmente na *adoração*, no permanecer em silêncio diante do Senhor, que está connosco na Eucaristia. Cultivando amorosamente esta comunhão com Cristo, o discípulo missionário pode tornar-se um místico em ação. Que o nosso coração anele sempre pela companhia de Jesus, suspirando conforme o ardente pedido dos dois de Emaús, sobretudo ao entardecer: «Fica connosco, Senhor!» (cf. *Lc* 24, 29).

3. Pés ao caminho, com a alegria de proclamar Cristo Ressuscitado. A eterna juventude numa Igreja sempre em saída.

Depois de abrir os olhos ao reconhecerem Jesus na fração do pão, os discípulos partiram sem demora e voltaram para Jerusalém (cf. *Lc* 24, 33). Este sair apressado para partilhar com os outros a alegria do encontro com o Senhor, mostra que «a alegria do Evangelho enche o coração e a vida inteira daqueles que se encontram com Jesus. Quantos se deixam salvar por Ele são libertados do pecado, da tristeza, do vazio interior, do isolamento. Com Jesus Cristo, renasce sem cessar a alegria» (Exort. ap. *Evangelii gaudium*, 1). Não se pode encontrar verdadeiramente Jesus ressuscitado, sem se inflamar no desejo de o contar a todos. Por isso, o primeiro e principal recurso da missão são aqueles que reconheceram Cristo ressuscitado, nas Escrituras e na Eucaristia, e que trazem o seu fogo no coração e a sua luz no olhar. Eles podem testemunhar a vida que não morre jamais, mesmo nas situações mais difíceis e nos momentos mais escuros.

A imagem de pôr os «pés ao caminho» recorda-nos mais uma vez a validade perene da *missio ad gentes*, a missão confiada pelo Senhor ressuscitado à Igreja: evangelizar toda a pessoa e todos os povos até aos confins da terra. Hoje, mais do que nunca, a humanidade, ferida por tantas injustiças, divisões e guerras, precisa da Boa Nova da paz e da salvação em Cristo. Por isso, aproveito esta ocasião para reiterar que «todos têm o direito de receber o Evangelho. Os cristãos têm o dever de o anunciar sem excluir ninguém, e não como quem impõe uma nova obrigação, mas como quem partilha uma alegria, indica um horizonte estupendo, oferece um banquete apetecível» (*Ibid.*, 14). A conversão missionária permanece o principal objetivo que nos devemos propor como indivíduos e como comunidade, porque «a ação missionária é o paradigma de toda a obra da Igreja» (*Ibid.*, 15).

Como afirma o apóstolo Paulo, o amor de Cristo conquista-nos e impele-nos (cf. *2 Cor* 5, 14). Trata-se aqui do duplo amor: o de Cristo por nós que apela, inspira e suscita o nosso amor por Ele. E é este amor que torna sempre jovem a Igreja em saída, com todos os seus membros em missão para anunciar o Evangelho de Cristo, convencidos de que «Ele morreu por todos, a fim de que, os que vivem, não vivam mais para si mesmos, mas para Aquele que por eles morreu e ressuscitou» (*2 Cor* 5, 15). Todos podem contribuir para este movimento missionário: com a oração e a ação, com ofertas de dinheiro e de sofrimento, com o próprio testemunho. As Obras Missionárias Pontifícias são o instrumento privilegiado para favorecer esta cooperação missionária a nível espiritual e material. Por isso, a recolha de ofertas no Dia Mundial das Missões é destinada à Pontifícia Obra da Propagação da Fé.

A urgência da acção missionária da Igreja comporta naturalmente uma cooperação missionária, cada vez mais estreita, de todos os seus membros a todos os níveis. Este é um objetivo essencial do percurso sinodal que a Igreja está a realizar com as palavras-chave *comunhão*, *participação*, *missão*. Seguramente tal percurso não é um fechar-se da Igreja sobre si mesma; não é um processo de sondagem popular para decidir, como num parlamento, o que é preciso, ou não, acreditar e praticar segundo as preferências humanas. Pelo contrário, é pôr-se a caminho como os discípulos de Emaús, escutando o Senhor ressuscitado que não cessa de vir juntar-Se a nós para nos explicar o sentido das Escrituras e partir o pão para nós, a fim de podermos levar avante, com a força do Espírito Santo, a sua missão no mundo.

Assim como aqueles dois discípulos narraram aos outros o que lhes tinha acontecido pelo caminho (cf. *Lc 24, 35*), assim também o nosso anúncio há de ser uma jubilosa narração de Cristo Senhor, da sua vida, da sua paixão, morte e ressurreição, das maravilhas que o seu amor realizou na nossa vida.

Portanto saíamos também nós, iluminados pelo encontro com o Ressuscitado e animados pelo seu Espírito. Saíamos com corações ardentes, olhos abertos, pés ao caminho, para fazer arder outros corações com a Palavra de Deus, abrir outros olhos para Jesus Eucaristia, e convidar todos a caminharem juntos pelo caminho da paz e da salvação que Deus, em Cristo, deu à humanidade.

Santa Maria do Caminho, Mãe dos discípulos missionários de Cristo e Rainha das missões, rogai por nós!

Roma – São João de Latrão, na Solenidade da Epifania do Senhor, 6 de Janeiro de 2023.

MENSAGEM DO PAPA FRANCISCO PARA O DIA MUNDIAL DAS MISSÕES DE 2024

(20 de Outubro de 2024)

Ide e convidai a todos para o banquete (cf. Mt 22, 9)

Queridos irmãos e irmãs!

Para o Dia Mundial das Missões deste ano, tirei o tema da parábola evangélica do banquete nupcial (cf. Mt 22, 1-14). Depois que os convidados recusaram o convite, o rei – protagonista da narração – diz aos seus servos: «Ide às saídas dos caminhos e convidai para as bodas todos quantos encontrardes» (22, 9). Refletindo sobre esta frase-chave, no contexto da parábola e da vida de Jesus, podemos ilustrar alguns aspetos importantes da evangelização. Tais aspetos revelam-se particularmente atuais para todos nós, discípulos-missionários de Cristo, nesta fase final do percurso sinodal que, de acordo com o lema «*Comunhão, participação, missão*», deverá relançar na Igreja o seu empenho prioritário, isto é, o anúncio do Evangelho no mundo contemporâneo.

1. «Ide e convidai»: a missão como ida incansável e convite para a festa do Senhor

No início da ordem do rei aos seus servos, há dois verbos que expressam o núcleo da missão: «ide» e chamai, «convidai».

Quanto ao primeiro verbo, convém recordar que antes os servos tinham sido já enviados para transmitir a mensagem do rei aos convidados (cf. 22, 3-4). Daqui se deduz que a missão é ida incansável rumo a toda a humanidade para a convidar ao encontro e à comunhão com Deus. Incansável! Deus, grande no amor e rico de misericórdia, está sempre em saída ao encontro de cada ser humano para o chamar à felicidade do seu Reino, apesar da indiferença ou da recusa. Assim Jesus Cristo, bom pastor e enviado do Pai, andava à procura das ovelhas perdidas do povo de Israel e desejava ir mais além para alcançar também as ovelhas mais distantes (cf. Jo 10, 16). Quer antes quer depois da sua ressurreição, disse aos discípulos «ide», envolvendo-os na sua própria missão (cf. Lc 10, 3; Mc 16, 15). Por isso, a Igreja continuará a ultrapassar todo e qualquer limite, sair incessantemente sem se cansar nem desanimar perante dificuldades e obstáculos, a fim de cumprir fielmente a missão recebida do Senhor.

Aproveito o momento para agradecer aos missionários e missionárias que, respondendo ao chamamento de Cristo, deixaram tudo e partiram para longe da sua pátria a fim de levar a Boa Nova aonde o povo ainda não a recebera ou só recentemente é que a conheceu. Irmãs e irmãos muito amados, a vossa generosa dedicação é expressão tangível do compromisso da missão *ad gentes* que Jesus confiou aos seus discípulos: «Ide e fazei discípulos de todos os povos» (Mt 28, 19). Por isso continuamos a rezar e a agradecer a Deus pelas novas e numerosas vocações missionárias para esta obra de evangelização até aos confins da terra.

E não esqueçamos que todo o cristão é chamado a tomar parte nesta missão universal com o seu testemunho evangélico em cada ambiente, para que toda a Igreja saia continuamente com o seu Senhor e Mestre rumo às «saídas dos caminhos» do mundo atual. Sim, «hoje o drama da Igreja é que Jesus continua a bater à porta, mas da parte de dentro, para que O deixemos sair! Muitas vezes acabamos por ser uma Igreja (...) que não deixa o Senhor sair, que O retém como “propriedade sua”, quando o Senhor veio para a missão e quer que sejamos missionários» (*Discurso aos participantes no Congresso promovido pelo Dicastério para os leigos, a família e a vida*, 18/II/2023). Oxalá todos nós, batizados, nos disponhamos a sair de novo, cada

um segundo a própria condição de vida, para iniciar um novo movimento missionário, como nos alvares do cristianismo.

Voltando à ordem do rei aos servos na parábola, vemos que caminham lado a lado o «ir» e o chamar ou, mais precisamente, «*convidar*»: «Vinde às bodas!» (Mt 22, 4). Isto faz-nos vislumbrar outro aspeto, não menos importante, da missão confiada por Deus. Como se pode imaginar, aqueles servos-mensageiros transmitiam o convite do soberano assinalando a sua urgência, mas faziam-no também com grande respeito e gentileza. De igual modo, a missão de levar o Evangelho a toda a criatura deve ter, necessariamente, o mesmo estilo d'Aquele que se anuncia. Ao proclamar ao mundo «a beleza do amor salvífico de Deus manifestado em Jesus Cristo morto e ressuscitado» (Francisco, Exort. ap. *Evangelii gaudium*, 36), os discípulos-missionários fazem-no com alegria, magnanimidade, benevolência, que são fruto do Espírito Santo neles (cf. Gal 5, 22); sem imposição, coerção nem proselitismo; mas sempre com proximidade, compaixão e ternura, que refletem o modo de ser e agir de Deus.

2. «Para o banquete»: a perspectiva escatológica e eucarística da missão de Cristo e da Igreja

Na parábola, o rei pede aos seus servos que levem o convite para o banquete das bodas de seu filho. Este banquete reflete o banquete escatológico; é imagem da salvação final no Reino de Deus – já em realização com a vinda de Jesus, o Messias e Filho de Deus, que nos deu a vida em abundância (cf. Jo 10, 10), simbolizada pela mesa preparada com «carnes gordas, acompanhadas de vinhos velhos» –, quando Deus «aniquilar a morte para sempre» (cf. Is 25, 6-8).

A missão de Cristo é missão da plenitude dos tempos, como Ele mesmo declarou no início da sua pregação: «Completo-se o tempo e o Reino de Deus está próximo» (Mc 1, 15). Ora, os discípulos de Cristo são chamados a continuar esta mesma missão do seu Mestre e Senhor. A propósito, recordemos o ensinamento do *Concílio Vaticano II* sobre o carácter escatológico do compromisso missionário da Igreja: «A atividade missionária desenrola-se entre o primeiro e o segundo advento do Senhor (...). Antes de o Senhor vir, tem de ser pregado o Evangelho a todos os povos» (Decr. *Ad gentes*, 9).

Sabemos que o zelo missionário, nos primeiros cristãos, possuía uma forte dimensão escatológica. Sentiam a urgência do anúncio do Evangelho. Também hoje é importante ter presente tal perspectiva, porque nos ajuda a evangelizar com a alegria de quem sabe que «o Senhor está perto» e com a esperança de quem caminha orientado para a meta, quando estivermos todos com Cristo no seu banquete nupcial no Reino de Deus. Assim, enquanto o mundo propõe os vários «banquetes» do consumismo, do bem-estar egoísta, da acumulação, do individualismo, o Evangelho chama a todos para o banquete divino onde reinam a alegria, a partilha, a justiça, a fraternidade, na comunhão com Deus e com os outros.

Temos esta plenitude de vida, dom de Cristo, antecipada já agora no banquete da Eucaristia, que a Igreja celebra por mandato do Senhor em memória d'Ele. Por isso o convite ao banquete escatológico, que levamos a todos na missão evangelizadora, está intrinsecamente ligado ao convite para a mesa eucarística, onde o Senhor nos alimenta com a sua Palavra e com o seu Corpo e Sangue. Como ensinou *Bento XVI*, «em cada celebração eucarística realiza-se sacramentalmente a unificação escatológica do povo de Deus. Para nós, o banquete eucarístico é uma antecipação real do banquete final, preanunciado pelos profetas (cf. Is 25, 6-9) e descrito no Novo Testamento como “as núpcias do Cordeiro” (Ap 19, 7-9), que se hão de celebrar na comunhão dos santos» (Exort. ap. pós-sinodal *Sacramentum caritatis*, 31).

Assim, todos somos chamados a viver mais intensamente cada Eucaristia em todas as suas dimensões, particularmente a escatológica e a missionária. Reafirmo, a este respeito, que «não podemos abeirar-nos da mesa eucarística sem nos deixarmos arrastar pelo movimento da missão que, partindo do próprio Coração de Deus, visa atingir todos os homens» (*Ibid.*, 84). A renovação eucarística, que muitas Igrejas Particulares têm louvavelmente promovido no período pós-Covid, será fundamental também para despertar o espírito missionário em todo o fiel. Com quanta mais fé e ímpeto do coração se deveria pronunciar, em cada Missa, a aclamação «Anunciamos, Senhor, a vossa morte, proclamamos a vossa ressurreição. Vinde, Senhor Jesus!»

Por conseguinte, no Ano dedicado à oração como preparação para o Jubileu de 2025, desejo convidar a todos para intensificarem também e sobretudo a participação na Missa e a oração pela missão evangelizadora da Igreja. Esta, obediente à palavra do Salvador, não cessa de elevar a Deus, em cada celebração eucarística e litúrgica, a oração do *Pai Nosso* com a invocação «Venha a nós o vosso Reino». E assim a oração quotidiana e de modo particular a Eucaristia fazem de nós peregrinos-missionários da esperança, a caminho da vida sem fim em Deus, do banquete nupcial preparado por Deus para todos os seus filhos.

3. «Todos»: a missão universal dos discípulos de Cristo e a Igreja toda sinodal-missionária

A terceira e última reflexão diz respeito aos destinatários do convite do rei: «todos». Como sublinhei, «no coração da missão, está isto: aquele “todos”. Sem excluir ninguém. Todos. Por conseguinte, cada uma das nossas missões nasce do Coração de Cristo, para deixar que Ele atraia todos a Si» (*Discurso aos participantes na Assembleia Geral das Obras Missionárias Pontifícias*, 03/VI/2023). Ainda hoje, num mundo dilacerado por divisões e conflitos, o Evangelho de Cristo é a voz mansa e forte que chama os homens a encontrarem-se, a reconhecerem-se como irmãos e a alegrarem-se pela harmonia entre as diversidades. Deus «quer que todos os homens sejam salvos e cheguem ao conhecimento da verdade» (1 *Tim* 2, 4). Por isso, nas nossas atividades missionárias, nunca nos esqueçamos que somos enviados a anunciar o Evangelho a todos, e «não como quem impõe uma nova obrigação, mas como quem partilha uma alegria, indica um horizonte estupendo, oferece um banquete apetecível» (Exort. ap. *Evangelii gaudium*, 14).

Os discípulos-missionários de Cristo trazem sempre no coração a preocupação por todas as pessoas, independentemente da sua condição social e mesmo moral. A parábola do banquete diz-nos que, seguindo a recomendação do rei, os servos reuniram «todos aqueles que encontraram, maus e bons» (*Mt* 22, 10). Além disso, os convidados especiais do rei são precisamente «os pobres, os estropiados, os cegos e os coxos» (*Lc* 14, 21), isto é, os últimos e os marginalizados da sociedade. Assim, o banquete nupcial do Filho, que Deus preparou, permanece para sempre aberto a todos, porque grande e incondicional é o seu amor por cada um de nós. «Tanto amou Deus o mundo, que lhe entregou o seu Filho Unigénito, a fim de que todo o que n'Ele crê não se perca, mas tenha a vida eterna» (*Jo* 3, 16). Toda a gente, cada homem e cada mulher, é destinatário do convite de Deus para participar na sua graça que transforma e salva. Basta apenas dizer «sim» a este dom divino gratuito, acolhendo-o e deixando-se transformar por ele, como se se revestisse com um «traje nupcial» (cf. *Mt* 22, 12).

A missão para todos requer o empenho de todos. Por isso é necessário continuar o caminho rumo a uma Igreja, toda ela, sinodal-missionária ao serviço do Evangelho. De per si a sinodalidade é missionária e, vice-versa, a missão é sempre sinodal. Por conseguinte, hoje, é ainda mais urgente e necessária uma estreita cooperação missionária seja na Igreja universal, seja nas Igrejas Particulares. Na esteira do *Concílio Vaticano II* e dos meus antecessores, recomendo a todas as dioceses do mundo o serviço das Pontifícias Obras Missionárias, que constituem meios primários «quer para dar aos católicos um sentido verdadeiramente universal e missionário logo desde a

infância, quer para promover coletas eficazes de subsídios para bem de todas as missões segundo as necessidades de cada uma» (Decr. Ad gentes, 38). Por esta razão, as coletas do Dia Mundial das Missões em todas as Igrejas Particulares são inteiramente destinadas ao Fundo Universal de Solidariedade, que depois a Pontifícia Obra da Propagação da Fé distribui, em nome do Papa, para as necessidades de todas as missões da Igreja. Peçamos ao Senhor que nos guie e ajude a ser uma Igreja mais sinodal e mais missionária (cf. Homilia na Missa de encerramento da Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos, 29/X/2023).

Por fim, voltemos o olhar para Maria, que obteve de Jesus o primeiro milagre precisamente numa festa de núpcias, em Caná da Galileia (cf. *Jo* 2, 1-12). O Senhor ofereceu aos noivos e a todos os convidados a abundância do vinho novo, sinal antecipado do banquete nupcial que Deus prepara para todos no fim dos tempos. Também hoje peçamos a sua intercessão materna para a missão evangelizadora dos discípulos de Cristo. Com o júbilo e a solicitude da nossa Mãe, com a força da ternura e do carinho (cf. Exort. ap. Evangelii gaudium, 288), saiamos e levemos a todos o convite do Rei Salvador. Santa Maria, Estrela da evangelização, rogai por nós!

Roma – São João de Latrão, na Festa da Conversão de São Paulo, 25 de Janeiro de 2024.

MENSAGEM DO PAPA FRANCISCO PARA O DIA MUNDIAL DAS MISSÕES DE 2025

(19 de Outubro de 2025)

Missionários de esperança entre os povos

Queridos irmãos e irmãs!

Para o Dia Mundial das Missões deste Ano Jubilar 2025, cuja mensagem central é a esperança (cf. Bula *Spes non confundit*, 1), escolhi o lema “Missionários de esperança entre os povos”, que recorda a cada um dos cristãos e a toda a Igreja, comunidade dos batizados, a vocação fundamental de ser mensageiros e construtores da esperança nas pegadas de Cristo. Faço votos de que seja um tempo de graça para todos, na companhia do Deus fiel que nos regenerou em Cristo ressuscitado «para uma esperança viva» (cf. *1 Pd* 1, 3-4); e desejo recordar alguns aspetos relevantes da identidade missionária cristã, para que nos deixemos guiar pelo Espírito de Deus e ardamos de santo zelo por uma nova estação evangelizadora da Igreja, enviada a reanimar a esperança num mundo sobre o qual pesam sombras tenebrosas (cf. Carta enc. *Fratelli tutti*, 9-55).

1. Nas pegadas de Cristo, nossa esperança

Celebrando, depois do ano 2000, o primeiro *Jubileu* ordinário do Terceiro Milénio, fixemos o nosso olhar em Cristo, que é o centro da história, «o mesmo ontem, hoje e pelos séculos» (*Heb* 13, 8). Ele, na sinagoga de Nazaré, declarou o cumprimento da Escritura no “hoje” da sua presença histórica. Deste modo, revelou-Se como o Enviado do Pai, com a unção do Espírito Santo, a fim de levar a Boa Nova do Reino de Deus e inaugurar «um ano favorável da parte do Senhor» para toda a humanidade (cf. *Lc* 4, 16-21).

Neste místico “hoje” que se prolonga até ao fim do mundo, Cristo é o cumprimento da salvação para todos, especialmente para aqueles cuja única esperança é Deus. Na sua vida terrena, Ele «andou de lugar em lugar, fazendo o bem e curando todos os que eram oprimidos» pelo mal e pelo Maligno (cf. *Act* 10, 38), restituindo a esperança em Deus aos necessitados e ao povo. Além disso, experimentou cada uma das fragilidades humanas, exceto a do pecado, passando mesmo por momentos críticos, como na agonia do Getsémani e na cruz, que podiam levar ao desespero. Porém, Jesus tudo entregava a Deus Pai, obedecendo com total confiança ao seu projeto salvífico em favor da humanidade, um projeto de paz por um futuro repleto de esperança (cf. *Jr* 29, 11). Deste modo, tornou-se o divino Missionário da esperança, modelo supremo de todos aqueles que, ao longo dos séculos, dão seguimento à missão recebida de Deus, mesmo no meio de provações extremas.

Através dos seus discípulos, enviados a todos os povos e acompanhados misticamente por Ele, o Senhor Jesus continua o seu ministério de esperança em favor da humanidade. Ele ainda hoje se inclina sobre cada pobre, aflito, desesperado e oprimido pelo mal, para derramar «sobre as suas feridas o óleo da consolação e o vinho da esperança» (*Prefácio Cristo, Bom Samaritano*). A Igreja, comunidade dos discípulos-missionários de Cristo, obediente ao seu Senhor e Mestre e com o seu espírito de serviço, prolonga esta missão no meio dos povos, oferecendo a sua vida por todos. Embora tenha de enfrentar, por um lado, perseguições, tribulações e dificuldades e, por outro, as suas próprias imperfeições e quedas devido às fraquezas de cada um dos seus membros, ela é constantemente impelida pelo amor de Cristo a avançar, unida a Ele, neste caminho missionário e a escutar, como Ele e com Ele, o grito da humanidade, ou melhor, o gemido de toda a criatura que espera a redenção definitiva. Eis a Igreja que o Senhor chama desde sempre e para sempre a seguir os seus passos: «Não uma Igreja estática, mas uma Igreja

missionária, que caminha com o Senhor pelas estradas do mundo» (Homilia na Santa Missa por ocasião da conclusão da Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos, 27 de outubro de 2024).

Por isso, sintamo-nos nós também inspirados a pormo-nos a caminho, seguindo os passos do Senhor Jesus, para nos tornarmos, com Ele e n'Ele, sinais e mensageiros de esperança para todos, em qualquer lugar e circunstância que Deus nos concede viver. Que cada um dos batizados, discípulos-missionários de Cristo, faça brilhar a Sua esperança em todos os cantos da terra!

2. Os cristãos, portadores e construtores de esperança entre os povos

No seguimento de Cristo Senhor, os cristãos são chamados a transmitir a Boa Nova, partilhando as condições concretas de vida daqueles que encontram e tornando-se assim portadores e construtores de esperança. Com efeito, «as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos homens de hoje, sobretudo dos pobres e de todos aqueles que sofrem, são também as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos discípulos de Cristo; e não há realidade alguma verdadeiramente humana que não encontre eco no seu coração» (Conc. Ecum. Vat. II, Const. past. Gaudium et spes, 1).

Esta célebre afirmação do Concílio Vaticano II, que exprime o sentir e o estilo das comunidades cristãs de todas as épocas, continua a inspirar os seus membros, ajudando-os a caminhar no mundo com os seus irmãos e irmãs. Estou a pensar particularmente em vós, missionários e missionárias *ad gentes*, que, correspondendo à chamada divina, partistes rumo a outras nações para dar a conhecer o amor de Deus em Cristo. De todo o coração, muito obrigado! A vossa vida é uma resposta concreta ao mandato de Cristo ressuscitado, que enviou os discípulos a evangelizar todos os povos (cf. *Mt* 28, 18-20). Assim, recordais a vocação universal dos batizados a ser entre os povos, com a força do Espírito e o empenho quotidiano, missionários da grande esperança que nos foi dada pelo Senhor Jesus.

O horizonte desta esperança ultrapassa as realidades passageiras do mundo e abre-se às divinas, que já podemos saborear no tempo presente. Efetivamente, como recordava São Paulo VI, a salvação em Cristo, que a Igreja oferece a todos como dom da misericórdia de Deus, não é apenas «imanente ao mundo, limitada às necessidades materiais ou mesmo espirituais, e [...] em última análise, [identificada] com as aspirações, com as esperanças, com as diligências e com os combates temporais; mas sim uma salvação que ultrapassa todos estes limites, para vir a ter a sua plena realização numa comunhão com o único Absoluto, que é o de Deus: salvação transcendente e escatológica, que já tem certamente o seu começo nesta vida, mas que terá realização completa na eternidade» (Exort. ap. Evangelii nuntiandi, 27).

As comunidades cristãs, animadas por tão grande esperança, podem ser sinais de nova humanidade num mundo que, nas regiões mais “desenvolvidas”, apresenta graves sintomas de crise do humano: sensação generalizada de desorientação, solidão e abandono dos idosos, dificuldade em encontrar disponibilidade para ajudar quem vive ao nosso lado. Nas nações tecnologicamente mais avançadas, a proximidade está a extinguir-se: todos nos encontramos interligados, mas não em relação. A ânsia de eficiência e o apego às coisas e às ambições levam-nos a estar centrados em nós próprios e a ser incapazes de altruísmo. O Evangelho, vivido em comunidade, pode devolver-nos uma humanidade íntegra, saudável e redimida.

Renovo, portanto, o convite a concretizar as ações indicadas na Bula de proclamação do Jubileu (nn. 7-15), com especial atenção aos mais pobres e fracos, aos doentes, aos idosos, aos excluídos da sociedade materialista e consumista. E a fazê-lo com o estilo de Deus, ou seja, com proximidade, compaixão e ternura, cuidando da relação pessoal com os irmãos e irmãs na

situação concreta em que se encontram (cf. Exort. ap. *Evangelii gaudium*, 127-128). Então, serão eles a ensinar-nos muitas vezes a viver com esperança. E, através do contacto pessoal, poderemos transmitir o amor do Coração compassivo do Senhor. Experimentaremos que «o Coração de Cristo [...] é o núcleo vivo do primeiro anúncio» (Carta enc. *Dilexit nos*, 32). Com efeito, bebendo desta fonte, é possível oferecer com simplicidade a esperança recebida de Deus (cf. *1 Pd* 1, 21), levando aos outros a mesma consolação com que somos consolados por Deus (cf. *2 Cor* 1, 3-4). No Coração humano e divino de Jesus, Deus quer falar ao coração de cada pessoa, atraindo todos ao seu Amor. «Fomos enviados para continuar esta missão: ser sinal do Coração de Cristo e do amor do Pai, abraçando o mundo inteiro» (*Discurso aos participantes na Assembleia Geral das Obras Missionárias Pontifícias*, 3 de Junho de 2023).

3. Renovar a missão da esperança

Hoje, perante a urgência da missão da esperança, os discípulos de Cristo são os primeiros convocados a formar-se para serem “artesãos” de esperança e restauradores de uma humanidade, frequentemente, distraída e infeliz.

Para isso, é necessário renovar em nós a espiritualidade pascal, que vivemos em cada celebração eucarística e especialmente no Tríduo Pascal, centro e cume do ano litúrgico. Somos batizados na morte e ressurreição redentora de Cristo, na Páscoa do Senhor que marca a eterna primavera da história. Somos, pois, “gente de primavera”, com um olhar sempre repleto de esperança, a partilhar com todos, porque em Cristo «acreditamos e sabemos que a morte e o ódio não são as últimas palavras» acerca da existência humana (cf. *Catequese*, 23 de Agosto de 2017). Por isso, do Mistério Pascal, que se realiza nas celebrações litúrgicas e nos sacramentos, tiramos continuamente a força do Espírito Santo, com o zelo, a determinação e a paciência para trabalhar no vasto campo da evangelização do mundo. «Cristo ressuscitado e glorioso é a fonte profunda da nossa esperança, e não nos faltará a sua ajuda para cumprir a missão que nos confia» (Exort. ap. *Evangelii gaudium*, 275). N’Ele vivemos e damos testemunho daquela santa esperança que é «um dom e uma tarefa para todo o cristão» (*La speranza è una luce nella notte*, Città del Vaticano 2024, 7).

Os missionários de esperança são homens e mulheres de oração, porque «a pessoa que tem esperança é uma pessoa que reza», como sublinhava o Venerável Cardeal Van Thuan, o qual, graças à força que recebia da oração perseverante e da Eucaristia, manteve viva a esperança na longa tribulação da prisão (cf. F.X. Nguyen Van Thuan, *Il cammino della speranza*, Roma 2001, n. 963). Não esqueçamos que a oração é a primeira ação missionária e, ao mesmo tempo, «a primeira força da esperança» (*Catequese*, 20 de Maio de 2020).

Renovemos, pois, a missão da esperança a partir da oração, sobretudo daquela que se faz com a Palavra de Deus e, de modo particular, com os Salmos, que são uma grande sinfonia de oração cujo compositor é o Espírito Santo (cf. *Catequese*, 19 de Junho de 2024). Os Salmos educam-nos a ter esperança no meio das adversidades, a distinguir os sinais de esperança e a ter o constante desejo “missionário” de que Deus seja louvado por todos os povos (cf. *Sal* 41, 12; 67, 4). Rezando, mantemos viva em nós a centelha da esperança, que foi acesa por Deus para que se torne um grande fogo, iluminando e aquecendo todos os que nos rodeiam, também através de ações e gestos concretos inspirados pela mesma oração.

Por fim, a evangelização é sempre um processo comunitário, como o carácter da esperança cristã (cf. Bento XVI, Carta enc. *Spe Salvi*, 14). Este processo não termina com o primeiro anúncio e com o batismo, antes continua com a construção de comunidades cristãs através do acompanhamento de cada batizado a caminho nas vias do Evangelho. Na sociedade moderna, a pertença à Igreja nunca é uma realidade adquirida de uma vez para sempre. Por isso, a ação missionária de transmitir e formar a maturidade da fé em Cristo é «o paradigma de toda a obra da

Igreja» (Exort. ap. *Evangelii gaudium*, 15), uma obra que exige comunhão de oração e ação. Volto a insistir nesta sinodalidade missionária da Igreja, bem como no serviço das Pontifícias Obras Missionárias em promover a responsabilidade missionária dos batizados e em apoiar as novas Igrejas particulares. E exorto todos vós – crianças, jovens, adultos, idosos – a participar ativamente na comum missão evangelizadora com o testemunho da vossa vida e oração, com os vossos sacrifícios e a vossa generosidade. Muito obrigado por tudo isto!

Queridos irmãos e irmãs, dirijamo-nos a Maria, Mãe de Jesus Cristo, nossa esperança. Para este Jubileu e para os anos futuros, a Ela entregamos o desejo de «que a luz da esperança cristã chegue a cada pessoa, como mensagem do amor de Deus dirigida a todos. E que a Igreja seja testemunha fiel deste anúncio em todas as partes do mundo» (Bula *Spes non confundit*, 6).

Roma – São João de Latrão, na Festa da Conversão de São Paulo, 25 de Janeiro de 2025.

LEÃO XIV (2026-20.....)

MENSAGEM DO PAPA LEÃO XIV PARA O 100º DIA MUNDIAL DAS MISSÕES DE 2026

(18 de Outubro de 2026)

Um em Cristo, unidos na missão

Queridos irmãos e irmãs!

Para o Dia Mundial das Missões de 2026, que marca o centenário desta celebração, instituída por [Pio XI](#) e tão estimada pela Igreja, escolhi o tema «Um em Cristo, unidos na missão». Após o Ano Jubilar, desejo exortar toda a Igreja a prosseguir o caminho missionário com alegria e zelo no Espírito Santo, o que requer corações unificados em Cristo, comunidades reconciliadas e, em todos, disponibilidade para colaborar com generosidade e confiança.

Refletindo sobre o nosso ser *um em Cristo e unidos na missão*, deixemo-nos guiar e inspirar pela graça divina, para «renovar em nós o fogo da vocação missionária» e avançar juntos no empenho pela evangelização, numa «nova era missionária» na história da Igreja ([Homilia na Missa pelo Jubileu do Mundo Missionário e dos Migrantes](#), 5 de outubro de 2025).

1. Um em Cristo. Discípulos-missionários unidos n'Ele e com os irmãos e irmãs

No centro da missão está o mistério da união com Cristo. Antes da sua Paixão, Jesus orou ao Pai: «Para que todos sejam um só, como Tu, Pai, estás em mim e Eu em ti; para que assim eles estejam em Nós» (Jo 17, 21). Nestas palavras, revela-se o desejo mais profundo do Senhor Jesus e, ao mesmo tempo, a identidade da Igreja, comunidade dos seus discípulos: ser uma comunhão que nasce da Trindade e que vive da e na Trindade, ao serviço da fraternidade entre todos os seres humanos e da harmonia com todas as criaturas.

Ser cristão não é, em primeiro lugar, um conjunto de práticas ou ideias: é uma vida em união com Cristo, na qual nos tornamos participantes da relação filial que Ele vive com o Pai no Espírito Santo. Significa permanecer em Cristo como os ramos na videira (cf. Jo 15, 4), imersos na vida trinitária. Desta união, brota a comunhão recíproca entre os crentes e nasce toda a fecundidade missionária. Sim, como ensinou [São João Paulo II](#), a comunhão representa a fonte e, simultaneamente, o fruto da missão (cf. Exort. ap. [Christifideles laici](#), 32).

Sendo assim, a primeira responsabilidade missionária da Igreja é renovar e manter viva a unidade espiritual e fraterna entre os seus membros. Em muitas situações, assistimos a conflitos, polarizações, incompreensões, desconfiança mútua. Quando, também nas nossas comunidades, isto acontece, o seu testemunho enfraquece. A missão evangelizadora, que Cristo confiou aos discípulos, requer primeiramente corações reconciliados e desejosos de comunhão. Nesta ótica, será importante intensificar o compromisso ecuménico com todas as Igrejas cristãs, aproveitando também as oportunidades suscitadas pela [comum celebração do 1700.º aniversário do Concílio de Nicéia](#).

Por último, mas não menos importante, ser «um em Cristo» chama-nos a manter sempre o olhar voltado para o Senhor, para que Ele esteja verdadeiramente no centro da vida pessoal e

comunitária, de cada palavra, ação, relação interpessoal, de modo a fazer-nos dizer com admiração: «Já não sou eu que vivo, mas é Cristo que vive em mim» (Gl 2, 20). Isto será possível na escuta constante da sua Palavra e na graça dos Sacramentos, para sermos pedras vivas da Igreja, chamada hoje a recolher as instâncias fundamentais do Concílio Vaticano II e do subsequente Magistério pontifício, em particular, do Papa Francisco. Realmente, como afirma São Paulo, «não nos pregamos a nós mesmos, mas a Cristo Jesus, o Senhor» (2 Cor 4, 5). Reitero, portanto, as palavras de São Paulo VI: «Não haverá nunca evangelização verdadeira se o nome, a doutrina, a vida, as promessas, o reino, o mistério de Jesus de Nazaré, Filho de Deus, não forem anunciados» (Exort. ap. Evangelii nuntiandi, 22). Tal processo de genuína evangelização começa a partir do coração de cada cristão para depois se expandir a toda a humanidade.

Por conseguinte, quanto mais estivermos unidos em Cristo, mais poderemos realizar juntos a missão que Ele nos confia.

2. Unidos na missão. Para que o mundo creia em Cristo Senhor

A unidade dos discípulos não é um fim em si mesma: ela está orientada para a missão. Jesus afirma-o com clareza: «para que assim [...] o mundo creia que Tu me enviaste» (Jo 17, 21). É no testemunho de uma comunidade reconciliada, fraterna e solidária que o anúncio do Evangelho encontra toda a sua força comunicativa.

Nesta perspectiva, vale a pena recordar o lema do Beato Paulo Manna: «Toda a Igreja para o mundo inteiro», que expressa sinteticamente o ideal que animou a fundação, em 1916, da *Pontifícia União Missionária*. A ela, no seu 110.º aniversário, pelo empenho em animar e formar o espírito missionário de sacerdotes, pessoas consagradas e fiéis leigos, favorecendo a união de todas as forças evangelizadoras, vai o meu reconhecimento e a minha bênção. Com efeito, nenhum batizado é estranho ou indiferente à missão: todos, cada um segundo a sua vocação e condição de vida, participam na grande obra que Cristo confia à sua Igreja. Como o Papa Francisco recordou mais de uma vez, o anúncio do Evangelho é sempre uma ação conjunta, comunitária, sinodal.

Por isso, estar unidos na missão significa guardar e alimentar a espiritualidade de comunhão e colaboração missionária. Crescendo dia a dia nessa atitude, aprendemos com a graça divina a olhar cada vez mais para os nossos irmãos e irmãs com olhos de fé, a reconhecer com alegria o bem que o Espírito suscita em cada um, a acolher a diversidade como riqueza, a carregar os fardos uns dos outros e a buscar constantemente a unidade que vem do Alto. Pois temos juntos uma única missão que nos vem de «um só Senhor, uma só fé, um só baptismo; um só Deus e Pai de todos, que reina sobre todos, age por todos e permanece em todos» (Ef 4, 5-6). Esta espiritualidade constitui a forma quotidiana do discipulado missionário. Ela ajuda-nos a recuperar uma visão universal da missão evangelizadora da Igreja, superando a fragmentação dos esforços e divisões de facções – “de Paulo”, “de Apolo” – entre os seguidores do único Senhor (cf. 1 Cor 1, 10-12).

Obviamente, a unidade missionária não deve ser entendida como uniformidade, mas como convergência dos diferentes carismas para o mesmo objetivo: tornar visível o amor de Cristo e convidar todos a um encontro com Ele. A evangelização realiza-se quando as comunidades locais colaboram entre si e quando as diferenças culturais, espirituais e litúrgicas se expressam plena e harmoniosamente na mesma fé. Encorajo, deste modo, as instituições e realidades eclesiais a fortalecer o sentido de comunhão missionária eclesial e a desenvolver com criatividade formas concretas de colaboração entre si para a missão e na missão.

A propósito, agradeço às *Obras Missionárias Pontifícias* pelo serviço à cooperação missionária, que experimentei com apreço já durante o meu ministério no Peru. Estas obras – *Propagação da*

Fé, Infância Missionária, São Pedro Apóstolo e União Missionária – continuam a alimentar e a formar a consciência missionária dos fiéis, seja dos pequenos aos crescidos, e a promover uma rede de oração e caridade que une as comunidades de todo o mundo. É significativo que a fundadora da *Obra para a Propagação da Fé*, a Beata Pauline Marie Jaricot, tenha idealizado, há duzentos anos, o Rosário Vivo, que ainda hoje reúne à distância numerosos fiéis em grupos para rezar pelas necessidades espirituais e missionárias. É importante recordar que, precisamente a partir de uma proposta da *Obra para a Propagação da Fé*, [Pio XI](#) instituiu, em 1926, a celebração do Dia Mundial das Missões, cujas ofertas recolhidas anualmente são por ela distribuídas, em nome do Papa, para as várias necessidades da missão da Igreja. Desta forma, as quatro Obras, em conjunto e cada uma na sua especificidade, continuam a desempenhar um papel precioso para toda a Igreja. Elas são um sinal vivo da unidade e da comunhão missionária eclesial. Convido todos a colaborar com elas com espírito de gratidão.

3. Missão do amor. Anunciar, viver e partilhar o amor fiel de Deus

Se a unidade é a condição da missão, o amor é a sua essência. A Boa Nova que somos enviados a anunciar ao mundo não é um ideal abstrato: é o Evangelho do amor fiel de Deus, encarnado no rosto e na vida de Jesus Cristo.

A missão dos discípulos e de toda a Igreja é a continuação, no Espírito Santo, da missão de Cristo: uma missão que nasce do amor, que se vive no amor e que conduz ao amor. Tanto é verdade que o próprio Senhor, na sua grande oração ao Pai antes da Paixão, depois de invocar a unidade dos discípulos, conclui assim: «O amor que me tiveste esteja neles e Eu esteja neles também» (*Jo 17, 26*). Os Apóstolos, portanto, evangelizaram movidos pelo amor de Cristo e por Cristo (cf. *2 Cor 5, 14*). Da mesma forma, ao longo dos séculos, numerosos cristãos, mártires, confessores, missionários, deram a vida para dar a conhecer este amor divino ao mundo. Assim, a missão evangelizadora da Igreja continua guiada pelo Espírito Santo, Espírito de amor, até ao fim dos tempos.

Por isso, desejo agradecer especialmente aos atuais missionários e missionárias *ad gentes*: pessoas que, como São Francisco Xavier, deixaram a sua terra, a sua família e as seguranças para anunciar o Evangelho, levando Cristo e o seu amor a lugares muitas vezes difíceis, pobres, marcados por conflitos ou culturalmente distantes. Apesar das adversidades e dos limites humanos, eles continuam a doar-se com alegria porque sabem que o próprio Cristo, com o seu Evangelho, é a maior riqueza a partilhar. Com a sua perseverança, mostram que o amor de Deus é mais forte do que qualquer barreira. O mundo ainda precisa destes corajosos testemunhos de Cristo, e também as comunidades eclesiais necessitam de novas vocações missionárias, que devemos sempre ter no coração e rezar continuamente por elas ao Pai. Que Ele nos conceda o dom de jovens e adultos dispostos a deixar tudo para seguir Cristo no caminho da evangelização até aos confins da terra!

Admirando os missionários e as missionárias, faço um apelo especial à Igreja: unirmo-nos todos a eles na missão evangelizadora através do testemunho da vida em Cristo, da oração e do contributo para as missões. Muitas vezes, bem o sabemos, «o Amor não é amado», como disse São Francisco de Assis, a quem olhamos de modo particular pelos oitocentos anos do seu trânsito para o Céu. Deixemo-nos contagiar pelo seu desejo de viver no amor do Senhor e de o transmitir ao próximo e ao distante, porque, como ele afirmava, «muito se deve amar o amor d'Aquele que muito nos amou» (São Boaventura de Bagnoregio, *Legenda Maior*, cap. IX, 1; *Fontes franciscanas*, 1161). Sentimo-nos também estimulados pelo zelo de Santa Teresinha do Menino Jesus, que se propôs continuar a sua missão mesmo depois da morte, declarando: «No Céu, desejarei a mesma coisa que na terra: amar Jesus e fazê-Lo amar» (*Carta ao reverendo M. Bellière*, 24 de fevereiro de 1897).

Animados por estes testemunhos, comprometamo-nos todos a contribuir, cada um segundo a própria vocação e dons recebidos, para a grande missão evangelizadora, que é sempre obra do amor. As vossas orações e o vosso apoio concreto, especialmente por ocasião do Dia Mundial das Missões, serão uma grande ajuda para levar o Evangelho do amor de Deus a todos, especialmente aos mais pobres e necessitados. Cada dom, mesmo o menor entre eles, torna-se um ato significativo de comunhão missionária. Por isso, renovo o meu sincero agradecimento «por tudo o que fareis para me ajudar a ajudar os missionários em todo o mundo» ([Videomensagem para o Dia Mundial das Missões 2025](#)). E para promover a comunhão espiritual, deixo-vos, com a minha bênção, esta simples oração:

Pai santo, concedei-nos ser um em Cristo, enraizados no Seu amor que une e renova. Fazei que todos os membros da Igreja estejam unidos na missão, dóceis ao Espírito Santo, corajosos no testemunho do Evangelho, anunciando e encarnando todos os dias o Vosso amor fiel por cada criatura.

Abençoai os missionários e as missionárias, sustentai-os no seu esforço, guardai-os na esperança!

Maria, Rainha das Missões, acompanhai a nossa obra evangelizadora em todos os cantos da terra: tornai-vos instrumentos de paz e fazei que o mundo inteiro reconheça em Cristo a luz que salva. Amén.

Vaticano, no III Domingo do Tempo Comum, Festa da Conversão de São Paulo Apóstolo, 25 de Janeiro de 2026.